

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

**PÓS-HUMANISMO, BIOÉTICA E RELAÇÕES DE PODER: A DESUMANIZAÇÃO
DOS CLONES NA OBRA *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO**

Uberlândia

2024

LUCIANA TERESINHA DA SILVA

**PÓS-HUMANISMO, BIOÉTICA E RELAÇÕES DE PODER: A DESUMANIZAÇÃO
DOS CLONES NA OBRA *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*, DE KAZUO ISHIGURO**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito para a obtenção do título de doutora em Letras, Turma 2020-1.

Área de concentração: Estudos Literários.

Linha de Pesquisa 1: Literatura, Teoria e Crítica.

Tema: Ficção Científica e Distopia.

Orientadora: Profa. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre.

Uberlândia

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

S586p
2024 Silva, Luciana Teresinha da, 1966-
Pós-humanismo, bioética e relações de poder [recurso eletrônico] : a
desumanização dos clones na obra *Não me abandone jamais*, de Kazuo
Ishiguro / Luciana Teresinha da Silva. - 2024.

Orientadora: Fernanda Aquino Sylvestre.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa
de Pós-graduação em Estudos Literários.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2024.5005>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Literatura. I. Sylvestre, Fernanda Aquino, 1973-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Programa de Pós-
graduação em Estudos Literários. III. Título.

CDU: 82

André Carlos Francisco
Bibliotecário Documentalista - CRB-6/3408



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários

Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 250 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4539 - www.ppglit.ileel.ufu.br - secppgelit@ileel.ufu.br, coppgelit@ileel.ufu.br e atendppgelit@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Literários - PPGELIT				
Defesa de:	Tese de Doutorado				
Data:	09 de fevereiro de 2024	Hora de início:	14:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12013TLT007				
Nome do Discente:	Luciana Teresinha da Silva				
Título do Trabalho:	Pós-humanismo, bioética e relações de poder: a desumanização dos clones na obra <i>Não me Abandone Jamais</i> , de Kazuo Ishiguro				
Área de concentração:	Estudos Literários				
Linha de pesquisa:	Linha de Pesquisa 1: Literatura, Memória e Identidades				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Vertentes do insólito ficcional: o maravilhoso, o gótico, a fantasia e a ficção científica em obras de autores contemporâneos da Literatura de Língua Inglesa				

Reuniu-se, por videoconferência, a Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários composta pelos Professores Doutores: Fernanda Aquino Sylvestre da Universidade Federal de Uberlândia / UFU, orientadora da candidata; Alexander Meireles da Silva da Universidade Federal de Catalão / UFCAT; Guilherme Augusto Duarte Copati do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais / IF Sul de Minas; Pedro Afonso Barth da Universidade Federal de Uberlândia / UFU; Kenia Maria de Almeida Pereira da Universidade Federal de Uberlândia / UFU.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Fernanda Sylvestre, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Estudos Literários.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Fernanda Aquino Sylvestre, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/02/2024, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Kenia Maria de Almeida Pereira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/02/2024, às 17:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Afonso Barth, Professor(a) do Magistério Superior**, em 09/02/2024, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Guilherme Augusto Duarte Copati, Usuário Externo**, em 09/02/2024, às 17:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alexander Meireles da Silva, Usuário Externo**, em 09/02/2024, às 17:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Teresinha da Silva, Usuário Externo**, em 09/02/2024, às 17:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5175929** e o código CRC **D8149806**.



Aos meus pais, Mozart Antônio da Silva (in memoriam)
e Teresinha Rodrigues da Silva,
todo o meu respeito e carinho.
Obrigada, meus pais.



AGRADECIMENTOS

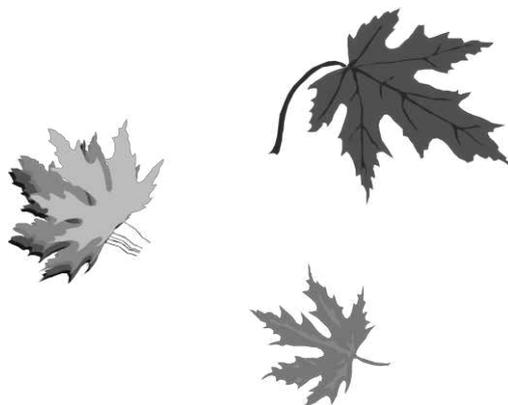
À Universidade Federal de Uberlândia, ao Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela oportunidade de realizar este curso.

À minha orientadora, profa. Dra. Fernanda Aquino Sylvestre, pelo apoio, dedicação e amizade, além do incentivo para vencer os desafios desta etapa da carreira acadêmica.

À secretaria de Pós-graduação em Estudos Literários, onde, na convivência diária com professores, funcionários e colegas pós-graduandos, encontrei compreensão, estímulo e cooperação.

Ao meu esposo, Ricardo Lombardi, que sempre me acompanhou nesta jornada.

Aos meus cunhados, Regina Lombardi e Paulo Sérgio Lombardi, os quais, mesmo a distância, sempre me estenderam as mãos. Foram eles que me apoiaram em todos os momentos que estive em Uberlândia.



*Agradeço a Deus e a Jesus que tomam conta de mim e de minha família
todos os dias de nossas vidas.*



“Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei.”

Allan Kardec (1804-1869)

*Em qualquer progresso ou desenvolvimento de aquisições do mundo, nada se obtém
sem paciência, amor, educação e serviço;*

Emmanuel

E nessa linha de pensamento, pautamos a nossa pesquisa, pois a riqueza do conhecimento é conquista individual, a qual levamos conosco pela eternidade, mas para obtê-la, é preciso muita paciência, dedicação, amor e disciplina.

Luciana Silva.



Kazuo Ishiguro (1954-)

Este trabalho é dedicado não só à pesquisa sobre as questões levantadas por Kazuo Ishiguro em *Não Me Abandone Jamais* (2005), mas também, à reflexão sobre a condição humana em um mundo pós-moderno.

O conceito de *Não Me Abandone Jamais* permitiu que Ishiguro explorasse uma questão básica e obscura. “O que realmente importa se você sabe que isto vai acontecer com você?” Ishiguro pergunta, se referindo à morte. “Ao que você se apega, quais são as coisas que você quer consertar antes de partir? Do que você se arrepende? O que te consola? Quais são as coisas que você sente que tem de fazer antes de ir? E, a pergunta também é, qual é a importância de toda a educação e a cultura que você recebeu se você irá partir? Dada a urgência na voz de Ishiguro, essas podem ser não só questões artísticas, mas pessoais também. Baseadas nas primeiras respostas a essa obra, elas parecem ser preocupações que serão compartilhadas pelos leitores.¹ (FREEMAN, John apud SHAFFER, Brian W. & WONG, Cynthia F., 2008, p.197. Tradução nossa.)

¹ The construct of *Never Let Me Go* allowed Ishiguro to explore a dark basic question. “What really matters if you know that this is going to happen to you?” Ishiguro asks, referring to death. “What are the things you hold on to, what are the things you want to set right before you go? What do you regret? What are the consolations? What are the things you feel you have to do before you go? And also the questions is, what is all the education and culture for it if you are going to check out? Given the urgency in Ishiguro’s voice, these may not be only artistic concerns but personal ones as well. Based on early responses to his novel, they seem to be concerns that will be shared by readers. (FREEMAN, John apud SHAFFER, Brian W. & WONG, Cynthia F., 2008, p.197.)

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo a análise da obra literária de Kazuo Ishiguro, intitulada *Não me abandone jamais* (2005), nos seguintes aspectos: a bioética, o pós-humano, a ficção científica e as relações de poder, com o intuito de caracterizar o processo de desumanização dos clones. Assim sendo, a nossa hipótese era demonstrar como os clones são desumanizados, já que entendemos que essa desumanização ocorre quando eles são considerados sujeitos descartáveis. Como provamos, a desumanização dos clones se caracteriza pelo desrespeito aos seus direitos, pela utilização de suas vidas como uma estratégia para adiar a morte de uma parcela privilegiada da sociedade e, conseqüentemente, pelas relações de poder, as quais garantem o acesso dos mais abastados aos recursos que prolongam suas vidas. Nesse sentido, cada aspecto analisado nos ajudou a compreender uma faceta dessa caracterização, pois a bioética, por exemplo, nos esclareceu a conduta nas pesquisas científicas; o pós-humano nos ajudou a compreender a utilização de recursos artificiais no corpo humano para melhorar a qualidade de vida; a ficção científica nos ajudou a entender o porquê da utilização de clones na obra; e, finalmente, as relações de poder explicaram a maneira como o mais forte subjuga o mais fraco, nessa obra, representados pelos sujeitos privilegiados e os clones, respectivamente. Também discorremos sobre a distopia e as suas características na obra, uma vez que os clones eram considerados menos humanos. Concluímos que a desumanização dos clones está presente na narrativa e que Ishiguro utilizou muitas metáforas para chamar a atenção de seu leitor sobre temas como o que somos, o valor de nossa vida e a importância da arte e da educação no processo de humanização. O nosso aporte teórico inclui Agamben, Baudrillard, Bauman, Broderick, Causo, Claeys, Diniz & Guilhem, Foucault, Harari, Jeha, Markendorf, Punter, Roberts, Santaella, Shelley, Sibilia, Wong, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE:

Desumanização, bioética, pós-humano, ficção científica, relações de poder.

ABSTRACT:

This work aims one analysis of Kazuo Ishiguro's literary work, called *Never Let Me go* (2005), concerning the following aspects: the bioethics, the posthumanism, the science fiction and the power relations, in order to characterize the process of dehumanization of the clones. Thus, our hypothesis is to demonstrate how the clones are dehumanized once we understand this dehumanization occurs when they are considered disposable. As it will be proved, the dehumanization of the clones is characterized by the disrespect to their rights, by the use of their lives as a strategy to postpone the death of a privileged part of the society, and, consequently, by the power relations, which grant the richest ones the access to the resources that prolong their lives. In that respect, each analyzed aspect helped us understand a facet of that characterization, since the bioethics, for example, explained the conduct in scientific researches; the post human helped us understand the use of artificial resources in the human body in order to improve the quality of life; the science fiction helped us understand the reason why the clones were part of this narrative; and, finally, the power relations explained the way the strong subjugated the weak, who, in that case, are represented by the privileged subjects and the clones, respectively. We also exploited the dystopia and its characteristics in the object of study, once the clones were considered less than humans. We concluded that the clones' dehumanization is present in the narrative and that Ishiguro used many metaphors to call his readers' attention to themes like what we are, the value of life and the importance of art and education in the humanization process. Our theory support includes Agamben, Baudrillard, Bauman, Broderic, Causo, Claeys, Diniz & Guilhem, Foucault, Harari, Jeha, Markendorf, Punter, Roberts, Santaella, Shelley, Sibia, Wong, among others.

KEYWORDS:

Dehumanization, bioethics, post-human, science fiction, power relations.

SUMÁRIO*

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: Kazuo Ishiguro – um autor eclético	31
CAPÍTULO 2: A bioética	55
2.1. A clonagem	64
2.2. A bioética e a clonagem em <i>Não me abandone jamais</i>	74
3. CAPÍTULO 3: O pós-humanismo e as relações de poder	88
4. CAPÍTULO 4: A ficção científica e a distopia	113
4.1. A distopia em <i>Não me abandone jamais</i>	133
4.2. A arte e a humanização	150
4.3. Vidas desperdiçadas: finitude e imortalidade	159
5. CONCLUSÃO	169
6. REFERÊNCIAS	182
7. ILUSTRAÇÕES	189

* Todas as traduções das citações da obra literária de Ishiguro, *Never Let Me Go*, mencionadas neste trabalho, foram feitas por Beth Vieira. In: *Não me abandone jamais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, 343p.

PREFÁCIO: UM POUCO SOBRE MIM E MEU TRABALHO

Antes de iniciar este trabalho, gostaria de me apresentar e falar um pouco da minha vida acadêmica. Meu nome é Luciana, sou natural de São Paulo, capital, mas resido em Uberaba desde 2000. Meu pai, Mozart Antônio da Silva (*in memoriam*), sempre me incentivou a estudar medicina, de preferência, na USP, pois como filha única, jamais poderia sair de casa para estudar em uma universidade longe da casa de meus pais. À primeira vista, não contrariei o desejo de meu pai e tentei passar no vestibular de medicina por duas vezes. Na segunda vez, prestei Medicina na USP e na Universidade de Mogi das Cruzes, e Letras, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). O que me levou a prestar Letras? Creio que sempre fui inclinada a aprender a língua inglesa e desde os quatorze anos, estudei inglês em uma escola de idiomas. Meus pais me incentivaram muito e sou muito grata a eles por isso, pois mais tarde, vim a descobrir que sou apaixonada por línguas, principalmente a língua inglesa. Fui aprovada de primeira no curso de Letras, mas fiquei em lista de espera no curso de Medicina. Confesso que senti um alívio, pois no fundo, nunca me imaginara como médica; não posso ver sangue e não aguento ver ninguém sentir dor. Imaginem que tipo de profissional eu seria na área médica! Logo disse ao meu pai sobre o meu desejo em cursar Letras, que na PUC, tratava-se de um curso chamado Língua e Literatura Inglesas. Em março de 1985, cheguei na universidade para o meu primeiro dia de aula. Descobri um mundo novo, pois ali pude ter contato com o conhecimento de uma maneira nunca vivida antes: através do fazer pensar. No primeiro ano, tivemos aulas de prática oral e escrita em língua inglesa, mas tivemos também, aulas interdisciplinares onde alunos de outros cursos tinham a oportunidade de interagir nas disciplinas como psicologia, antropologia, metodologia científica e leitura. As discussões eram muito frutíferas e o objetivo era sempre o mesmo: instigar o pensamento, a criatividade e o questionamento. Enfim, como se diz hoje, pensar fora da caixa. Na época, isso era totalmente inovador, pois vale lembrar que havíamos saído da ditadura recentemente. O episódio de invasão da PUC pela polícia armada com fuzil, bombas e cavalaria ainda estava na memória e era compartilhado com todos os calouros pelos professores que viveram esse terror.

No segundo ano, já iniciamos o curso mais profundamente e cursamos disciplinas mais específicas da área da língua inglesa, linguística e literatura. Lembro-me do meu primeiro romance em língua inglesa: *The Great Gatsby* (1925). Fiquei encantada com a história de um homem que saiu da pobreza para alcançar o glamour e reconquistar seu amor da juventude. Vi que na literatura, era possível viajar para outras realidades, conhecer outros mundos e viver experiências através dos sentimentos das personagens. Lembro-me de que após a discussão da

obra literária, assistimos ao filme também. A versão era a de 1974, com Robert Redford, como Gatsby, e Mia Farrow, como Daisy; e foi justamente essa combinação entre texto literário e filmico que me remeteu ao meu projeto de mestrado. Como o professor Hissa bem coloca em seu livro, *Entrenotas: compreensões de pesquisa* (2019), elaborar um projeto não é tarefa fácil, pois na maioria das vezes, não sabemos por onde começar. Eu sabia que queria trabalhar com a obra literária e fílmica, mas não sabia exatamente o que fazer. Entretanto, após algumas leituras, descobri que a literatura dialoga com as outras artes e coloca todos os saberes em movimento. Isso me deu mais certeza de que os estudos literários constituem um campo fascinante do saber, já que as possibilidades de pesquisa, questionamento, descobertas e aprendizado são infinitas. Minha dissertação foi bem-sucedida, já que pude responder todas as minhas perguntas de pesquisa. Como o professor Hissa colocou, o projeto vai se modificando ao longo do curso e foi exatamente isso que aconteceu: houve um enriquecimento da pesquisa conforme o caminho foi percorrido.

Hoje, acredito que mais amadurecida, tanto pela idade, quanto pelas leituras e vivência acadêmica, decidi trilhar outro caminho, pois mudei minha linha de pesquisa e saí da zona de conforto para desbravar um campo totalmente novo: a ficção científica. Se antes trabalhei com a literatura e outras artes, campo interessantíssimo do saber, agora estou no campo da literatura, teoria e crítica, o qual acredito, ser tão interessante quanto o primeiro. O recorte de minha pesquisa é a ficção científica, especificamente, a criação de clones por uma ciência que transforma o ser humano em objeto de consumo. Não me estenderei na discussão do tema, pois o objetivo deste trabalho é refletir sobre a desumanização dos clones, através das relações de poder, na obra *Não me abandone jamais* (2005), de Kazuo Ishiguro.

O leitor pode estar se perguntando o porquê de eu ter mencionado o vestibular para medicina no início deste prefácio. Haveria conexão entre a medicina e as letras? Curiosamente, posso dizer que neste caso, sim, já que o objeto de estudo deste trabalho contempla a pesquisa científica, mais especificamente, a clonagem humana, como um recurso da medicina para melhorar a vida de algumas pessoas. O tema me chamou a atenção por ser atemporal, uma vez que o homem sempre buscou adiar a sua própria morte. Os avanços científicos evoluem sem parar e isso nos remete à reflexão sobre o nosso destino: o que somos e para onde iremos? Será que a busca pelo prolongamento da vida justifica o descarte de clones humanos da forma descrita em *Não me abandone jamais*? Esperamos que o nosso trabalho instigue o nosso leitor à reflexão sobre a condição humana na pós-modernidade. Enriquecemos o nosso texto com o pensamento de muitos autores e pensadores. Boa leitura!

INTRODUÇÃO

É um momento gélido, esse, o da primeira vez em que você se vê através dos olhos de uma pessoa assim. É como passar diante de um espelho pelo qual passamos todos os dias de nossas vidas e de repente perceber que ele reflete outra coisa, uma coisa estranha e perturbadora.² (ISHIGURO, 2005, p.50)

Essa citação refere-se à fala da personagem Kathy H., um dos clones na obra de Kazuo Ishiguro (1954-), intitulada *Não me abandone jamais* (2005), cujo título em inglês é *Never let me go*. A escolha da tradutora, Beth Vieira, soa como um clamor de quem não deseja ser abandonado. Entretanto, se optarmos por uma tradução literal, o título seria: *Nunca me deixe partir*, o que é bem similar à tradução de Portugal, *Nunca Me Deixes*, e que, a nosso ver, constitui uma rogativa de quem não deseja partir deste mundo e deixar de existir. Não sabemos o porquê da escolha do título, mas em ambos os casos, há um apelo por parte de alguém que espera receber ajuda. Além disso, a fala da personagem Kathy mostra que o olhar daqueles que não eram clones era diferente, como se denunciasse que Kathy, assim como os outros clones, eram estranhos e causavam certo incômodo. Que incômodo seria esse? O fato de terem sido criados para servir como fonte de órgãos para quem tivesse o poder de compra? Seria a dúvida se eles eram ou não humanos? Ou se tinham ou não alma? A criação desses clones viola a bioética atual? Certamente, pois as pessoas, fora das instituições onde os clones viviam, sentiam certa repulsa por aquelas crianças. Adicionalmente, havia uma crença de que elas seriam menos humanas e, por isso, causavam um certo desconforto, como quando alguém toca um inseto. Como mostraremos ao longo deste texto, o objetivo de escolas como Hailsham era provar que as crianças clones eram humanas e, por isso, deveriam ser criadas com respeito e acesso à educação. Entretanto, a parte mais privilegiada da sociedade justificava o seu desrespeito ao código de ética médica, submetendo esses clones a inúmeras cirurgias, até que todos os seus órgãos vitais tivessem sido extraídos, por acreditar que eles não tinham alma e, portanto, não eram totalmente humanos. Essas são apenas algumas questões levantadas na obra, as quais abordaremos ao longo deste trabalho.

O nosso interesse por essa obra surgiu desse apelo feito pelos clones que são criados para um único objetivo: a venda de seus órgãos. Em princípio, órgãos não letais são doados, até que a doação final ocorra, ou seja, até que órgãos vitais, como o coração, sejam transplantados, em um ato conhecido como “completar”. No final, todos os clones completam, mesmo aqueles que inicialmente trabalharam como cuidadores, isto é, acompanhantes para os doadores. O que

² The first time you glimpse yourself through the eyes of a person like that, it's a cold moment. It's like walking past a mirror you've walked past every day of your life, and suddenly it shows you something else, something troubling and strange. (ISHIGURO, 2006, p.36)

impressiona os leitores da obra não é apenas o fato de se produzir clones para doação, mas o papel passivo dos clones e a sua resignação perante seus trágicos destinos. Ishiguro descreve a vida de adolescentes clones que já nascem sabendo que morrerão devido à doação de seus órgãos, mas jamais se rebelam porque, desde cedo, a instituição onde vivem lhes incute a ideia de heroísmo ao servir a sociedade. O tema é bem contemporâneo e resvala em questões éticas, polêmicas e delicadas que consideramos dignas de pesquisa. Segundo uma das entrevistas de Kazuo Ishiguro, o seu intuito era refletir como o ser humano lidaria com a morte se não tivesse como escapar dela e soubesse que morreria jovem. Para isso, ele idealizou uma sociedade distópica, na qual a vida de um ser humano replicado em laboratório seria o suficiente para poupar a de um cidadão doente daquela sociedade inglesa, do final dos anos 90. Assim sendo, para discutir o processo de desumanização desses clones, uma vez que são vistos como seres totalmente descartáveis e indignos de decidir seus destinos e ter uma vida plena, abordaremos os seguintes aspectos: a ética científica na clonagem, ou bioética, a ficção científica e a contribuição da arte no processo de humanização. A abordagem da ficção científica se justifica através do elemento científico, isto é, o clone humano, o qual nos remete à reflexão sobre vários temas: a vida, a morte, o futuro do ser humano, entre outros. Além disso, analisamos como as relações de poder afetam o processo de desumanização dos clones nessa obra. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo geral entender como as relações de poder desumanizam os clones. Já os objetivos específicos são: discutir a ficção científica e como ela se constrói na obra de Ishiguro e entender o porquê de o autor ter utilizado clones nessa obra.

Kazuo Ishiguro não é um autor cuja carreira foi feita dentro da ficção científica, mas *Não me abandone jamais* contém características de tal gênero, pois a escolha dos clones humanos caracteriza uma sociedade distópica, a qual nos convida à reflexão de questões éticas sobre a ciência, tais como a tentativa de vencer a morte e a desumanização do próprio ser humano, o qual é criado em laboratório para servir como doador de órgãos vitais. Isso posto, a nossa hipótese é: os clones são desumanizados nessa obra porque são considerados menos humanos e totalmente descartáveis. Iremos descrever esse processo de desumanização, através de análises de trechos da obra e citações de outros autores sobre a obra. A clonagem em si não é um elemento de ficção científica, pois como é sabido, a clonagem de animais já é uma realidade e, por isso, incluiremos dados sobre a ovelha Dolly para enriquecer esta discussão. Por outro lado, a clonagem humana é um elemento de ficção científica e, portanto, vale acrescentar aqui que em seu livro *Cloning – Beginners' guides* (2007), Levine afirma que a clonagem humana parece distante, pois ainda é vista como algo indesejado. Por isso, os cientistas investem na clonagem de animais. Nesse sentido, os clones na obra de Ishiguro

caracterizam uma ficção científica. E para compreendermos ainda mais o desrespeito à ética médica na pesquisa científica, discorreremos sobre a clonagem e suas implicações éticas, discutindo a bioética.

O cronograma da pesquisa e a divisão dos capítulos ficaram organizados da seguinte forma: na introdução, discorreremos brevemente sobre os monstros na literatura, o inumano e a importância da obra de Mary Shelley (1797-1851), *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), para a ficção científica; o primeiro capítulo foi dedicado ao autor Kazuo Ishiguro, já que apesar de ter ganhado o prêmio Nobel em Literatura em 2017, ainda não há muitos trabalhos científicos a seu respeito; no segundo capítulo, abordamos o processo de clonagem e a ovelha Dolly, incluindo um histórico da bioética e apontando a sua relação com a obra; no terceiro capítulo, tratamos do pós-humanismo e das relações de poder, relacionando-os ao nosso objeto de estudo, principalmente, no tocante à desumanização dos clones; no quarto capítulo, discutimos sobre as características da ficção científica e da ficção distópica na obra *Não me abandone jamais*, abordando questões como o simulacro de Baudelaire, a importância da arte para provar que os clones tinham alma, a finitude e a aspiração humana pela imortalidade. Na conclusão, fechamos toda a discussão, incluindo as justificativas para as hipóteses apresentadas.

Iniciamos a discussão com algumas reflexões a partir das leituras dos textos de Julio Jeha et al, *Monstros e monstruosidades na literatura* (2007), *Da fabricação de monstros* (2009), de Marcio Markendorf, *O clone e a teoria da monstruosidade* (2013), de Ângela Dias et al, *O inumano e o monstro* (2020), e de James Donald et al, *A pedagogia dos monstros* (2000). O objetivo dessas considerações é dar início à discussão sobre o inumano e o que ele representa na literatura. Segundo Jeha (2007), apesar de os monstros serem a materialização do perigo e do horror, eles geralmente ajudam as pessoas a entender e a organizar o seu próprio caos. Não é de hoje que o monstro representa o estranho, não só para nós, mas para o mundo onde vivemos. Já a literatura utiliza o monstro como uma metáfora do mal. Mas o que é o mal? Após uma breve pesquisa, encontramos várias definições, mas escolhemos algumas que julgamos mais pertinentes à nossa discussão. Assim, o mal é tido como tudo o que prejudica ou fere e que concorre para o dano ou a ruína de alguém ou de algo; é nocivo, desastroso para a felicidade e para o bem-estar físico ou moral; é a infelicidade; o oposto do bem. Dessa forma, a monstruosidade comporta tudo o que nos causa dano, medo e perigo; podendo ter tanto um significado estético, ao se referir a tudo que nos é estranho e disforme, quanto um significado político, ao se referir a atitudes maléficas e pouco dignas. Além disso, a monstruosidade se relaciona a tudo que é anormal, uma vez que a anormalidade é vista como uma transgressão, ou uma “traição da natureza” (JEHA, 2007, p.6). É nesse momento que lembramos da criatura na

obra de terror gótico, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), de Mary Shelley (1797-1851). O monstro criado em laboratório, resultante das experiências do jovem Frankenstein, simboliza o horror, a aberração e o afastamento de Deus, já que o cientista, no seu desejo de ocupar o lugar do Criador, dá vida a um ser disforme, artificialmente. Ademais, a ideia de que a ciência e a tecnologia podem ultrapassar limites pré-estabelecidos, relativos à ética, à sociedade e até às crenças religiosas, ainda hoje causa grande desconforto e indignação. No entanto, não devemos considerar um monstro somente a criatura, pois o jovem criador de um ser em laboratório, a partir de membros de cadáveres e animado pela força da eletricidade, é tão ‘monstro’ quanto a sua criatura, uma vez que ele infringiu todas as leis vigentes nas sociedades da época e de agora.

Teólogos e filósofos tentaram encontrar uma explicação para o mal. Tomás de Aquino, por exemplo, o define como a privação do bem. Já os filósofos Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) relacionavam o mal aos meios de produção e à vontade de poder, respectivamente, enquanto para Sigmund Freud (1856-1939), o mal estava relacionado aos instintos sexuais. Entretanto, foram os escritores que conseguiram representá-lo, tornando o indizível algo visível, através das figuras do discurso, entre elas, as metáforas. Assim sendo,

(...) Quando o mal é transposto para a esfera legal, atribuímos-lhe o caráter de transgressão das leis sociais; quando o mal aparece no domínio religioso, o reconhecemos como uma quebra das leis divinas, e quando ele ocorre no reino estético ou moral, damos-lhe o nome de monstro ou monstruosidade. (JEHA, 2007, p.19)

Assim, as transgressões das leis estéticas ou morais constituem uma monstruosidade. Adicionalmente, o monstro serve como um alerta de transgressão das normas culturais da sociedade, pois todos que habitam aquele grupo devem seguir as regras, já que, caso contrário, estariam fora dos limites e, portanto, necessitariam ser lembrados de que as regras devem ser seguidas para que a ordem seja mantida. Nesse caso, o monstro representaria tudo o que desrespeita as leis culturais de determinado grupo. Segundo David Punter (2013),

(...) Aqui também temos uma explosão de energia simbólica tão ponderosa quanto aquela do Gótico original: juntamente com o monstro de Frankenstein, O Judeu Errante e o vampiro Byronico, podemos mencionar *Doppelgänger* (Duplo), a máscara da inocência, o criador de seres humanos e o novo, vampiro aprimorado de Drácula. Conforme olhamos para esses livros, notaremos certas conexões – em qualquer grau, em termos de tema, até mesmo onde os pontos de vista autorais podem ser bem diferentes – mas uma coisa pode ser dita no princípio, o qual está por detrás do significado da decadência em conexão com esses textos, e que é justamente isso que todos eles se preocupam de uma maneira ou de outra com o problema da degeneração, e assim, da essência do humano. Cada um deles propõe, de diferentes ângulos,

a mesma questão, a qual pode prontamente ser vista como uma questão apropriada para uma idade do declínio imperial: o quanto, eles perguntam, alguém pode perder – individualmente, socialmente, nacionalmente – e ainda continuar sendo um ‘homem’? (...)³ (PUNTER, 2013, p.1. Tradução nossa.)

Em outras palavras, todos esses temas como monstros, vampiros e duplos são uma metáfora da degenerescência humana e, assim, da essência do humano. Da mesma forma, Frankenstein e sua criatura são o duplo um do outro, representando as consequências do Iluminismo, a família disfuncional, a reprodução assexuada e a ciência sem controle. Abrimos um parêntese aqui para discorrer brevemente sobre o Iluminismo na Europa do século XIX. O movimento iluminista teve o seu auge nos séculos XVII e XVIII na Europa, promovendo a razão, a ciência, a liberdade individual e a emancipação do conhecimento das estruturas dogmáticas da religião e da monarquia absolutista. A Inglaterra do século XIX foi marcada por desenvolvimentos significativos que foram influenciados pelas ideias iluministas do século anterior, pois o legado do Iluminismo, com seu foco na razão, na ciência e no progresso, teve um impacto profundo nas mudanças sociais, políticas e econômicas. Além disso, o pensamento iluminista ajudou a estabelecer as bases para o liberalismo clássico, que defendia a liberdade individual, os direitos humanos, a liberdade de expressão e a liberdade econômica. Na Inglaterra do século XIX, essas ideias foram fundamentais para os movimentos de reforma, incluindo a reforma parlamentar e a abolição do comércio de escravos. Assim sendo, o Iluminismo também influenciou o surgimento e a proliferação da Revolução Industrial (1760-1840), pois a ênfase na razão, na inovação e na experimentação científica impulsionou os avanços tecnológicos e as mudanças na produção, levando à mecanização e à industrialização em larga escala. Adicionalmente, o Iluminismo trouxe à tona a importância da educação e do acesso ao conhecimento. Instituições educacionais foram estabelecidas, e houve um aumento significativo na alfabetização e na disseminação do conhecimento em diversas áreas. No contexto literário e filosófico, o século XIX na Inglaterra foi marcado por uma diversidade de pensamentos e movimentos que, de certa forma, foram influenciados pelas noções iluministas. John Stuart Mill (1806-1873), considerado por muitos como o filósofo de língua inglesa mais influente do século XIX, Mary Wollstonecraft (1759-1797), escritora, filósofa e defensora dos

³ Here again we have a burst of symbolic energy as powerful as that of the original Gothic: alongside Frankenstein's monster, the *Wandering Jew* and the *Byronic vampire* we can set the *Doppelgänger*, the mask of innocence, the maker of human beings and the new, improved vampire of *Dracula*. As we look at these books, we shall see certain interconnections - at any rate in terms of theme, even where authorial stances may be quite different - but one thing can be said at the outset which underlines the meaning of decadence in connection with these texts, and that is that they are all concerned in one way or another with the problem of degeneration, and thus of the essence of the human. They each pose, from very different angles, the same question, which can readily be seen as a question appropriate to an age of imperial decline: how much, they ask, can one lose - individually, socially, nationally - and still remain a 'man'? (PUNTER, 2013, p.1)

direitos da mulher inglesa, e Charles Darwin (1809-1882), naturalista, geólogo e biólogo britânico, célebre por seus avanços sobre a evolução nas ciências biológicas, por exemplo, basearam muitas de suas ideias na ênfase iluminista na razão, na ciência e na busca pela verdade. Em suma, apesar de ter tido o seu auge nos séculos anteriores, a influência do Iluminismo na Europa e, particularmente, na Inglaterra, moldou mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do século XIX.

Segundo Fratucci (2018), a literatura gótica teve uma presença marcante na Inglaterra do século XIX, mantendo-se como um gênero influente e popular na época. Originada na prosa no final do século XVIII, com obras como *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole (1717-1797), a literatura gótica se caracteriza por elementos como ambientes sombrios, mistério, terror, elementos sobrenaturais, e narrativas que frequentemente exploram temas como a morte, a decadência e o sobrenatural. Isso estava na contramão do Iluminismo, o qual enfatizava a razão e a ciência, ao invés de fenômenos sobrenaturais. Entretanto, havia um grupo de artistas que acreditavam que mesmo dentro da razão havia aspectos da natureza que possuíam dimensão sobrenatural, como a eletricidade, por exemplo. Assim, ainda segundo Fratucci (2018), o gótico surgiu como uma alternativa para as narrativas sobre o sobrenatural, o insano e o horrível. No século XIX, a literatura gótica continuou a florescer com vários autores britânicos que contribuíram para o gênero. Entre esses escritores proeminentes estão Mary Shelley (1797-1851), autora de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), uma das obras mais influentes da literatura gótica. A história de Victor Frankenstein e sua criatura sem nome aborda temas como a busca do conhecimento, as consequências da ambição desmedida e da irresponsabilidade ética. Outro autor significativo foi Bram Stoker (1847-1912), escritor irlandês, conhecido por sua obra *Drácula* (1897), que se tornou um dos ícones mais reconhecíveis do gênero. A história do Conde Drácula, um vampiro que exerce seu domínio e terror sobre a sociedade vitoriana, marcou a literatura gótica e influenciou inúmeras obras posteriores no campo do horror. A literatura gótica do século XIX frequentemente refletia os medos e as ansiedades da época vitoriana. As mudanças sociais, tecnológicas e culturais trouxeram consigo um fascínio pelo sobrenatural, pelo desconhecido e pelo oculto. Além disso, o contexto da Revolução Industrial e os avanços científicos despertaram um interesse por temas como a dualidade humana, a natureza da vida e da morte, e os limites éticos da ciência. O gótico também teve um papel importante na exploração das questões de gênero e sexualidade, pois muitas vezes, as narrativas góticas apresentavam figuras femininas como heroínas ou vítimas, enfrentando o patriarcado, o confinamento social e a opressão. Esses elementos da literatura gótica do século XIX foram uma resposta tanto ao contexto histórico e social da era vitoriana,

quanto às transformações culturais e filosóficas da época. A capacidade de explorar medos e desejos profundos através de tramas sombrias e misteriosas fez com que a literatura gótica se mantivesse relevante e cativante ao longo do século XIX e continuasse a exercer influência sobre a literatura de horror e suspense até os dias atuais. E foi nesse contexto que Mary Shelley escreveu a sua narrativa, na qual a ambição de se igualar a Deus faz com que o jovem Frankenstein utilize o conhecimento científico para criar um ser vivo em laboratório. Da mesma forma, os clones na obra de Ishiguro são uma transgressão do curso natural da vida, isto é, uma criação de cópias humanas, de forma artificial, para que seus órgãos fossem retirados. Como Punter bem coloca, ao ultrapassar os limites da ciência, a essência humana passa a ser questionada a partir da degeneração do ser humano.

A escritora Mary Shelley “foi criada com os valores iluministas” (JEHA, 2007, p.23), isto é, o enaltecimento do conhecimento científico, a busca pela liberdade de pensamento e o questionamento do controle da Igreja sobre a vida das pessoas. Segundo OLIVEIRA (2015, p.95), seu pai, o escritor inglês, jornalista, romancista e ensaísta político William Godwin (1756-1836) tinha ideais políticos libertários e se envolveu com a polêmica feminista Mary Wollstonecraft (1759-1797), chocando a sociedade por incentivar as ideias radicais de libertação feminina de sua companheira. Além disso, tais valores foram encorajados pelo seu futuro marido, o poeta inglês Percy Bysshe Shelley (1792-1822), o qual, apesar de já ser casado com Harriet Westbrook (1795-1816), cometeu adultério ao abandonar sua esposa para se casar com Mary. Harriet não suportou o seu abandono e dos filhos e, como consequência, suicidou-se, deixando o caminho livre para o mais jovem casal. Entretanto, ainda segundo JEHA (2007, p.24), Mary sentia remorsos pelo suicídio de sua rival, não conseguia se livrar de sua consciência pesada e de seu pecado para seguir livre. De acordo com França et al (2018), em 1816, Mary Shelley e seu esposo visitaram a Suíça e se hospedaram ao lado da casa do poeta britânico Lorde Byron (1788-1824). Os passeios ao redor do lago eram um bom passatempo, mas como aquele verão foi muito chuvoso, todos passaram dias confinados em casa, o que lhes proporcionou a oportunidade de ler várias histórias de fantasmas, traduzidas do alemão para o francês. Segundo Araújo et al (2018), em 16 de junho de 1816, Mary Shelley, seu esposo, sua irmã Claire Clairmont (1798-1879), Lorde Byron e o seu médico pessoal, John William Polidori (1795-1821) ficaram retidos na Villa Diodati, perto de Genebra, devido a uma violenta tempestade. Como eles haviam lido tais histórias, Lorde Byron os desafiou a escrever uma história de terror. De acordo com França et al (2018), a princípio, Mary Shelley não conseguia pensar em uma história, mas certa noite, após ouvir Lorde Byron, Polidori seu esposo conversarem sobre o princípio da vida e as teorias da criação, Mary teve um pesadelo com um

jovem que dera vida a uma criatura a partir de uma máquina. O corpo era composto de várias partes unidas e o jovem fugiu ao ver a sua criação, na esperança de que se abandonada, sua energia desvaneceria e tudo voltaria ao normal. Entretanto, isso não aconteceu. Incentivada por seu esposo, Mary, que a princípio pensava em escrever somente um conto, decidiu escrever um livro. O resultado foi o texto intitulado *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* (1818), através do qual, segundo Jeha (2007), ela conseguiu sublimar a sua culpa ao descrever a criação de um monstro em laboratório. O jovem Frankenstein acreditava nos valores iluministas em uma época mecanicista, isto é, uma época na qual os homens estavam livres das restrições morais para fazerem progresso e serem felizes. A sua experiência acaba resultando na criação e soltura de um horrível e temível ser, o qual ataca os inocentes ao seu redor. Seu criador sabe que deveria se responsabilizar pelas consequências da sua experiência, mas isso não acontece. Ele simplesmente admite a culpa da experiência, mas nada relacionado aos atos da criatura. As intenções do jovem Frankenstein em fazer uma grande descoberta para o bem e felicidade de todos resultou em algo feio, maligno e perigoso. A criatura diz que vai se destruir, o que representaria todo o remorso que Mary Shelley guardava no seu íntimo. Estaria o remorso expurgado através desses dois personagens? Essa pode ser uma alternativa, mas o que realmente nos interessa é o fato de que as duas personagens levantam uma questão polêmica envolvendo a ciência e a falta de valores morais, uma vez que a ciência praticada pelo jovem Frankenstein aceitou o desenvolvimento de uma criatura com malformações. Há também uma contradição, pois se no início, o cientista Frankenstein almejava dar vida àquele ser disforme, por outro, logo passa a rejeitá-lo mediante seus padrões antiestéticos. Não havia justificativas genéticas possíveis e suficientes para explicar anomalias tão incomuns e, além disso, o interesse inicial era somente ser capaz de criar vida em laboratório, e não se preocupar com as consequências inconvenientes.

Notamos aqui uma certa semelhança com os clones na obra de Kazuo Ishiguro, pois, se por um lado, eles são considerados inumanos pela sociedade que os usa como meros doadores, por outro, são desumanizados quando a sociedade tenta apagá-los e ignorar a sua existência para evitar conflitos éticos. Em outras palavras, os clones seriam os monstros criados em laboratório para atender o propósito das doações de seus órgãos vitais, e a sociedade seria como o jovem Frankenstein, o criador, já que ambos estavam ansiosos por uma descoberta científica. Para Frankenstein o que importava era criar a vida e provar que ele era capaz de fazê-lo. Já para a sociedade britânica, o importante era vencer a sua morte e de seus entes queridos, trocando os órgãos que precisavam ser substituídos por órgãos saudáveis, advindos de clones também saudáveis, cuja vida fora criada para isso. Como podemos ver, a ficção científica tem

fornecido conteúdo para a discussão sobre como a ciência e a inovação tecnológica poderão afetar o homem e as sociedades presente e futura. A ficção científica não faz previsões para o futuro, apenas promove os debates e as reflexões sobre um determinado elemento científico que pode se tornar comum no presente, ou no futuro. Da mesma forma, vale mencionar que a ficção científica foi sofrendo alterações ao longo do tempo, pois se no início, tal ficção era vista como histórias em quadrinhos sobre super-heróis e planetas distantes, hoje, ela já abarca diversos temas, como a guerra entre máquinas e seres humanos, seres alienígenas e experiências genéticas em laboratório. Portanto, a ficção científica vai mudando ao longo do tempo, contribuindo para o avanço da história, através da reflexão sobre novos elementos científicos. E, nesse sentido, segundo Silva (2020), mesmo não tendo prestígio na academia, a ficção científica, é, possivelmente, o gênero mais importante do século XXI, e tal afirmativa está pautada no fato de que as pesquisas nos campos da engenharia genética e inteligência artificial, por exemplo, são publicadas em periódicos e artigos científicos de revistas acadêmicas prestigiadas, cujas leituras permanecem restritas a uma elite intelectual. Ainda que essas pesquisas fossem amplamente divulgadas, as pessoas leigas teriam dificuldades em compreender todo o seu conteúdo, devido aos termos técnicos e ao seu teor acadêmico. Dessa forma, é o gênero Ficção Científica que leva essas discussões até o grande público, através de obras como o próprio *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, *A ilha do Dr. Moreau* (1896), de H. G. Wells (1866-1946) e os filmes *Blade Runner* (1982), de Ridley Scott (1937-), *Matrix* (1999), de Lilly Wachowski (1965-) e Lana Wachowski (1967-), *Her* (2014), de Spike Jonze (1969-), entre outras obras literárias e filmicas. As réplicas sintéticas de seres humanos em *Blade Runner*, feitos com o intuito de servir os humanos na Terra, se revoltam ao saber que sua vida tem data de validade e que, portanto, todos morrerão jovens. Assim como os clones de Ishiguro, os de Ridley Scott questionam a sua vida curta e a falta de controle sobre ela. A diferença entre um e outro é que em Ishiguro, os clones não se esquivam da doação de órgãos até completar; já em Ridley Scott, os clones se rebelam, fogem, se escondem e se recusam a morrer. Os clones dos anos 90 na Inglaterra descrita por Ishiguro foram educados para servir a sociedade e serem vistos como heróis. Já na cidade sombria e futurística de Los Angeles, desenhada por Ridley Scott, eles tentam viver suas vidas como humanos, mas são caçados porque seu propósito não era viver livres, mas sim servir os humanos. Nesse sentido, devemos notar que Frankenstein foi fruto da especulação científica, mas, muito mais que isso, representou o “desejo humano de controlar o corpo, de superar limites e derrotar a morte.” (DIAS et al, 2020, p.201). Em outras palavras, o avanço da ciência e da tecnologia possibilitará que o corpo humano seja esmiuçado e nosso DNA mapeado, de maneira que as falhas possam

ser corrigidas e doenças genéticas evitadas. De acordo com o filósofo e futurista Max More (2013), o ser humano de hoje está fadado a se tornar um pós-humano, isto é, um ser melhorado biologicamente através da tecnologia, o qual estaria livre de doenças, do envelhecimento e até da morte. More vai mais além e acredita que o pós-humanismo seja o nosso próximo estágio evolutivo. Nesse sentido, o sociólogo e filósofo francês Jean Baudrillard (1929-2007) também deixou considerações bem interessantes ao pensar sobre a clonagem e a imortalidade humana, conforme suas palavras a seguir:

E a morte? Entrelaçada como está com o sexo, ela deverá ter o mesmo destino. Existe, com efeito, uma liberação da morte que é paralela à liberação do sexo. Da mesma forma que dissociamos a reprodução do sexo, tentamos dissociar a vida da morte. Proteger e promover a vida e somente a vida, transformando a morte numa função obsoleta da qual não precisamos mais, assim como, no caso da reprodução artificial, não precisamos mais do sexo. Portanto, a morte, como um acontecimento fatal ou simbólico, deve ser apagada. A morte deve passar a ser entendida como uma realidade virtual, como uma opção ou uma montagem cambiável no sistema operacional do ser vivo. Esta é uma reprogramação que segue as linhas da virtualização do sexo, o “cybersexo” que nos aguarda no futuro, como uma espécie de “atração” ontológica. Todas essas funções inúteis – sexo, pensamento, morte – serão redesenhadas, redesignadas como atividades de lazer. E os seres humanos, a partir de então inúteis, poderão eles próprios ser preservados como uma espécie de “atração” ontológica. (...) A morte, outrora uma função vital, pode assim se tornar um luxo, uma diversão. Em modos futuros da civilização, dos quais a morte terá sido eliminada, clones do futuro poderão pagar alto pelo luxo de morrerem e se tornarem novamente mortais, numa simulação: cybermorte. (BAUDRILLARD, 2001, p.17-18)

Dessa forma, o clone seria a tentativa do ser humano de driblar a morte, deixando a sua condição mortal e, portanto, individual para se tornar um ser replicado através da mesma simplicidade primitiva da divisão celular, só que dessa vez, comandada pelo próprio ser humano em laboratório. *A Ilusão Vital* (2001) é um livro escrito por Jean Baudrillard, um filósofo e sociólogo francês, conhecido por suas teorias sobre a pós-modernidade, a hiper-realidade e a simulação. Embora Baudrillard não tenha discutido especificamente a clonagem humana em sua obra, seus conceitos podem ser relacionados a essa questão. O filósofo francês argumenta que vivemos em uma sociedade onde a realidade e a representação da realidade estão se tornando cada vez mais difíceis de distinguir. Ele desafia a ideia de que existe uma realidade objetiva, sugerindo que a realidade é constantemente recriada e reproduzida por meio de símbolos, imagens e simulações. Para ele, vivemos em um mundo onde a representação substitui a realidade, criando um ‘simulacro’ no qual a distinção entre o real e o artificial se dissolve. Quando se trata de clonagem humana, os argumentos de Baudrillard sobre a hiper-realidade podem ser aplicados, pois a clonagem humana envolve a criação de seres humanos

geneticamente idênticos, o que levanta questões sobre a autenticidade da identidade e da existência. Em um mundo onde a simulação e a representação são tão relevantes, a clonagem humana pode desafiar ainda mais a ideia de individualidade e singularidade. Baudrillard poderia argumentar que a clonagem humana, ao criar cópias idênticas de seres humanos, contribuiria para a multiplicação de simulacros. Isso poderia aprofundar a ambiguidade entre o original e a cópia, tornando a própria ideia de singularidade e identidade individual ainda mais nebulosa. Além disso, Baudrillard discute como a tecnologia e a ciência muitas vezes contribuem para a criação de simulacros que obscurecem a realidade. A clonagem humana, ao ser uma expressão extrema da capacidade da ciência de replicar seres humanos, poderia ser vista como uma etapa adicional na criação de realidades simuladas, onde a distinção entre o original e a cópia se desvanece. No entanto, é importante notar que as opiniões de Baudrillard não são consensuais e existem diversas interpretações sobre a clonagem humana e suas implicações éticas, morais e filosóficas. O debate sobre a clonagem humana frequentemente vai além das teorias de Baudrillard e envolve uma ampla gama de perspectivas científicas, religiosas, éticas e filosóficas.

Segundo MARKENDORF (2013, p.2), o clone provém da compulsão pela imortalidade, ou do atraso da morte. Essa ideia se confirma em *Não me abandone jamais*, já que a clonagem humana se torna uma opção científica para prolongar a vida através da substituição de órgãos doentes por órgãos saudáveis, advindos de clones criados em laboratório.

Dentro dessa proposta de clonagem humana, devemos considerar a multiplicação de seres humanos como cópias de um original. Isso nos remete às considerações de Walter Benjamin ao pontuar a perda da aura da cópia em relação ao seu original. Se trouxermos esse pensamento para a esteira da clonagem humana, essa perda da aura se aproximaria à perda da individualidade, a qual, segundo MARKENDORF (2013), seria a própria alma e assim, não sabemos se cada clone manteria a alma do ser que o originou. Ainda segundo MARKENDORF (2013, p.3), a alma é “uma espécie de sopro do verbo divino que dá vida a um ser e o torna único e especial no mundo.” Nesse sentido, também não podemos afirmar que os clones são somente corpos viventes, pois segundo o trecho de *Não me abandone jamais*, a possibilidade de os clones possuírem ou não uma alma afligia as personagens de Miss Emily e Marie-Claude:

Por que nós levávamos os trabalhos artísticos de vocês embora? Por que fazíamos isso? (...) Você disse que era porque a arte revelaria como vocês eram. Como vocês eram por dentro. Foi isso que você disse, não foi? Bem, pois saiba que não está muito distante da verdade. Nós levávamos seus trabalhos porque achávamos que eles revelariam a alma de vocês. Ou, para

esclarecer melhor a questão, fazíamos isso para *provar que vocês tinham uma alma.*”⁴ (ISHIGURO, 2005, p.311. Grifo do autor)

O trecho mostra a preocupação das diretoras de Hailsham em provar que os alunos possuíam alma, pois para a sociedade em questão, eles eram apenas réplicas, ou corpos sem alma, criados para atender às doações. Assim, percebemos a dessacralização do corpo humano, causada pela reprodutibilidade biotecnológica. Em Hailsham, porém, os esforços das diretoras eram para que os clones fossem tratados com humanidade e pudessem crescer tendo toda a assistência e formação até a idade adulta. O trecho a seguir, no qual a jovem Kathy pergunta para Madame o porquê de sua tristeza ao vê-la dançar, ilustra essa preocupação e a tristeza mediante a certeza do destino daquelas crianças clones:

“Bom, a senhora ficou... chateada aquele dia. Estava me olhando e, quando eu percebi e abri os olhos, a senhora me olhava, e acho que chorava. Para falar a verdade, eu sei que chorava. Estava me olhando e chorando. Por quê?”

Madame não mudou de expressão e continuou me fitando de frente. “Eu estava chorando”, acabou dizendo, muito baixinho, como se receasse que os vizinhos ouvissem, “porque quando passei por lá, escutei música. Pensei que algum aluno descuidado tivesse deixado o som ligado. Mas quando entrei no seu dormitório, vi você, sozinha, uma menina tão pequena ainda, dançando. Como você disse, de olhos fechados, muito longe, com um ar tão terno. Você dançava tão compadecida. E a música, a letra. Havia qualquer coisa naquelas palavras. Algo de muito triste.”

“A música”, disse eu, “chamava-se ‘Não me abandone jamais.’” E então cantei um trequinho para ela, bem baixinho. “*Não me abandone jamais. Ah, baby, baby.... Não me abandone jamais...*”⁵ (ISHIGURO, 2005, p.323-324)

O nome da música é também o título da obra, uma estratégia de Kazuo Ishiguro para nos apresentar uma nova ordem social, na qual a bioética é deixada de lado em prol do benefício da sociedade. A seguir, trazemos a letra da música *Never Let Me Go* (2012), interpretada por *Jane Monheit*⁶, disponível em vídeo. O objetivo de disponibilizarmos a letra

⁴ Why did we take your artwork? Why did we do that? (...) You said it was because your art would reveal what you were like. What you were like inside. That’s what you said, wasn’t it? Well, you weren’t far wrong about that. We took away your art because we thought it would reveal your souls. Or to put it more finely, we did it *to prove you had souls at all.*” (ISHIGURO, 2005, p.255)

⁵ “Well, you were... upset that day. You were watching me, and when I realized, and I opened my eyes, you were watching me and I think you were crying. In fact, I know you were. You were watching me and crying. Why was that?”

Madame’s expression didn’t change and she kept staring into my face. “I was weeping,” she said eventually, very quietly, as though afraid the neighbours were listening, “because when I came in, I heard your music. I thought some foolish student had left the music on. But when I came into your dormitory, I saw you, by yourself, a little girl, dancing. As you say, eyes closed, far away, a look of yearning. You were dancing so very sympathetically. And the music, the song. There was something in the words. It was full of sadness.”

“The song,” I said, “it was called ‘Never Let Me Go.’” Then I sang a couple of lines quietly under my breath for her. ‘*Never let me go. Oh, baby, baby. Never let me go...*’ (ISHIGURO, 2006, p.265-266)

⁶ Jane Monheit (1977-) é uma cantora americana, nascida Oakdale, no estado de Nova Iorque. Pertencente a uma família musical, Jane estudou clarinete e teoria enquanto atuava e cantava em produções teatrais locais. Ela tinha 17 anos quando começou formalmente seu treinamento vocal, na Manhattan School of Music. Em 2000, lançou o

da música é mostrar o quanto o seu título se repete, sendo, portanto, enfatizado, o que na obra de Ishiguro, chamou a atenção da personagem da Madame Marie-Claude. A letra sugere a tristeza mencionada pelas personagens Kathy e Madame, ao descrever as sensações de alguém que não deseja partir jamais e pede para seu amado que a mantenha junto dele para sempre. Não objetivamos fazer uma interpretação de toda a canção, já que essa é muito subjetiva. Porém, há trechos que nos remetem à carência afetiva e à suspeita de que suas vidas não serão longas e plenas. À primeira vista, a canção parece romântica, mas se analisarmos melhor, notaremos uma codependência, como se a vida de quem canta não estivesse nas suas próprias mãos. Em outras palavras, *Never let me go* é uma balada emocional que explora temas como a dependência emocional e a vulnerabilidade, os quais, mais uma vez, nos remete à condição dos clones. A dependência emocional estava presente nas relações interpessoais dos jovens clones, já que a única “família” que conheciam se restringia aos colegas de Hailsham, às diretoras Miss Emily e Marie-Claude, aos professores e aos guardiões. Desde a tenra infância até a idade adulta, eles se apoiavam, dividiam suas angústias e descobertas e refletiam sobre suas possíveis matrizes. Quanto à vulnerabilidade, as crianças de Hailsham eram treinadas e preparadas mentalmente para o seu destino: as doações. Elas estavam salvas dentro daqueles muros enquanto não atingissem a idade para começar a doar seus órgãos vitais. Mesmo os cuidadores, aqueles que acompanhavam os clones doadores até completarem, não estariam livres de cumprir seu destino. A função de cuidador poderia adiar as doações por um tempo, mas não para sempre. Dessa forma, todos os clones eram vulneráveis e não escapariam do propósito pelo qual foram criados.

Outro aspecto a ser destacado na canção é o desejo de entrega ao ser amado, independente das incertezas e desafios. É o que Tommy e Kathy vivenciam, pois mesmo sabendo, desde crianças, que seu destino já estava determinado, eles tentam encontrar uma saída. Tommy insiste e Kathy aceita ir procurar Miss Emily para lhe perguntar sobre a possibilidade do adiamento das doações. Entretanto, as palavras da diretora para explicar que era impossível mudar seus destinos soou como uma dura realidade, mas, mesmo assim, o amor entre os dois jovens clones sobrevive e eles permanecem juntos até a morte. Kathy acompanha Tommy até a sua última doação e a morte representava a única certeza que eles tinham. Se pensarmos no ser humano, essa também é a única certeza que temos, mas a diferença entre nós e os clones na ficção é que eles eram criados somente para esse fim, sem direito à vida plena, ao livre arbítrio e à realização pessoal. Já nós, temos a dádiva do livre arbítrio para escolher

seu primeiro álbum, intitulado *Never Never Land*. Em 2007, lançou um novo álbum, chamado *Surrender* e com forte influência da música brasileira.

qual caminho desejamos trilhar, que profissão escolher, casar ou não se casar, e com quem, mudar para a cidade que decidirmos ser a melhor para se morar, ter filhos, realizar sonhos, enfim, tentar sermos felizes. Os clones não podiam escolher, não podiam deixar um legado, já que não poderiam ter filhos, e não realizariam os seus sonhos. Suas vidas eram curtas, assim como tudo o que é descartado em nossa sociedade, pois outro clone, tomaria o lugar do anterior. Essa era a situação distópica daquela sociedade britânica, no final dos anos 90. Sutilmente, Ishiguro vai guiando o seu leitor nessa narrativa que o leva a pensar não só em quem somos como seres humanos e a razão para a qual vivemos, mas também para qual destino caminha a humanidade.

A seguir, trazemos a canção para ilustrar todo o sentimento de tristeza que Madame Marie-Claude sentiu ao ver a Kathy cantando, sozinha em seu quarto. Kathy pensou que estava sozinha e colocou sua música favorita para tocar. Dançando agarrada ao seu travesseiro, repetia o refrão: *Não me abandone jamais*. A princípio, a música parece ser uma simples canção de amor. Entretanto, ao imaginarmos a passagem descrita no livro, podemos perceber a sua profundidade em sentimento e significado. A cena é um momento comovente, simbólico e carregado de emoção, revelando a profundidade das emoções dos personagens e ecoando o tema central do romance: a busca pela aceitação e o significado da vida diante da mortalidade. Além disso, essa cena, descrita com delicadeza e sensibilidade por Ishiguro, transmite a vulnerabilidade de Kathy. Ao cantar a música, ela expressa a sua humanidade, o seu anseio por amor e o seu medo da solidão, apesar de saber que sua vida seguirá um caminho trágico e predeterminado. Dessa forma, a personagem Kathy preenche os vazios do texto com a sua subjetividade, através da música e, conseqüentemente, da arte. A cena da canção é um ponto culminante que destaca a luta dos personagens em enfrentar o seu destino e encontrar um senso de identidade e humanidade, mesmo diante de circunstâncias desafiadoras e angustiantes. É um momento que ressoa por sua beleza triste e por revelar complexidades.

Nunca Me Deixe Partir

*Judy Bridgewater*⁷

Querido,
Me abrace,
Me abrace,
Me segure,

E nunca (nunca)
Nunca (nunca)
Nunca (nunca),
Deixe-me ir.

Querido,
Me beije,
Me beije,
Me beije,

E nunca (nunca),
Nunca (nunca),
Nunca (nunca)
Deixe-me ir.

Tranque o meu coração
Jogue a chave fora
Preencha o meu amor com êxtase

Aperte o meu coração
Com o seu abraço caloroso
E diga-me que,
Ninguém
Jamais irá tomar o meu lugar

Querido,
Diga-me,
Diga-me,
Diga-me

Você nunca, nunca, nunca...

⁷ A personagem Kathy obteve uma fita com a gravação de um álbum, intitulado *Songs After Dark*, cantado por Judy Bridgewater. A sua canção favorita nessa fita era a faixa três: *Never Let Me Go* (*Nunca me deixe partir* ou *Não me abandone jamais*). Entretanto, essa canção não existe na vida real, pois foi uma criação para a ficção de Kazuo Ishiguro, a qual tem o mesmo título da canção favorita de Kathy. A cantora Judy Bridgewater também é fictícia, assim como o álbum e sua capa. Alguns especulam que o nome Judy Bridgewater seja uma mistura entre dois nomes de cantoras Judy Garland (1922-1969) e Dee Dee Bridgewater (1950-). Para a versão filmica, uma canção foi criada para representar a canção ficcional, a letra foi escrita por Luther Dixon (1931-2009) e cantada por Jane Monheit (1977-). A canção ajuda o leitor a visualizar a cena na qual a narradora Kathy é flagrada por Madame Marie-Claude, cantando sua canção favorita no dormitório, em Hailsham. **Colocar no corpo do texto.**

Never Let Me Go
Judy Bridgewater

Darling,
 Hold me,
 Hold me,
 Hold me,

And never (never)
 Never (never)
 Never (never)
 Let me go.

Darling,
 Kiss me,
 Kiss me,
 Kiss me,

And never (never),
 Never (never),
 Never (never),
 Let me go.

Lock my heart
 Throw away the key
 Fill my love with ecstasy.

Bind my heart
 With your warm embrace

And tell me,
 No one
 Will ever take my place.

Darling,
 Tell me,
 Tell me,
 Tell me.

You'll never, never, never...

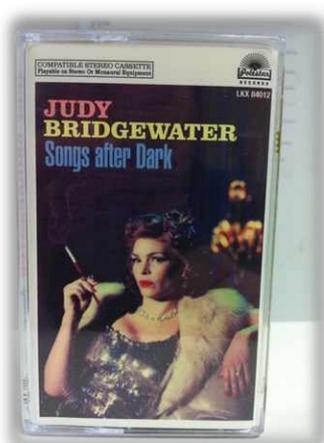


Figura 1: álbum fictício – Songs After Dark. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=never+let+me+go+judy+bridgewater+tape&sca_esv=570895307&tbm=isch&source=lnms&sa=X&ved=2ahUKEwieIpmhi96BAxUrALkGHTtJARMQ_AUoAnoECAEQBA&biw=1488&bih=742&dpr=1.25#imgpr=YT4WCWiMBGYa3M Acesso em: 05/10/2023.

A escolha da música para esse momento crucial da narrativa enfatiza a busca dos personagens por um sentido mais profundo em suas vidas limitadas. A melancolia e a resignação, misturadas com a determinação de encontrar algum tipo de significado tornam essa cena um ponto de virada emocional na história, tocando tanto os personagens quanto os leitores. Kathy, a protagonista, é uma criança clone, criada para doar órgãos para pessoas “reais” e, como muitos outros clones, ela enfrenta a perspectiva inevitável de ter seus órgãos retirados até sua morte. A canção *Never let me go* que ela canta é significativa, pois reflete a complexidade de seus sentimentos em relação à sua existência, bem como a compreensão de sua condição. A letra da música fala sobre o desejo de não ser abandonado, de manter o amor e a conexão intactos, mesmo diante das incertezas e do destino cruel. É uma expressão poderosa da esperança e da necessidade de apego, mesmo quando se está ciente de que a separação é inevitável. Por outro lado, temos as lágrimas de Miss Emily durante a performance de Kathy, as quais podem ser interpretadas de várias maneiras, considerando o contexto complexo do enredo. A primeira explicação para o choro de Miss Emily poderia estar relacionada à nostalgia e à tristeza, pois a música *Never let me go* tem um significado profundo para os personagens. Ela pode evocar memórias e sentimentos de uma inocência perdida, amor e conexões humanas que são preciosas, mas também efêmeras. A letra da música pode ressoar com a temática do livro, onde os personagens estão cientes de seus destinos pré-determinados e de sua efemeridade, o que pode levar Miss Emily a se emocionar. Outra explicação poderia ser a consciência da tragédia futura, pois como Miss Emily é guardiã de Hailsham, era profundamente consciente do destino trágico que espera os alunos. A música de Kathy pode servir como um lembrete cruel e doloroso dessa inevitabilidade, levando-a às lágrimas ao testemunhar a inocência das crianças e a consciência de que elas estão destinadas a um futuro sombrio e sem esperança. Outra possível razão seria o arrependimento e a culpa, pois os guardiões, incluindo Miss Emily, estão intimamente envolvidos no sistema que trata os alunos de Hailsham como meros doadores, deixando-os sem perspectivas de vida plena. Esse peso de culpa e arrependimento pode levá-la às lágrimas ao testemunhar o talento e a humanidade das crianças, reconhecendo a parte que desempenhou nesse sistema desumano. Entretanto, é importante considerar ainda que *Never let me go* é uma obra rica em nuances e ambiguidades, e as emoções dos personagens são frequentemente complexas e multifacetadas. A reação de Miss Emily ao presenciar Kathy cantando a música pode ser um reflexo da complexidade e da profundidade das emoções e dos temas abordados na obra.

Todavia, apesar dos esforços das diretoras de Hailsham para abrandar esse processo de desumanização dos clones, a instituição é fechada e Kathy H. acaba por conformar-se com

o seu próprio destino, algo que causa estranhamento e mal-estar ao leitor. Isso nos remete à questão de identidade e de como esses clones se veem como sujeitos na sociedade em que foram criados. De acordo com SILVA (2000),

Para a teoria cultural contemporânea, a “existência” de monstros, ciborgues e autômatos complica, definitivamente, o privilégio tradicionalmente concedido ao ser humano ou, se quisermos, ao “sujeito”, com todas as propriedades que costumam ser descritas no “manual do usuário” que o acompanha (por favor, consulte o seu): essencialidade, consciência, autonomia, liberdade, interioridade. Os fundamentos da “teoria do sujeito” tornam-se ainda mais duvidosos com o desenvolvimento da chamada engenharia genética, sobretudo, as possibilidades abertas com a manipulação do código genético e da clonagem. (SILVA, 2000, p.17)

O desenvolvimento da tecnologia e da ciência, do pós-humano e da clonagem traz à tona uma nova concepção de subjetividade e de sujeito. Nessa linha de pensamento, voltamos a atenção aos clones na narrativa de Ishiguro, os quais buscam sua identidade e até tentam lutar por sua independência, mas no final, se conformam com seus destinos e o cumprem passivamente. Esses seres humanos criados em laboratório “são expostos em toda sua artificialidade” (SILVA, 2000, p.18), pois não conhecem a sua origem, são desumanizados pelo isolamento e preparados para cumprir o fim para o qual foram criados. Silva vai mais além na questão da subjetividade e completa:

(...) No fundo, a questão da subjetividade diz respeito, sobretudo, ao cruzamento de fronteiras: entre o humano e o não humano, entre cultura e natureza, entre diferentes tipos de subjetividade. O monstro, “pura cultura”, como diz Cohen, em seu ensaio neste livro, expressa nossa preocupação com a diferença, a alteridade e a limiaridade. A “existência” dos monstros é a demonstração de que a subjetividade não é, nunca, aquele lugar seguro e estável que a “teoria do sujeito” nos levou a crer. As “pegadas” do monstro não são a prova de que o monstro existe, mas de que o “sujeito” não existe. (SILVA, 2000, p.18)

Em *Não me abandone jamais*, os clones não são vistos como humanos, pois assim, era mais fácil ignorar as questões éticas relativas à sua criação para a extração de seus órgãos. Mas qual é o limite entre o humano e o inumano? Afinal de contas, quem seria o monstro: os clones ou a sociedade que os criou? Acreditamos que a sociedade que desumanizou os clones, considerando-os inumanos e descartáveis, seja o verdadeiro monstro ao desrespeitar a bioética. Porém, essas questões serão revistas ao longo deste trabalho, ao discutir a identidade dos clones. E para fechar essa introdução, citamos um trecho no qual os clones têm a curiosidade de ver seus modelos, já que isso poderia lhes ajudar a saber quem eram:

(...) Mas de qualquer modo, todos nós, ainda que em graus diferentes, acreditávamos que, quando víssemos a pessoa de quem havíamos sido copiados, teríamos uma *leve* noção de quem éramos lá no fundo e, também, quem sabe, que enxergaríamos parte do que a vida nos reservava.⁸ (ISHIGURO, 2005, p.171. Grifo do autor.)

Os jovens clones acalentavam a esperança de encontrar as pessoas que serviram de matriz para que eles fossem criados. Como não tinham família, todos só conheciam a comunidade dentro dos muros de Hailsham. Os “modelos” ou as pessoas que deram origem às suas vidas eram desconhecidas, mas eles as buscavam em rostos desconhecidos na esperança de encontrar uma referência de sua origem. Isso nos remete a uma busca de identidade desses clones, os quais não sabiam nada sobre sua origem, mas apenas de seu fim naquela sociedade distópica do final dos anos 90, na Inglaterra. Ishiguro nos convida a pensar sobre os limites da ciência nas suas experiências genéticas e mapeamento do genoma humano. Se para a obra de Mary Shelley, *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, o elemento científico da época era a eletricidade para animar um corpo sem vida, na obra de Ishiguro, *Não me abandone jamais*, esse elemento é a manipulação do material genético para criar cópias humanas. Em outras palavras, ambas as obras partem de um elemento da realidade presente, isto é, a eletricidade e a manipulação de material genético humano, para a especulação de consequências futuras, através da ficção.

Adicionalmente, há também um esquema que sustentava todo aquele sistema no qual os poderosos ou abastados poderiam facilmente se curar de doenças como o câncer e até se livrar da morte através da obtenção de órgãos jovens advindos da clonagem humana. Ao descobrir algo sobre sua origem, os clones esperavam ter maior consciência e controle de suas vidas. Entretanto, isso não acontece e seus destinos são cumpridos. Os jovens clones também cogitaram a possibilidade de terem de agir como as suas matrizes, caso as encontrassem; isso não só em termos de comportamento, mas também, com relação a uma mesma profissão ou ocupação.

Como podemos ver, esta pesquisa abordará temas como a vida humana e a mortalidade, sob a luz dos estudos do insólito na literatura. Além disso, questões que resvalam nos limites da ciência, como a bioética, o pós-humano, sociedades distópicas e suas relações de poder também serão discutidas a partir das especificidades da narrativa. Esperamos assim, contribuir para o debate sobre a ficção científica e a distopia.

⁸ Nevertheless, we all of us, to varying degrees, believed that when you saw the person you were copied from, you'd get some insight into who you were deep down, and maybe too, you'd see something of you're your life held in store. (ISHIGURO, 2006, p.137-138)

1. KAZUO ISHIGURO – UM AUTOR ECLÉTICO E *NÃO ME ABANDONE JAMAIS*

Este capítulo trata de um breve histórico sobre o autor, as características principais de sua escrita e como elas se refletem em *Não me Abandone jamais*. O termo ‘autor eclético’ foi utilizado porque Ishiguro trabalha com diversos gêneros, os quais lidam com a história, como em *Uma pálida visão dos montes*⁹ (1982) – narrativa na qual a personagem Etsuko, ao se mudar para a Inglaterra, recorda sua vida no Japão durante a Segunda Guerra e imagina como ela seria em Nagasaki após a bomba atômica; a memória, como em *Os vestígios do dia*¹⁰ (1989) – obra na qual um mordomo idoso rememora as três décadas de dedicação ao trabalho na casa de um lorde inglês; a fantasia, como em *O gigante enterrado*¹¹ (2015) – um épico arturiano no qual Ishiguro se aproxima da aventura fantástica e do universo de John R. R. Tolkien (1892-1973), explorando o amor, a guerra e a memória; e a ficção científica, como em *Não me abandone jamais*¹² (2005). Além disso, segundo Lewis Burke Frumkes, que entrevistou o autor em 2001, a memória humana constitui um labirinto porque nos transporta para diferentes lugares quando revisitada e é justamente esse aspecto que Kazuo Ishiguro explora em suas obras, pois há geralmente uma volta das personagens ao seu passado.

Kazuo Ishiguro é um autor japonês, nascido em Nagasaki, em 8 de novembro de 1954. Seu pai, Shizuo Ishiguro (1920-2007), foi oceanógrafo e em 1960, recebeu uma proposta para trabalhar na Inglaterra. Assim, seu pai, sua mãe, Shizuko Ishiguro, e sua irmã mais velha, Fumiko, se mudaram para Guildford, Inglaterra, onde vivem até hoje. Segundo o autor, essa mudança não só significou uma guinada na sua vida, mas também uma fonte de inspiração para muitas de suas obras. Seus primeiros cinco anos de vida ocorreram em uma casa de três gerações no Japão, na qual seu avô era o símbolo da identidade japonesa. Ishiguro acreditava que se reuniria novamente com a família no Japão, mas seu pai aceitou um cargo permanente na Inglaterra e mesmo tendo sido convidado a ocupar um cargo de professor em uma universidade japonesa, ele recusou o convite para permanecer em Guildford. A partir daí, o autor teve certeza de que não mais retornaria ao Japão. Dessa forma, ele e sua irmã Fumiko, que antes pensavam em estudar a língua e cultura japonesas, se deixaram envolver pela cultura inglesa. Sua irmã mais nova, Yoko, a qual nasceu na Inglaterra, reforçou ainda mais seus laços com a nova cultura.

⁹ *A Pale View of Hills*

¹⁰ *The Remains of the Day*

¹¹ *The Buried Giant*

¹² *Never Let Me Go*

Seu avô faleceu e Ishiguro lamentou não poder estar presente no seu funeral.

Segundo as palavras do próprio autor:

Para mim, o processo criativo nunca esteve relacionado com raiva ou violência, como algumas pessoas pensam; isso tem mais a ver com arrependimento ou melancolia. Eu não sinto arrependimento por não ter crescido no Japão. Isso seria absurdo. Essa é a única vida que conheço. Tive uma infância feliz e sou feliz aqui. Mas tem a ver com os fortes vínculos que tive no Japão, os quais, de repente, se romperam em uma idade emocional ainda em formação, particularmente, com o meu avô.¹³ (WONG, 2005, p.15-16. Tradução nossa.)

A tenra idade do autor ao deixar o Japão, a distância de seus laços afetivos e lembranças da sua infância o deixam melancólico. Isso colabora para o seu processo criativo. Entretanto, ele não se arrepende de ter deixado sua terra natal e, talvez, seu único arrependimento seja ter rompido seus laços afetivos tão bruscamente, principalmente, com o seu avô, o qual era tido como um símbolo da cultura japonesa. Como o próprio autor mencionou, sua idade emocional ainda estava sendo formada e um imigrante tão jovem em uma terra estranha logo se deixou envolver completamente pela cultura britânica. Com a estada permanente da família em Guildford, Ishiguro se naturalizou e passou a ter a nacionalidade nipo-britânica.

Seus romances, de alguma forma, abordam a perda de algo na vida de suas personagens. Assim, há sempre a busca da compensação de algo que se perdeu no passado. Essas perdas podem ser físicas ou psicológicas e as suas personagens revisitam eventos traumáticos que rondam seu passado, conforme caminham para um futuro incerto. É assim na obra *Não me abandone jamais*¹⁴ (2005), a qual é o nosso objeto de estudo para esta pesquisa. Nessa obra, jovens clones, os quais foram criados em uma escola cujo único objetivo era prepará-los para serem meros doadores de seus órgãos vitais quando adultos, descobrem o valor da amizade, do amor e da vida. Até tentam mudar seus destinos e assumir o controle de suas vidas, mas naquela sociedade inglesa do final do século XX, os clones criados em laboratório não tinham direito de viver plenamente, eram desumanizados ao serem isolados da sociedade e perdiam todas as oportunidades de viver como um ser humano. A narradora é uma jovem, também um clone, chamada Kathy, a qual cria um vínculo de amizade e amor com outros dois jovens clones: Ruth e Tommy. Kathy narra sua infância em Hailsham, uma escola inglesa de rígidos padrões de educação, mas cujo objetivo era preparar esses clones para que aceitassem seu destino sem

¹³ For me, the creative process has never been about anger or violence, as it is with some people; it's more to do with regret or melancholy. I don't feel I've regretted not having grown up in Japan. That would be absurd. This is the only life I've known. I had a happy childhood, and I've been very happy here. But it's to do with the strong emotional relationships I had in Japan that were suddenly severed at a formative emotional age, particularly with my grandfather. (WONG, 2000/2005, p.15-16)

¹⁴ *Never let me go* (título original).

questionar. Não havia futuro para esses clones, pois todos eles sucumbem ao doarem todos os seus órgãos vitais. Como podemos ver, a revisita ao passado, a perda e a caminhada rumo a um futuro incerto estão presentes.

Os dois primeiros livros do autor, *Uma pálida visão dos montes*¹⁵ (1982) e *Um artista do mundo flutuante*¹⁶ (1986), se passam no Japão e, apesar de o autor não ter voltado lá durante sua infância, sua descrição da vida japonesa, paisagens e arranha-céus no seu segundo livro foram motivo de elogio pelo autor japonês e também prêmio Nobel em Literatura (1994), Kenzaburo Oe (1935-). Ishiguro explica que um Japão imaginário e pessoal permaneceu e se desenvolveu na sua mente. Além disso, o autor fez tudo para preservar essa memória de infância da sua terra natal e se preparar para voltar lá em breve. Esse foi um dos motivos pelo qual o autor decidiu escrever, isto é, a escrita foi a maneira encontrada de recriar esse Japão de suas memórias e reunir todas aquelas ideias imaginadas, correspondentes ao solo japonês. Já em seu terceiro livro, *Os vestígios do dia*¹⁷ (1989), Ishiguro induz seus leitores a desviarem a atenção de suas origens japonesas e se concentrarem no seu talento artístico. O autor acumulou prêmios literários como o Winifred Holtby Prize da Sociedade Real de Literatura (Royal Society of Literature) pelo seu primeiro romance, a Premiação Livro do Ano Whitbread (Whitbread Book of the Year Award) pelo segundo, o prestigiado Booker Prize pela obra *Os vestígios do dia*, e o Prêmio Cheltenham pela obra *O Inconsolável*¹⁸ (1995). *Never let me go* (2005) foi o seu sexto romance, o qual ocupou a posição de finalista para os prêmios: o Man Booker Prize e o National Book Critics Circle Award, em 2005, e o Prêmio Arthur C. Clarke, em 2006. Esse último é um prêmio importante para as obras de ficção científica. O romance foi eleito como o melhor do ano de 2005 pela revista *Time*, a qual o incluiu em sua lista dos ‘Melhores 100 Romances em Língua Inglesa de 1923 a 2005’. A obra foi adaptada para cinema com o mesmo título, sendo dirigida por Mark Romanek (1959-) e lançada em 2010. A narrativa de *Never let me go* foi bem aceita pela crítica e causou um forte impacto em seus leitores, nacional e internacionalmente. Mais recentemente, em 2017, o autor recebeu da Academia Sueca, o prêmio Nobel em Literatura pelo conjunto de sua obra. Na ocasião, o autor foi descrito como “o escritor que revelou o abismo escondido por debaixo de nossa sensação ilusória de conexão com o mundo, através de romances de grande impacto emocional.” (ACADEMIA SUECA, 2017, p.1. Tradução nossa.).

¹⁵ *A pale view of the hills* (título original).

¹⁶ *An artist of the floating world* (título original).

¹⁷ *The remains of the day* (título original).

¹⁸ *The Unconsoled* (título original).

Ishiguro se graduou em Literatura e Escrita Inglesas em 1978, pela Universidade de Kent, Inglaterra. Em 1980, obteve sua pós-graduação em Escrita, na Universidade de East Anglia, também na Inglaterra. Autores como Anton Tchekhov (1860-1904), Fiódor Dostoiévsky (1821-1881) e Franz Kafka (1883-1924) influenciaram sua escrita. Sua admiração por autores como Gabriel García Márquez (1927-2014), Mario Vargas Llosa (1936-), Milan Kundera (1929-), Samuel Beckett (1906-1989) e Henry James (1843-1916) também contribuiu para as suas narrativas, pois alguns desses autores viveram situações de exílio e, mesmo sem se considerar um exilado, Ishiguro procurou abordar essa questão em suas narrativas.

Kazuo Ishiguro atingiu o status como escritor de forma relativamente rápida. Ele não abriu mão das tendências que possam levar seus leitores a identificá-lo como um escritor japonês. No entanto, seu interesse maior está em abordar temas universais como as questões humanas, por exemplo. Assim, suas narrativas não só são uma reflexão sobre as experiências humanas, mas também uma forma estética de compreender a vida, pois suas falas ficcionais representam a saudade de casa ou o desejo de se sentir em casa em algum lugar. Além disso, Ishiguro escreve como se fosse um autor no exílio, o qual retrata pessoas que, apesar de sua dor, buscam suas almas para se sentirem em casa. Isso reflete sua condição de imigrante em tenra idade, o qual lutou para recuperar suas perdas físicas e emocionais a partir de seu próprio passado e, por isso, seus romances demonstram claramente algumas maneiras pelas quais não só ele, mas também suas personagens conseguiram descobrir algum consolo em um mundo estranho. De acordo com as palavras do próprio autor, “a escrita é um tipo de consolo e uma terapia” (WONG, 2005, p.20). Nesse sentido, os romances de Ishiguro demonstram que apesar da leitura e da escrita serem um exercício solitário, elas remetem às atividades sociais, uma vez que conectam ideias e pensamentos humanos através de gerações e culturas diferentes.

A memória também tem implicações para o individual e o coletivo, pois sem ela, não saberíamos quem somos. Além disso, os eventos importantes que ficaram no passado perduram no inconsciente coletivo. Os romances de Kazuo Ishiguro descrevem jornadas da memória, as quais exploram desde o profundo arrependimento até o sentimento compenetrado do luto. Segundo as palavras do próprio autor:

Sempre me interessei pela memória, pois ela é o filtro pelo qual lemos o nosso passado. Esse é sempre tingido – com o autoengano, a culpa, o orgulho, a nostalgia, não importa. Considero a memória infinitamente fascinante, não tanto do ponto de vista neurológico e filosófico, mas da maneira como as pessoas a utilizam para contar sobre suas vidas e quem se tornaram.¹⁹ (TEO, 2014, p.7. Tradução nossa.)

¹⁹ I've always been interested in memory, because it's the filter through which we read our past. It's always tinted – with self-deception, guilt, pride, nostalgia, whatever. I find memory endlessly fascinating, not so much from a

Ishiguro deixa claro o seu interesse pela forma como a memória ajuda as pessoas a falarem de si e de suas experiências, refletindo não só sobre o seu passado, mas sobre seu presente e futuro. Além disso, as narrativas do autor têm um toque de melancolia, já que o retorno ao passado geralmente remete a situações que não podem ser reparadas. Em *Não me abandone jamais*, a narrativa se dá em primeira pessoa e, diferentemente das narrativas anteriores, a personagem não se encontra em idade avançada ao lembrar do passado, mas em plena juventude. Isso se deve ao fato de as personagens clones sucumbirem ainda jovens devido à doação de seus órgãos vitais. O passado aí não é tão distante, mas uma lembrança ainda recente da infância.

As personagens de Ishiguro geralmente lutam para conciliar memórias do passado com as circunstâncias do presente. Além disso, ao lembrar e contar suas experiências passadas, descobrem que essa não é uma tarefa simples, já que isso geralmente resulta em uma versão menos precisa e objetiva do passado. Essa subjetividade é explorada através da desilusão das personagens, a falta de sentimento de pertencimento e a perda da infância e da inocência. Adicionalmente, as personagens se frustram consigo mesmas ao contar suas próprias histórias.

Segundo Yugin Teo (2014), uma das explicações para essa imprecisão ou distorção do passado está no fato de que olhar para trás requer um certo distanciamento, pois uma compreensão mais equilibrada dos fatos só ocorre após algum tempo. Teo afirma ainda que a subjetividade da memória não está somente no texto, mas no próprio processo de leitura, pois ao fazer a leitura, o leitor pode ter dois tipos de reação: a pessoal e a impessoal. Na reação impessoal, o leitor se mantém distante do texto, já que não há nenhuma identificação com as memórias apresentadas. Já na reação pessoal, há uma conexão do leitor com o texto porque as memórias ali encontradas desencadeiam a lembrança de suas próprias memórias, sejam elas sobre a infância, a migração ou o deslocamento. Nesse sentido, a narrativa de Ishiguro permite que o leitor participe do processo de lembrança do passado, junto com o protagonista. Em outras palavras, a sua ficção proporciona ao leitor a oportunidade de relacionar as suas próprias experiências com as experiências descritas pelas suas personagens. Esse processo envolve não só as lembranças individuais, mas também, as coletivas, como por exemplo, as experiências vividas na Segunda Guerra Mundial.

A obra *Não me abandone jamais* aborda dois aspectos da memória: o lembrar e o esquecer. Se por um lado a sociedade inglesa do final dos anos 90 se esforça para esquecer que os órgãos disponíveis para doação advêm de clones, do outro, os próprios clones tentam se agarrar às suas memórias para lutar pelo controle de suas vidas. O trecho a seguir demonstra

neurological or philosophical viewpoint, but as this tool by which people tell themselves things about the lives they've led and about who they've become. (TEO, 2014, p.7)

como a clonagem foi instaurada naquela sociedade como uma forma de cura para doenças até então incuráveis:

(...) Depois da guerra, no início dos anos 50, quando a ciência avançava muito rapidamente e as descobertas se sucediam em ritmo vertiginoso, não sobrava muito tempo para fazer uma avaliação, para fazer as perguntas sensatas. De repente lá estavam todas aquelas novas possibilidades à disposição, todas aquelas novas formas de cura para tantas doenças até então incuráveis. Foi nisso que o mundo reparou, era o que o mundo mais queria. E durante muito tempo as pessoas preferiam acreditar que esses órgãos surgiam do nada ou, no máximo, que cresciam numa espécie de vácuo. Sim, *havia* debates. Mas até o cidadão comum se preocupar com... com os *alunos*, até chegar a considerar a forma como vocês eram criados, e se vocês deveriam realmente ser trazidos à luz, bem, até lá já era tarde demais. Não havia como reverter o processo. Como é que você pode pedir a um mundo que passou a olhar o câncer como moléstia curável, como você pode pedir a um mundo desses que recolha essa cura, que volte aos dias de trevas? Não havia mais volta. Por mais desconfortáveis que as pessoas se sentissem a respeito da existência de vocês, a preocupação suprema delas era que filhos, cônjuges, pais e amigos não morressem de câncer, de esclerose amiotrófica, de doenças do coração. Por esse motivo, durante algum tempo vocês foram mantidos nas sombras e as pessoas faziam o possível para não pensar no assunto. Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância.²⁰ (ISHIGURO, 2005, p.314. Grifo do autor.)

Apesar dos debates em torno da clonagem de seres humanos, a maioria preferia ignorar a origem dos órgãos, pois o que importava era a cura para as mais diversas doenças. No fundo, sabia-se que esses seres humanos criados em laboratório viviam em condições deploráveis até que todos os seus órgãos fossem extraídos. A obra mostra a escola especial para a educação de clones, Hailsham, na qual se acreditava que se eles tivessem uma criação humanizada, poderiam se tornar tão sensíveis e inteligentes como os seres humanos tidos como as matrizes. Essa escola os incentivava à prática da arte e da cultura, na esperança de que se tornassem pessoas plenas. Entretanto, essa ideia logo foi abandonada, pois assim como Ruth, Kathy e Tommy tentaram assumir o controle de suas vidas, outros clones também o fizeram. Dessa forma, Hailsham perdeu patrocinadores e o objetivo de oferecer uma boa formação aos

²⁰ After the war, in the early fifties, when the great breakthroughs in science followed one after the other so rapidly, there wasn't time to take stock, to ask the sensible questions. Suddenly there were all these new possibilities laid before us, all these ways to cure so many previously incurable conditions. This was what the world noticed the most, wanted the most. And for a long time, people preferred to believe these organs appeared from from nowhere, or at most that they grew in a kind of vacuum. Yes, there *were* arguments. But by the time people became concerned about... about *students*, by the time they came to consider just how you were reared, whether you should have been brought into existence at all, well by then it was too late. There was no way to reverse the process. How can you ask a world that has come to regard cancer as curable, how can you ask such a world to put away that cure, to go back to the dark days? There was no going back. However, uncomfortable people were about your existence, their overwhelming concern was that their own children, their spouses, their parents, their friends, did not die from cancer, motor neurone disease, heart disease. So, for a long time, you were kept in the shadows, and people did their best not to think about you. And if they did, they tried to convince themselves you weren't really like us. That you were less than human, so it didn't matter. (ISHIGURO, 2006, p.257-258)

clones caiu por terra, pois se eles se rebelassem, tudo estaria perdido. A sociedade voltou a adotar condições precárias para a criação de seus clones, pois o que importava era a cura que seus órgãos vitais possibilitavam. Os clones eram vistos como menos humanos e um mal necessário para que os cidadãos pudessem escapar da doença e da morte. Dessa forma, todos os professores e guardiões em Hailsham eram orientados a não criar vínculos com as crianças clones, pois seria mais fácil se separar delas assim. Adicionalmente, a maneira como Kazuo Ishiguro lida com a clonagem assombra seu o leitor, já que isso é posto como uma prática socialmente aceitável, na qual clones crescem isolados do mundo e são convencidos de que ser um doador os tornava especiais porque prestavam um serviço à humanidade. Os professores eram incumbidos de manter a ilusão dos clones, e caso algum deles quisesse alertar os alunos sobre a possibilidade de evitar a doação e viver como seres humanos normais, era imediatamente afastado de suas funções. Miss Lucy, uma das professoras, não se conteve e tentou alertar os clones, conforme podemos verificar no trecho abaixo:

“Se ninguém mais quer conversar com vocês”, ela continuou, “então converse eu. O problema, eu acho, é que contaram e não contaram para vocês. Contaram, mas nenhum de vocês entendeu de fato, e eu diria que houve quem se desse por satisfeito com essa situação. Mas eu não. Se vocês querem ter uma vida decente, então é preciso que saibam, e que saibam direitinho. Nenhum de vocês irá para os Estados Unidos, nenhum de vocês será ator de cinema. E nenhum de vocês irá trabalhar em supermercados, como ouvi alguns planejando outro dia. Suas vidas já foram mapeadas. Vocês se tornarão adultos e, antes de ficarem velhos, antes mesmo de entrarem na meia-idade, começarão a doar órgãos vitais. Foi para isso que todos vocês foram criados. Vocês não são como os atores que vêem nos vídeos, não são nem mesmo como eu. Vocês foram trazidos a este mundo com um fim, e o futuro de vocês, de todos vocês, já está decidido.”²¹ (ISHIGURO, 2005, p.102-103. Grifo nosso.)

Essa fala revela que os clones sabiam claramente que seu destino já estava traçado e que não haveria a possibilidade de uma vida adulta e plena, da terceira idade e de uma morte natural. Mesmo assim, eles não reagem, permanecendo passivos e resignados ao cumprimento de seu destino, talvez por não terem entendido de imediato o que aquela fala significava de fato. Vale lembrar que Miss Lucy foi dispensada de sua função como professora em Hailsham, já que sua atitude representou um risco para os interesses daquela sociedade. De acordo com John

²¹ “If no one else will talk to you,” she continued, “then I will. The problem, as I see it, is that you’ve been told and not told. You’ve been told, but none of you really understand, and I dare say, some people are quite happy to leave it that way. But I’m not. If you’re going to have decent lives, then you’ve got to know and know properly. None of you will go to America, none of you will be film stars. And none of you will be working in supermarkets as I heard some of you planning the other day. Your lives are set out for you. You’ll become adults, then before you’re old, before you’re even middle-aged, you’ll start to donate your vital organs. That’s what each of you was created to do. You’re not like the actors you watch on your videos, you’re not even like me. You were brought into this world for a purpose, and your futures, all of them, have been decided. (ISHIGURO, 2006, p.79-80)

Freeman (2005), “Ishiguro afirma que usou a premissa de seu livro como uma ‘metáfora para a maneira como vivemos’. (...) A expectativa normal de vida é de sessenta a oitenta e cinco anos; essas pessoas (em *Não me abandone jamais*) tem esse período artificialmente diminuído. Porém, elas basicamente vivenciam as mesmas questões que todos nós vivenciamos em nossas vidas.” (Tradução nossa.)²² Assim, podemos perceber que a passividade dos clones representa a nossa impossibilidade de mudar o nosso destino com relação à morte. Todos temos uma única certeza ao nascer: de que um dia teremos de partir. Da mesma forma, os clones não poderiam mudar seu destino. Entretanto, mesmo vivendo um curto espaço de tempo, vivenciaram o amor, a amizade, a perda, a saudade, a frustração e outras experiências que todos nós vivemos em nossas existências. Essa ‘passividade’ é uma metáfora para a nossa impotência perante a morte.

Outro aspecto importante é a paisagem da Inglaterra, a qual é descrita como se fosse assombrada pelos fantasmas dos clones que ali morreram, após a extração de seus órgãos vitais. Em outras palavras, a vastidão e o vazio das paisagens inglesas de *Não me abandone jamais* lembram o silêncio dos campos de concentração abandonados pelos alemães após a Segunda Guerra Mundial. Apesar da calma e imensidão, há a sensação de que aqueles que ali pereceram não tiveram a chance de contar o que lhes aconteceu, mas gostariam de fazê-lo. Isso nos remete ao texto de Giorgio Agamben (2008), intitulado *O que resta de Auschwitz*, o qual não se refere às ruínas do campo de concentração, mas sim aos depoimentos dos sobreviventes que tiveram a oportunidade de narrar e trazer à tona as experiências desumanas, vividas pelas vítimas do holocausto. Assim, como Primo Levi, um sobrevivente de Auschwitz, o qual conta sua história sem fazer julgamentos, Kathy H., a última dos três jovens clones a completar, narra as suas experiências e, no final da obra, contempla os vastos campos desertos da Inglaterra.

Apesar da sociedade inglesa na obra *Never let me go* se esforçar para esquecer a existência dos clones, seu testemunho perdura através da memória coletiva daqueles que ainda vivem. Esse é o caso do relato da personagem clone Kathy, a qual compartilha suas memórias de infância em Hailsham até a maturidade e o fim da sua existência ao completar a última doação. Nesse sentido, até os órgãos que foram doados a partir desses clones servem como testemunho da sua experiência de vida. Além disso, os protagonistas de Kazuo Ishiguro geralmente estão envoltos pela sensação de perda, arrependimento e nostalgia. Segundo Wong (2005), em *Never let me go*, as personagens se veem sozinhas no mundo e buscam recuperar algo perdido. A busca pela liberação de seus destinos previamente traçados e uma vida plena não é alcançada, já que

²² (...) Ishiguro says he used the books premise as a “metaphor for how we all live”. (...) A normal life span is between sixty to eighty-five years; these people [in *Never Let Me Go*] artificially have that period shortened. But basically they face the same questions we all face. (FREEMAN, 2005. In: SHAFFER & WONG, 2008, p.197)

toda a esperança que o jovem casal de clones possuía quanto a uma possível exceção mediante ao seu amor fora destruída pelas duras palavras de Miss Emily:

(...) Tommy então disse:
 “Quer dizer que não existe a menor possibilidade de nada. Nada de adiamento, nada de nada.”
 “Tommy”, sussurrei, olhando feio para ele. Miss Emily porém interveio com delicadeza:
 “Não, Tommy. Não há nada de nada. A sua vida deve agora seguir o curso que foi estabelecido para ela.”
 “Quer dizer então que o que a senhora está dizendo, Miss, é que tudo que nós fizemos, todas as aulas, tudo. Tudo girou em torno disso que acabou de nos contar? Nunca houve mais nada a não ser isso?”
 “Percebo agora”, disse Miss Emily, “que talvez você fique com a impressão de que foram meros joguetes. Sem dúvida que sim. Mas pensem um pouco. Vocês foram joguetes de sorte. Na época reinava um certo clima que não existe mais. Vocês precisam aceitar que às vezes é assim que as coisas se desenrolam neste mundo. As opiniões, os sentimentos, uma hora pendem para cá, outra hora para lá. Vocês calharam de crescer durante um determinado período desse processo.”
 “Pode até ser que tenha sido uma tendência que veio e se foi”, disse eu. “Mas, para nós, é a nossa vida.”²³ (ISHIGURO, 2005, p.318)

A frustração do jovem casal de clones, Tommy e Kathy, foi muito grande ao descobrirem que não havia e nunca houve a possibilidade de um adiamento das doações para casais de Hailsham. Miss Emily foi clara e objetiva ao explicar que o destino do casal deveria ser cumprido, sem exceções. Além disso, tudo não passara de um boato sem fundamento:

(...) “O que queremos saber agora, Miss Emily, é se esse boato é verdade ou não.”
 (...) “Você vai e elimina o boato na fonte, mas não consegue impedir que brote num outro lugar. Depois que cheguei a essa conclusão, não me preocupei mais. Já a Marie-Claude nunca se incomodou com o assunto. A opinião dela era a seguinte: ‘Se eles são tolos a ponto de acreditar nisso, então que acreditem’.
 (...) E, apesar da decepção de uns poucos casais, a grande maioria nunca chega a pôr o boato à prova. Para eles, trata-se de um sonho, de uma fantasia. Que mal há nisso? Entretanto, no caso de vocês dois, vejo que essa teoria não se aplica. Vocês falam sério. Pensaram no assunto com muito cuidado. Nutriram *esperanças* com muito cuidado. Por alunos como vocês, eu sinto remorso. Não

²³ (...) Then Tommy said:

“So there’s definitely nothing. No deferral, nothing like that.”

“Tommy,” I murmured, and glared at him. But Miss Emily said gently:

“No, Tommy. There’s nothing like that. Your life must now run the course that’s been set for it.”

“So, what you’re saying, Miss,” Tommy said, “is that everything we did, all the lessons, everything. It was all about what you just told us? There was nothing more to it than that?”

“I can see,” Miss Emily said, “that it might look as though you were simply pawns in a game. It can certainly be looked at like that. But think of it. You were lucky pawns. There was a certain climate and now it’s gone. You have to accept that sometimes that’s how things happen in this world. People’s opinions, their feelings, they go one way, then the other. It just so happens you grew up at a certain point in this process.”

“It might be just some trend that came and went,” I said. “But for us, it’s our life.” (ISHIGURO, 2006, p.261)

me dá o menor prazer ter de decepcioná-los. Mas eis aí.”²⁴ (ISHIGURO, 2005, p.308. Grifo do autor.)

Por que Ishiguro colocou a palavra ‘esperanças’ em itálico? Talvez para demonstrar a esperança dos clones em se livrar do destino que os esperava. Tudo não passara de esperanças, de um sonho, como disse Miss Emily, pois apesar da certeza do casal sobre os seus sentimentos, as suas esperanças estavam pautadas em um boato, o qual poderia ser verdadeiro ou não. Na busca da realização desse sonho e a confirmação de suas esperanças, Tommy e Kathy decidem encontrar a ex-diretora de Hailsham, a única que poderia lhes dar uma resposta concreta. Entretanto, mesmo sabedores de que havia a possibilidade de que tal boato não fosse verdadeiro, eles se arriscaram, pois a esperança de uma confirmação positiva lhes deu a força de que precisavam para ir até o fim.

Miss Emily revelou que as esperanças dos clones em poder escolher seu destino e evitar as doações para viver suas vidas era apenas um boato que surgira em Hailsham há muito tempo. Ela já tinha visto outros casais antes, mas nenhum havia decidido evitar o cumprimento de seus destinos em nome da sua união. Kathy e Tommy estavam realmente apaixonados e já haviam decidido ficar juntos. Miss Emily sentia remorso por não ter impedido que essa ilusão se mantivesse por tanto tempo, pois como ela mesma explicou, não havia mal no fato dos clones terem fantasias. Entretanto, ela não esperava que haveria um casal tão determinado quanto Kathy e Tommy. A decepção foi grande, tanto para o casal, quanto para Miss Emily e, mais uma vez, percebemos como Ishiguro trabalha a questão da ética na sua narrativa, pois ao permitir que o boato de que casais poderiam evitar a doação de órgãos para viver sua união, Miss Emily contribuiu para a propagação de uma ideia que ela sabia jamais se tornar possível.

Ainda segundo Wong (2005), Ishiguro revela os traumas de suas personagens de forma clara, a fim de que o seu leitor se coloque no lugar delas. Assim, o leitor acompanha o drama vivido pelos três jovens clones através das memórias e experiências narradas pela protagonista Kathy. Além disso, segundo o próprio autor, em entrevista para Nermeen Shaikh²⁵, publicada no site da *Asia Society* (2000):

²⁴ (...) “What we want to know, Miss Emily, is if the rumour’s true or not.”

(...) “You go to the source, stamp it out, you’ll not stop it starting again elsewhere. I came to this conclusion and ceased to worry about it. Marie-Claude never did worry about it. Her view was: ‘if they’re so foolish, let them believe it. (...) And for the few couples who get disappointed, the rest will never put it to the test anyway. It’s something for them to dream about, a little fantasy. What harm is there? But for the two of you, I can see this doesn’t apply. You are serious. You’ve thought carefully. You’ve *hoped* carefully. For students like you, I do feel regret. It gives me no pleasure at all to disappoint you. But there it is.” (ISHIGURO, 2006, p.253)

²⁵ Nermeen Shaikh é escritora, jornalista, produtora e co-apresentadora do programa *Democracy Now!* Anteriormente, ela trabalhou para *Asia Society*, uma organização educacional sem fins lucrativos.

Bem, meus romances geralmente terminam com um tipo de acomodação parcial por parte daquele que narra as coisas dolorosas que ele ou ela acabou aceitando, mas que não aceitava anteriormente. Mas ainda há um traço de autoengano ou alguma coisa que ficou, suficiente apenas para sobreviver, porque uma das coisas tristes da vida é que ela é bem curta. Se você cometer erros demais, provavelmente não haverá tempo para começar de novo.²⁶ (ISHIGURO, 2000. Disponível em: < <https://asiasociety.org/kazuo-ishigueros-interior-worlds>> Acesso em 27/05/2022. Tradução nossa.)

A vida é muito curta para cometermos erros e termos a oportunidade de recomeçar. Da mesma forma, os jovens clones não terão a chance de viver suas vidas de forma plena, como jamais viveram, pois, sua breve existência objetivava somente “abastecer a ciência médica”. (ISHIGURO, 2005, p.312). Outro aspecto do livro que confirma a fala do escritor é a aceitação, pois mesmo depois de uma tentativa de mudança para tal destino, as personagens se conformam ou tentam aceitar, como em um autoengano. Entretanto, parece que algo permanece escondido em seus semblantes e corações, algo que não foi bem resolvido. Talvez algo que elas almejavam que fosse diferente, mas não foi. As memórias de Kathy sobre a infância é uma tentativa de compreender a base de seu isolamento na fase adulta. Ao visitar as lembranças da infância, todos os clones descobrem que suas vidas estão longe de ser normal ou atender aos padrões convencionais de uma sociedade. Na verdade, os jovens clones descobrem que sua vida foi planejada e conduzida por adultos desde que foram criados. E apesar de terem sido preparados durante sua infância e juventude para acreditar que aquele estilo de vida era o normal e o convencional para aquela sociedade, eles acabaram descobrindo que eram os únicos que levavam uma vida isolada da sociedade, sendo sempre vigiados e preparados psicologicamente para doarem seus órgãos e isso nada tinha de convencional e comum. E aí há uma característica de outros protagonistas nas narrativas de Ishiguro: ao contar suas histórias, confrontam a verdade desconcertante, até reagem no início, mas então acabam aceitando seu destino, já que não há o que fazer.

Além disso, a maneira como o romance *Never let me go* traz à tona o conceito de clone humano sugere uma diferença entre o tratamento que deve ser dado aos humanos e aos clones, resvalando assim em questões éticas. A narrativa explica que outras vidas estão preparadas para atender quem possa pagar pelos órgãos vitais advindos de clones que se tornaram adultos e realizam as doações antes de envelhecer. Os clones foram criados e trazidos

²⁶ Well, my novels usually end with kind of a partial accommodation on the part of the narrator of the painful things he or she has come to accept, that he or she couldn't accept earlier on. But usually there's still an element of self-deception or something left there, just enough to survive, because one of the sad things about people's lives is that they are rather short. If you make a hash of it, often there isn't time for another go. (ISHIGURO, 2000. Disponível em: < <https://asiasociety.org/kazuo-ishigueros-interior-worlds>> Acesso em 27/05/2022.)

ao mundo para cumprir esse fim, através de um futuro previamente definido. Foi através do novo uso da tecnologia como a clonagem, que a narrativa de Ishiguro examinou as implicações bioéticas no desenvolvimento de clones como uma espécie bem definida para servir os humanos. Nesse sentido, eles são vistos como meros corpos ou vidas que poderiam ser mortas através de normas sociais legais e isentas de punição. A crítica teve dificuldade em classificar esse romance, uma vez que ela apresenta morte e ciência na forma de clones. Assim, os críticos a registraram como gênero afim da ficção científica. Outros acharam que havia uma confusão com relação ao gênero de *Never let me go*, preferindo se referir a ela como uma ficção científica cujo final não é feliz. Nós a consideramos ficção científica devido ao elemento científico na obra. Muitos outros críticos e revisores a consideraram uma obra desoladora e se referiram a ela como os legados do século XX, a partir de uma subjugação autoritária e moderna. E, finalmente, se referiram a ela como ‘literatura distópica’. Entretanto, Ishiguro não se preocupa com o gênero quando escreve suas narrativas, pois segundo ele, utiliza-se de uma forma completamente diferente, partindo sempre das ideias. Além disso, o autor explora a forma como a memória pode ser usada para determinado propósito, o qual, em *Não me abandone jamais*, seria o de refletir sobre a vida e a impotência humana perante a morte.

A caracterização da personagem Kathy, seu romance com Tommy e a amizade com Ruth aproxima o leitor dos valores humanos da narrativa. Alguns leitores veem o trabalho de Ishiguro como uma mistura de literatura romântica e abolicionista. Há a premissa distópica de se criar clones legalmente para que a sociedade possa se beneficiar de seus órgãos até que sucumbam. Assim, como qualquer escritor abolicionista, Ishiguro demonstra que a humanidade pode ser reconhecida pelas autoridades legislativas, ou por reconhecimento social genuíno. É dessa forma que o autor propõe o elemento da individualidade humana, fazendo da indiferença um indicador para a alma. Nessa linha de pensamento, a obra surpreende o leitor através da descoberta de que os clones são humanos, têm sentimentos e agem como humanos.

Outro aspecto que vale ser mencionado é o fato de que Ishiguro não deixa de lado o potencial ético das obras de arte, pois, ao invés disso, torna a ética o seu foco, oferecendo uma abordagem diferente da arte e empatia, as quais se apoiam no reconhecimento do inumano. Segundo BLACK (2009),

Como uma alternativa aos modos humanistas de representação, o estilo inumano de Ishiguro sugere que somente quando reconhecermos o que é mecânico, fabricado e copiado em nós mesmos – em um sentido tradicional, não completamente humano – escaparemos das barbaridades cometidas em nome da preservação da vida puramente humana. *Never let me go* sugere que se deve haver qualquer conexão empática com os protagonistas de Ishiguro, ela ocorrerá através da percepção liberal e consoladora de que clones são

humanos, assim como nós. Ela se desenvolverá através da percepção mais sombria de que a arte, juntamente com a empatia que ela provoca, precisa escapar do conceito tradicional de humano. Assim, o romance exige o que soa como uma contradição em termos: uma estética empática com o inumano, a qual abraça os elementos mecânico, o mercantilizado, e replicado da personalidade. Enquanto o inumano é frequentemente usado como um sinônimo para cruel ou antiético, o romance de Ishiguro sugere exatamente o oposto. Como sua estética de réplica nos permite simpatizar com os outros sem recurso para tais ideias restritivas, *Never let me go* reinventa a empatia pela era do pós-humanismo.²⁷ (BLACK, 2009, p.786. Tradução nossa.)

Assim sendo, o suposto ‘monstro’ deixa de parecer cruel e passa a parecer humano, assim como nós. O leitor é levado a simpatizar-se com os protagonistas, os quais na sociedade distópica do final dos anos 90, na Inglaterra, eram vistos como não-humanos e, portanto, deveriam viver escondidos ou em condições deploráveis, até que completassem. A narrativa nos mostra que apesar de haver debates em torno da criação de clones, palavra que o autor substitui por ‘alunos’ e destaca em itálico, a sociedade não recua mediante a possibilidade de obter a cura para doenças que, até então, eram incuráveis. Apesar da ciência estar criando seres humanos em laboratório para extrair seus órgãos vitais, os mais abastados não se perguntavam se isso era certo ou errado, pois o importante, era sobreviver e salvar suas vidas e a dos seus entes queridos. Diante de um questionamento ético, muitos preferiram acreditar que esses clones eram menos humanos e, assim como animais de laboratório, poderiam ser sacrificados em nome da cura de doenças graves. As palavras de Madame Marie-Claude ilustram essa nova realidade científica, na qual a maioria fechava os olhos para a origem daqueles órgãos, pois o importante é que a cura poderia ser alcançada:

(...) “Enxerguei um novo mundo chegando muito rápido. Mais científico, mas eficiente, é verdade. Mais curas para as velhas doenças. Muito bem. Mas um mundo duro, um mundo cruel. E vi uma menina novinha, de olhos bem fechados, segurando no colo o mundo antigo e bom de antes, o mundo que ela sabia, lá no fundo, que não poderia continuar existindo, e ela segurando esse mundo no colo e pedindo para ele não deixá-la partir. (...) Pobres criaturas. Quem me dera poder ajudar. Mas agora vocês estão por conta própria.”²⁸ (ISHIGURO, 2005, p.324-325. Grifo nosso.)

²⁷ As an alternative to humanist modes of representation, Ishiguro’s inhuman style suggests that only by recognizing what in ourselves is mechanical, manufactured, and replicated – in a traditional sense, not fully human – will we escape the barbarities committed in the name of preserving purely human life. *Never Let Me Go* implies that if there is to be any empathetic connection with Ishiguro’s protagonists, it will not occur through the consoling liberal realization that clones are humans, just like us. It will evolve through the darker realization that art, along with the empathy it provokes, needs to escape the traditional concept of the human. The novel thus calls for what seems like a contradiction in terms: an empathetic inhuman aesthetics that embraces the mechanical, commodified, and replicated elements of personhood. While inhuman is often used as a synonym for cruel or unethical, Ishiguro’s novel suggests exactly the reverse. As its aesthetics of replication allows us to sympathize with others without recourse to such constraining ideals, *Never Let Me Go* reinvents empathy for a posthumanist age. (BLACK, 2009, p.786)

²⁸ (...) “I saw a new world coming rapidly. More scientific, efficient, yes. More cures for the old sicknesses. Very good. But a harsh, cruel world. And I saw a little girl, her eyes tightly closed, holding her breast the old kind world,

Madame Marie-Claude se emocionou ao ver Kathy, embalada pela canção *Never let me go*, pois na verdade, parecia que a menina pressentia que aquele mundo onde vivia a deixaria partir. Hailsham era a única realidade que Kathy conhecia, mas mesmo assim, ela se sentia protegida entre aqueles muros, convivendo com os seus colegas de classe, seguindo a rotina e cumprindo todas as atividades propostas. Esse mundo, porém, lhe propunha uma vida mais curta do que a das outras pessoas ditas ‘normais’, e como uma intuição, Kathy cantarolava a canção e pedia para que o mundo não a deixasse partir, como se estivesse antecipando sua tentativa de adiamento das doações futuras.

Ainda segundo BLACK (2009):

Never Let Me Go traz à tona problemas que surgem quando a arte se torna uma força ideológica governante. Para profissionalizar os seus alunos, Hailsham constrói uma cerca elétrica virtual através da ênfase na produção artística. Desde tenra idade, os guardiões encorajam seus alunos a desenvolverem sua “criatividade” através da poesia, da pintura e da escultura. O trabalho dos alunos circula no interior de Hailsham em “Permutas”, nas quais os alunos compram o trabalho de seus colegas de classe para decorarem suas camas e completar suas “coleções”. Os trabalhos excepcionalmente bons são levados por uma mulher conhecida somente como Madame, a qual diziam que mantinha uma galeria, cheia de trabalhos extraordinários, produzidos por alunos. Embora os alunos não saibam o porquê de a arte criativa ser tão valorizada, eles escutam rumores de que a arte revela suas almas, e eventualmente, eles passam a acreditar que essa evidência de suas vidas interiores pode permitir que posterguem o início de suas doações.²⁹ (BLACK, 2009, p.793-794. Tradução nossa.)

A arte era utilizada pelas diretoras do colégio como uma tentativa de provar que os clones tinham sentimentos, eram capazes de criar e, portanto, tinham alma. A narrativa deixa claro que Hailsham era uma exceção, pois em outros lugares, os clones viviam em condições desumanas. As obras produzidas pelos alunos visavam provar que eles não eram simplesmente corpos vazios, mas sim seres humanos como o restante da sociedade. Dessa forma, deveriam viver com dignidade até serem adultos e iniciarem suas doações. Essa teoria, a qual, segundo Black (2009), ressoava uma relação romântica entre arte e atitude ética, foi capaz de manter

one that she knew in her heart could not remain, and she was holding it and pleading, never to let her go. (...) Poor creatures. I wish I could help you. But now you're by yourselves.” (ISHIGURO, 2006, p.267)

²⁹ *Never Let Me Go* illuminates the problems that arise when art becomes a governing ideological force. To professionalize its students, Hailsham builds a virtual electric fence through an emphasis on artistic production. From an early age, the guardians encourage their students to develop their “creativity” through poetry, painting, and sculpture (22). Student work circulates within Hailsham at the “Exchanges”, where students buy the work of their classmates to decorate their beds and fill out their “collections” (16). Exceptionally good work is appropriated by a woman known only as Madame, who is said to run a Gallery filled with outstanding student art. Although the student do not know why creative art is so highly valued, they hear rumors that their art reveals their souls, and eventually they come to believe that this evidence of their inner lives may allow them deferrals before beginning their donations. (BLACK, 2009, p.793-794)

Hailsham por muitos anos. Entretanto, ao invés de se solidarizar com a causa de Madame e Miss Emily, a sociedade se sentiu ameaçada pela demonstração de talento dos clones, já que se a ideia de que tinham alma se confirmasse de fato, eles seriam considerados seres humanos como qualquer outro. Isso significaria que eles teriam direito à vida, evidenciando o risco de que essas doações se tornassem proibidas e que tudo voltasse a ser como antes, isto é, não haveria a possibilidade de se evitar a morte por doenças incuráveis.

Por outro lado, estariam Madame e Miss Emily realmente interessadas na extinção das doações, ou seria uma maneira de treinar os clones para seu destino? Segundo Black (2009), havia uma intenção oculta, cuidadosamente trabalhada por Ishiguro através do jogo de palavras, pois se considerarmos a frequência em que as permutas eram feitas, isto é, quatro vezes ao ano, notaremos que, no fundo, elas simbolizavam o número de doações que cada clone faria. Assim, Hailsham estava preparando seus alunos psicologicamente para que doassem suas obras em troca vales-permuta. Na verdade, essas obras retratavam o interior de cada um, isto é, seu “eu” interior³⁰ e, assim, ao “venderem” suas obras, estavam simulando uma doação de algo interior, isto é, um órgão. As “Permutas” eram na verdade, uma forma de acostumar os alunos a doarem algo de seu íntimo. Adicionalmente, essa troca de trabalhos tornava os alunos dependentes uns dos outros, pois aqueles trabalhos eram tudo o que poderiam acumular em suas coleções pessoais, consideradas como tesouros. Segundo as palavras da personagem Kathy H.:

É melhor eu explicar um pouco a respeito dessas nossas Permutas em Hailsham. Quatro vezes por ano – primavera, verão, outono e inverno – realizávamos uma espécie de grande exposição-com-vendas de tudo quanto tivéssemos criado nos três meses seguintes à Permuta anterior. Pinturas, desenhos, cerâmicas; tudo quanto é tipo de “escultura” feita com qualquer que fosse a grande febre do momento – latas amassadas, talvez, ou tampinhas de garrafa grudadas em cartolina. Para cada contribuição recebíamos um certo número de Vales-Permuta – os guardiões decidiam quantos uma determinada obra-prima merecia – e depois, no dia, você comparecia com os vales e “comprava” as coisas de que gostava. A regra era que só era permitido adquirir trabalhos feitos pelos alunos do próprio ano da gente, mas ainda assim tínhamos um amplo leque de opções, já que a maioria de nós conseguia ser de uma fecundidade extraordinária em três meses.

Olhando em retrospecto, entendo por que as Permutas se tornaram tão importantes para nós. Para começo de conversa, e excetuados os Bazares – mas sobre isso, que é uma outra história, volto a falar mais tarde –, as Permutas eram o único meio de formarmos nossas coleções particulares. Se você por exemplo quisesse decorar as paredes em volta de sua cama, ou se estivesse atrás de alguma coisa para carregar na sacola e colocar sobre a carteira em cada sala de aula, uma Permuta era o lugar certo para encontrar o objeto procurado. Agora também entendo o efeito mais sutil que as Permutas exerciam sobre todos nós. Pensando um pouco melhor a respeito, o fato de dependermos uns dos outros para a produção daquilo que poderia se tornar o seu ou o meu tesouro particular

³⁰ inner selves (BLACK, 2009, p.794)

– é claro que isso influenciava os relacionamentos.³¹ (ISHIGURO, 2005, p.24-25)

Kathy deixa clara a importância das permutas, pois ao trocarem suas obras, fruto de seu maior esforço e criatividade, eles passavam a confiar algo valioso mutuamente. Isso fortalecia seus laços e lhes dava a sensação de comunidade. Dessa forma, se sentiam dependentes uns dos outros, agindo sempre em grupo e jamais individualmente. Esse sentimento garantia que eles nunca imaginassem suas vidas fora daquele sistema, pois a dependência impedia que agissem por si mesmos. Além disso, ao invés de perseguir um objetivo individual, os alunos-clones eram mantidos sob controle para caminhar passivamente até seu destino. Adicionalmente, há outro aspecto a considerar: o respeito era conquistado através da criatividade, pois segundo as palavras de Kathy: “A história de Tommy era bem típica. Na maior parte do tempo, tanto a maneira como a pessoa era vista em Hailsham como o grau de apreço e respeito que lhe dedicavam tinham relação direta com o quanto você era bom em “criar.” (ISHIGURO, 2005, p.25). Nesse trecho, Kathy explica a importância da criatividade, pois se a capacidade de criar revelava características humanas, a falta dela significava que o aluno era preguiçoso e não merecia respeito. Assim, as permutas demonstravam o valor de cada um naquele grupo e os preparava para demonstrar o seu valor na sociedade posteriormente, através das doações. Finalmente, mencionamos o que talvez seja o aspecto mais cruel das permutas: a doação de algo produzido a partir do “eu” interior de cada um como uma preparação para a doação de um órgão sem retorno algum, pois nenhum dos clones receberia um órgão em troca daquele que doou.

Além das permutas, havia bazares, nos quais os alunos tinham a oportunidade de comprar, através de seus vales-permuta, objetos vindos de fora de Hailsham. Kathy narra a chegada das caixas com doações como um acontecimento muito esperado. Segundo ela,

³¹ I should explain a bit here about the Exchanges we had at Hailsham. Four times a year – spring, summer, autumn, winter – we had a kind of big exhibition-cum-sale of all the things we’d been creating in the three months since the last Exchange. Paintings, drawings, pottery; all sorts of “sculptures” made from whatever was the craze of the day – bashed-up cans, maybe, or bottle tops stuck onto cardboard. For each thing you put in, you were paid in Exchange Tokens – the guardians decided how many your particular masterpiece merited – and then on the day of the Exchange you went along with your tokens and “bought” the stuff you liked. The rule was you could only buy work done by students in your own year, but that still gave us plenty to choose from, since most of us could get pretty prolific over a three-month period.

Looking back now, I can see why the Exchanges became so important to us. For a start, they were our only means, aside from the Sales – the Sales were something else, which I’ll come to later – of building up a collection of personal possessions. If, say, you wanted to decorate the walls around your bed, or wanted something to carry around in your bag and place on your desk from room to room, then you could find it at the Exchange. I can see now, too, how the Exchanges had a more subtle effect on us all. If you think about it, being dependent on each other to produce the stuff that might become your private treasures – that’s bound to do things to your relationships. (ISHIGURO, 2006, p.15-16)

Uma vez por mês, quando o furgão branco apontava na longa ladeira, Hailsham inteira palpitava de emoção. Até o veículo estacionar no pátio já havia um bando esperando – sobretudo de alunos do Júnior, porque depois dos doze ou treze anos não pegava bem mostrar-se emocionado de modo tão óbvio. Mas a verdade é que todos estávamos.

(...) As caixas em geral chegavam abertas, de modo que dava para enxergar uma miscelânea de objetos na superfície, e, às vezes, ainda que não devessem, os homens nos deixavam remover alguns itens para dar uma olhada melhor. E era por esse motivo que até a hora do Bazar propriamente dito, mais ou menos uma semana depois da entrega, os boatos já corriam soltos – talvez sobre um certo abrigo de ginástica, talvez sobre um gravador de fita cassete –, e sempre que surgia algum problema era porque mais de um aluno tinha cismado com o mesmo objeto.³² (ISHIGURO, 2005, p.56 e 57)

Os alunos esperavam ansiosamente para que pudessem adquirir objetos vindos de fora de Hailsham, pois já que não podiam sair, a única forma de fazerem novas aquisições era através do bazar. Assim, a diferença entre as permutas e os bazares é que no primeiro, os alunos trocavam suas obras de arte, enquanto no segundo, eles adquiriam objetos variados. Entretanto, a ironia está no fato de que esses objetos não passavam de meras doações, isto é, tudo aquilo que a sociedade não queria mais era destinado ao colégio. Assim, ao invés de descarte, esses objetos se tornavam alvo de desejo e até disputas entre os alunos:

Exceto, como eu já disse, uma vez ou outra, quando as coisas escapavam ao controle e os alunos agarravam, puxavam e às vezes partiam para as vias de fato. Então os monitores ameaçavam fechar tudo, e Hailsham inteira tinha de enfrentar um sermão de Miss Emily na manhã seguinte, durante a assembleia.³³ (ISHIGURO, 2005, p.57)

A vontade de possuir algo diferente motivava os alunos a participar dos bazares. No entanto, esses objetos, como já dito, eram doações e, geralmente, estavam quebrados ou bem gastos. A ironia está no fato de que os alunos gastavam seus vales para comprar algo doado pelos cidadãos comuns. Em outras palavras, esse suposto comércio mascara uma exploração, pois no fundo, os alunos trocavam seus preciosos vales por algo irrisório, caracterizando assim, uma metáfora para as suas futuras doações. Ainda segundo Black (2009), essa relação desigual pode

³² Once every month, a big white van would come down that long road and you'd feel the excitement all through the house and grounds. By the time it pulled up in the courtyard there'd be a crowd waiting – mainly Juniors, because one you were past twelve or thirteen it wasn't the thing to be getting so obviously excited. But the truth was we all were.

(...) The boxes were often open at the top, so you'd catch glimpses of all kinds of things, and sometimes, though they weren't really supposed to, the men would let you move a few items about for a better look. And that was why, by the time of the actual Sale a week or so later, all sorts of rumours would be going around, maybe about a particular track suit or a music cassette, and if there was trouble, it was almost always because a few students had set their hearts on the same item. (ISHIGURO, 2006, p.41 e 42)

³³ (...) Except, as I say, every now and then, things would get out of hand, with students grabbing and tugging, sometimes fighting. Then the monitors would threaten to close the whole thing down, and we'd all of us have to face a talking to from Miss Emily at assembly the next morning. (ISHIGURO, 2006, p.42)

ilustrar as relações de exploração social do final do século XX e início do século XXI, isto é, parcelas menos privilegiadas da sociedade são exploradas por uma elite poderosa. Da mesma forma, os nomes seguidos por letras do alfabeto como Kathy H., Jenny B., Graham K., Amanda C., Carole H., Alexander J., Peter N., por exemplo, revelam que os clones não têm pais e, portanto, não têm sobrenomes ou nomes de família para herdar. Essa foi a maneira que Ishiguro utilizou para demonstrar o quanto os clones eram invisíveis naquela sociedade. Da mesma forma, essa invisibilidade poderia ser atribuída a cidadãos de qualquer raça em uma sociedade estrangeira, lembrando assim, os imigrantes que buscam uma vida melhor em outros países.

Segundo o crítico, professor e ensaísta americano Louis Menand (2005), as personagens em *Não me abandone jamais* simulam uma característica humana que não possuem, já que foram criados pela engenharia genética para replicar seres humanos. Dessa forma, a clonagem serviu como um mecanismo para que Ishiguro explorasse a ideia de seres humanos sendo criados como produtos de laboratório e programados para desenvolver habilidades pessoais. Nesse sentido, Louis Menand descreve Ishiguro como um romancista do simulacro, uma vez que suas personagens clones simulam uma imitação, ou cópia, de um ser humano matriz, ou como o próprio Menand disse, do ‘real’. O trecho a seguir ilustra bem essa ideia:

Existe algo de animatrônico, relacionado [às personagens de Ishiguro]. Elas são simuladoras de humanidade, figuras criadas para se passar como ‘reais’. A engenharia genética – a ideia de o ser humano como produto programado para absorver ‘habilidades pessoais’ – é um veículo perfeito para um escritor como Ishiguro.³⁴ (MENAND, 2005.)

Dessa forma, *Não me abandone jamais* é muito mais um convite à experimentação ética do que uma exposição ao realismo psicológico, pois ao trabalhar a questão da clonagem, Ishiguro simula a criação de seres humanos replicados geneticamente e utilizados como um produto que pode ser comercializado. Esses seres interagem como uma comunidade e aprendem desde cedo a dependerem uns dos outros. A personagem Kathy fala desse aprendizado, das frustrações, alegrias e sonhos para o futuro. Isso mostra como as réplicas mantêm a personalidade, buscam a identidade, amam e fazem planos para o futuro, assim como suas matrizes originárias.

A repetição é outra característica da narrativa, pois Kathy sempre menciona a sorte que tiveram de ter podido crescer em Hailsham. Como cuidadora, ela teve a oportunidade de acompanhar muitos clones nos processos cirúrgicos para a doação de seus órgãos e, enquanto os

³⁴ There is something animatronic about [Ishiguro’s characters]. They are simulators of humanness, figures engineered to pass as ‘real’. Genetic engineering – the idea of human beings as products programmed to pick up ‘personhood skills’ – is a perfect vehicle for a writer like Ishiguro. (MENAND, 2005. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2005/03/28/something-about-kathy>>.)

distraía de suas dores, ela contava sobre suas experiências em Hailsham, as quais lhes confortavam e despertavam um certo desejo de que aquelas fossem suas lembranças também. O trecho a seguir ilustra bem isso:

(...) Às vezes ele me fazia repetir vezes sem conta a mesma coisa; algo que eu mencionara no dia anterior voltava a ser alvo de perguntas, como se ele nunca tivesse escutado uma única palavra sobre o assunto. “Vocês tinham um pavilhão de esportes?” “Quem era seu guardião predileto?” De início, pensei que fosse apenas efeito dos remédios, mas depois me dei conta de que ele estava bem lúcido. Mais do que ouvir falar de Hailsham, ele queria se *lembrar* de Hailsham como se Hailsham tivesse pertencido a sua própria infância. Sabia que estava perto de concluir, de modo que me fazia descrever as coisas de forma que elas penetrassem de fato em sua lembrança. A intenção dele, talvez – durante as noites insones devido aos remédios, à dor e à exaustão –, era tornar indistintos os contornos que separavam as minhas memórias das suas. Só então compreendi, compreendi de fato, quanta sorte tivéramos – Tommy, Ruth, eu, na verdade todos nós.³⁵ (ISHIGURO, 2005, p.12. Grifo do autor.)

As palavras de Kathy sugerem que os clones que não cresceram em Hailsham não tinham nada de bom para se lembrar. A repetição das experiências de Kathy em Hailsham lhes trazia conforto e quanto mais ouviam, mais parecia que aquelas lembranças lhes pertenciam também. Esse foi mais um recurso que o autor utilizou, isto é, a importância que as lembranças tinham para os clones que nunca conheceram Hailsham. Em outras palavras, é através da memória que a jovem clone ‘derruba’ a matriz que a originou, pois o leitor não sabe nada sobre as matrizes originárias, mas sabe muito do que se passou nas vidas de Kathy, Tommy, Ruth e dos outros clones que viveram em Hailsham. Na verdade, a única história narrada se resume nas memórias de um clone narrador, o qual valoriza intensamente suas experiências em Hailsham, já que ali tivera a oportunidade de uma infância feliz.

Outro recurso utilizado por Ishiguro foi a intuição de Tommy sobre o seu destino fatal, pois ao se recusar a criar obras de arte para a galeria de Madame, ele intuitivamente se negava a participar do esquema em Hailsham para que os alunos trocassem suas obras de arte e, conseqüentemente, aos poucos, se acostumassem com a doação de algo que lhes importava, tornando-os assim, passivos às doações de órgãos. Além disso, ao desenhar animais imaginários, Tommy inconscientemente demonstra que tentar provar que tinha alma através de uma obra de

³⁵ Sometimes he’d make me say things over and over; things I’d told him only the day before, he’d ask about like I’d never told him. “Did you have a sports pavilion?” “Which guardian was your special favourite?” At first I thought this was just the drugs, but then I realized his mind was clear enough. What he wanted was not just to hear about Hailsham, but to *remember* Hailsham, just like it had been his own childhood. He knew he was close to completing and so that’s what he was doing: getting me to describe things to him, so they’d really sink in, so that maybe during those sleepless nights, with the drugs and the pain and the exhaustion, the line would blur between what were my memories and what were his. That was when I first understood, really understood, just how lucky we’d been – Tommy, Ruth, me, all the rest of us. (ISHIGURO, 2006, p.5-6)

arte era pura ilusão. Seus animais imaginários não tinham nada por dentro, isto é, não revelavam a existência de uma alma, mas sim o resultado de algo criado artificialmente, assim como os clones. Esse pensamento era contrário ao que era ensinado em Hailsham, pois todos os alunos que criavam boas obras de arte eram respeitados e dignos de ter seus trabalhos expostos na galeria de Madame Marie-Claude. Entretanto, ao se negar a desenhar, o personagem Tommy demonstra uma crítica ao pensamento destrutivo de que a humanidade esteja baseada na existência da alma. Em outras palavras, Ishiguro deixa implícita a sua oposição à exigência da prova de existência da alma para que o ser humano artificial seja respeitado como humano.

Outro aspecto relevante é o fato de que “as personagens vivem sob a sombra da morte”³⁶ (YEUNG, 2017, p.1), pois o leitor é convidado, desde o início da narrativa, através das memórias de Kathy, a conhecer o destino para o qual todos aqueles jovens clones haviam sido criados: a morte prematura. Segundo GROES & LEWIS (2011),

A ética da empatia apresentada por Ishiguro está diretamente relacionada à consciência pós-guerra. Diferente de Rushdie, por exemplo, cujas energias literárias e ênfase na novidade derivam de um espírito triunfante e pós-imperial, Ishiguro é o que os alemães chamam de *Nachkriegskind*: uma criança nascida em uma geração que vive, e escreve, na sombra da Segunda Guerra Mundial. Essa geração não teve um papel ativo – ou não fez nenhuma contribuição direta – para as atrocidades praticadas durante o conflito, mas ela luta para viver como os herdeiros daqueles eventos trágicos, os quais a moldaram através da experiência de seus pais.³⁷ (GROES & LEWIS, 2011, p.5-6. Tradução nossa).

Essa geração pós-guerra não viveu as atrocidades de uma guerra mundial, mas a lembrança da morte se faz presente na memória de seus pais. A fragilidade da vida ficou evidente através do genocídio nos campos de concentração. Seria Hailsham uma metáfora desses campos, já que todos que ali se encontravam só poderiam esperar a morte? Segundo Victor Sage³⁸ apud Groes & LEWIS (2011), sim, pois:

Never Let Me Go pode ser lido, como Sage sugere, como uma analogia da cultura escravagista americana, embora o romance também revê a lógica fascista que levou à defesa da eugenia e, conseqüentemente, a obscenidade dos campos de concentração. Ishiguro expressou sua preocupação com a decomposição da defesa à vida humana, concedidas aos civis em conflitos e genocídios recentes, os quais sugerem que seu trabalho é mais político do que

³⁶ “The characters live in the shadow of death.” (YEUNG, 2017, p.1)

³⁷ Ishiguro’s ethics of empathy are directly related to the post-war consciousness. Unlike Rushdie, say, whose literary energies and emphasis on ‘newness’ derive from a triumphant, post-imperial spirit, Ishiguro is what the Germans call a *Nachkriegskind*: a child born into a generation that lives, and writes, in the shadow of the Second World War. This generation had no active role in – or made no direct contribution to – the atrocities perpetrated during that conflict, but they struggle to live as the inheritors of those tragic events which shaped them through their parents’ experience. (GROES & LEWIS, 2011, p.5-6)

³⁸ Victor Sage é professor emérito de literatura inglesa na Escola de Literatura e Escrita Criativa, na Universidade da Ânglia Oriental, Inglaterra.

outras explicações poderiam sugerir (incluindo, por vezes, as suas próprias).³⁹ (GROES, 2011. p.6-7. Tradução nossa.)

Nesse sentido, nas entrelinhas, Ishiguro faz uma alusão aos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, nos quais seis milhões de judeus morreram, vitimados por uma teoria fascista, na qual acreditava que a raça branca era superior e, por isso, tinha o direito de exterminar a raça considerada inferior, devido ao fato de não possuírem as características genéticas puramente arianas. Isso caracteriza uma eugenia, isto é, uma seleção nas coletividades humanas. No caso da sociedade descrita em *Não me abandone jamais*, os clones eram considerados a raça inferior, a qual poderia legalmente ser sucumbida pelos seus opressores. Dessa forma, a morte era a única opção na vida daquelas crianças clones, as quais, ao final da quarta doação, completariam sua existência. Diferentemente dos campos de concentração, nos quais a morte era causada pela doença, fome, execução por tiros ou câmara de gás, após a saída de Hailsham, os clones seriam encaminhados para salas de cirurgia e, mais cedo ou mais tarde, também encontrariam seu destino fatal. À vista disso, Ishiguro joga luz sobre a história moderna e nos possibilita confrontar os limites da nossa própria humanidade. Afinal, vivemos em um mundo no qual a insensatez parece comandar as relações, causando conflitos cada vez mais graves. Como resgatar a dignidade humana em meio a essa crise mundial? Eis o projeto desse autor, isto é, “resgatar a possibilidade de dar significado e valor à vida humana”⁴⁰ (GROES & LEWIS, 2011, p.7. Tradução nossa.)

Ainda de acordo com Groes & Lewis (2011), a história vivida pelos jovens clones pode ser vista como uma crítica ao discurso científico, o qual apresenta explicações mecanicistas e materialistas para justificar suas decisões. Nesse sentido, a ficção científica de *Não me abandone jamais* propõe o resgate da humanidade, do ser humano em si, em um mundo cada vez mais tecnológico, frio e materialista.

Outro aspecto relevante sobre essa narrativa é a consciência da morte, característica exclusiva à espécie humana em relação aos animais. Segundo o filósofo alemão Martin Heidegger (2005), os animais simplesmente perecem, enquanto os seres humanos têm a noção da finitude de sua existência. Dessa forma, o conceito de mortalidade é uma exclusividade da raça humana, a qual sente a necessidade de evitá-la, ou pelo menos, adiá-la o máximo possível.

³⁹ *Never Let Me Go* can be read, as Sage suggests, as an analogy of American slave culture, whilst the novel also reworks the fascist logic that led to the advocacy of eugenics and, eventually, the obscenity of the concentration camps. Ishiguro has voiced his concern at the erosion of the protections accorded to civilians in recent conflicts and genocides, which suggests that his work is more political than some accounts (including, at times, his own) would suggest. (GROES & LEWIS, 2011, p.6-7)

⁴⁰ “to restore the possibility of giving meaning and value to human life.” (GROES & LEWIS, 2011, p.7)

Desde cedo, o ser humano convive com a morte. Entretanto, segundo Yeung (2017), as crianças vão desenvolvendo esse conceito durante seu crescimento, passando a ter um entendimento mais claro quando atingem a maturidade. É na fase adulta que a noção de finitude passa a incomodar o ser humano, levando-o a se preocupar cada vez mais com essa interrupção de sua existência. Yeung comenta esse aspecto em relação aos jovens clones em *Não me abandone jamais*:

Tanto a ‘sobriedade’ quanto a ‘seriedade’, com as quais os clones adultos ponderam sobre as doações, refletem e destacam a reação dos seres humanos com relação à mortalidade e o medo inconsciente que se torna mais profundo na mente conforme o conceito de morte vai se tornando mais maduro.⁴¹ (YEUNG, 2017, p.3. Tradução nossa.)

As crianças clones pareciam não compreender bem o que lhes aconteceria, mesmo quando Miss Lucy lhes revelou sobre o futuro delas de fato. Já os jovens adultos Kathy, Tommy e Ruth, procuraram Miss Emily e Madame Marie-Claude na esperança de que pudessem prolongar sua existência. O trecho a seguir mostra como apesar das preparações para as doações, as crianças clones não tinham a noção de sua curta existência:

Olhando em retrospecto, agora, percebo que estávamos bem naquela idade em que sabíamos algumas poucas coisas sobre nós mesmas – quem éramos, e que éramos diferentes dos nossos guardiões, das pessoas de fora – mas ainda não havíamos compreendido o que aquilo significava. (...) Porque no fundo não importa quão bem seus guardiões tentem prepará-lo: todas as conversas, todos os vídeos, debates, avisos, nada disso consegue, de fato, deixar as coisas bem claras, transparentes. Não quando você tem oito anos de idade e vive num lugar como Hailsham; não quando você tem guardiões como nós tínhamos; não quando os jardineiros e o pessoal das entregas brincam, riem e chamam você de “meu bem”.⁴² (ISHIGURO, 2005, p.49-50)

As crianças clones foram preparadas desde cedo para cumprir seu papel naquela sociedade: servir de fontes para órgãos vitais até que sua vida se extinguisse. Entretanto, a mente infantil não consegue conceber de fato o que isso realmente significava. Em outras palavras, a segurança entre os muros de Hailsham sugeria conforto e bons momentos entre colegas. As crianças sabiam que eram diferentes dos seus guardiões, professores e as outras pessoas de fora, mas o que esse “ser diferente” realmente significava? Isso parecia não estar claro na mente delas, pois sua imaturidade não permitia que percebessem o que de fato, estava reservado para elas.

⁴¹ The grown-up clones’ ‘sombreness and seriousness’ when they ponder the donations reflects and highlights human beings’ reaction toward mortality, the unconscious fear that sinks deep into the mind with maturation of the death concept. (YEUNG, 2017, p.3)

⁴² Thinking back now, I can see we were just at that age when we knew a few things about ourselves – about who we were, how we were different from our guardians, from the people outside – but hadn’t yet understood what any of it meant. (...) Because it doesn’t really matter how well your guardians try to prepare you: all the talks, videos, discussions, warning, none of that can really bring it home. Not when you’re eight years old, and you’re all together in a place like Hailsham; when you’ve got guardians like the ones we had; when the gardeners and the delivery men joke and laugh with you and call you “sweetheart”. (ISHIGURO, 2006, p.36)

Além disso, segundo Miss Lucy, havia um ato de contar e não contar entre todos os que lidavam com aquelas crianças. Se por um lado, elas eram preparadas para cumprir seus papéis ao deixar Hailsham, por outro, deveriam saber somente o necessário para que a revolta não tomasse conta de suas mentes. Além disso, devemos acrescentar que a passividade mediante seus próprios destinos foi a forma que Ishiguro utilizou para tornar suas personagens emocionalmente excêntricas. Isso é uma constante em suas obras e, por isso, apesar da explosão de emoções pelo jovem Tommy após saber que o adiamento das doações não seria possível, ele mesmo admite, dizendo para Kathy que no fundo, ele sempre soube. Entretanto, mesmo sabendo, ele nunca se revoltou de fato e acabou cumprindo seu destino sem resistência. Essa seria uma metáfora utilizada pelo autor para demonstrar a passividade do ser humano frente aos fatos da vida, isto é, o envelhecimento e a morte. Em outras palavras, as pessoas podem até se revoltar, mas no final, todas passarão pelo mesmo processo de vida. Nesse sentido, por mais que a sociedade submetesse seus clones a uma curta existência para que outras pessoas pudessem obter a cura ou adiar a data de sua morte, no final, todos continuavam sendo seres mortais.

Fechamos este capítulo com a ideia de que por mais que o foco de *Não me abandone jamais* pareça ser a clonagem, essa é só um artifício utilizado pelo autor para explorar outras questões como a memória e a mortalidade. Além disso, segundo LEWIS apud GROES & LEWIS (2011, p.200. Tradução nossa), “a clonagem é um mero pretexto para outros interesses.”⁴³ Dentre esses interesses, estariam a ficção científica, a distopia, a memória e a crítica “à influência potencialmente perniciosa do discurso científico e da tradição Iluminista sobre as noções de humano dentro da cultura contemporânea.”⁴⁴ (LOCHNER apud GROES & LEWIS, 2011, p.225. Tradução nossa). De acordo com Lockner, Ishiguro afirmou em várias ocasiões que suas inspirações para essa obra surgiram de debates sobre a clonagem. Entretanto, ele mesmo chama a atenção para o fato de que a obra não deve ser interpretada como uma profecia ou alerta sobre o futuro, mas sim como uma reflexão sobre o ser humano. Segundo a entrevista de Karen Grigsby Bates a Ishiguro, realizada em 2005, quando questionado sobre o legado de *Never Let Me Go* para o seu leitor, o autor responde que sua maior satisfação ocorre quando as pessoas lhe dizem que apesar de muito triste, a narrativa tem um aspecto positivo por descrever personagens tão íntegras. Em outras palavras, a mensagem a ser passada é que apesar de nossas vidas serem curtas, é possível tentarmos ser felizes, vivendo bons momentos e mantendo a nossa integridade. Nesse sentido, apesar de a obra não ter um final feliz, ela mostra o quanto os jovens clones

⁴³ “(...) cloning is a mere pretext for other concerns.” (LEWIS apud GROES & LEWIS, 2011, p.200).

⁴⁴ (...) a criticism of the potentially pernicious influence of scientific discourse and the Enlightenment tradition on notions of the human withing contemporary culture. (LOCHNER apud GROES & LEWIS, 2011, p.225).

vivenciaram a amizade e o amor, mesmo em uma curta existência. Ishiguro destaca ainda que a vida escorrega por entre os nossos dedos e não percebemos a sua importância até que seja muito tarde. Assim, questões relacionadas aos nossos arrependimentos, consolações e pendências antes de partir são algumas das reflexões propostas pela sua narrativa. Outro aspecto relevante é a relação do ser humano com a finitude, pois apesar da consciência de que é algo inevitável, nada se sabe sobre quando ocorrerá. Da mesma forma, os clones, em *Não me abandone jamais*, estão cientes de que terão de doar seus órgãos, mas não sabem exatamente quando as doações ocorrerão e quando sucumbirão. De acordo com Semelák (2018), apesar de suas breves expectativas de vida, os jovens clones não desistem de seus sonhos, assim como nós geralmente não desistimos dos nossos. E, apesar de os clones não discutirem os seus sentimentos, o leitor tem a oportunidade de conhecer o seu desespero mediante a impotência de mudar seus destinos, a raiva ao saber que a esperança de realização pessoal não se concretizará, a degradação de sua saúde após cada doação de um órgão vital e a perda de amigos próximos e de uma infância despreocupada, em um ambiente protegido como Hailsham. Vale lembrar que os alunos dessa escola tiveram a sorte de crescer com dignidade, ter acesso à educação e cuidados, pois apesar de Ishiguro não detalhar a vida de outros clones que não tiveram a mesma oportunidade, Kathy descreve, no final, o quanto os clones que ela acompanhou desejavam poder ter memória de sua infância feliz, assim como a de sua cuidadora. Apesar de serem considerados menos humanos, os clones tinham sentimentos, os quais são revelados ao longo da narrativa.

Por outro lado, o autor não demoniza a ciência, mas convida seu leitor a refletir sobre alguns aspectos a ela relacionados: Até que ponto a ciência pode criar vidas humanas em laboratório para servir de fonte de extração de órgãos? O que a bioética diz sobre a pesquisa com seres humanos? Há um consenso sobre a clonagem humana? Essas são algumas questões que nortearam o próximo capítulo, no qual trataremos sobre a bioética. Faremos também uma breve introdução sobre a clonagem e a ovelha Dolly, pois apesar de não haver uma descrição desse processo em *Não me abandone jamais*, consideramos que a compreensão geral de como a clonagem ocorre somará para a análise da obra. Além disso, enriqueceremos a discussão ao estabelecer um paralelo entre o nosso objeto de estudo e a bioética, objetivando identificar quais princípios bioéticos não foram respeitados em *Não me abandone jamais* e argumentando sobre a sua influência no processo de desumanização dos clones.

2. A BIOÉTICA

De acordo com Motta et al (2012), a bioética se refere ao estudo dos problemas e implicações morais despertados pelas pesquisas científicas em biologia e medicina. Mas qual a relação entre bioética e *Não me abandone jamais*? Apesar de Kazuo Ishiguro não fazer um debate explícito em sua obra, já que é muito sutil ao definir os clones humanos como alunos, o tema ético está presente, uma vez que esses seres foram criados em laboratório para suprir uma necessidade da sociedade de substituir órgãos humanos doentes por outros saudáveis, advindos dos clones. O autor mencionou em entrevista que o seu objetivo não era incitar um debate, e que o uso da clonagem humana foi uma metáfora para a certeza da breve existência, já que todos haviam sido criados para sucumbir ainda jovens. Entretanto, o tema está presente, mesmo que implicitamente, e, por isso, acreditamos que uma discussão sobre a ética na ciência seja totalmente pertinente para a análise dessa obra. O próprio autor menciona a importância da integridade das personagens e sua satisfação quando um leitor menciona que percebeu isso na narrativa. Os clones eram íntegros, no sentido que sempre agiram conforme as regras, respeitando uns aos outros e todos que conviveram com eles. No entanto, poderíamos dizer o mesmo da sociedade que os criou? Com base nessa pergunta, discutiremos a ética na ciência, objetivando compreender a sua origem e sua aplicação na ciência.

Segundo Figueiredo (2008), a palavra ‘ética’ deriva de dois termos gregos: *êthos* e *éthos*, os quais significam *habitat* e caráter do indivíduo, respectivamente. Adicionalmente, ao mencionar o caráter do indivíduo, o termo *éthos* inclui também os costumes de uma pessoa, segundo os seus valores, o que dá à palavra ‘ética’ um sentido abstrato. A ética constitui o conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade. Assim sendo, atentamos para a palavra ‘moral’, a qual descende do Latim, *mos* (mores), e se refere à maneira como nos comportamos. Nesse sentido, a palavra moral também está relacionada com as regras e preceitos de uma sociedade, o que a torna tão intimamente ligada à ética. Entretanto, ética pode se referir às regras de grupos específicos, como por exemplo, a ética médica. Já o termo ‘bio’ descende do grego e significa ‘vida’. Dessa forma, questões como a utilização de seres vivos em experimentos, a legitimidade moral do aborto ou da eutanásia, as implicações da pesquisa e da prática no campo da genética, entre outras, estão no âmbito das discussões sobre bioética. Isso posto, neste capítulo, trataremos da bioética para discutir a desumanização dos clones na obra de Kazuo Ishiguro, os quais foram criados exclusivamente para a doação de órgãos.

Segundo Byk (2015), a bioética surgiu a partir da revolução biomédica e da crise ética universal. Quando os cientistas decidiram designar tudo “o que simboliza a revolução biológica e genética em suas múltiplas aplicações” (BYK, 2015, p.6) como ‘ciências do ser animado’, essa passou a fazer parte da realidade social e humana, influenciando não só a saúde, mas também a maneira de se viver em países desenvolvidos, nos últimos vinte e cinco anos do século XX. Dessa forma, as ciências do ser animado abarcam questões como a expectativa e qualidade de vida e os avanços da medicina. Em outras palavras, quando a ciência passou a influenciar na constituição de famílias, através da contracepção e da assistência médica à procriação e na agricultura, através do melhoramento das safras, as ciências do ser animado passaram a fazer parte do nosso cotidiano, modificando as relações humanas e quebrando paradigmas, uma vez que nossa sociedade deixou de ser industrial para se tornar tecnocientífica. Esse é o perfil da sociedade do final dos anos 90, descrita em *Não me abandone jamais*. A única definição de tempo é a que o autor coloca no início da obra: “Inglaterra, final dos anos 90”⁴⁵ (ISHIGURO, p.6, 2005). Isso significa que as novas sociedades, dos séculos XX e XXI, são um produto da ciência, o que constitui um desafio da pós-modernidade, isto é, a dúvida em se devemos ou não realizar tudo o que a ciência nos possibilita fazer. Assim sendo, questões como a clonagem reprodutiva humana, pesquisas com embriões e patentes relacionadas a seres animados são apenas alguns desafios a serem propostos pela sociedade pós-moderna. Segundo Christian Byk,

“trata-se de uma oposição sobre a finalidade dos usos da técnica para transformar o mundo, incluindo o homem enquanto ser biológico e social. A busca de um equilíbrio entre o possível e o desejável vem a ser, em nome da evocação de um imperativo ético próprio da natureza humana, o motivo recorrente da bioética, ou seja, a ética aplicada às ciências do ser animado. (BYK, 2015, p.6)

Em outras palavras, o ser humano se vê no conflito entre a possibilidade de usufruir de todas os benefícios que a ciência pode lhe proporcionar e a boa conduta, de acordo com os princípios éticos de uma sociedade civilizada. Entretanto, o debate ético já tem considerado várias escolas filosóficas para discutir as relações entre ciência e sociedade, assim como o direito já abrange questões inéditas. Outro avanço que deve ser mencionado é a abertura das disciplinas científicas para as ciências humanas, proporcionando uma nova visão do ser humano, isto é, um ser biológico, o qual deve ser respeitado psico e socialmente. Esse respeito, porém, não acontece com relação aos clones em *Não me abandone jamais*, pois em termos psicológicos, não há identidade, família ou realização pessoal; com relação ao aspecto social, os seus únicos vínculos

⁴⁵ England, late 1990s (ISHIGURO, 2006)

emocionais são seus colegas em Hailsham e as únicas experiências vividas se restringem ao convívio controlado pelos guardiões e professores.

Outro aspecto importante que deve ser mencionado sobre a bioética é que essa proporciona a criação cada vez mais frequente de comitês de ética, reforçando o debate social sobre os aspectos éticos da biomedicina e das biotecnologias.

(...) a bioética é com efeito, produtora de normas, sejam flexíveis ou restritivas, de origem profissional ou pública, nacionais e internacionais; além disso, ela suscita, a partir dos valores gerados pelo confronto das novas técnicas com o nosso imaginário, a vontade de uma reapropriação, se não de um controle, da ciência e de sua competência na área do social, do cultural e do político. (BYK, 2015, p.7)

Dessa forma, percebemos que a bioética tem contribuído para o debate científico e ético, através de normas e padrões a serem seguidos pela pesquisa tecnocientífica a nível global. Ao considerar as várias disciplinas, ela busca um consenso, através do diálogo, oportunizando que todas as partes envolvidas possam expor suas ideias.

Por outro lado, parece que ainda há muito para se discutir no campo da bioética, pois uma revolução na ciência implica também em um novo tipo de poder, isto é, o poder da medicina em intervir na vida humana, na procriação, na hereditariedade e no cérebro. Nessa linha de pensamento, a nova finalidade científica consiste não só em tratar o ser humano, mas também, reconstruí-lo. Isso leva a algumas incertezas: a primeira está relacionada às origens do ser humano como indivíduo ou espécie; já a segunda abarca as consequências das intervenções realizadas pela ciência. Em outras palavras, ao possibilitar uma procriação artificial, a ciência estaria alterando a referência de parentesco e até de filiação, pois uma criança poderia ter vários progenitores. Além disso, ao alterar o genoma, as noções de indivíduo e espécie estariam também alteradas, colocando nossas referências antropológicas em cheque. Já a segunda incerteza se refere às consequências dos experimentos científicos, como por exemplo, a crise da ‘vaca louca’, a qual surgiu a partir do fornecimento de rações de origem animal às vacas, transformando-as em carnívoras. Isso deu origem à uma doença nos rebanhos, a qual os tornou impróprios para o consumo e resultou no assassinato de milhões de bovinos. A simples mudança na ração alimentar teve grandes impactos na criação de gado. Assim como essa, outras consequências podem ocorrer se não atentarmos para as questões éticas envolvendo os experimentos científicos. Se pensarmos nos clones na narrativa de Ishiguro, identificamos a primeira incerteza, a qual está relacionada ao desconhecimento das matrizes que lhes deram origem. Nada é mencionado sobre isso, a não ser a curiosidade dos clones para descobrirem alguém que lhes seja semelhante e possa evidenciar a sua origem.

Como a ética estabelece um vínculo entre a atividade e os valores humanos, cabe a ela tratar das escolhas e decisões a serem tomadas quando esses valores se encontram em risco. Dessa forma, a bioética se preocupa com a responsabilidade nas atividades científicas, tentando encontrar o melhor caminho para as questões resultantes do avanço biomédico. A sua atuação parte de um procedimento dedutivo, isto é, encontrar a regra mais pertinente a cada caso. Entretanto, o princípio fundamental da ética médica está pautado na regra do consentimento esclarecido, o qual só é válido se estiver de acordo com os três critérios a seguir: as palavras do médico devem ser claras e compreensíveis, o paciente deve ter total liberdade de decisão e, finalmente, deve haver a certeza de que o paciente não será lesado. Contudo, há casos em que nenhuma delas é respeitada, como por exemplo, o processo de reanimação de uma pessoa. Em outras palavras, levando-se em consideração que os valores são classificados de acordo com a sua importância e que uma tomada de decisão para solucionar um conflito implica necessariamente na avaliação desses valores, essa arbitragem parece cada vez mais complexa e árdua, já que não há uma hierarquia de valores absoluta. Isso significa que um procedimento como a reanimação pode, em certos casos, ser até considerado contraindicado por certos segmentos da sociedade como a igreja católica, por exemplo, já que não é possível a generalização. É nesse momento que a ética deixa de ser dedutiva para se tornar indutiva, isto é, as éticas individuais são postas de lado para que os objetivos sejam analisados, pois apesar de ideologias diferentes, há uma convergência: a ordem humana. Esse foi o procedimento sugerido por Helen Mary Warnock (1924-2019), por exemplo, para reconhecer a proteção ao embrião humano *in vitro*, o qual vem sendo utilizado desde 1984. Vale mencionar ainda que a participação de pesquisadores na área de biologia tem sido de grande valia desde o início do debate bioético. Em 1963, o médico americano, Joshua Lederberg (1925-2008), professor da Universidade de Stanford, especializado em biologia molecular e ganhador do prêmio Nobel de Fisiologia ou Medicina em 1958, por seu trabalho em recombinação genética e em genética bacteriana, já defendia o princípio da responsabilidade por parte dos biólogos em promover uma descoberta para a humanidade. Além disso, a relação entre médico e paciente também mudou, pois se antes era o dever do médico agir, agora isso depende também do direito do paciente em aceitar que o médico o faça. Em outras palavras, uma relação que consistia na consciência do médico e na confiança do paciente passou a ser considerada como um vínculo entre dois seres humanos, no qual um é detentor da ciência e o outro é o portador da vontade de se livrar de uma doença. A ética deixa de ser então baseada unicamente na consciência e passa a ser elaborada a partir da decisão entre médico e paciente. Nesse sentido, o ‘consentimento esclarecido’ passa a ser essencial nessa relação.

Já de acordo com Diniz (2012), a bioética pode ser abordada através de três vertentes principais: a historicista, a filosófica e a temática. A vertente historicista objetiva compreender o nascimento e o desenvolvimento da bioética. Assim, as pesquisas realizadas por nazistas em campos de concentração, os tratados de direitos humanos e as duas guerras mundiais são alguns dos assuntos contemplados por essa vertente. Já a vertente filosófica está mais voltada para as questões da filosofia moral e, por isso, seus estudiosos devem dominar a história da filosofia. A vertente temática, por sua vez, auxilia “na compreensão do fazer bioético a partir de casos e/ou situações de vida que, nos últimos tempos, foram consideradas típicos dilemas da bioética (...).” (DINIZ & GUILHEM, 2012, p.9). Já as autoras Debora Diniz e Dirce Guilhem propõem uma quarta vertente, a qual inclui as teorias bioéticas vigentes que preenchem as lacunas do pensamento bioético no Brasil, já que, segundo as autoras, não há muitas publicações brasileiras sobre esse assunto.

Segundo Diniz e Guilhem, a publicação da obra *Bioética: uma ponte para o futuro*⁴⁶ (1971), do bioquímico americano Van Rensselaer Potter (1911-2001) foi um marco no surgimento da bioética, pois o desenvolvimento de sua pesquisa com pacientes oncológicos o levou a correlacionar ciência e ética e propor um novo conceito interdisciplinar, isto é, a bioética. Outro nome que muito contribuiu para a bioética é Warren Thomas Reich, professor da Universidade de Georgetown, em Washington, Estados Unidos, o qual compilou vários livros e enciclopédias sobre bioética.

Em *Bioética: uma ponte para o futuro*, Potter afirma que os valores éticos e biológicos não podem estar separados e, por isso, o destino dos indivíduos não pode estar nas mãos de cientistas. Além disso, a bioética deveria acompanhar o desenvolvimento científico e zelar pelos valores éticos, sem resvalar nos interesses morais. Segundo ele, a sobrevivência da espécie humana estaria ligada à constituição de uma ética aplicada às situações da vida e, assim sendo, conhecer os valores humanos seria mais importante do que o conhecer a técnica. Em outras palavras, não basta o conhecimento científico sem um respaldo ético. Assim, o conhecimento biológico estaria associado aos valores humanos.

Em 1962, houve a publicação do artigo da jornalista Shana Alexander (1925-2005), intitulado *Eles decidem quem vive e quem morre*, o qual narra a formação e os desdobramentos de um dos comitês de ética hospitalar nos Estados Unidos, entre os quais o Comitê de Seattle, o qual decidia qual dos pacientes renais poderiam fazer hemodiálise, uma vez que não havia máquinas suficientes para todos. Em 1966, Henry K. Beecher (1904-1976), um médico

⁴⁶ Potter, Van Rensselaer. *Bioethics: Bridge to the Future*. New Jersey: Prentice-Hall, 1971.

anestesiista, fez um levantamento de 50 artigos que relatavam experimentos sem o consentimento dos pacientes. Esses experimentos foram financiados pelo governo e por empresas de medicamentos, as quais utilizavam doentes mentais, crianças, idosos, recém-nascidos, pessoas carentes e presidiários que dependiam de instituições de caridade e que, conseqüentemente, não podiam assumir uma postura moralmente ativa mediante seu médico. As experiências incluíam desde a inoculação intencional do vírus da hepatite, até células vivas de câncer. O crescimento dos recursos para a pesquisa em seres humanos e o aumento da responsabilidade moral por parte de seus pesquisadores não foram equivalentes. Jovens médicos ambicionavam se tornar pesquisadores, mas isso implicava em provar sua competência para conseguir recursos, o que resultou na separação dos interesses da ciência e dos sujeitos da pesquisa. Beecher descobriu que dentre esses 50 relatos de pesquisa, somente 2 apresentavam o consentimento dos pacientes como protocolo de pesquisa. Mediante esses fatos, Beecher propôs que qualquer pesquisa que envolvesse seres humanos, só poderia ser realizada mediante um termo de consentimento. Além disso, o pesquisador deveria se comprometer a agir de forma responsável.

Em 1974, a ‘Comissão Nacional para a Proteção de Sujeitos Humanos na Pesquisa Biomédica e Comportamental’, responsável pela ética das pesquisas científicas e comportamentais, foi formada. Após quatro anos, seu trabalho resultou em um documento histórico e normativo para a bioética, conhecido como *Relatório Belmont*. Esse relatório propôs três princípios éticos, os quais, supostamente universais, promoveriam conceitos básicos para a formulação, a crítica e a interpretação de dilemas morais relacionados à pesquisa científica. O primeiro princípio é o *Respeito pelas pessoas*, o qual garante a autonomia dos indivíduos sujeitos de uma pesquisa e, mesmo quando forem pessoas vulneráveis, deverão estar protegidos de qualquer forma de abuso. Assim sendo, a vontade em participar é um pré-requisito fundamental para que o indivíduo participe do experimento científico. O segundo princípio se refere à *Beneficência*, pois prevê um compromisso do pesquisador em manter o bem-estar de todas as pessoas envolvidas na pesquisa, direta ou indiretamente. A Beneficência também propõe a avaliação sistemática e contínua da relação risco/benefício para as pessoas envolvidas no experimento. O terceiro princípio diz respeito à *Justiça*, já que ele prevê o “reconhecimento de necessidades diferentes para a defesa de interesses iguais” (DINIZ & GUILHEM, 2012, p.34). Em outras palavras, deve haver uma escolha cautelosa das pessoas que participarão de uma pesquisa científica.

Em 1976, o filósofo Samuel Gorovitz (1938-) organizou e publicou o livro intitulado *Problemas Morais na Medicina*, o qual abordava questões médicas conflituosas como o aborto e a eutanásia. Alguns autores dessa coletânea se tornaram referência para os estudos sobre

bioética nos anos 90. A importância desse trabalho jaz na ruptura com a ética médica tradicional, a qual acreditava que o médico era responsável pelas decisões médicas e éticas. Assim, a decisão ética não estaria mais totalmente nas mãos do médico. A coletânea de Gorovitz foi pioneira no assunto, porém, foi somente com a publicação do filósofo Tom Beauchamp (1939-) e do teólogo James Childress (1940-), intitulada *Princípios da Ética Biomédica*, em 1979, que a bioética pôde se consolidar como teoria. Beauchamp e Childress seguiram a linha do *Relatório Belmont*, sugerindo quatro princípios éticos: a autonomia, a beneficência, a justiça e a não maleficência. A autonomia substituiu o primeiro princípio do relatório, isto é, o Respeito às pessoas. A beneficência e a justiça também coincidiam com os princípios do relatório. O quarto princípio se referia à não maleficência, isto é, a garantia que o paciente ou sujeito de pesquisa jamais sofresse malefício ou lesão. O princípio da justiça foi o mais fraco dentre os outros, mas isso persistiu também nas teorias posteriores, uma vez que o tema não é nada fácil quando relacionado às questões morais.

Tanto no Relatório de Belmont quanto na obra de Beauchamp e Childress, o respeito às pessoas e a autonomia estão presentes como princípio, assegurando assim, a competência e a liberdade individuais. Além disso, o princípio de autonomia pressupõe uma sociedade democrática, na qual a igualdade de condições entre os indivíduos é um pré-requisito. Entretanto, a questão torna-se mais complexa quando se tenta definir até que ponto um indivíduo pode exercer sua autonomia. O primeiro passo nesse entrave é diferenciar autonomia e o respeito à autonomia dos indivíduos, pois só assim é possível evitar que a autonomia de uma pessoa cause sofrimento às outras. Assim, a teoria proposta por Beauchamp e Childress, denominada principialista, revelou-se como uma fórmula capaz de dar conta de quase todos os conflitos morais relacionados à bioética. Acreditava-se que os quatro princípios serviriam a toda a humanidade, independentemente de sua cultura. Entretanto, foi justamente nesse ponto que os teóricos da fase pós-principialista se pautaram para fazer suas críticas à teoria de Beauchamp e Childress, pois apesar dos quatro princípios objetivarem uma universalidade e um espírito transcultural, não era possível ignorar as diferenças entre as diferentes culturas e sociedades. Assim sendo, a bioética não foi forte o suficiente para enfrentar os conflitos morais, conformando-se com a tranquilidade de verdades instituídas. No entanto, nos anos 90, novos questionamentos vão colocar em dúvida todas essas questões morais em relação à ciência, reavivando assim, o debate sobre a bioética.

A ciência teve grandes avanços como o transplante de órgãos, a clonagem de animais e as pesquisas genéticas. Tal desenvolvimento gerou a necessidade de uma reformulação do código ético que direcionava as pesquisas científicas até então. Segundo Silva (2015):

A bioética passa a atuar como árbitra nos conflitos entre cultura, tradição e ciência. Essa arbitragem se dá, contudo, em ambiente de regras pouco definidas e de considerável incerteza sobre os princípios que regem a nova disciplina. (...) as questões bioéticas são universais e demandam respostas coordenadas. (...) A consagração desse conceito não apenas permite que os médicos em diferentes países possam realizar transplantes sob o amparo da lei. (...) A natureza dessa coordenação é variável e, assim como os próprios casos bioéticos, demanda aproximação casuística e não principista. Avaliar em que casos e de que formas poderá se dar a atuação da comunidade internacional continua a ser um dos grandes desafios. (SILVA, 2015, p.50-51)

Dessa forma, a bioética pensada em princípios não mais abarcava todos os avanços da ciência, o que gerou novos debates e desafios éticos. A saída para esse impasse foi a incorporação dos direitos humanos no tratamento de temas bioéticos. Em 1997, a *Declaração Universal sobre o Genoma Humano e os Direitos Humanos*, por exemplo, foi aprovada pela 29ª Conferência Geral da Unesco, como uma forma de evitar eventuais abusos oriundos da pesquisa sobre o mapeamento do genoma humano. Essa declaração é composta por 25 artigos, os quais foram divididos em sete seções. Não mencionaremos todos os artigos, mas faremos uma síntese dos aspectos mais importantes. Basicamente, os artigos 1 a 4 se referem à dignidade do ser humano, o qual não pode ser reduzido somente às suas características genéticas. Além disso, o genoma humano não pode ser objeto de lucro financeiro, o que impede o patenteamento de genes humanos. Com relação às Condições para o Exercício da Atividade Científica, os artigos 13 a 16 preveem que o trabalho dos cientistas deve ser regido pelos compromissos éticos e a criação de comitês éticos que possam supervisionar as pesquisas.

Em 2003, a *Declaração Internacional sobre os Dados Genéticos Humanos* foi aprovada pela 32ª Conferência Geral da Unesco. Essa declaração foi especialmente importante porque foi a primeira a tentar maioritariamente codificar os direitos e deveres em bioética. Essa declaração contém 27 artigos, mas comentaremos somente o artigo 7, o qual prevê esforços para que o conhecimento dos dados genéticos não seja utilizado para discriminar indivíduos, violar seus direitos, estigmatizar famílias, grupos ou comunidades.

Em 2005, a *Declaração das Nações Unidas sobre a Clonagem Humana* foi aprovada pela Assembleia Geral, mesmo com elevado número de votos negativos e abstenções. Nessa declaração, todas as formas de clonagem humana são proibidas devido à sua incompatibilidade com a dignidade humana e a proteção à vida. Assim, tanto as práticas reprodutivas quanto as terapêuticas estão igualmente proibidas. Entretanto:

A falta de consenso transformou a declaração em manifesto político, comprometendo irremediavelmente qualquer pretensão de influência na construção de regulações no plano interno ou de contribuição para a resolução de conflitos sobre o tema da clonagem humana. A única herança possível

deixada pela declaração é o de exemplo negativo de negociação. (SILVA, 2015, p.99)

O assunto da clonagem humana é no mínimo, controversa. Além disso, na resolução de 1998, a Organização Mundial de Saúde (OMS) já havia adotado uma posição contrária à clonagem humana, afirmando que a replicação de seres humanos era contrária à ética e à dignidade humanas. Ainda em 2005, a *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos* foi adotada pela 33ª Conferência Geral da Unesco e essa declaração também proibiu a clonagem humana. Houve muitos debates e desacordos, pois por um lado, os Estados Unidos defendiam a proteção à vida humana, e do outro, a Europa defendia a proteção aos seres humanos. Mediante à impossibilidade de um acordo entre todos os países, a tentativa de se chegar a um instrumento vinculante sobre a clonagem humana foi abandonada e optou-se somente por uma declaração. Duas propostas foram mantidas: a da Bélgica em utilizar a clonagem reprodutiva; e a da Costa Rica em proibir a clonagem generalizada de seres humanos, proposta apoiada também pelos Estados Unidos.

Tanto a *Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos* quanto a *Declaração das Nações Unidas sobre a Clonagem Humana* revelam a grande dificuldade em se criar um quadro regulatório para a bioética, já que a criação de um plano internacional depende de um consenso sobre culturas, religiões e interesses de cada país. Adicionalmente, o interesse dos pesquisadores e as questões comerciais também interferem nesse processo. Por outro lado, segundo Silva (2015), nada impedirá que a ciência continue a se desenvolver e praticar experimentos antiéticos. Há a necessidade de uma normatização específica para tais práticas, mas essa ainda está longe de ser alcançada, já que até agora, só existem declarações modificadas que dão margem a vazios legislativos. Dessa forma, questões como a clonagem humana ainda estão longe de serem bem discutidas, esclarecidas e regulamentadas. Assim sendo, por enquanto, seres humanos clonados em laboratório só existem em narrativas de ficção científica, como em *Não me abandone jamais*, pois, segundo Macintosh (2005), há cinco objeções para a clonagem humana, dentre as quais destacamos duas: a primeira se relaciona ao desrespeito a Deus e à natureza, pois como poderia um ser humano tornar-se criador de uma vida em laboratório? Isso resvala em questões éticas, envolvendo a manipulação de material genético humano. A segunda se refere à redução do ser humano a um objeto criado para consumo. Essa está diretamente relacionada à ficção do nosso objeto de estudo, pois os órgãos advindos dos clones eram financiados pelas suas matrizes e, dessa forma, somente uma parcela privilegiada da sociedade tinha acesso a esse tipo de terapia. A clonagem humana é o elemento científico em *Não me abandone jamais* e, por isso, dedicamos o próximo subcapítulo ao entendimento desse processo.

2.1. A Clonagem

No intuito de entendermos o processo da clonagem, já que esse é o elemento científico do nosso objeto de estudo, iniciamos este subcapítulo com a sua definição. Segundo Levine (2007), a clonagem refere-se à reprodução assexuada, na qual não há fecundação de gametas. Em outras palavras, o material genético do doador é introduzido em um óvulo cujo DNA⁴⁷ fora removido. A seguir, o cientista induz esse óvulo a se desenvolver como se tivesse sido fecundado e, se tudo correr bem, ele o introduz no útero de uma mãe substituta. Esse desenvolvimento nem sempre é bem-sucedido, pois para se ter uma ideia, a clonagem da ovelha Dolly só foi possível após 277 tentativas. A clonagem gera um indivíduo geneticamente idêntico ao seu único doador, já que não houve a fecundação e, portanto, a combinação do material genético de dois pais não fora necessária. Essa ausência de combinação de material genético resulta em uma duplicação do indivíduo clonado. Um clone só é um clone porque compartilha um conjunto completo de DNA com o seu doador. E, nesse sentido, fica claro como os clones que protagonizam a narrativa de Kazuo Ishiguro foram gerados, apesar de o autor não ter feito nenhuma menção ao processo. Entretanto, o leitor é induzido a entender que os clones são cópias dos doadores de material genético devido à sua preocupação em encontrar as suas matrizes, baseando-se na sua própria imagem, e na compatibilidade entre os órgãos doados e seus receptores. Dessa forma, ao ler a obra, há a sugestão de que esses clones foram criados em laboratório, a partir da manipulação de material genético humano para possibilitar uma reprodução humana assexuada, pois conforme o trecho:

A ideia básica por trás da teoria dos possíveis era muito simples e não provocava grandes divergências. Segundo ela, como todos nós havíamos sido copiados, em algum momento, de uma pessoa normal, então tinha de existir, para cada um de nós, em algum lugar, um modelo original tocando a sua vida. O que significava, ao menos em tese, que seria possível encontrar essa pessoa de quem fôramos modelados. E era por isso que, sempre que saíamos para algum lugar – cidades, shoppings, restaurantes de beira de estrada –, ficávamos de olho para ver se víamos algum “possível”, ou seja, pessoas que poderiam ter servido de modelo para nós e nossos amigos.⁴⁸ (ISHIGURO, 2005, p.170)

⁴⁷ DNA: deoxyribonucleic acid (ácido desoxirribonucleico ou ADN).

⁴⁸ The basic idea behind the possibles theory was simple, and didn't provoke much dispute. It went something like this. Since each of us was copied at some point from a normal person, there must be, for each of us, somewhere out there, a model getting on with his or her life. This meant, at least in theory, you'd be able to find the person you were modelled from. That's why, when you were out there yourself – in the towns, shopping centres, transport cafés – you kept an eye out for 'possibles' – the people who might have been the models for you and your friends. (ISHIGURO, 2006, p.137)

Os clones tinham consciência de que eram cópias de alguém e que esse ‘modelo’ poderia estar em qualquer lugar, o que significava que eles poderiam se deparar com a sua matriz a qualquer momento. A palavra ‘modelo’, ao invés de ‘matriz’, foi utilizada por Ishiguro, o que evidencia uma reprodução assexuada, ou uma clonagem, a qual deu origem aos clones.

Levine observa que a reprodução assexuada não é natural entre os mamíferos. Entretanto, a natureza é capaz de criar indivíduos geneticamente iguais através da gestação de gêmeos idênticos. Até o momento, não há evidências de clonagem de humanos. Entretanto, se isso fosse possível, a diferença de idade entre um clone humano e seu doador seria bem maior do que a diferença de idade entre gêmeos idênticos. Em *Não me abandone jamais*, não há a menção a gêmeos idênticos, pois cada “aluno”, ou clone, tem sua própria característica. Dessa forma, os clones não têm parentesco entre si, pois são criados em Hailsham e se relacionam como colegas. O material genético desses clones e de suas matrizes é o mesmo, porém, não podemos afirmar que seus comportamentos eram os mesmos, pois conforme a nossa pesquisa sobre clonagem, os indivíduos seriam geneticamente idênticos, mas poderiam não ter o mesmo comportamento e personalidade. Segundo Levine,

Os gêmeos idênticos se desenvolvem no mesmo útero e, geralmente, crescem na mesma família. Já um clone humano seria provavelmente colocado em um útero estranho e cresceria em uma família diferente daquela que originou seu doador. Soma-se a isso o fato de que a criança clonada nasceria em um mundo com mudanças significativas. A importância das influências ambientais levou os bioeticistas que consideravam a possibilidade da clonagem humana a voltarem sua atenção para sua imprevisibilidade. Não está claro se um clone de Mozart ou de Pavarotti possuiria suas habilidades, ou até mesmo desenvolvesse o gosto pela música.⁴⁹ (LEVINE, 2007, p.16. Tradução nossa.)

Essa imprevisibilidade é somente uma das várias razões pelas quais a clonagem humana ainda não se tornou um fato, mesmo no caso da reprodução para casais que não podem ter filhos. A clonagem poderia ser uma alternativa para casais inférteis terem filhos com o seu material genético. No entanto, há outras opções em laboratório que oferecem menos riscos e controvérsias. Além disso, quando um clone nasce, seu doador já tem certa idade e, portanto, o clone não é igual ao doador naquele momento, mas igual ao doador quando bebê. Eles poderão ter comportamentos diferentes, pois o ser clonado será criado em um ambiente e tempo

⁴⁹ Identical twins develop in the same uterus and usually grow up in the same household. In contrast, a cloned human would probably be carried in a different womb and grow in a different household from its genetic parent. The cloned child would also be born into a world that had changed significantly. The importance of environmental influences has led bioethicists who have considered the possibility of human cloning to focus on its unpredictability. It is not clear that a child cloned from Mozart or Pavarotti would grow up to perform or even appreciate music. (LEVINE, 2007, p.16)

diferentes dos de seu doador. Isso pode explicar o porquê de os clones em *Não me abandone jamais* não conseguirem encontrar as suas matrizes, pois como Levine esclareceu, a diferença de idade entre matriz e clone é grande. Assim sendo, quando os jovens clones saem à procura de suas matrizes, essas provavelmente já estariam bem mais velhas e, portanto, bem diferente deles. Isso foi contemplado no trecho a seguir:

(...) Alguns alunos achavam que deveríamos procurar pessoas vinte ou trinta anos mais velhas que nós – mais ou menos da mesma idade que um pai ou uma mãe normal. Entretanto alguns diziam que isso era sentimentalismo. Por que a necessidade de haver o espaço de uma geração “natural” nos separando dos modelos? Eles poderiam ter usado bebês, ou velhos. Que diferença teria feito? Outros rebatiam dizendo que é claro que eles iriam pegar, para servir de modelo, pessoas em plena forma e que, por esse motivo, com toda a probabilidade essas pessoas teriam a idade de “pais normais”. Mas a essa altura todos nós sentíamos que estávamos nos aproximando de um território onde não desejávamos entrar, e as discussões murchavam.⁵⁰ (ISHIGURO, 2005, p.171)

Os clones sabiam que haviam sido copiados a partir de uma matriz. Entretanto, não tinham a menor ideia de como isso tinha acontecido e como as pessoas que os originaram estariam naquele momento. Poderiam ter sido modelos jovens, velhos ou até bebês. Não havia como saber; havia somente especulações e muitas incertezas. A palavra ‘natural’ está entre aspas, o que indica que os jovens não haviam sido originados de forma convencional, isto é, a partir de um pai e uma mãe. Outro termo que está entre aspas é ‘pais normais’, evidenciando assim, que não havia pais para esses jovens, mas sim matrizes das quais material genético fora extraído.

Ainda de acordo com a nossa pesquisa sobre clonagem, os cientistas também pensaram na possibilidade de clonar um filho que faleceu em tenra idade, possibilitando que os pais não sofressem tanto com a sua ausência. Porém, nada garante que o comportamento da criança clonada seria igual ao da criança falecida devido às condições ambientais já mencionadas. Assim sendo, a clonagem humana parece improvável e inviável, pelo menos, por enquanto. Entretanto, a ficção a tornou possível e, através da narrativa da jovem Kathy, tão cuidadosamente elaborada por Ishiguro, o leitor é convidado a entrar no universo da clonagem e perceber o mundo através dos olhos de um clone humano. Os motivos apresentados pelos cientistas para uma possível clonagem humana, até aqui, se restringem à reprodução assexuada

⁵⁰ (...) Some students thought you should be looking for a person twenty to thirty years older than yourself – the sort of age a normal parent would be. But others claimed this was sentimental. Why would there be a ‘natural’ generation between us and our models? They could have used babies, old people, what difference would it have made? Others argued back that they’d use for models people at the peak of their health, and that’s why they were likely to be ‘normal parent’ age. But around here, we’d all sense we were near territory we didn’t want to enter, and the arguments would fizzle out. (ISHIGURO, 2006, p.137)

de casais inférteis, ou ao retorno de uma cópia de uma criança que tenha falecido em tenra idade. No entanto, nenhum desses motivos foi capaz de justificar a clonagem humana até o momento. Já em *Não me abandone jamais*, o motivo foi outro, completamente diferente e justificável, isto é, a cura para doenças até então, incuráveis. A nosso ver, talvez seja esse o grande encanto da literatura, uma vez que ela é capaz de incitar a reflexão sobre como a realidade poderia ser se tal acontecimento fosse real. Nesse caso, podemos refletir não só sobre o valor da vida e a ética na ciência, mas também, sobre as consequências de se clonar um ser humano para atender interesses específicos, principalmente, lucrativos.

Por outro lado, segundo as nossas pesquisas sobre clonagem, a ideia de clonar um ser vivo não foi totalmente descartada, pois os cientistas continuaram suas pesquisas e tentativas até conseguirem clonar animais. A clonagem de gado, por exemplo, é uma forma de replicar animais premiados e valiosos, o que garante bons lucros para os criadores. Vacas e porcos também podem ser clonados para que seu leite e carne atendam à indústria alimentícia, pois os cientistas garantem que seus produtos são seguros para o consumo humano. Entretanto, há somente alguns animais clonados em fazendas americanas porque ainda há muita resistência por parte da população ao consumo de produtos advindos desses animais. O Reino Unido e alguns países europeus também são cautelosos quanto ao consumo de tais produtos.

Os criadores de gado não são os únicos que se beneficiam da clonagem animal. Vacas e ovelhas são geneticamente modificadas para produzir componentes terapêuticos em seu leite, como a insulina e o hormônio de crescimento. Essa técnica é chamada *pharming* e oferece grandes possibilidades de lucro para a indústria farmacêutica. O leite é descartado pelo laboratório após a extração dos componentes medicinais, não sendo utilizado para o consumo humano. Mesmo assim, há certa preocupação com o destino de tal material, pois quem garante que esse leite não é consumido pela indústria alimentícia? Como se pode ver, a clonagem ainda é um assunto que causa desconforto, mesmo quando restrita aos animais. Ademais, pouco se sabe sobre as suas consequências. A seguir, faremos um breve histórico da clonagem da ovelha Dolly e, assim, podemos entender como tudo começou.

A ovelha Dolly foi criada em 1996 por uma firma de biotecnologia que objetivava revolucionar a maneira como os medicamentos eram produzidos. O Dr. Ian Wilmut (1944-) é um biólogo embriologista e chefe de pesquisas no Centro Escocês para Medicina Regenerativa e na Universidade de Edimburgo, o qual liderou o grupo de pesquisas responsável pela clonagem de uma ovelha Finn Dorset. Dolly foi o primeiro mamífero clonado a partir de uma célula adulta, o que significou um marco para a pesquisa sobre clonagem. A técnica de

clonagem é chamada de Transferência Nuclear de Células Somáticas (TNCS)⁵¹, a qual consiste na substituição do material genético de um óvulo pelo material de um doador. Em outras palavras, os cientistas utilizam duas ovelhas para efetuar o procedimento: da primeira, são extraídas as células somáticas, isto é, quaisquer células responsáveis pela formação de tecidos e órgãos em organismos multicelulares. Da segunda, é extraído um óvulo, cujo núcleo é removido. A fusão das células somáticas da primeira ovelha e o óvulo da segunda ocorre através de um pulso elétrico. Essa fusão é então transferida para o oviduto da segunda ovelha, a qual, nesse estágio, é denominada primeira substituta. Se o desenvolvimento do embrião é bem-sucedido, ele é retirado do oviduto dessa ovelha e então, transferido para o seu útero. O resultado será um clone da primeira ovelha, isto é, a doadora do material genético, conforme podemos ver na ilustração abaixo:

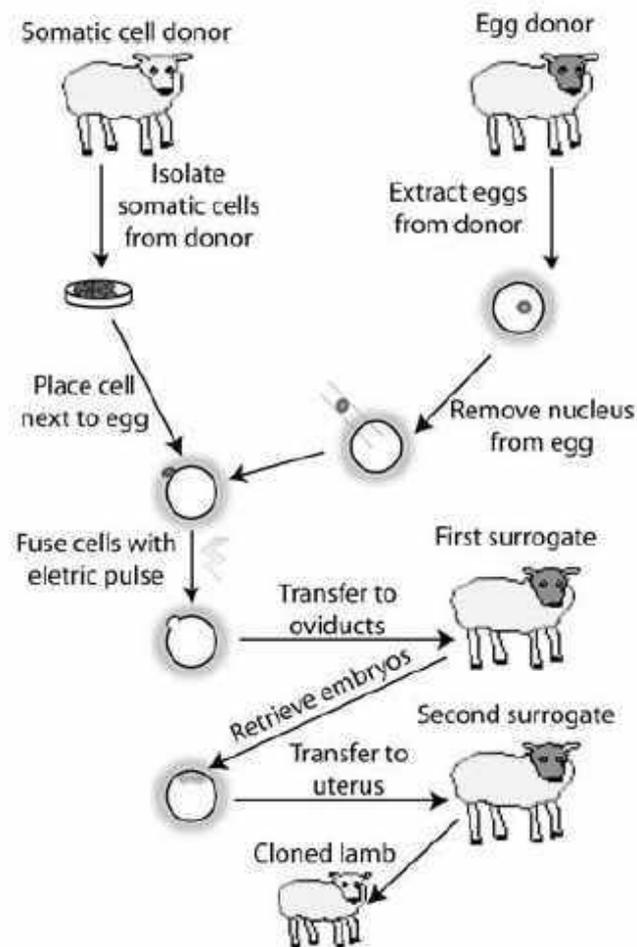


Figura 2: O processo de clonagem da ovelha Dolly.

Desse experimento, nasceram cinco ovelhas: duas morreram logo após seu nascimento; a terceira faleceu dez dias depois e as outras duas, Megan e Morag, sobreviveram.

⁵¹ Somatic Cell Nuclear Transfer (SCNT): Transferência Nuclear de Células Somáticas (TNCS).

Elas eram gêmeas idênticas, já que haviam sido clonadas a partir de um mesmo embrião. Dolly foi o resultado de um experimento que ocorreu logo depois. As células somáticas que originaram Dolly vieram das glândulas mamárias de uma ovelha de seis anos, cujo destino é desconhecido. Suas células estavam congeladas no Instituto Roslin⁵². Somente após 277 tentativas, os cientistas obtiveram sucesso em clonar uma ovelha, a qual nasceu em 5 de julho de 1996. Seu nome foi uma homenagem à cantora Dolly Parton, em parte, pelo fato das células somáticas que deram origem ao clone terem sido extraídas das glândulas mamárias da ovelha doadora.

Mas como comprovar que o resultado do experimento é realmente um clone? No caso da ovelha Dolly, sua identidade genética era totalmente compatível com a de sua doadora e a chance de que isso aconteça é uma em dois bilhões, o que levou os cientistas a concluir que Dolly realmente era um clone. Além disso, a ovelha cujo material genético foi utilizado era uma Finn Dorset, de cara branca. Já a ovelha que gerou Dolly era escocesa e de cara negra. Entretanto, Dolly tinha cara branca e, portanto, os cientistas sabiam que ela derivava da ovelha Finn Dorset. A foto a seguir mostra Dolly e a ovelha que a gerou:



Figura 3: Dolly e sua mãe substituta. (Cortesia do Instituto Roslin)

⁵² O Instituto Roslin é uma instituição de pesquisa em ciências animais em Easter Bush, Midlothian, Escócia; é parte da Universidade de Edimburgo e é financiado pelo Conselho de Pesquisa de Ciências Biológicas e Biotecnologia.

Dolly viveu seis anos e seis meses, pois em 14 de fevereiro de 2003, ela teve de ser sacrificada porque não havia cura para sua doença pulmonar grave, supostamente infecciosa. Apesar de os pesquisadores escoceses afirmarem que esse mal é comum em ovelhas, não se sabe como Dolly teria sido exposta a essa doença grave e fatal, já que vivia confinada. Além disso, ela já havia apresentado problemas que, possivelmente, estavam relacionados à clonagem. Dolly teve três gestações e seis filhotes, mas sempre viveu confinada, era obesa e sofria de artrite na pata esquerda traseira. A artrite e a doença pulmonar são comuns em ovelhas idosas, o que não era o caso de Dolly. Os pesquisadores escoceses explicaram que a artrite foi causada pelo excesso de tempo que Dolly passava apoiada nas patas traseiras para brincar com os visitantes. Porém, muitos veterinários contestam essa explicação e defendem a hipótese de que esse envelhecimento poderia ter sido causado pelo encurtamento dos telômeros, isto é, as sequências de DNA que ficam na ponta dos cromossomos haviam diminuído devido ao envelhecimento. Já se sabe que os cromossomos diminuem e perdem pequenas porções de seu material genético com o tempo, mas Dolly só tinha três anos quando os seus telômeros apresentaram o mesmo tamanho dos de um animal de nove anos, isto é, a idade de sua doadora. Os criadores de Dolly não aceitaram essa hipótese, alegando que somente um teste foi feito em tecido sanguíneo. Adicionalmente, o encurtamento de telômeros não foi verificado em outros animais clonados.

A partir de 1997, vários tipos de animais foram clonados através da mesma técnica utilizada pela equipe do Dr. Ian Wilmut, entre eles, camundongos, porcos, ovelhas, bovinos, cabras, cavalos e até um veado. A taxa de sucesso é bem baixa, apenas 1% e não há registros da tentativa de clonagem de cães e macacos. Houve apenas uma clonagem de gato, a qual surpreendeu os cientistas porque a cor da pelagem do clone, a gata CC (*copy cat*), não correspondia à cor da pelagem de seu doador. Os animais clonados são geralmente grandes e obesos, e se não morrerem subitamente após o nascimento, acabam tendo uma curta existência. Além disso, as placentas que os abrigam são muito maiores do que as placentas de animais que conceberam seus filhotes de forma natural, o que se torna um risco para a saúde da fêmea que gesta os clones. Um estudo sobre a clonagem de bovinos revelou que somente 15% dos clones sobreviveram e não apresentaram evidências de anormalidades, 75% morreram no útero e 10% morreram logo após o nascimento. Ainda não há dados suficientes para avaliar se esses animais terão uma boa expectativa de vida ou se morrerão cedo. A princípio, Dolly era normal, porém, há fortes indícios de que seus problemas estavam relacionados à clonagem, especificamente, a sua curta existência.

Outro aspecto relevante sobre a clonagem é o seu caráter terapêutico, o qual tem como objetivo a formação de células saudáveis para substituir células ou tecidos doentes, como por exemplo, o tratamento de uma pessoa com paralisia causada por lesões na coluna. A cura se daria a partir da regeneração da coluna ao se retirar o núcleo de uma célula somática do paciente e inseri-lo no em um óvulo sem núcleo. Esse óvulo poderia vir de uma doadora, ou da própria paciente, caso seja uma mulher em idade fértil. Após a inserção do núcleo da célula do paciente no óvulo, o material seria mantido em laboratório para cultivo das células-tronco, as quais seriam injetadas na coluna do paciente, reparando assim, a lesão. Esse método evita a rejeição e poderá trazer a cura para deficiências graves e até incuráveis em um futuro próximo. Mas a clonagem terapêutica não se limita a lesões, pois pessoas com doenças genéticas também poderiam obter uma melhora significativa do seu quadro clínico, ou até mesmo a cura. Vale mencionar que nesse caso, o núcleo não poderia vir do paciente, já que todas as suas células trariam o fator genético causador da doença. Nesse caso, o núcleo da célula viria de um doador geneticamente saudável. Outra possibilidade seria a utilização de embriões originados em clínicas de fertilização, mas que, por algum motivo, foram descartados. Esses embriões preservam a capacidade de formar células-tronco e poderiam ajudar a salvar vidas. Entretanto, a questão não é tão simples assim, pois se por um lado, os pesquisadores enxergam um embrião como um grupo de células-tronco idênticas entre si, por outro, várias religiões defendem que um óvulo fecundado já carrega uma vida e, portanto, não deve ser descartado. Os cientistas, porém, insistem que esses embriões são células preciosas para a pesquisa científica e poderiam salvar vidas. No entanto, longos debates entre governantes se somam à falta de informação da sociedade em geral, o que resulta em mais um obstáculo ao consenso. No Brasil, um grupo de pais e pacientes com doenças graves formou o movimento ‘Movitae’⁵³, o qual luta pela liberação do uso de células embrionárias para fins terapêuticos. O movimento surgiu como a última esperança de cura para aqueles que não a conseguiram pelos métodos científicos convencionais e pelo fato de que ainda não foi cientificamente provado que as células-tronco adultas são capazes de se diferenciarem em todos os tecidos. Em outras palavras, segundo SILVA (2004), se isso fosse provado, não haveria mais problemas éticos quanto ao uso de embriões na clonagem terapêutica. Assim como a sociedade descrita por Ishiguro em *Não me abandone jamais*, as pessoas esperam encontrar a cura para doenças terminais na clonagem, mas por enquanto, a realidade se limita ao uso de células-tronco adultas, retiradas de um doador compatível ou do cordão umbilical de recém-nascidos, para o tratamento de leucemias.

⁵³ Movimento em prol da Vida: <http://www.ghente.org/temas/celulas-tronco/movitae_conep.htm> Acesso em: 18/08/2022.

A ficção de Ishiguro nos possibilita vislumbrar a possibilidade de cura para doenças incuráveis, como o câncer, por exemplo. Entretanto, se por um lado, algumas vidas são salvas, por outro, clones humanos são desumanizados ao terem sua história e identidades negadas e terem os seus órgãos comercializados como bens de consumo. Tudo tem um preço e, nesse caso, além do alto valor financeiro, outra vida sucumbiria para que a matriz que a originou sobrevivesse. Isso está na obra e é contemplado por Ishiguro, como no trecho a seguir:

À medida que o outono foi avançando, fui me familiarizando com o ambiente e comecei a reparar em coisas que até então haviam passado despercebidas. Por exemplo, na atitude muito estranha adotada em relação a todos os que tivessem ido embora recentemente. Os veteranos sempre contavam alguma piada sobre as pessoas encontradas durante suas viagens à Mansão Branca ou à Fazenda do Álamo; mas era raríssimo fazerem menção a alunos que, até pouco tempo antes, tinham sido seus amigos íntimos.

Outra coisa que notei – e deu para perceber que se encaixava no resto – é que um grande silêncio passava a envolver os veteranos que saíam para fazer “cursos”; e até nós sabíamos que esses cursos eram para treinar futuros cuidadores. Eles ficavam quatro, cinco dias fora, e, nesse período, seus nomes mal eram mencionados; quando voltavam, ninguém fazia perguntas. Mas acho que, quando sozinhos, eles deviam conversar com os amigos mais chegados. Porém havia um entendimento generalizado de que essas viagens não deveriam ser mencionadas às claras. Lembro-me de ter visto, um dia de manhã, através dos vidros embaçados da janela da nossa cozinha, dois veteranos saindo para um desses cursos e de ter me perguntado se, na próxima primavera ou verão, eles já teriam partido para sempre e nós estaríamos tomando o maior cuidado para nunca mais mencionar os nomes deles.

Mas talvez seja ir um pouco longe demais dizer que os que partiam se tornavam assunto tabu. Se tinham de ser mencionados, eram mencionados. O mais comum é que as pessoas se referissem a eles de modo indireto, em relação a um objeto ou tarefa. Por exemplo, se houvesse necessidade de consertar um cano, havia muita discussão em torno de “como Mike costumava fazer.”⁵⁴ (ISHIGURO, 2005, p.162-163)

Ao sair de Hailsham e partir para a vida adulta, Kathy começou a perceber como o sistema, no qual estavam inseridos, funcionava de fato. Os clones que já estavam na fazenda há

⁵⁴ As the autumn came on, and I got more familiar with our surroundings, I began noticing things I'd missed earlier. There was, for instance, the odd attitude to students who'd recently left. The veterans were never slow coming out with funny anecdotes about characters they'd met on trips to the White Mansion or to Poplar Farm; but they hardly ever mentioned students who, right up until just before we'd arrived, must have been their intimate friends. Another thing I noticed – and I could see it tied in – was the big hush that would descend around certain veterans when they went off on ‘courses’ – which even we knew had to do with becoming carers. They could be gone for four or five days, but were hardly mentioned in that time; and when they came back, no one really asked them anything. I suppose they might have talked to their closest friends in private. But there was definitely and understanding that you didn't mention these trips out in the open. I can remember one morning watching, through the misted-up windows of our kitchen, two veterans leaving for a course, and wondering if by the next spring or summer, they'd have gone altogether, and we'd be taking care not to mention them. But it's perhaps stretching it to claim students who'd left were an actual taboo. If they had to be mentioned, they got mentioned. Most commonly, you'd hear them referred to indirectly, in connection with an object or a chore. For example, if repairs were needed to a downpipe, there'd be a lot of discussion about ‘the way Mike used to do it’. (ISHIGURO, 2006, p.129-130)

mais tempo eram considerados veteranos e, portanto, preparados para as doações ou a atuação como cuidadores. Essa atuação, porém, não os livraria de seu destino de ter todos os seus órgãos vitais extraídos, conforme a necessidade de sua matriz. Servir como cuidador poderia adiar as doações, mas não por muito tempo. Alguns clones se voluntariavam para essa função, como a própria narradora Kathy o fez, mas no final, nenhum deles estaria de volta ao grupo. Além disso, os nomes dos clones que partiram não eram mais mencionados, a não ser quando associados a algum objeto que utilizavam, ou alguma tarefa que executavam. Como Kathy explicou, não se tratava de tabu, mas talvez, de um mecanismo de defesa, já que no fundo, todos sabiam que, de alguma forma, os que partiam poderiam não voltar devido às doações. Assim, não havia sobrenomes, mas apenas nomes, os quais eram associados a objetos ou a tarefas, mas logo esquecidos. Kathy, Tommy e Ruth sabiam que os clones que saíam para fazer “cursos” estavam se preparando para atuar como cuidadores, mas isso não impediria que, mais tarde, encontrassem o seu destino fatal e não mais retornassem.

Da mesma forma, as memórias dos três amigos se restringiam à sua vivência em Hailsham, através do acúmulo de objetos sem valor durante a sua infância. A sociedade sempre doava objetos sem valor para que as crianças pudessem participar dos bazares e utilizar seus vales. Esses objetos eram quinquilharias, as quais seriam destinadas ao lixo se não fossem enviadas a Hailsham. Kathy fala desses objetos no trecho a seguir:

Eu a fitei espantada. “Você pôs a sua coleção no lixo?”

Ruth balançou a cabeça e, durante alguns minutos, deu a impressão de estar repassando mentalmente os diferentes itens da sua coleção. Por fim, disse: “Eu coloquei tudo dentro de um saco de lixo, mas não conseguia me imaginar jogando aquilo fora. Então pedi ao velho Keffers, um dia em que ele já ia saindo, para levar o saco até uma loja. Eu sabia que existiam lojas beneficentes, já tinha pesquisado. Keffers remexeu um pouco no saco, ele não fazia ideia do que havia lá dentro – e por que haveria de fazer? –, depois deu uma risada e falou que loja nenhuma iria aceitar.”⁵⁵ (ISHIGURO, 2005, p.161)

Ao passar para a vida adulta, Ruth percebeu que tudo o que vivera em Hailsham havia ficado para trás e, por isso, decidiu se desfazer de todos os objetos que havia acumulado. Essa pode ter sido uma estratégia que o autor utilizou para ilustrar que já que não havia futuro para esses clones, não havia a necessidade de acumular nada, nem mesmo suas memórias.

⁵⁵ I stared at her. ‘You put your collection out with the rubbish?’

Ruth shook her head, and for the next few moments seemed to be going through in her mind all the different items in her collection. Finally she said:

‘I put them all in a bin bag, but I couldn’t stand the idea of putting them out with the rubbish. So I asked old Keffers, once when he was about to drive off, if he’d take the bin bag to a shop. I knew about charity shops, I’d found it all out. Keffers rummaged in the bag a bit, he didn’t know what any of it was – why should he? – and he did this laugh and said no shop he knew would want stuff like that. (ISHIGURO, 2006, p.129)

2.2. A bioética e a clonagem em *Não me abandone jamais*

Segundo as discussões sobre a bioética, a autonomia foi um dos princípios mais importantes com relação aos sujeitos de uma pesquisa. Esse princípio foi totalmente violado na narrativa de Kazuo Ishiguro, pois os clones em questão foram criados sem direito de saber quem eram, de viver suas vidas plenamente e de serem felizes. Quando as personagens- clones Tommy e Kathy questionam o porquê de a professora Lucy ter sido afastada da escola onde cresceram, Miss Emily, a diretora, explicou bem. A professora era uma ameaça à formação daquelas crianças- clones, pois se soubessem do verdadeiro propósito de suas vidas, elas não teriam mais motivação para continuar vivendo. O trecho abaixo mostra a explicação de Miss Emily:

“Lucy Wainright? Ela foi importante para vocês? Perdoem-me, meus caros alunos, quase ia me esquecendo de novo. Ela não ficou conosco muito tempo, de modo que para nós foi apenas uma figura periférica dentro da memória de Hailsham. E não deixou recordações muito felizes. Mas entendo, vocês estavam lá justamente durante aquele período...” (...) “Era uma moça muito boa, a Lucy Wainright. Mas, depois de ficar conosco durante um tempo, começou a ter certas ideias. Achava que vocês, alunos, tinham de ficar mais cientes. Mais cientes do que teriam pela frente, de quem vocês eram, para que serviriam. Ela acreditava que vocês deveriam ter um quadro bem nítido da situação, tanto quanto possível. Que qualquer coisa menos que isso era, até certo ponto, uma forma de enganá-los. Nós estudamos a opinião dela e concluímos que estava enganada.”

“Por quê?”, perguntou Tommy. “Por que acharam isso?”

“Por quê? A intenção dela era boa, tenho certeza disso. E vejo que você gostava muito dela, Tommy. Lucy Wainright tinha tudo para ser uma excelente guardiã. Mas o que ela andava querendo realizar era tudo muito *teórico*. Nós dirigíamos Hailsham fazia muitos anos, tínhamos uma noção do que funcionava, do que era melhor para os alunos, a longo prazo – depois de Hailsham. Lucy Wainright era uma idealista, não que haja qualquer coisa de errado em sê-lo. Mas não tinha um bom domínio das coisas práticas. Vejam só, nós fomos capazes de lhes dar certas coisas, coisas que ninguém poderá tirar, nem mesmo agora, e fomos capazes de dá-las sobretudo *protegendo* vocês. Hailsham não teria sido Hailsham se não tivéssemos feito isso. Muito bem, isso significou às vezes ter de esconder algumas verdades, ter de mentir. Sim, sob vários aspectos, nós *enganamos* vocês. (...) Lucy era muito bem-intencionada. Mas, se houvéssemos escutado sua opinião, a felicidade de vocês em Hailsham se teria espatifado. (...) Vocês não seriam quem são se não tivessem sido protegidos por nós. Não teriam prestado atenção às aulas, não teriam mergulhado na arte, não teriam escrito nada. Não haveria o menos motivo, se soubessem o que os aguardava mais adiante. Teriam dito que era tudo inútil e nós não encontraríamos argumentos para rebater. Foi por isso que ela precisou ir embora.”⁵⁶ (ISHIGURO, 2005, p.319 e 320. Grifo do autor.)

⁵⁶ “Lucy Wainright? She was important to you? Forgive me, dear students, I’m forgetting again. Lucy wasn’t with us for long, so for us she’s just a peripheral figure in our memory of Hailsham. And not an altogether happy one. But I appreciate, if you were there during just those years...” (...) “She was a nice enough girl, Lucy Wainright. But after she’d been with us for a while, she began to have these ideas. She thought you students had to be made more aware. More aware of what lay ahead of you, who you were, what you were for. She believed you should be

Miss Emily acreditava estar protegendo os clones ao esconder-lhes o verdadeiro motivo de sua existência. Hailsham parecia se diferenciar das demais instituições que abrigavam os clones, pois segundo Miss Emily, Tommy e Kathy foram privilegiados ao terem a oportunidade de uma educação de qualidade, acesso à arte, e à ilusão de que eram livres. Miss Lucy defendia a possibilidade de os clones saberem quem realmente eram e poderem seguir seus destinos, mas, como Miss Emily bem colocou, isso era só uma teoria, pois na verdade, todos eles já tinham seus destinos traçados. Dessa forma, podemos perceber que Miss Lucy defendia a autonomia dos clones, enquanto Miss Emily sabia que isso jamais se concretizaria. De acordo com o primeiro princípio da bioética, a autonomia, a sociedade científica na qual Tommy e Kathy foram criados não agiu eticamente, pois seus direitos de escolha e decisão sobre seus próprios destinos foram totalmente violados.

O segundo princípio, a beneficência, também não foi respeitado, pois os clones eram submetidos a cirurgias para a extração de seus órgãos vitais até que suas vidas terminassem. Vale lembrar que o princípio da beneficência prevê o bem-estar dos sujeitos envolvidos na pesquisa científica. Assim sendo, a morte como resultado de um experimento científico, mesmo que em prol de outras pessoas, estaria fora de questão. Além disso, os corpos dóceis de Ishiguro eram clones dominados por um sistema no qual a sociedade dispunha para suprir sua necessidade de substituição de órgãos vitais, a seu bel-prazer. Assim sendo, os clones não tinham domínio ou autoridades sobre seus próprios corpos, vivendo exclusivamente para se prepararem e cuidarem bem dos mesmos, através de exercícios e boa dieta, até a hora da primeira doação. Vícios como álcool, drogas, açúcar demais e gordura eram evitados desde o nascimento. Apesar de as crianças terem uma rígida disciplina, incluindo sua alimentação e exames médicos periódicos, esse cuidado visava somente o bem-estar do futuro receptor desses órgãos:

(...), mas em Hailsham tínhamos de passar por algum tipo de exame médico quase toda semana — em geral na Sala 18, lá no último andar — com a

given as full a picture as possible. That to do anything less would be somehow to cheat you. We considered her view and concluded she was mistaken.”

“Why?” Tommy asked. “Why did you think that?”

“Why? She meant well, I’m sure of that. I can see you were fond of her. She had the makings of an excellent guardian. But what she was wanting to do, it was too theoretical. We had run Hailsham for many years, we had a sense of what could work, what was best for the students in the long run, beyond Hailsham. Lucy Wainright was idealistic, nothing wrong with that. But she had no grasp of practicalities. You see, we were able to give you something, something which even now no one will ever take from you, and we were able to do that principally by sheltering you. Hailsham would not have been Hailsham if we hadn’t. Very well, sometimes that meant we kept things from you, lied to you. Yes, in many ways we fooled you. (...) Lucy was well-meaning enough. But if she’d had her way, your happiness at Hailsham would have been shattered. (...) You wouldn’t be who you are today if we’d not protected you. You wouldn’t have become absorbed in your lessons, you wouldn’t have lost yourselves in your art and your writing. Why should you have done, knowing what lay in store for each of you? You would have told us it was all pointless, and how could we have argued with you? So she had to go.” (ISHIGURO, 2006, p.262 e 263)

severíssima enfermeira Trisha, ou Cara de Corvo, como nós a chamávamos. Naquela manhã ensolarada, subíamos em batalhão a escada central para sermos examinados por ela enquanto uma outra leva, que acabara de passar pelo exame médico, vinha descendo.⁵⁷ (ISHIGURO, 2005, p.21)

Segundo a personagem-narradora, Kathy, a enfermeira severa examinava todos os clones com rigor, pois seus corpos deveriam ser mantidos em plena saúde até a vida adulta. O mesmo se aplicava à prática de sexo, pois quando os clones estavam deixando a infância para entrar na adolescência, houve todo um trabalho para prepará-los para a prática sexual, isto é, esse não era proibido, mas se o praticassem, deveriam tomar cuidado com as doenças venéreas, já que seus corpos deveriam ser mantidos em plena saúde. Kathy deixa clara a questão sobre o esclarecimento sobre sexo e, juntamente com ele, mais uma doutrinação para que os clones jamais se esquecessem de seu papel neste mundo: as doações.

Acabei de me lembrar de uma coisa: quando os guardiões começaram a nos dar aulas formais sobre sexo, costumavam misturá-las com conversas sobre doações. Na nossa idade — e de novo falo de quando tínhamos uns treze anos — estávamos todos muito preocupados e animados com sexo, e era natural que empurrássemos as outras questões lá para o fundo da mente. Em outras palavras, é possível que, utilizando a questão do sexo, os guardiões tenham conseguido contrabandear para dentro de nossa cabeça boa parte dos fatos básicos a respeito do futuro.

(...) Se, por exemplo, estivessem nos ensinando o que fazer para evitar doenças durante o sexo, teria sido muito estranho não mencionar que tais cuidados eram muito mais importantes para nós do que para as pessoas normais que viviam lá fora. E isso, claro, nos levaria às doações.⁵⁸ (ISHIGURO, 2005, p.105. Grifo nosso.)

Conforme o trecho, a dominação e o poder sobre os corpos estão presentes não só no discurso, mas também na maneira como é passada para os clones. Sutilmente, os clones eram lembrados de sua responsabilidade para com seus corpos: mantê-los o mais saudável possível para atender o máximo de doações.

Outro ponto que nos chamou a atenção com relação à disciplina foi a maneira como os clones eram dispostos na escola. O colégio os distribuía em salas de aula e quartos. Isso

⁵⁷ (...), but at Hailsham we had to have some form of medical almost every week – usually up in Room 18 at the very top of the house – with stern Nurse Trisha, or Crow Face, as we called her. That sunny morning a crowd of us was going up the central staircase to be examined by her, while another lot she'd just finished with was on its way down. (ISHIGURO, 2006, p.13)

⁵⁸ One thing that occurs to me now is that when the guardians first started giving us proper lectures about sex, they tended to run them together with talk about the donations. At that age – again, I'm talking of around thirteen – we were all pretty worried and excited about sex, and naturally would have pushed the other stuff into the background. In other words, it's possible the guardians managed to smuggle into our heads a lot of the basic facts about our futures.

(...) If, say, they were telling us how we'd have to be very careful to avoid diseases when we had sex, it would have been odd not to mention how much more important this was for us than for normal people outside. And that, of course, would bring us onto the donations. (ISHIGURO, 2006, p.81-82)

porque a disciplina implica na distribuição dos indivíduos no espaço, através de técnicas como a cerca. A divisão de espaços por cercas especifica um local heterogêneo para todos os outros, mas fechado em si mesmo. Dessa maneira, surgiram os monastérios, os colégios, os quartéis e os presídios. No caso de Hailsham, trata-se de um colégio misto, com alas específicas para cada atividade e dormitórios distintos para meninos e meninas. Segundo Foucault (1987), o colégio é um modelo de convento que se impõe aos poucos. Trata-se de um internato com o regime de educação mais perfeito. Entretanto, a clausura sozinha não é responsável pela disciplina. Essa trabalha o espaço de maneira organizada e flexível, isto é, cada indivíduo tem o seu lugar, podendo ou não interagir com os outros. Os padrões disciplinares visam estabelecer presenças e ausências, localizar os indivíduos, propiciar as comunicações úteis e interromper as inúteis, e, finalmente, vigiar o comportamento de cada um. Além disso, na disciplina, cada um se define pelo lugar que ocupa na série e na fila. Assim, lembramos da forma como os alunos de Hailsham se dispunham em filas, não só para o exame médico, mas para as refeições. De acordo com Foucault, a fila “individualiza os corpos”, distribuindo-os e fazendo com que circulem numa rede de relações. Ainda segundo o filósofo, a disciplina transforma multidões confusas, inúteis ou perigosas em “multiplicidades organizadas”. Daí a necessidade da sociedade desenhada por Kazuo Ishiguro desenvolver espaços restritos aos clones, colégios, como Hailsham, que os separava das pessoas ditas “normais”, mas ao mesmo tempo, os desumanizava porque não lhes permitia nenhum contato com o mundo exterior. De acordo com a obra *Vigiar e Punir*, a disciplina possibilita que as relações de poder se tornem mais facilmente observáveis, já que é por meio dela que as relações entre opressor e oprimido se estabelecem. Isso é evidente em Hailsham, pois é através da disciplina que esses clones são preparados para cumprir seu papel naquela sociedade: “O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar.”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor.” (FOUCAULT, 1987, p.143). Além disso, seu contato com as “pessoas normais” se restringia ao contato com os guardiões ou professores.

(...) na obra de Ishiguro a perspectiva é de uma “estudante”, Kathy H., de forma que o leitor possa compreender intrinsecamente como é a experiência de não ter outra possibilidade de existência, a asfixia de ter a vida predeterminada desde o nascimento e o corpo docilizado pela lei disciplinar. A utopia para os clones é “ter uma vida normal”; é poder, por exemplo, trabalhar em um escritório. Em momento algum eles questionam seu destino de doadores, do corpo que não lhes pertence, do saber-poder médico que os retalha para salvar a vida dos humanos “normais”, que por sua vez entram em um processo de autoengano para acreditar que os clones são “menos que humanos”, de maneira que destituí-los do controle sobre o próprio corpo não trouxesse dilemas éticos ou morais. (BAROSSO, 2016, p.470)

E assim, através da ótica de Kathy, o leitor é levado a conhecer esse mundo restrito em que os clones são criados e educados. O sacrifício de seus corpos é justificado pela manutenção da vida de indivíduos de uma sociedade que não condena essa prática. Nesse sentido, há também um desrespeito ao terceiro princípio da bioética, isto é, a justiça, pois nessa sociedade, uns se privilegiam com o sacrifício de outros. A ciência assume o poder desses corpos, criando seres sem domínio de suas próprias vidas. Os clones são peças de reposição para a máquina social, e, apesar de terem conhecimento de seu destino, não se revoltam, pois essa questão é colocada com tal sutileza e naturalidade, sempre em paralelo com outras coisas, como o sexo, por exemplo, que ter consciência dela parece não fazer a menor diferença. Adicionalmente, essa estratégia de não evidenciar a condição e posição social dos clones foi implantada para evitar qualquer questionamento por parte dos meros doadores. Segundo Barossi, “essa é uma estratégia de poder para diminuir a potência de ação desses corpos, reduzidos a uma única possibilidade de existência e a um patamar de “menos-que-humanos”. (BAROSSO, 2016, p. 471). Isso explica o porquê da dispensa da professora Lucy, pois ao tentar fazer com que seus alunos se conscientizassem de que jamais viveriam suas vidas plenamente, ela estava colocando a estratégia de poder sobre seus corpos em risco. Da mesma forma, há um mistério sobre as histórias dos poucos clones que tentaram escapar. Esse mistério deu origem a boatos, como por exemplo, a maneira violenta que uma garota morreu ao tentar fugir, atravessando o bosque ao redor de Hailsham. Todos comentavam sobre o destino trágico da garota, e conseqüentemente, temiam o bosque ou qualquer ideia que incluísse ultrapassar as cercas de Hailsham. O trecho abaixo ilustra bem esse fato:

Havia os mais variados tipos de histórias horripilantes sobre a mata. Uma vez, (..), um menino fugira de lá. O corpo dele fora encontrado dois dias mais tarde, naquela mesma mata, amarrado a uma árvore, com as mãos e os pés decepados. Segundo outros rumores, o fantasma de uma menina vagava por entre as árvores. Ela tinha sido aluna de Hailsham até que um belo dia resolvera escalar a cerca só para ver como era do lado de lá. Isso acontecera muito antes do nosso tempo, numa época em que os guardiões eram bem mais severos, até mesmo cruéis, e quando ela tentara voltar, não deixaram. A menina então passara a rondar a cerca, implorando para que a deixassem voltar, só que ninguém permitiu. No fim, acabou indo para algum lugar, aconteceu alguma coisa e ela morreu. Mas seu fantasma continuou vagando pela mata, olhando comprido para Hailsham, morrendo de vontade de voltar.⁵⁹ (ISHIGURO, 2005, p.66-67)

⁵⁹ There were all kinds of horrible stories about the woods. Once, (...) a boy (...) run off beyond the Hailsham boundaries. His body had been found two days later, up in those woods, tied to a tree with the hands and feet chopped off. Another rumour had it that a girl's ghost wandered through those trees. She'd been a Hailsham student until one day she'd climbed over a fence just to see what it was like outside. This was a long time before us, when the guardians were much stricter, cruel even, and when she tried to get back in, she wasn't allowed. She kept hanging around outside the fences, pleading to be let back in, but no one let her. Eventually, she'd gone off

As histórias dos fugitivos eram sempre intimidadoras, pois nenhum aluno se atreveria a sair das dependências do colégio e se arriscar em ter suas mãos e pés decepados, ou mesmo, ficar vagando na mata, implorar para voltar e não ser aceito de volta, e acabar morrendo em qualquer lugar. Mesmo os guardiões sendo menos severos, nenhum dos clones jamais pensou em tentar escapar, pois os boatos aterrorizantes lhes causavam medo, passividade e a sensação de serem “outros” quando comparados aos humanos. Esse é o conceito que a sociedade tem sobre eles, pois o espaço dos clones é um território delimitado pelas cercas do colégio, e sua vida se restringe a servir os humanos que não são clones. Assim, ser clone significava ser “menos-que-humano” e muitos preferiam não pensar nisso ou ignorar a origem dos órgãos. Já outros, apesar de saber da existência dos clones, preferiam pensar que os órgãos eram produzidos em laboratórios, ou até vindos do nada, como uma tentativa de eliminar um possível questionamento sobre a ética envolvida no processo de criação e doação de órgãos. Como podemos ver, Ishiguro nos convida a refletir sobre a banalização e a racionalização dos valores humanos e o desrespeito à ética em prol da ciência.

Além disso, segundo BYK (2015), a clonagem humana constitui um novo tabu social, já que a opinião pública contrária a ela e a falta de respaldo legislativo, a caracterizam como um desvio da prática científica. Vale mencionar ainda que segundo SANTOS & SANTOS (2016), no Brasil, a manipulação genética em seres humanos é proibida por lei, pois o artigo 225, 1º, incisos II e V da constituição federal de 1988 corrobora com a preservação do patrimônio genético em solo brasileiro, conforme o trecho abaixo:

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público:

(...)

II – preservar a diversidade e a integridade do patrimônio genético do País e fiscalizar as entidades dedicadas à pesquisa e manipulação de material genético;

(...)

V – controlar a produção, a comercialização e o emprego de técnicas, métodos e substâncias que comportem risco para a vida, a qualidade de vida e o meio ambiente. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 21/08/2022.)

Adicionalmente, a lei 8.974, lei de regulamentação da biossegurança nacional, regulamenta os incisos II e V do § 1º do art. 225 da Constituição Federal, estabelecendo normas para o uso das técnicas de engenharia genética e liberação de organismos geneticamente modificados (OGM) no meio ambiente. Essa lei foi editada em 5 de janeiro de 2005, proibindo a manipulação genética de células germinais, a intervenção em material genético humano, exceto para tratamento de defeitos genéticos, mas sempre respeitando os princípios morais e éticos. O armazenamento ou a manipulação de embriões humanos com o objetivo de manipulação genética também foi proibido, conforme o trecho da lei 8.974 abaixo:

Art. 8º. É vedado, nas atividades relacionadas a OGM:

I – qualquer manipulação genética de organismos vivos ou o manejo *in vitro* de ADN/ARN⁶⁰ natural ou recombinante, realizados em desacordo com as normas previstas nesta Lei;

II – a manipulação genética de células germinais humanas

III – a intervenção em material genético humano *in vivo*, exceto para o tratamento de defeitos genéticos, respeitando-se princípios éticos, tais como o princípio de autonomia e o princípio de beneficência, e com a aprovação prévia da CTNBio⁶¹;

IV – a produção, armazenamento ou manipulação biológico disponível;

V – a intervenção *in vivo* em material genético de animais, excetuados os casos em que tais intervenções se constituam em avanços significativos na pesquisa científica e no desenvolvimento tecnológico, respeitando-se princípios éticos, tais como o princípio da responsabilidade e o princípio da prudência, e com aprovação prévia da CTNBio;

VI – a liberação ou descarte no meio ambiente de OGM em desacordo com as normas estabelecidas pela CTNBio e constantes na regulamentação desta Lei.

§ 1º Os produtos contendo OGM, destinados à comercialização ou industrialização, provenientes de outros países, só poderão ser introduzidos no Brasil após o parecer prévio conclusivo da CTNBio e a autorização do órgão de fiscalização competente, levando-se em consideração pareceres técnicos de outros países, quando disponíveis. (LEI 8.974, 1995. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-8974-5-janeiro-1995-348748-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em 21/08/2022.)

Dessa forma, a clonagem humana é proibida por lei, inclusive em território brasileiro, demonstrando que a sociedade distópica em *Não me abandone jamais* estaria infringindo a lei ao possibilitar a criação de clones para a extração de órgãos vitais. Por outro lado, a bioética, por sua vez, “condena a clonagem deliberada de seres humanos enquanto “ameaça para a identidade do ser humano”.” (BYK, 2015, p.185). Em outras palavras, quando um embrião é produzido através de fertilização *in vitro*, ele herdará as características dos pais, de maneira randomizada. Entretanto, quando uma reprodução assistida produzir um embrião através da introdução do material genético de um doador no núcleo de um óvulo, o resultado

⁶⁰ Ácido desoxirribonucleico e ácido ribonucleico, respectivamente.

⁶¹ Comissão Técnica Nacional de Biossegurança.

não será uma mistura dos genes de pai e mãe, mas sim uma cópia do doador desse material genético. Dessa forma, a identidade dessa criança estaria comprometida, já que ela não foi uma combinação dos genes dos pais, mas uma criação artificial de uma cópia em laboratório. Byk discute ainda a questão jurídica em relação aos direitos civis de um clone. Se por um lado, a sua condição humana lhe garantiria direitos como qualquer outro ser humano, por outro, a proibição da clonagem reprodutiva anularia esse reconhecimento, já que esse procedimento não é reconhecido social e legitimamente. Em outras palavras, juridicamente, um clone não teria a sua identidade reconhecida como um cidadão civil. Nesse sentido, os clones de Ishiguro, mesmo ávidos por sua identidade, sua origem e o controle de seus destinos, não teriam respaldo na lei como a conhecemos, já que não teriam os seus direitos civis reconhecidos juridicamente.

SANTOS & SANTOS (2016) ainda chamam a atenção para o fato de que já existe tecnologia para a realização da clonagem humana, pois a ciência vem se desenvolvendo rapidamente e, apesar da proibição, essa prática já poderia se tornar realidade. Além disso, mesmo com rigorosas leis, não há como garantir que um cientista não haja isoladamente, desrespeite as leis jurídicas e bioéticas e faça um experimento de tal natureza. Há quem defenda a clonagem humana, argumentando que casais inférteis que não desejam adotar uma criança e almejam por um herdeiro genético, de pelo menos um dos pais, teriam a chance de realizar seu sonho. Isso possibilitaria também que doenças genéticas e ligadas ao sexo do bebê fossem evitadas. Entretanto, aqueles que se mantêm contra essa prática afirmam que mesmo que a clonagem humana fosse permitida, ela tem baixa eficiência, uma vez que centenas de células somáticas e óvulos anucleados são necessários para a criação de um único clone. Dessa forma, centenas de embriões são descartados durante o processo artificial de criação de uma única vida. Portanto, caso os cientistas realmente quisessem seguir em frente com a clonagem humana, além de lidar com os impedimentos legais, teriam outro grande desafio, isto é, torná-la uma prática mais eficiente e, quem sabe, aceitável. Isso parece longe de chegar a um consenso, pois as opiniões contra esse tipo de clonagem são muito mais numerosas do que as que a defendem. Ainda de acordo com Santos & Santos (2016), soma-se a isso o fato de que mesmo se permitida, a clonagem humana necessitaria de uma fiscalização muitíssimo rígida, já que daria margem a muitos desvios. Isso está presente em *Não me abandone jamais*, pois a clonagem é um recurso disponível somente para os mais favorecidos financeiramente. Isso significa que longe de beneficiar toda a humanidade, a ciência se tornou um meio de obtenção de longevidade, qualidade de vida e até adiamento da morte para uma parcela privilegiada da sociedade. Além disso, não havia a preocupação com o bem-estar dos clones até alcançarem a sua vida adulta, pois a escola onde a narradora Kathy e seus amigos Tommy e Ruth cresceram era uma exceção.

Na verdade, as diretoras Miss Emily e Marie-Claude idealizaram uma instituição onde um grupo de clones, os alunos de Hailsham, pudessem crescer com dignidade, tendo um lar, alimentação, cuidados e educação adequados até que saíssem para o mundo e iniciassem as doações. Esse projeto só foi possível porque havia quem se interessasse por ele e oferecesse apoio financeiro. Assim que o escândalo do cientista James Morningdale, o qual infringiu as leis vigentes, oferecendo a possibilidade para as pessoas terem filhos com inteligência superior, capacidade atlética, entre outros atributos, através da manipulação de genes humanos, veio à tona, os poderosos da sociedade britânica de *Não me abandone jamais*, temeram ser prejudicados pelos rumores envolvendo a manipulação de material genético humano. Se fossem descobertos apoiando o projeto de manter uma escola como Hailsham, poderiam ter suas reputações manchadas. Além disso, a sociedade temia os clones, pois tê-los sob controle, em segredo, para que seus órgãos fossem doados era uma coisa, mas ter crianças com habilidades superiores à média, era outra. Não se cogitava dessa possibilidade. A seguir, o trecho com as palavras de Miss Emily deixa isso claro:

(...) Aquele nosso movimentozinho, sempre fomos muito frágeis, sempre dependentes demais dos caprichos de nossos patrocinadores. Desde que os ventos estivessem a nosso favor, desde que a empresa X ou o político Y pudessem ver algum benefício em nos fornecer apoio, nós conseguíamos nos manter à tona. Mas sempre foi difícil, e depois de Morningdale, depois que o clima mudou, nós não tínhamos mais a menor chance.⁶² (ISHIGURO, 2005, p.316)

Assim, o esforço das diretoras de Hailsham em proteger as crianças clones não obteve sucesso por muito tempo, pois a sociedade não estava interessada na origem dos órgãos para a doação, e, portanto, educar as crianças clones não era uma prioridade. Se os patrocinadores não obtivessem vantagens ao apoiar esse projeto, não haveria razão para incentivá-lo, e com o escândalo de Morningdale, esse apoio ficou mais incerto ainda. Por isso, não houve outra opção às diretoras de Hailsham a não ser fechar a escola, pois sem patrocínio e sem o apoio da sociedade, seus ideais caíram por terra. Devemos lembrar ainda de que as leis da sociedade em questão não proibiam a criação de clones para a extração de seus órgãos vitais, mas restringia a manipulação de material genético humano para a criação de crianças mais inteligentes e com habilidades superiores, já que isso representava uma ameaça à sociedade.

⁶² (...) Our little movement, we were always too fragile, always too dependent on the whims of our supporters. So long as the climate was in our favour, so long as a corporation or a politician could see a benefit in supporting us, then we were able to keep afloat. But it had always been a struggle, and after Morningdale, after the climate changed, we had no chance. (ISHIGURO, 2006, p.259.)

Segundo Santos & Santos (2016), a bioética coloca todas essas questões na roda de discussão, promovendo debates entre governantes e a sociedade científica. A bioética pode ser definida como “uma balança que rege todos os questionamentos.” (SANTOS & SANTOS, 2016, p.51), pois ela não defende lados e nem aponta vencedores, mas possibilita o debate para que se chegue a um consenso. Dessa forma, o que pode ser considerado errado hoje, talvez seja considerado certo amanhã e vice-versa. A história humana revela que a ciência aprendeu com os seus erros e galgou mais um degrau na escala do conhecimento através da experimentação. Adicionalmente, o objetivo da bioética não é criar limites para a ciência, mas sim parâmetros éticos e morais para que a vida humana seja respeitada. Nessa linha de pensamento, a clonagem praticada em *Não me abandone jamais* não se justificaria, pois mesmo tendo como objetivo a obtenção de órgãos para pessoas doentes, seres humanos saudáveis eram sacrificados e, assim, a vida humana estava sendo desrespeitada. Miss Emily deixa isso claro no trecho a seguir:

Mas será que vocês percebem contra o que estávamos lutando? Estávamos praticamente tentando achar a quadratura do círculo. Eis o mundo, precisando de alunos para doar. Enquanto fosse esse o caso, sempre haveria alguma barreira impedindo que o mundo visse vocês como seres humanos de verdade. Bem, nós travamos essa batalha durante muitos anos e pelo menos obtivemos algumas melhorias, se bem que, é claro, vocês tenham sido apenas um punhado de selecionados.⁶³ (ISHIGURO, 2005, p.314-315)

Ao impor aos clones uma condição de menos humanos, a sociedade conseguiu a justificativa que precisava para continuar obtendo seus órgãos a partir de seres humanos clonados. Apesar de algumas tentativas como a luta das diretoras de Hailsham, os clones permaneciam isolados da sociedade ou ignorados por ela. Dessa forma, ficava mais fácil não pensar sobre a origem daqueles órgãos. Essa questão nos remete à prática da eugenia, isto é, a afirmação da superioridade de uma raça em detrimento de outra, a qual já aconteceu na história humana, pois no início do século XX, cientistas se basearam na seleção natural, uma teoria descrita pelo naturalista, biólogo e geólogo britânico Charles Darwin (1809-1882), para subdividir a raça humana. Nessa subdivisão, o homem branco europeu estaria no topo e o homem negro africano, na base de uma lista com a “classificação” das raças. Certamente, Charles Darwin nunca objetivou subdividir a raça humana, mas sim entender os mecanismos da natureza. Entretanto, a ciência fez uso dela para satisfazer os interesses da sociedade da época, fornecendo subsídios científicos para que as nações europeias se sentissem no direito de

⁶³ But do you see what we were up against? We were virtually attempting to square the circle. Here was the world, requiring students to donate. While that remained the case, there would always be a barrier against seeing you as properly human. Well we fought that battle for many years, and what we won for you, at least, were many improvements, though of course, you were only a select few. (ISHIGURO, 2006, p.258)

colonizar outros povos de outras raças. Como a história nos conta, guerras, massacres e outras barbáries foram cometidas com base na crença de que os colonizadores estariam levando o desenvolvimento e a esperança para os povos colonizados. Felizmente, a ideia errônea de que há classificação entre as raças humanas já foi superada. Entretanto, não podemos negar que um perigo dessa natureza ainda nos espreita, pois se a manipulação genética chegar a criar um ser humano perfeito no futuro, o que acontecerá com os seres humanos imperfeitos? Por essa razão, é necessário que aprendamos a lidar com as diferenças. A ciência já fez tantas conquistas, mas ainda não foi capaz de pensar como evitar a intensificação das diferenças entre os seres humanos, as quais têm sido motivo de tanta intolerância e violência à vida. Nesse sentido, a bioética vem promover o debate consciente, o qual busca um equilíbrio entre avanço científico e respeito à vida, evitando assim, achismos, alienações e imposições.

De acordo com OLIVEIRA JÚNIOR (2011, p.403), o conhecimento humano é como um labirinto a ser percorrido, mas cabe ao próprio homem refletir sobre a necessidade e a utilidade desse percurso e formar uma base ética, a qual lhe dará sustentação. Nessa linha de pensamento:

(...) tudo que contraria a natureza humana, que coloca em perigo o patrimônio genético da humanidade, é ação que infringe os dogmas estabelecidos universalmente. Reeditar um ser humano, com as mesmas características do outro já existente, agride a finitude da própria vida. (...) O homem é proprietário de um patrimônio chamado corpo humano, detentor de seus atos, administrador desse inesgotável latifúndio, que vem revestido de uma tutela especial que lhe confere personalidade e o torna sujeito de direitos e obrigações. Ao mesmo tempo em que é um patrimônio individualizado, carrega a semente universal, que irá proporcionar a continuidade da humanidade. Justamente pela sua unicidade, que é a forma pela qual se apresenta diante de um grupo social e adquire a qualidade de pessoa humana e assim se torna conhecido, com suas virtudes, predicados e defeitos, não pode ser reprisado e nem representado por outro modelo idêntico. A valoração individualizada da pessoa não transfere valores para outra que seja igual. A vida compreende o nascimento e a morte. (OLIVEIRA JÚNIOR, 2011, p.405)

Dessa forma, caso a clonagem humana acontecesse, seria uma transgressão das leis naturais, já que o homem deve nascer, viver e morrer. Ele possui a semente que perpetuará a raça humana, mas isso não significa que ele possa se replicar em laboratório, uma vez que sua individualidade é intransferível. E, voltando à obra de Ishiguro, todos aqueles clones seriam uma cópia corporal de suas matrizes, mas não teriam as suas individualidades.

Ainda segundo Oliveira Júnior (2011), a lei deve atender aos reclamos da sociedade, mas repudia e reprova qualquer iniciativa que objetive alterar a essência humana. Em outras palavras, reproduzir um ser humano ou colocá-lo em situações de risco são atitudes

que poderiam estar pautadas na irresponsabilidade científica e a falta de amparo, sendo, portanto, reprováveis. Assim sendo, a clonagem humana é proibida pela lei e parece que continuará assim por muito tempo, pois sua prática é ineficaz, e, por isso, injustificável. A obra de Ishiguro certamente traz à tona uma reflexão sobre todas essas questões éticas, pois se a clonagem humana era uma prática aceitável naquela sociedade, quantas tentativas de erros e acertos foram necessárias até que se chegasse ao resultado desejado? Quantos embriões foram descartados antes que um clone fosse criado com sucesso? Essas são apenas alguns incômodos que a obra pode causar no seu leitor. Como já mencionamos no capítulo sobre Kazuo Ishiguro, o seu objetivo ao abordar a clonagem humana não foi criticar ou prever o que acontecerá no futuro, mas sim convidar o leitor a fazer uma reflexão sobre as questões envolvidas na manipulação de genes humanos e na própria clonagem.

Segundo SCHRAMM (2003),

(...) um clone é ao mesmo tempo um “filho” e um “irmão tardio” do original clonado (este não é caso dos gêmeos). O que faz emergir um novo paradigma de parentesco entre indivíduos da espécie homo sapiens, e, como tal, merecedor de proteção como qualquer outro membro da família humana. Em suma, a questão da não discriminação dos clones humanos amplia o campo da consideração moral e, portanto, da cultura ética. (SCHRAMM, 2003, p.192)

Dessa forma, entendemos que se os clones devem ser protegidos como membros da família, mais uma transgressão foi cometida pela sociedade em *Não me abandone jamais*, já que não há vínculos familiares entre os clones e suas matrizes e eles nem têm um nome de família ou algo que indique sua origem. A maioria vivia em condições desumanas, pois isso era considerado normal porque os clones eram considerados menos humanos. A personagem Kathy relata a tentativa das diretoras de Hailsham em dar uma criação digna para aquele grupo de crianças clones até que atingissem a maturidade. Mas, como já mencionamos, devido à divergência de interesses, a escola acabou sendo fechada e o projeto abandonado.

Ainda segundo Schramm (2003, p.193), quando aplicada à clonagem humana, a bioética tem as tarefas de tentar compreender os conflitos morais envolvidos, prescrever os comportamentos corretos e tentar proteger os indivíduos ameaçados. Entretanto, isso não é percebido em *Não me abandone jamais*, pois parece não haver conflitos morais, comportamentos considerados incorretos e indivíduos ameaçados, lembrando que a doação dos órgãos vitais pelos clones até que sucumbissem era considerada normal. Além disso, como a sociedade os tratava como menos humanos, ninguém os considerava como indivíduos ameaçados. Assim sendo, se a bioética existia em tal sociedade, parece não haver qualquer interferência na prática da clonagem humana. No trecho a seguir, Miss Emily explica para

Kathy e Tommy a importância de escolas como Hailsham e o valor da oportunidade que eles tinham tido em poder crescer lá:

Em que pese tudo mais, pelo menos nós garantimos que sob nossos cuidados todos crescessem num ambiente maravilhoso. Também providenciamos para que, depois de nos deixar, vocês fossem mantidos à distância do pior daqueles horrores. Fomos capazes ao menos de fazer esse tanto por vocês. Mas esse sonho de vocês, esse sonho de poder *adiar*. Isso sempre estaria muito além do nosso alcance, mesmo no auge de nossa influência. Desculpem, eu sei que o que estou dizendo não agrada a vocês. Mas não fiquem assim desanimados. Espero que saibam dar o devido valor ao que nós *pudemos* garantir para vocês. Olhe só para os dois, agora! Tiveram uma vida boa, receberam educação e instrução. Pena que não conseguimos mais do que isso, mas vocês têm que entender que, antes, as coisas eram muito piores. Quando a Marie-Claude e eu começamos, não havia estabelecimentos como Hailsham. Nós fomos um dos primeiros, junto com Glenmorgan House. Depois de alguns anos surgiu a Fundação Saunders. Juntos, nos tornamos um movimento pequeno, mas com voz ativa, que se opôs ao programa de doações na forma como estava sendo gerido. Mais importante ainda, demonstramos para o mundo que, quando criados num ambiente humano e culto, aos alunos podiam se tornar tão sensíveis e inteligentes quanto qualquer ser humano normal. Antes disso, todos os clones – ou *alunos*, como nós preferíamos chamá-los – existiam apenas para abastecer a ciência médica. Nos primeiros tempos, logo depois da guerra, isso era tudo que vocês representavam para a grande maioria. Objetos obscuros em tubos de ensaio. (...) Era por esse motivo que colecionávamos a arte que vocês faziam. Nós selecionávamos o que havia de melhor e organizávamos mostras especiais. No final dos anos 70, no auge de nossa influência, montávamos eventos enormes por todo o país. Compareciam ministros, bispos, tudo quanto é tipo de gente famosa aparecia para nos prestigiar. Faziam discursos, concediam verbas. ‘Olhem, aqui está!’, nós podíamos dizer. ‘Olhem só toda esta arte! Como é que vocês ousam dizer que essas crianças não são inteiramente humanas? Ah, sim, tínhamos um apoio tremendo para o nosso movimento, naquele tempo, a maré estava a nosso favor.’⁶⁴ (ISHIGURO, 2005, p.312-313. Grifo do autor.)

⁶⁴ ‘Whatever else, we at least saw to it that all of you in our care, you grew up in wonderful surroundings. And we saw to it too, after you left us, you were kept away from the worst of those horrors. We were able to do that much for you at least. But this dream of yours, this dream of being able to *defer*. Such a thing would always have been beyond us to grant, even at the height of our influence. I’m sorry, I can see what I’m saying won’t be welcome to you. But you mustn’t be dejected. I hope you can appreciate how much we *were* able to secure for you. Look at you both now! You’ve had good lives, you’re educated and cultured. I’m sorry we couldn’t secure more for you than we did, but you must realise how much worse things once were. When Marie-Claude and I started out, there were no places like Hailsham in existence. We were the first, along with Glenmorgan House. Then a few years later came the Saunders Trust. Together, we became a small but very vocal movement, and we challenged the entire way the donations programme was being run. Most importantly, we demonstrated to the world that if students were reared in humane, cultivated environments, it was possible for them to grow to be as sensitive and intelligent as any ordinary human being. Before that, all clones – or *students*, as we preferred to call you – existed only to supply medical science. In the early years, after the war, that’s largely all you were to most people. Shadowy objects in test tubes. (...) That was why we collected your art. We selected the best of it and put on special exhibitions. In the late seventies, at the height of our influence, we were organizing large events all around the country. There’d be cabinet ministers, bishops, all sorts of famous people coming to attend. There were speeches, large funds pledged. “There, look!” we could say. “Look at this art! How dare you claim these children are anything less than fully human?” Oh yes, there was a lot of support for our movement back then, the tide was with us.’ (ISHIGURO, 2006, p.256-257.)

A fala de Miss Emily deixa claro que o grupo de crianças clones, as quais foram criadas em Hailsham tiveram uma grande oportunidade de ter uma infância feliz, junto de seus colegas, com acesso à educação e desenvolvimento de suas habilidades artísticas. Se por um lado, os alunos de Hailsham poderiam ser considerados privilegiados por crescer em uma escola onde eram considerados tão humanos quanto as outras pessoas, por outro, condições desumanas eram impostas para aqueles que não tiveram a mesma sorte de Kathy, Tommy, Ruth e os outros. Além disso, Miss Emily menciona a sua preocupação e de Marie-Claude em demonstrar para a sociedade que aquelas crianças eram tão humanas quanto as pessoas que se beneficiariam de seus órgãos vitais e, portanto, deveriam ser tratadas com respeito e consideração. Os trabalhos artísticos, desenvolvidos pelos alunos eram uma maneira de demonstrar que elas também possuíam inteligência, sensibilidade e sentimento e, por isso, deveriam ser consideradas humanas. Miss Emily, Marie-Claude e outros diretores de outras escolas similares conseguiram o apoio da sociedade para preservar suas escolas e oferecer melhores condições de criação para seus alunos. Esse pequeno movimento obteve apoio da sociedade enquanto isso não representava uma ameaça, pois como já mencionamos anteriormente, as pesquisas com engenharia genética por parte do cientista James Morningdale colocaram tudo a perder, pois começou-se a falar de crianças que superariam os humanos em habilidades e inteligência e isso significou uma ameaça para a sociedade. Assim, Hailsham, Glenmorgan House e a Fundação Saunders foram extintas, pois ninguém queria o risco de ter alunos gênios para competir com eles. O único objetivo da clonagem era produzir órgãos vitais para quem precisasse e tivesse condições financeiras para acessar esse recurso. Até aqui não vimos nenhuma menção sobre a bioética na narrativa de Ishiguro, pois a preocupação parecia ser somente com as vidas dos cidadãos que estavam dispostos em servir de matriz para um clone e que pudessem financiar esse processo. A única preocupação mencionada no texto está no movimento das diretoras de Hailsham, juntamente com os diretores de Glanmorgan House e a Fundação Saunders. Entretanto, esse movimento obteve sucesso por pouco tempo.

Gostaríamos de fechar este capítulo lembrando que o nosso objetivo aqui foi discutir alguns aspectos da narrativa de Kazuo Ishiguro sob a ótica da bioética. Entretanto, não pretendemos esgotar o assunto, pois essa questão é bem vasta e dá margem a muitas outras discussões. Assim, ainda há muito para ser feito e debatido, pois longe de se alcançar um consenso entre os países, o que se vê atualmente é uma revisão da declaração anterior. Essas mudanças não acompanham as evoluções na ciência, pois as diferenças de opiniões estão em todos os níveis: culturais, morais, religiosos, comerciais e éticos. Cada país pode adequar a declaração à sua cultura e crença e daí, a dificuldade em se estabelecer uma norma mundial.

3. O PÓS-HUMANISMO E AS RELAÇÕES DE PODER

Após algumas pesquisas sobre o termo pós-humanismo, destacamos dois autores, Felinto (2006) e Santaella (2007), através dos quais descobrimos que esse termo possui várias definições e é usado para designar as correntes de pensamento que aspiram a uma superação de humanismo, relativo às ideias e imagens, e que surgiu a partir do Renascimento clássico, período que marcou a passagem da Idade Média para a moderna. É válido abrir um parêntese para discorrer brevemente sobre o humanismo, o qual é uma filosofia que coloca o ser humano no centro de suas preocupações, enfatizando a dignidade, a liberdade e as potencialidades humanas. O humanismo originou-se durante o Renascimento, uma época de grande interesse pelo conhecimento, arte e cultura, quando houve um ressurgimento do pensamento clássico greco-romano na Europa. Essa corrente de pensamento valoriza a razão, a ética e a busca pelo aprimoramento das condições humanas. Assim, o humanismo promove a ideia de que os indivíduos têm valor intrínseco, independentemente de sua origem, status social, religião ou outras características. Adicionalmente, defende a liberdade de pensamento, a tolerância, a educação ampla e o desenvolvimento intelectual, moral e emocional. No âmbito filosófico, o humanismo sustenta que os seres humanos têm a capacidade de raciocinar, questionar e buscar respostas para questões morais e existenciais. A ênfase na razão e na experiência humanas impulsiona a valorização das ciências, das artes e das humanidades. Além disso, o humanismo se relaciona com a ética secular, enfatizando princípios morais que não dependem de dogmas religiosos, preconizando a responsabilidade individual e coletiva, a compaixão e o respeito pelos direitos humanos. No contexto contemporâneo, o humanismo ainda desempenha um papel relevante, especialmente em questões éticas, políticas e sociais, promovendo a igualdade de oportunidades, a justiça social, o respeito à diversidade e a busca por um mundo mais justo e inclusivo. No entanto, o humanismo também é debatido e desafiado em vários aspectos, especialmente diante de dilemas éticos complexos, avanços tecnológicos e questões globais. Algumas críticas surgem em relação a um suposto antropocentrismo exacerbado e à necessidade de considerar não apenas os interesses humanos, mas também, o meio ambiente e outras formas de vida no planeta. Por fim, o humanismo é uma filosofia que coloca a humanidade no centro, defendendo a valorização do potencial humano, a busca pelo conhecimento, a ética e a promoção do bem-estar coletivo, enquanto enfrenta desafios contemporâneos e se adapta às mudanças sociais, científicas e culturais.

Já o pós-humanismo é uma corrente de pensamento e um campo filosófico que questiona as noções tradicionais do que significa ser humano e busca explorar as possibilidades

de ir além das limitações humanas, principalmente, por meio do avanço tecnológico, científico e cultural. Essa abordagem desafia as fronteiras convencionais entre o ser humano e as tecnologias, propondo a ideia de que a evolução biológica e tecnológica pode transformar fundamentalmente a condição humana. O pós-humanismo lida com conceitos como a inteligência artificial, a engenharia genética e a fusão homem-máquina. Ao contrário do humanismo, que coloca a humanidade no centro de suas preocupações, o pós-humanismo propõe uma visão mais ampla, questionando a supremacia humana e considerando a possibilidade de ampliar, modificar ou transcender a condição humana. Dessa forma, alguns temas discutidos no pós-humanismo incluem o aumento da capacidade humana, a consciência artificial e inteligência artificial, a transcendência das limitações humanas e a ética e moralidade pós-humanas. O aumento da capacidade humana se refere à exploração de tecnologias para aprimorar as habilidades físicas, mentais e emocionais dos seres humanos, como próteses avançadas, melhorias genéticas e interfaces cérebro-computador. A consciência e a inteligência artificiais abarcam a investigação sobre a possibilidade de se criar sistemas conscientes e inteligentes que rivalizem ou ultrapassem a capacidade cognitiva humana. A transcendência das limitações humanas visa a consideração das limitações biológicas e a busca por formas de superá-las, como a imortalidade, a transferência de consciência ou a exploração de novos modos de existência. Já a ética e a moralidade pós-humanas se referem à reflexão sobre os valores e princípios éticos que devem orientar a interação entre humanos, máquinas e formas de vida modificadas ou criadas. Vale mencionar ainda que o pós-humanismo não é uma ideia unificada e tem diferentes vertentes e interpretações. Algumas abordagens são mais otimistas, visualizando um futuro em que a fusão entre humanos e tecnologia traz avanços significativos para a humanidade. Outras visões são mais críticas, alertando para os possíveis riscos, como a desigualdade social, a perda de identidade humana e as ameaças à autonomia e à privacidade. Resumindo, o pós-humanismo é uma corrente de pensamento que desafia as ideias convencionais sobre o que é ser humano, explorando as possibilidades de evolução e transformação radical da condição humana por meio do avanço tecnológico e científico. Esse campo é complexo, instigante e levanta questões profundas sobre o futuro da humanidade e do seu papel no universo em constante mudança. Todas essas questões relativas ao futuro do ser humano e o seu papel nos remetem às reflexões propostas por Kazuo Ishiguro, em *Não me abandone jamais*. Daí a sua relevância para este trabalho e, a seguir, discorreremos mais a fundo sobre o pós-humanismo e abordaremos as visões de diferentes autores sobre o tema. Nesse sentido, o termo se refere a uma nova concepção de humano no século XXI, o qual não mais se limita às imposições intelectuais e físicas da condição humana, podendo ir além e se tornar um

ser transumano, isto é, uma mistura de corpo orgânico e artificial, através do controle tecnológico de sua própria evolução. Em outras palavras, se no Renascimento, o homem se aproximava de Deus porque se via capaz de questionar o mundo, na pós-modernidade, o ser humano torna-se capaz de questionar a sua finitude. Assim, o pós-humanismo objetiva a transcendência natural da humanidade, aliando-se à tecnologia para moldar o seu corpo, melhorar suas condições de vida e até adiar sua morte.

Segundo SANTAELLA (2007), as expressões “autômata bioinformático”, “biomaquinal” e “pós-biológico” estão muito próximas do conceito de pós-humano, já que todas se referem a um hibridismo entre ser humano e algo maquinico-informático, isto é, um ser humano que vai além de si mesmo. Em outras palavras, a condição pós-humana abarca a virtualidade, a genética, a vida inorgânica e ciborgues, uma vez que prevê a combinação entre a biologia, a engenharia e os sistemas de informação. Dessa forma, o termo “pós-humano” se refere não só ao final do humanismo, mas também a uma mudança na visão sobre o ser humano, ou ainda, a uma junção do organismo vivo com a tecnologia até que se tornem indistinguíveis. Portanto, as tecnologias pós-humanas incluem a realidade virtual, a comunicação global, a fabricação de próteses, o uso da nanotecnologia na medicina, redes neurais, algoritmos genéticos, a manipulação genética e a vida artificial.

Um dos grandes marcos da ciência na atualidade foi o anúncio do rascunho do genoma humano, o qual poderia ser definido como a receita para fabricar um ser humano. Isso possibilita que o homem seja capaz de decifrar 97% das informações para criar a si mesmo e realizar um sonho antigo da ciência: a criatura se tornar capaz de criar e alterar o seu próprio corpo. Esse é sem dúvida um avanço muito significativo para a medicina, mas por outro lado, outros segmentos da sociedade não se sentem confortáveis com a possibilidade de autocriação e interferências no corpo humano, a partir do mapeamento do genoma humano. Segundo NOVAES (2003), estamos diante de uma desordem mental, a qual traz questionamentos éticos, políticos e filosóficos, pois a maneira como o homem é visto, assim como os seus direitos naturais, já não são os mesmos perante a biotecnologia. Se antes a ciência objetivava o conhecimento, hoje o objetivo é a inovação e o progresso para atender aos interesses financeiros. Nesse sentido, a relação entre o saber e o poder nunca esteve tão evidente, frente à busca pelo controle, à modificação e à reprodução da vida.

(...) Pela primeira vez na história, sem dúvida, o biológico reflete-se no político; o fato de viver não é mais esse sustentáculo inacessível que só emerge de tempos em tempos, no acaso da morte e de sua fatalidade: cai, em parte, no campo de controle do saber e de intervenção do poder. Este não estará mais somente a voltas com sujeitos de direito sobre os quais seu último acesso é a morte, porém com seres vivos, e o império que poderá exercer sobre eles

deverá situar-se no nível da própria vida; é o fato do poder encarregar-se da vida, mais do que a ameaça da morte, que lhe dá acesso ao corpo. Se pudéssemos chamar "bio-história" as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de "bio-política" para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana; não é que a vida tenha sido exaustivamente integrada em técnicas que a dominem e gerem; ela lhes escapa continuamente. Fora do mundo ocidental, a fome existe numa escala maior do que nunca; e os riscos biológicos sofridos pela espécie são talvez maiores e, em todo caso, mais graves do que antes do nascimento da microbiologia. Mas, o que se poderia chamar de "limiar de modernidade biológica" de uma sociedade se situa no momento em que a espécie entra como algo em jogo em suas próprias estratégias políticas. O homem, durante milênios, permaneceu o que era para Aristóteles: um animal vivo e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal, em cuja política, sua vida de ser vivo está em questão. (FOUCAULT, 2010, p.133)

A ciência trouxe melhoramentos para a vida humana e o corpo não é mais um mistério, pois o cérebro e o DNA humanos vêm sendo constantemente estudados. Entretanto, isso não significa que problemas básicos como a fome tenham sido solucionados, pois eles persistem, mas o homem moderno enfrenta mais uma ameaça, isto é, o uso do conhecimento biológico pelo poder. Isso implica em uma preocupação extra mediante a possibilidade de inúmeras experiências com o corpo humano e a vida em si. O nosso objetivo aqui não é entrar na discussão sobre a biopolítica, mas refletir brevemente sobre a atuação da ciência na manipulação do corpo. Dessa forma, antes de iniciar essa discussão, abrimos um parêntese para traçar um breve histórico sobre o corpo em diferentes sociedades.

Se buscarmos a definição de corpo, encontraremos, dentre outras, a estrutura física de um organismo vivo, a qual encerra as suas funções fisiológicas e que compõe a parte material dos seres. Entretanto, para que possamos de fato entender os sentidos construídos para o corpo humano no presente, é necessário que percorramos alguns momentos diferentes da História para observar as diferentes concepções atribuídas a ele em cada tipo de sociedade, pois:

A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões. (BARBOSA et al, 2011, p.24)

A partir da citação, faremos um breve apanhado de como o corpo era visto em diferentes sociedades e épocas. A intenção não é analisar a fundo as concepções, mas apenas entender como 'o corpo' foi visto ao longo do tempo. Assim sendo, começaremos pelas sociedades grega e romana, passaremos pela Idade Média e finalmente, chegaremos à Era Moderna. Nossa primeira parada é na Grécia antiga, onde o corpo era objeto de admiração e

valorizado pela sua saúde, capacidade atlética e fertilidade, pois os gregos admiravam a beleza de um corpo saudável. Entretanto, o físico era tão importante quanto o intelecto, e, portanto, não bastava ser belo, mas também, culto. Visto como uma criação dos deuses, o corpo deveria ser exibido, treinado, cuidado e reverenciado pelos demais mortais. Mas essa não era sua única utilidade, pois o corpo deveria também ser instrumento de combate, já que, segundo a sociedade grega, tudo na natureza era luta, obstáculo, espaço ou terra a conquistar. Os gregos acreditavam que a vida era um dom oferecido pelos deuses, e, por isso, disputavam os jogos olímpicos para provar às divindades que eram dignos de viver.

Os romanos, por sua vez, acolheram as formas artísticas gregas, porém tornaram-nas mais pesadas e robustas. Havia um contraste entre o corpo nu e o vestido, o corpo vivo e o morto, o corpo forte e o fraco. Enquanto a força física demonstrada pelos gregos nos jogos olímpicos celebrava a vida, a força física dos gladiadores nas arenas romanas representava sua morte para saciar a curiosidade e diversão daqueles que podiam estar na posição de expectador.

Ainda com relação à sociedade romana, vale mencionar que o advento do cristianismo implicou em uma nova percepção de corpo. Dentro da concepção cristã, o corpo deixa de expressar a beleza para expressar o pecado, tornando-se assim, proibido. Além disso, Deus estava em toda parte e, conseqüentemente, todos deviam ocultar seus corpos. Mas a repressão do corpo não se restringiu à cobertura do corpo nu, mas também a uma nova visão de corpo, que, segundo o Papa Gregório Magno, era “a abominável vestimenta da alma” (BARBOSA, 2011, p.26). Dessa forma, percebemos uma separação entre corpo e alma, devendo essa prevalecer sobre o corpo, e daí a necessidade de lutar contra os desejos carnis para atingir a salvação. O corpo deveria ser escondido, e todos os esforços deviam objetivar a elevação da alma, como por exemplo, o jejum, isto é, a abstenção de alimentação em prol da elevação do espírito. Em contrapartida, o corpo sofredor de Cristo foi glorificado, já que a dor física tinha um valor espiritual e, dessa forma, acreditava-se que lidar bem com a dor do corpo era mais importante que lidar com seus prazeres. O corpo assumiu assim, uma característica de fé, pois o corpo crucificado e glorificado do Cristo é comungado até hoje pelos cristãos.

O cristianismo também exerceu grande influência sobre as noções e vivências de corpo na Idade Média. Além disso, a instituição religiosa restringia qualquer manifestação criativa do homem medieval, tornando-o extremamente contido. A Igreja se uniu à Monarquia, trazendo maior rigidez dos valores morais, e conseqüentemente, uma nova percepção do corpo. Assim sendo, qualquer preocupação com o corpo era proibida e, mais uma vez, percebemos a prevalência da alma. Adicionalmente, o corpo era visto como perverso e culpado porque aprisionava a alma, tornando-se assim passível de punição. Dessa forma, o autoflagelo e as

condenações pelo Tribunal do Santo Ofício⁶⁵ marcaram a Idade Média. Em 1254, com a autorização do Papa Inocêncio IV, a inquisição passou a torturar e condenar à fogueira todos aqueles que fossem considerados hereges, sob a justificativa de estar propiciando salvação a suas almas. Essas execuções eram consideradas atos festivos, sendo assistidas pela população e as autoridades religiosas.

Já na Era Moderna, o corpo passou a ser analisado sob um olhar científico, ao invés de religioso, tornando-se assim, objeto de estudos e experiências. Esse pensamento marca a passagem do teocentrismo para o antropocentrismo, o qual se preocupa com a liberdade do ser humano, propondo assim, o uso da razão científica como a única forma de conhecimento. O corpo humano passa a ser analisado e redescoberto, tanto na medicina, quanto nas artes, pois a era de condenação da carne havia terminado e todas as atividades físicas visavam a saúde corporal.

Dentro dessa concepção moderna, devemos mencionar ainda o pensamento do filósofo francês Descartes (1596-1650), o qual estabeleceu a divisão corpo-mente; em outras palavras, o homem era constituído por duas substâncias: a razão (alma) e o corpo. Novamente, percebemos a dualidade corpo-alma, porém, o corpo deixa de ser uma prisão da alma e passa a ser visto como um instrumento que atua em prol da alma. Assim, o físico (corpo) passou a estar a serviço da razão (mente). Já para o Iluminismo, a maior dádiva que o homem havia recebido de Deus era a razão e, portanto, ele não poderia ser condenado somente por questionar as leis pré-estabelecidas pela igreja, para a qual a fé deveria estar sempre acima da razão.

O desenvolvimento do pensamento, aliado ao crescimento econômico, proporcionou o surgimento da indústria moderna e do sistema capitalista. No século XIX, as novas tecnologias de produção em massa desencadearam um processo de reeducação do corpo para o trabalho, já que esse era visto como uma simples ação fisiológica e repetitiva, visando a produção em série. Como consequência, o ser humano viu-se a serviço da economia, e seu corpo, considerado como mero produtor. Dessa forma, o corpo devia ser saudável para produzir mais, e, ao mesmo tempo, adaptar-se aos padrões de beleza impostos pela sociedade para atender o consumo.

Entretanto, o culto ao corpo se mantém até os nossos dias, e a mídia veicula um modelo de corpo esteticamente perfeito e inacessível para a maioria das pessoas. Se na Idade Média as pessoas deviam jejuar para obter a salvação da alma, atualmente, elas o fazem para se manterem magras e esteticamente aceitas pela sociedade. Essa imposição mercantilista, na qual

⁶⁵ Inquisição: oficializada pelo papa Gregório IX.

as pessoas devem se esforçar para atingir um certo padrão de beleza e consumir mais e mais, atua também nas questões subjetivas como a autoestima, o medo de envelhecer e o medo de morrer. A busca incessante da boa forma e autoaceitação induz o indivíduo ao consumo e, portanto, a mídia vende a possibilidade não só de permanecer vivo, mas também, belo. Assim, cirurgias estéticas, o uso de substâncias químicas, próteses, intervenções da engenharia genética e até clonagem vêm contribuir para que esses padrões estéticos sejam alcançados. Além disso, o crescente número de ginásios, salões de beleza, spas, clínicas de cirurgia plástica e de procedimentos estéticos demonstra uma crise do corpo, pois cada vez mais, as pessoas sentem a necessidade de recorrer a intervenções mais severas para a obtenção da perfeição.

E como é o corpo pós-moderno? Já vimos que, anteriormente, o corpo foi dividido em duas partes: corpo e alma. Já na pós-modernidade, o corpo divide-se em várias partes: músculos, tecidos e órgãos vitais, como coração, pele, entre outros. Hoje já é possível alterar, melhorar cada uma dessas partes do corpo, mudar de sexo, e, algumas vezes, substituir órgãos vitais por outros advindos de doação. Segundo Novaes em *O homem máquina* (2013),

O corpo transformou-se em máquina ruidosa a ser reparada a cada movimento. Máquina defeituosa, (...), sobre o qual a ciência trabalha para aperfeiçoá-lo. Por que esse interesse em mudar o corpo a ponto de projetar para que ele se transforme em uma terceira coisa, nem natural nem inteiramente artificial? (NOVAES, 2013, p.10)

A partir desse questionamento, entendemos que esse novo saber concebe o corpo como algo obsoleto e, portanto, merecedor de uma evolução para uma condição pós-humana. Dessa forma, segundo Sibilia (2002), esse novo saber contemporâneo rejeita a condição orgânica do corpo humano para atingir a superação, através de um ideal artificial. Tal concepção teve suas origens em mitos, como os de Prometeu e Fausto, por exemplo. Como já mencionamos, Prometeu, um titã na mitologia grega, foi punido por Zeus por ter fornecido a tecnologia do fogo aos homens. O fogo é uma metáfora da vida, já que somente os deuses tinham acesso a ele. Já Fausto é um personagem mítico de origem alemã, o qual perde o controle das energias de sua mente e é impulsionado ao desejo de superação infinita. Segundo Sibilia (2002), as tradições prometéica e fáustica constituem duas linhas de pensamento, presentes nos textos científicos dos séculos XIX e XX. A tradição prometéica visa o bem-estar do ser humano, através da dominação técnica da natureza, da emancipação da espécie e das classes menos favorecidas:

(...) Apostando no papel libertados do conhecimento científico, este tipo de saber almeja melhorar as condições de vida dos homens através da tecnologia, graças à dominação racional da natureza. Confiantes no progresso, os defensores do prometeísmo colocaram a ênfase na ciência como

“conhecimento puro” e têm uma visão meramente instrumental da técnica. Ao menos, teoricamente, o desenvolvimento gradativo desse tipo de saber levaria à construção de uma sociedade racional, assentada em uma sólida base científico-industrial capaz de acabar com a miséria humana. A partir desta primeira apresentação, é fácil esboçar a linhagem dessa tradição: percebem-se indícios do espírito iluminista, do positivismo e do socialismo utópico. Em todos eles primam a fé no progresso material, na perfectibilidade técnica e nos avanços da ciência como conhecimento racional da natureza, e uma forte aposta em sua capacidade de melhorar gradativamente as condições de vida dos seres humanos. (SIBILIA, 2002, p.44-45)

A crença de que o conhecimento científico deva alcançar proporções tão grandiosas a ponto de manipular a natureza nos remete a Prometeu, o qual ofereceu o segredo do fogo ao homem mortal. Segundo a tradição prometeica, a chave para a solução dos problemas humanos, desde as doenças até as desigualdades sociais, estaria na ciência e no progresso industrial. Entretanto, isso soa como uma utopia, pois apesar da ciência possibilitar grandes melhorias na qualidade de vida dos seres humanos, ainda não foi capaz de acabar com a miséria humana. Além disso, os prometeístas vislumbram um futuro distante, no qual o conhecimento alcançará um limite, assim como as criações e feitos da ciência. Diferentemente de Prometeu, o qual desobedeceu Zeus, os cientistas prometeístas já entenderam que há assuntos que somente Deus pode controlar e, por isso, se conformam com a possibilidade do conhecimento poder chegar até determinado ponto. Nesse sentido, se voltarmos à obra de Mary Shelley, notaremos que há alguns pontos em comum com o mito de Prometeu, como por exemplo, a associação entre a eletricidade e a vida e, nesse caso, o fogo oferecido aos homens mortais pelo titã Prometeu seria a própria vida. Vale lembrar que no século XIX, havia estranhos experimentos científicos e debates em torno da possibilidade da ressuscitação de mortos através da eletricidade. Dessa forma, o jovem médico, Victor Frankenstein, assim como Prometeu, violou a lei divina e foi castigado pela arrogância de querer assumir o lugar do Criador, ao invés de permanecer na sua condição de criatura. Assim sendo, a tradição prometeísta objetiva o aperfeiçoamento do corpo sem desrespeitar os limites da natureza humana e isso explica o porquê de Prometeu e Frankenstein terem sido punidos.

Já na tradição fáustica, os procedimentos científicos visam compreender os fenômenos da natureza para que possam ser controlados. Em outras palavras, há uma tentativa de “apropriação da natureza humana e não humana.” (SIBILIA, 2002, p.48) Assim, diferentemente da tradição prometeísta, a tradição fáustica não se contenta com a possibilidade do conhecimento ir até determinado limite, pois ao invés disso, há uma busca incessante do saber científico para o melhoramento da vida, sem restrições ou punições. Em outras palavras, se o prometeísmo busca melhorar a qualidade de vida dos indivíduos até certo ponto, o

pensamento fáustico acredita ser capaz de fazer muito mais, controlando a natureza e melhorando a condição humana, tanto externa quanto internamente. Nesse sentido,

Os novos saberes e as reluzentes práticas da tecnociência de inspiração fáustica, porém, parecem dispostos a deixar para trás as velhas artes pirotécnicas. A prometéica idade do fogo estaria chegando ao fim, com a substituição das ferramentas e dos combustíveis característicos da sociedade industrial por outro tipo de instrumental e outras fontes de energia, de inspiração eletrônica e digital, capazes de modelar de formas inusitadas as matérias vivas e inertes. (SIBILIA, 2002, p.49)

O pensamento fáustico está mais de acordo com a pós-modernidade, pois se na modernidade o grande advento da indústria forjava o ferro e aço através do fogo, hoje já vivemos a era digital, a busca por energia limpa, a manipulação genética e o melhoramento da saúde do corpo humano através de implantes e substituição de órgãos, próteses mecânicas e nanotecnologia na medicina. Adicionalmente, esse pensamento objetiva ultrapassar as limitações biológicas, eliminando assim, as restrições às potencialidades e às ambições do ser humano. Isso significa que a ciência busca não só uma reconfiguração do corpo humano, livrando-o do envelhecimento e da morte, mas também a possibilidade de criar uma vida em laboratório. Mediante a possibilidade de combinação entre o corpo orgânico e o inorgânico, entre o natural e o artificial, a morte estaria se tornando obsoleta e caberia ao corpo humano se tornar imortal para se adaptar à nova realidade. Isso nos remete à realidade descrita na obra de Ishiguro, *Não me abandone jamais*, na qual clones humanos são criados em laboratório para suprir a necessidade de órgãos humanos e evitar que suas matrizes morram por doenças diversas. A vida criada em laboratório é manipulada para atender as necessidades da sociedade, possibilitando a cura de doenças graves e adiando, assim, a morte. Nesse processo, os corpos dos clones eram peças de uma engrenagem que atendiam os interesses dos receptores de órgãos vitais, sendo descartados e substituídos assim que sucumbissem.

Na busca pela otimização do corpo e pelo prolongamento da vida, abrimos aqui um parêntese para falar das diversas possibilidades para o corpo humano, através de processos, mencionados por SANTAELLA (2003, p.200), como a “reorporificação”, a “descorporificação” e “as expansões não-carnais da mente”. A seguir, faremos uma breve descrição de cada possibilidade mencionada pela autora, no intuito de compreendermos como a tecnologia e a ciência podem atuar no corpo humano para produzir um ser pós-humano. A primeira realidade corpórea descrita se refere ao corpo remodelado, o qual é construído através de técnicas menos invasivas como o exercício físico, até as mais agressivas como enxertos, implantes e cirurgias plásticas. Nesse caso, o objetivo é tornar o corpo o mais fiel possível aos

padrões estéticos vigentes, seja através de rotinas diárias e pesadas de exercícios físicos, seja pela atuação do bisturi tanto para moldar o corpo ideal, quanto para substituir tecidos e órgãos. Em ambos os casos, a transformação do corpo é tratada como uma mercadoria, já que *personal trainers* e cirurgiões plásticos não custam pouco. Soma-se a isso os bancos para transplantes de órgãos, pois quanto custaria um rim ou um coração nesse mercado onde o corpo é tratado como mercadoria? Voltamos então à narrativa de Ishiguro, na qual as pessoas mais abastadas daquela sociedade britânica podiam ter seus corpos totalmente remodelados através de seus clones. Nesse caso, não havia bancos de órgãos, mas sim uma cópia idêntica da pessoa que desejasse ter uma fonte de órgãos vitais à sua disposição. Ishiguro leva o seu leitor a refletir até que ponto o ser humano deseja fazer uso da tecnologia e ciência para manipular o seu próprio corpo.

A segunda realidade corpórea é o corpo protético, também descrito como:

corpo *ciborg*, híbrido e expandido através de próteses, construções artificiais como substituto ou amplificação de funções orgânicas. São alterações fundamentais do corpo, visando aumentar sua funcionalidade interna. O espectro de possibilidades é amplo, desde as lentes corretivas para os olhos, aparelhos auditivos e as próteses funcionais para substituição de partes do corpo, como próteses dentárias, juntas artificiais, etc., até a substituição de funções orgânicas, tais como marcapasso, órgãos artificiais, implantes de *biochips*. (SANTAELLA, 2003, p.201)

Essa realidade corpórea já faz parte da vida de muitos de nós, pois a maioria das pessoas usa óculos, muitos já colocaram um implante dentário e até fazem uso de alguma prótese. No caso do corpo protético, as alterações intensificam o funcionamento do corpo, pois as próteses são partes artificiais que completam o corpo, executando um sistema operacional não orgânico. Dessa forma, a prótese constitui uma interseção entre os sistemas tecnológico e orgânico. Segundo Santaella (2003), com exceção do cérebro e do sistema nervoso, hoje já é possível substituir qualquer parte do corpo por uma prótese. Assim sendo, cada vez mais, é possível oferecer qualidade de vida às pessoas que perderam seus membros, ou mesmo outras partes do corpo. Há atletas amputados que tiveram seus membros substituídos por próteses e isso os possibilitou a prática de esportes e até a participação em jogos paraolímpicos. As regras não são as mesmas, pois as próteses podem intensificar o funcionamento e gerar mais força e agilidade, tornando as regras convencionais aquém desses atletas.

A terceira realidade corpórea se refere ao corpo esquadrinhado, o qual prevê a vigilância constante de aparelhagem diagnóstica para detecção de problemas de saúde pelos médicos. Em outras palavras, é o que conhecemos como medicina preventiva, isto é, o exame frequente de todas as partes de nosso corpo por máquinas de sonografia, tomografia, ressonância magnética, ecografia, raio-X, entre outras, em busca de indícios de alguma

alteração nos ossos, tecidos e órgãos a tempo de ser tratada antes que seja tarde demais. Nesse caso, a prevenção parece uma decisão prudente e sensata, pois se houver algum problema de saúde, o ideal é que ele seja tratado logo no início, aumentando assim, as chances de cura. A tecnologia e a ciência trabalham juntas para melhorar a qualidade de vida das pessoas, possibilitando que essas possam viver mais e melhor.

A quarta realidade corpórea trata do corpo plugado, isto é, usuários que navegam no ciberespaço “enquanto seus corpos ficam plugados no computador para a entrada e saída de fluxos de informação.” (SANTAELLA, 2003, p.202) Em outras palavras, o corpo é imerso em uma realidade virtual e passa a interagir dentro dela, através da estimulação de seus sentidos. Conseqüentemente, quanto mais o sistema operacional bloquear a influência do mundo exterior e proporcionar uma sensação de realidade alternativa aos sentidos do usuário, mais imersivo ele será considerado. Dessa forma, enquanto o corpo fica plugado, seu tato, visão e audição são estimulados para que sua mente navegue na realidade virtual. Tal experiência imersiva pode ser vista no filme Matrix (1999).

A quinta realidade corpórea se refere a um corpo simulado, o qual é feito de algoritmos, tiras de números e, portanto, completamente desprovido de carne. Esse tipo de corpo se assemelha ao corpo plugado, mas a diferença é que enquanto o corpo carnal ficaria plugado, “uma versão tridimensional virtual desse corpo seria teletransportada para outro lugar.” (SANTAELLA, 2003, p.204) Assim, duas pessoas, separadas geograficamente, poderiam se encontrar em um mesmo lugar através de seus corpos graficamente representados. O sexto tipo de corpo se refere ao corpo digitalizado, o qual prevê a criação de corpos humanos normais através do escaneamento e duplicação de cadáveres. O objetivo é criar corpos virtuais que podem ser totalmente desmontados, remontados, animados, submetidos a interações e explorados internamente, pois a hipermídia permite a navegação do corpo todo como se uma pequena nave o percorresse para visualizar cada um de seus detalhes internos e externos.

O sétimo e último tipo de corpo, talvez seja o mais relevante para este trabalho, já que nosso objeto de estudo contempla a clonagem de seres humanos, se refere ao corpo molecular e, portanto, à manipulação do genoma humano, através das técnicas da bioengenharia e engenharia genética para a realização de experiências transgênicas, incluindo o clone humano. Como já mencionamos anteriormente, a clonagem humana não é permitida, mas não podemos afirmar com certeza que mediante a corrida do ser humano para melhorar seu corpo e prolongar sua vida, isso não ocorra no futuro. Por enquanto, a certeza é de que o corpo humano está sendo questionado, mas não sabemos a que conseqüências isso pode nos levar. Será que não estaríamos abrindo mão da nossa condição humana para nos tornarmos pós-humanos ou

superumanos? Valeria a pena? Essas são questões que só o futuro nos responderá, mas o importante é que desde já, comecemos a refletir sobre o nosso destino como seres humanos. Essa é a proposta de Kazuo Ishiguro ao abordar a clonagem na sua narrativa: a brevidade da vida e a importância do destino que decidimos dar a ela. Segundo TADEU (2009, p.11), “Ironicamente, a existência do ciborgue não nos intima a perguntar sobre a natureza das máquinas, mas, muito mais perigosamente, sobre a natureza do humano: quem somos nós?” Onde termina a máquina e começa o humano? Ou melhor ainda: onde queremos chegar? A tecnologia ciborguiana veio unir o homem à máquina para restaurar funções ao substituir órgãos e membros perdidos, proporcionar a normalização da vida de pessoas que tiveram membros e órgãos acometidos, reconfigurar corpos e melhorar o desempenho humano através da máquina. Entretanto, segundo Kunzru (2009), não é só isso, pois:

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos *bits* de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para *bodybuilding*, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance. Tem a ver com calçados atléticos. (KUNZRU, 2009, p.23)

Se antigamente não havia diferença entre os calçados para o pé direito e o esquerdo, hoje já há um calçado específico para cada atividade da nossa vida cotidiana. Assim, o atleta da era ciborgue não é necessariamente o mais rápido, mas sim aquele que tiver acesso à melhor combinação entre medicina, dieta, treinamento físico, trajes esportivos, equipamento e controle de tempo. Em outras palavras, há uma gama de elementos tecnológicos que influem no desempenho e resultado alcançados pelo atleta. Essa tecnologia não se restringe aos esportes, pois como disse Kunzru (2009), ser um ciborgue não significa necessariamente ter uma prótese ou um implante, mas sim ter acesso a qualquer tipo de tecnologia dos dias atuais, incluindo os meios de transporte. Dessa forma, não há como escapar, pois a tecnologia está à nossa volta, seja na eletricidade, no transporte, na comunicação, no trabalho, na diversão, no esporte e na saúde e já tomou conta de nossos corpos, misturando o natural e orgânico ao artificial e inorgânico. Essa mistura também está presente na nossa alimentação, através de produtos transgênicos, drogas farmacêuticas como anabolizantes e suplementos alimentares, entre outros. Dessa forma, estamos alterando o nosso corpo não só externamente, mas internamente também, pois assim como somos capazes de construir circuitos integrados, estamos construindo um novo ser: o ser pós-humano. Segundo Kunzru (2009), não basta mais diferenciar certo e errado, bom e mau, natureza e cultura, natural e artificial, já que o desafio agora é lidar com as

fronteiras escorregadias. Isso exige que comecemos a perceber a velocidade e complexidade da tecnologia ciborguiana e segundo o autor, talvez essa seja a “quintessência do século XXI”. (KUNZRU, 2009, p.24)

Segundo a própria autora americana Donna Haraway (2009),

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica. Nas tradições da ciência e da política ocidentais (a tradição do capitalismo racista, dominado pelos homens; a tradição do progresso; a tradição da apropriação da natureza como matéria para a produção da cultura; a tradição da reprodução do eu a partir dos reflexos do outro), a relação entre organismo e máquina tem sido uma guerra de fronteiras. As coisas que estão em jogo nessa guerra de fronteiras são os territórios da produção, da reprodução e da imaginação. (HARAWAY, 2009, p.37)

Haraway (2009) define o ser humano atual como uma quimera, termo que significa, entre outras coisas, monstro mitológico com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de serpente. Em outras palavras, o ser humano seria uma mistura, no caso, entre um corpo orgânico e elementos artificiais, como a máquina. Essa combinação afeta não só a visão de corpo humano, mas também as fronteiras que a ciência pode transpor através da tecnologia. Desde a Revolução Industrial, a partir da segunda metade do século XVIII, o homem vem atuando sobre a natureza para modificá-la e transformá-la em produtos de consumo. Isso só foi possível através do uso de máquinas, as quais cada vez mais, fazem parte da nossa realidade, afetando nossa rotina e o nosso modo de se relacionar com o mundo, com as outras pessoas e conosco mesmo. O avanço da ciência e da tecnologia possibilitou ao homem ultrapassar os limites da sua imaginação a ponto de querer criar um ser híbrido, meio homem e meio máquina, denominado ciborgue. Entretanto, segundo as considerações de Kunzru e Haraway, não seríamos nós todos ciborgues, já que não conseguimos mais viver sem a tecnologia nas nossas vidas? Nosso modo de viver, pensar e até se alimentar depende essencialmente de máquinas. Nesse sentido, o ciborgue já é uma realidade e não se refere só às pessoas com próteses e *chips*, mas a todos nós. Essa ideia de artificialidade nos remete à criação dos clones em laboratório, pois assim como o ciborgue, esses seres seriam uma criação de seres humanos de forma artificial. Ainda de acordo com Haraway (2009),

Os ciborgues não são reverentes; eles não conservam qualquer memória do cosmo: por isso, não pensam em recompô-lo. Eles desconfiam de qualquer holismo, mas anseiam por conexão – eles parecem ter uma inclinação natural por uma política de frente unida, mas sem o partido de vanguarda. O principal

problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis. (HARAWAY, 2009, p.40)

Essa descrição tem muito em comum com os jovens clones na narrativa de Ishiguro, pois a irreverência era uma característica da sua personalidade; eles não sabiam suas origens e apesar de tentar encontrar suas matrizes, se conformaram em não conseguir fazê-lo; uns cuidavam dos outros, mas não havia o desejo de criar um partido para a libertação de todos os clones; eles eram filhos ilegítimos, já que não conheciam seus pais ou suas matrizes e nem eram considerados humanos; eram resultado dos interesses de uma elite que, através do poder aquisitivo, determinou a criação daqueles seres para suprir a sua necessidade de órgãos vitais saudáveis. Os clones não precisaram de seus “pais” para terem uma formação digna em Hailsham, pois como já mencionamos anteriormente, a escola foi uma tentativa de pessoas como Miss Emily e Madame Marie-Claude de provar que os clones eram seres humanos como quaisquer outros e mereciam crescer com dignidade. O único ponto que talvez não esteja de acordo com a descrição desses clones seja o fato de serem infiéis às suas origens, pois como sabemos, na narrativa de Ishiguro, todos os clones cumprem o destino para o qual foram criados.

Com relação ao fato de os clones serem considerados menos humanos, vale abrir um parêntese aqui para mencionar o fato de que segundo Haraway (2009), nos Estados Unidos, já não existe separação entre o ser humano e o animal e, portanto, ambos merecem respeito. Conseqüentemente, a distância entre a natureza e a cultura se tornou menor. Nesse sentido, “o ciborgue aparece como mito precisamente onde a fronteira entre o humano e o animal é transgredida” (HARAWAY, 2009, p.41), não por demarcar uma barreira entre o humano e o animal, mas por implicar em uma perfeita combinação entre homem e máquina. Dessa forma, a fronteira não se refere mais à separação do homem e o animal e, portanto, entre a cultura e a natureza, mas sim entre o corpo orgânico e o inorgânico. Outra questão fronteira é o fato de que se até pouco tempo atrás, tínhamos a certeza de que as máquinas não eram capazes de ter movimentos próprios, construir-se e tornarem-se autônomas, já que a sua maior façanha seria imitar o homem, mas hoje já não estamos tão certos disso. Em outras palavras, as máquinas podiam ser, no máximo, uma “caricatura do sonho reprodutivo masculinista.” (HARAWAY, 2009, p.41). Esse aspecto pode ser percebido na passagem de *Não me abandone jamais*, quando Kathy descreve o comportamento imitativo do casal veterano:

Aliás, por falar nisso, algo que me chamou a atenção na atitude desses casais veteranos – e que Ruth, apesar de todo seu exame minucioso, não viu – foi que boa parte dos maneirismos era copiada da televisão. Notei isso pela

primeira vez observando Susie e Greg – talvez os dois alunos mais antigos do Casario e tidos, de forma geral, como o casal “encarregado” de tudo. Toda vez que Greg enveredava por um de seus discursos a respeito de Proust ou algo parecido, Susie repetia os mesmos gestos: sorria para todos nós, girava os olhos e articulava um “Deus nos acuda” muito enfaticamente com a boca, mas de forma quase inaudível. Em Hailsham, nunca demos muita bola para televisão, e ali não foi diferente – mas nada nos impedia de passar o dia todo na frente do aparelho. Havia uma televisão antiga na sede e uma outra na Tulha Negra e de vez em quando eu assistia a algum programa. E assim foi que percebi que esse “Deus nos acuda” saíra de uma série americana, uma daquelas em que a platéia ri o tempo todo de tudo quanto os atores fazem ou falam. Havia uma personagem – uma gorda que morava ao lado dos protagonistas – que fazia exatamente o que Susie fazia, ou seja, toda vez que o marido embarcava em algum discurso, a platéia ficava à espera de que ela girasse os olhos e dissesse “Deus nos acuda” para, então, responder com uma sonora gargalhada. Depois de ter notado isso, comecei a reparar em uma porção de outras pequenas atitudes que os casais veteranos tinham tirado dos programas de televisão: a forma de gesticular, o jeito de sentar num sofá, até mesmo o modo de discutir e de sair batendo portas.⁶⁶ (ISHIGURO, 2005, p.149-150)

Nesse trecho, os clones, os quais haviam sido criados artificialmente, se baseiam no comportamento humano exibido na TV para parecerem, na visão deles, humanos, pois até então, a sua única experiência em sociedade havia sido a escola onde estudaram, isto é, Hailsham. Fica clara a possibilidade do artificial tentar imitar o original. Haraway vai mas além, afirmando que no final do século XX, o natural se confunde com o artificial, a mente e o corpo estão intrincados, assim como aquele que cria e aquele que é criado. Assim sendo, as máquinas parecem cada vez mais vivas e seus criadores, cada vez mais inertes. Além disso, ainda segundo Haraway, o mito do ciborgue não só significa transgredir fronteiras, mas também atingir fusões potentes e possibilidades perigosas. Essas três questões podem ser encontradas na narrativa de Ishiguro, pois em primeiro lugar, a ciência transgrediu fronteiras para trabalhar com o genôma humano e criar clones em laboratório. Em segundo lugar, houve fusões potentes em laboratório,

⁶⁶ There was, incidentally, something I noticed about these veteran couples at the Cottages – something Ruth, for all her close study of them, failed to spot – and this was how so many of their mannerisms were copied from the television. It first came to me watching this couple, Susie and Greg – probably the oldest students at the Cottages and generally thought to be ‘in charge’ of the place. There was this particular thing Susie did whenever Greg set off on one of his speeches about Proust or whoever: she’d smile at the rest of us, roll her eyes, and mouth very emphatically, but only just audibly: ‘Gawd help us’. Television at Hailsham had been pretty restricted, and at the Cottages too – though there was nothing to stop ua watching all day – no one was very keen on it But there was an old set in the farmhouse and another in the Black Barn, and I’d watch every now and then. That’s how I realized that this ‘Gawd help us’ stuff came from an American series, one of those with an audience laughing along at everything anyone said or did. There was a character – a large woman who lived next door to the main characters – who did exactly what Susie did, so when her husband went off on a big spiel, the audience would be waiting for her to roll her eyes and say ‘Gawd help us’ so they could burst out with this huge laugh. Once I’d spotted this, I began to notice all kinds of other things the veteran couples had taken from TV programmes: the way they gestured to each other, sat together on sofas, even the way they argued and stormed out of rooms. (ISHIGURO, 2006, p118-119)

como o material genético de um doador e um óvulo de uma doadora para dar origem a um ser humano idêntico à sua matriz. Em terceiro lugar, havia o perigo de esses clones se tornarem mais inteligentes do que as suas próprias matrizes, ou a maioria dos humanos, e tentarem dominar a sociedade. Como se sabe, isso não acontece na narrativa, mas o escândalo de Morningdale com as experiências com o genôma humano levanta essa questão, já que trata da possibilidade de pessoas terem filhos com “características apuradas”⁶⁷ (ISHIGURO, 2005, p.315). Tais características incluíam, além de um porte atlético acima do comum, uma inteligência superior. As pesquisas do cientista James Morningdale desrespeitaram as fronteiras da ciência na sociedade descrita por Ishiguro. Entretanto, os experimentos só foram rejeitados a partir do momento que a possibilidade da criação de crianças super inteligentes ameaçou a supremacia dessa sociedade.

Tanto a fusão da máquina com o ser humano, quanto os experimentos científicos e a clonagem humana na narrativa de Ishiguro nos remetem à conclusão de que o objetivo final é a melhoria do funcionamento do corpo humano e, conseqüentemente, o adiamento da morte. Segundo o autor Yuval Noah Harari (2016), a luta do ser humano no século XXI será a busca pela imortalidade, através da valorização da vida humana. Pois, com relação à vida:

Somos constantemente lembrados de que ela é o que há de mais sagrado no universo. Todos dizem isso: professores nas escolas, políticos nos parlamentos, advogados nos tribunais e atores nos palcos de teatros. A Declaração Universal dos Direitos do Homem, adotada pela Organização das Nações Unidas (ONU) após a Segunda Guerra Mundial – e que talvez seja o que há de mais próximo que temos de uma Constituição global –, declara categoricamente que o “direito à vida” é o valor fundamental da humanidade. Por se constituir em uma clara violação desse direito, a morte é um crime contra a humanidade, e temos de travar uma guerra total contra ela. (HARARI, 2016, p.27)

Nesse sentido, mais do que refletir sobre a condição pós-humana, não só Harari, mas também Ishiguro nos convidam a pensar sobre nossa condição como seres humanos e sobre o futuro que objetivamos. Antes de vencer a morte, devemos valorizar a vida, pois como Ishiguro mesmo coloca, ela é bem curta. A ciência e a tecnologia nos possibilitam combater doenças e resolver problemas físicos anteriormente sem solução. Segundo Harari (2016), a ciência e a cultura modernas não veem a morte como um mistério metafísico, mas como algo adiável. A morte passa a ser então vista como um problema técnico que pode ser resolvido. Harari (2016) coloca que a morte não é um decreto de Deus ou um plano cósmico, mas uma falha técnica a qual ocorre quando o coração pára de bombear sangue, quando uma artéria é

⁶⁷ enhanced characteristics (ISHIGURO, 2006, p.258)

obstruída por gordura, quando células cancerosas se multiplicam, ou quando germes tomam os pulmões, por exemplo. Entretanto, o autor menciona uma solução para esses problemas através de tratamentos quimioterápicos, antibióticos, nanorrobôs para injetar medicamentos nas células doentes e até um coração novo. Hoje ainda não é possível tratar e curar todas as doenças, ou segundo as palavras de Harari, os problemas técnicos. Mas o investimento de tempo e de dinheiro em pesquisa busca solucionar todos os “problemas técnicos” que o corpo humano possa apresentar, tornando a morte adiável. E apesar de muitos médicos e cientistas ainda não admitirem o sonho da imortalidade, continuam seus estudos e pesquisas no intuito de encontrarem cura para mais e mais doenças. Além disso, a Declaração Universal dos Direitos do Homem afirma que “todo ser humano tem direito à vida. Ponto. Esse direito não é limitado por uma data de vencimento.” (HARARI, 2016, p.30) Assim sendo, se não há data de vencimento, não há data de validade para o corpo humano. Diante disso, há um número crescente de cientistas e pensadores que discutem a possibilidade de juventude eterna e extinção da morte. Há muitos estudiosos e empresas que acreditam na imortalidade, como por exemplo, o polímata, inventor futurista e ganhador da Medalha Nacional dos Estados Unidos para Tecnologia e Inovação em 1999, Raymond Kurzweil (1948-), e a empresa Google (1998-). Em 2012, Kurzweil foi nomeado diretor de engenharia no Google e em 2013, uma subcompanhia chamada Calico⁶⁸ foi lançada com o objetivo de “resolver a morte”. (HARARI, 2016, p.30) Essa não é a única empresa preocupada com essa questão, pois em 2009, o Google criou um fundo de investimentos chamado Google Ventures, cujo o objetivo é dar apoio financeiro para empresas que investem em projetos para o futuro, nas áreas de biotecnologia e cuidados de saúde, entre outros. Mais recentemente, o Google nomeou Bill Maris (1975) – empresário americano e capitalista de risco, focado em tecnologia e ciências da vida – para presidir o Google Ventures. Em entrevista em 2015, Maris afirmou ser possível viver até os quinhentos anos. A busca pela imortalidade tem seus apoiadores, os quais investem pesado nesse projeto. Para se ter uma ideia, o Google Ventures está investindo quase um bilhão de dólares em *start-ups* na área da biociência, as quais ambicionam ser capazes de prolongar a vida humana. Ainda em entrevista, Maris afirmou que viver é melhor que morrer e nesse jogo, não basta avançar, mas sim ganhar. A ambição de derrotar a morte não fica restrita a empresas como o Google, pois há apoiadores dessa ideia no Vale do Silício, Califórnia, também. Peter Thiel (1967-), por exemplo, é um empresário americano, empreendedor, capitalista de risco e co-fundador do

⁶⁸ Calico é uma companhia independente de biotecnologia, estabelecida em 2013 pela Google. O seu objetivo declarado é o combate ao envelhecimento e às doenças associadas. A nova companhia é liderada pelo CEO Arthur Levinson. O nome Calico é um acrônimo para Califórnia Life Company.

PayPal, cujo sonho é viver para sempre. Segundo ele, há três maneiras de lidar com a morte: aceitando-a, rejeitando-a ou combatendo-a. Pessoas como ele preferem combatê-la.

Não há como negar o desenvolvimento acelerado da ciência, principalmente no que diz respeito à engenharia genética, à medicina regenerativa e à nanotecnologia. Há aqueles que já acreditam que o ser humano vencerá a morte entre os anos de 2100 e 2200, mas Raymond Kurzweil e o cientista e gerontologista Aubrey de Grey (1963-) são mais otimistas, pois acreditam que qualquer um que tenha um corpo saudável e uma boa conta bancária poderá tornar-se imortal por volta de 2050. Segundo eles, aqueles que tiverem poder aquisitivo poderão curar suas doenças, regenerar seus tecidos e aumentar a eficácia de suas mãos, olhos e cérebro a cada dez anos, através de uma visita a uma clínica especializada em rejuvenescimento. Além disso, eles acreditam ainda que antes da próxima aplicação, novos medicamentos, procedimentos e dispositivos já estarão disponíveis para tornar o tratamento ainda mais eficaz. Mesmo com tais inovações tecnológicas, esses super-humanos não poderiam ser considerados imortais, mas sim amortais, uma vez que seriam passíveis de morrerem através de uma guerra ou um acidente fatal. Em outras palavras, o rejuvenescimento seria capaz de adiar a morte, mas não extingui-la definitivamente. A diferença entre essas pessoas favorecidas por esses procedimentos e nós, mortais, seria que seus corpos não teriam uma data limite para existir. Novamente, voltamos à questão do poder ser capaz de manipular o corpo, pois se os avanços da ciência nos fazem sonhar com a juventude permanente e o adiamento da morte, o poder econômico nos faz voltar à realidade e perceber que se um dia tudo isso for possível, nem todos terão esse privilégio.

Neste ponto, abrimos um parêntese para refletir sobre o poder, principalmente com relação ao corpo humano e à vida, pois um dos objetivos deste trabalho é discutir as relações de poder que perpassam a narrativa de Kazuo Ishiguro, intitulada *Não me abandone jamais* (2005). Não nos estenderemos muito nesse tópico, pois o objetivo principal deste trabalho é discutir a bioética e a desumanização dos clones. Porém, as relações de poder perpassam a obra, de forma que podemos identificá-las no próprio capítulo da bioética e no início deste capítulo. Já mencionamos o poder do conhecimento e o poder aquisitivo. Esse último está bem presente na narrativa e, por isso, acreditamos ser importante definir ‘poder’ neste momento. Poder significa, entre outras coisas, o direito ou capacidade de decidir, agir e ter voz de mando; autoridade. A palavra ‘poder’ significa ainda a supremacia em dirigir e governar as ações de outrem pela imposição da obediência, domínio, influência. E, finalmente, poder significa o domínio de fato exercido sobre uma coisa; posse. Já de acordo com FERREIRINHA & RAITZ (2010, p.369), a etimologia da palavra poder vem do latim vulgar *potere*, substituído pelo latim

clássico *posse*, termo que resultou da contração entre *potis esse*, isto é, “ser capaz”; “autoridade”. Em outras palavras, a etimologia da palavra ‘poder’ está sempre associada a uma ação que exprima força, persuasão, controle e regulação. Ainda segundo Ferreirinha & Raitz (2010), Paul-Michel Foucault (1926-1984) apresenta duas tecnologias de poder, as quais ele divide em duas séries: a série corpo, a qual compreende o organismo, a disciplina e as instituições como mecanismos disciplinares; e a série população, a qual se refere aos processos biológicos como mecanismos regulamentares e o Estado. Segundo Foucault (2005, p.286-287), um soberano tem direito sobre a vida ou a morte de seu súdito e, a partir do século XIX, houve uma transformação desse direito de soberania, transformando-o no poder de fazer viver ou deixar morrer. Essa concepção de poder está muito presente em *Não me abandone jamais*, pois nesse caso, o soberano é a sociedade e o súdito, o clone criado em laboratório, exclusivamente para doar seus órgãos vitais à sua matriz. Em outras palavras, é o poder de uma sociedade sobre o corpo de um indivíduo. Nesse sentido, Michel Foucault, em sua obra *Vigiar e Punir*, explica que:

Houve, durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos facilmente sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo — ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam. (...) É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado. Os famosos autômatos, por seu lado, não eram apenas uma maneira de ilustrar o organismo; eram também bonecos políticos, modelos reduzidos de poder: obsessão de Frederico II, rei minucioso das pequenas máquinas, dos regimentos bem treinados e dos longos exercícios. (FOUCAULT, 1987, p.117-118)

Assim como os “bonecos políticos” e “modelos reduzidos de poder”, mencionados acima, os clones na narrativa de Ishiguro não tinham nenhum poder, nem mesmo sobre os seus destinos, pois sua vida havia sido criada para atender o propósito daquela sociedade em que viviam. Eles não tinham sobrenomes e diferentemente dos clones educados em Hailsham e em outras escolas, muitos cresciam em condições desumanas, o que evidencia total ausência de poder sobre suas vidas e seus próprios corpos. Outro exemplo de “bonecos políticos” seria os soldados, também mencionados por Foucault, pois independente de sua vontade, eles partem para a guerra sabendo que poderão não voltar e, quando o fazem, trazem em seus corpos as marcas das batalhas travadas em nome de seus Estados soberanos. A citação abaixo ilustra a imagem do soldado:

Eis como ainda no início do século XVII se descrevia a figura ideal do soldado. O soldado é antes de tudo alguém que se reconhece de longe; que leva os sinais naturais de seu vigor e coragem, as marcas também de seu

orgulho: seu corpo é o brasão de sua força e de sua valentia; (FOUCAULT, 1987, p.117)

Essa citação nos remete a uma aproximação entre a figura do soldado a dos clones de Ishiguro, pois assim como o soldado é moldado para servir na guerra, os clones eram criados especificamente para cumprir seus papéis como doadores passivos e corajosos, até sucumbir. As marcas nos seus corpos resultavam das cirurgias para a extração de órgãos vitais, e, assim como o soldado, quanto mais marcas tivessem, mais mérito mereciam como bons doadores. Seu destino era conhecido, pois soldados vão para a guerra sabendo que podem não voltar, e, da mesma forma, os clones enfrentavam as cirurgias sabendo que poderiam ou não sobreviver.

Segundo Foucault, foi durante a época clássica que o corpo foi descoberto como objeto e alvo de poder, assim grande atenção foi dada ao corpo que pode ser manipulado, modelado, treinado, e obediente, concordando assim, em se tornar hábil. Percebemos isso na escola especial para os clones de Hailsham, uma vez que eles tinham regras para tudo, horários para estudar, praticar esportes, se alimentar e ter recreação. As aulas preparavam seu intelecto, enquanto os esportes desenvolviam seu físico. As aulas de artes, como bem explicaram Miss Emily e Madame Marie-Claude, constituíam uma tentativa de provar que essas crianças clones possuíam alma e, por isso, deveriam ter educação e condição de vida apropriadas.

Foucault cita ainda o exemplo do Homem-máquina, de La Mettrie, o primeiro materialista ou fisicalista no Iluminismo. Nasceu em 25 de dezembro de 1709, foi um médico e filósofo francês e um dos primeiros escritores da modernidade a escrever sobre o 'materialismo-fisicalismo'. Certa vez, Mettrie observou seu próprio corpo ardendo em febre e percebeu o aumento da circulação durante o período febril, o que o levou a concluir que os fenômenos psíquicos poderiam ser explicados através dos efeitos e mudanças orgânicas no cérebro e no sistema nervoso, ao invés de serem explicados pelo controle da alma sobre o corpo. Entretanto, refletir o homem como uma substância material, causou oposição ao seu tempo, pois na época, a ideia dominante era a da alma racional, da alma pensante, e a alma responsável pelos fenômenos psíquicos e pelo comando do corpo.

O grande livro do Homem-máquina foi escrito simultaneamente em dois registros: o anátomo-metafísico, o qual começou a ser escrito por Descartes e terminado por médicos e filósofos; e o técnico-político, constituído por um conjunto de regulamentos militares, escolares, hospitalares e por processos empíricos, refletidos para controlar ou corrigir as operações do corpo. Trata-se de dois registros distintos: um sobre a submissão e utilização, e outro sobre funcionamento e explicação. Assim, um corpo é útil e inteligível. O Homem-

máquina não só é uma redução materialista da alma, mas também uma teoria geral do adestramento, pois em seu cerne está a docilidade que une o corpo manipulável ao corpo analisável. Em outras palavras, o corpo que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado é dócil. Nessa linha de pensamento, concluímos então que os clones eram corpos dóceis porque eram passíveis de submissão a seus destinos, aperfeiçoados em laboratório, utilizados como fonte de órgãos e transformados pela subtração de órgãos e cicatrizes resultantes até completarem.

Há muito tempo o corpo tem sido submetido a limitações, proibições e obrigações através da disciplina. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas e, durante os séculos XVII e XVIII, a disciplina tornou-se a fórmula geral de dominação. Foucault explica que essas dominações diferem da escravidão porque não se fundamentam em uma relação de apropriação dos corpos. Elas também diferem da domesticidade porque não se restringem somente ao capricho do patrão. Da mesma forma, diferem da vassalagem porque não se referem a uma alta submissão e obediência. Essas dominações diferem ainda das disciplinas do monastério porque não objetivam a renúncia dos prazeres carnis e o controle dos desejos do corpo. Essa nova concepção de dominação nasce como uma ‘arte do corpo humano’, na qual quanto mais obediente o corpo for, mais útil ele também o será, e vice-versa. Dessa forma, nasce uma nova política de coerções sobre o corpo, ou melhor, algo que Foucault denomina como “manipulação calculada” dos elementos corporais, tais como gestos e comportamentos. Assim:

O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1987, p.119)

Essa relação entre corpo e poder fica muito clara em *Não me abandone jamais*, já que os corpos dos clones eram “esquadrihados” semanalmente, através de rígidos exames médicos que visavam detectar e eliminar qualquer problema e “desarticulados” através de cirurgias para remover seus órgãos vitais. Já os corpos das matrizes que doaram material genético para a criação dos clones eram “recompostos” no momento que recebiam as doações advindas dos clones. Assim se dava a “mecânica do poder”: os indivíduos com poder aquisitivo pagavam para ter seus corpos clonados e adquirirem quaisquer órgãos que viessem a precisar. Os corpos dos clones eram transformados em corpos dóceis através da disciplina imposta em escolas que os preparavam para as doações desde cedo para que a sociedade abastada pudesse

se apropriar de seus órgãos quando lhe aprouvesse. Dessa forma, o poder financeiro era o diferencial que decidia quem poderia adquirir a cura para seus males e, conseqüentemente, ter sua vida prolongada. Após essa reflexão sobre as relações de poder e o corpo, descritas por Foucault e aproximadas por nós à narrativa de Ishiguro, sigamos para a conclusão deste capítulo, tratando das considerações finais sobre o pós-humanismo.

O que acontece no futuro da sociedade descrita em *Não me abandone jamais* não é mencionado, mas segundo as ideias de Francis Fukuyama (2003), em seu livro *Nosso futuro pós-humano*, uma das conseqüências do prolongamento da vida será as mudanças demográficas e sociais, pois se no século XX já foi possível aumentar a expectativa de vida, mudanças expressivas podem ocorrer até o ano 2050. Isso se agravará ainda mais mediante à queda na taxa de natalidade. Um exemplo disso é o fato de que a idade mediana da população americana em 1850 era 19 anos, enquanto em 1990, avançou para 34 anos. Além disso, há uma previsão de que as idades medianas nos Estados Unidos, Alemanha, Japão e Itália aumentarão para 40, 54, 56 e 58 anos, respectivamente, até 2050. De acordo com Fukuyama (2003),

(...) Essas estimativas, deve-se ressaltar, não presumem quaisquer aumentos impactantes das expectativas de vida. Se pelo menos algumas das promessas da biotecnologia se realizarem, é realmente possível que metade das populações dos países desenvolvidos venha a ter idade para se aposentar, ou mais, nessa altura. Até agora, o envelhecimento da população dos países desenvolvidos foi discutido fundamentalmente no contexto do risco que criará para a seguridade social. Essa crise iminente já é bastante real: o Japão, por exemplo, onde no fim do século XX havia quatro trabalhadores ativos para cada aposentado, passará em cerca de uma geração para uma situação em que haverá somente dois trabalhadores por aposentado. Mas há outras implicações políticas também. (FUKUYAMA, 2003, p.73)

Fukuyama nos mostra que a busca do homem pela imortalidade também trará conseqüências indesejáveis. Não há, portanto, somente vantagens. A baixa taxa de natalidade, principalmente nos países mais ricos, somada à alta taxa de envelhecimento acarretará uma superpopulação de pessoas aposentadas, abalando assim, a economia. Se por um lado, as pessoas de maior poder aquisitivo terão acesso aos procedimentos para rejuvenescimento, por outro, a queda na população produtiva pode levar o país a problemas econômicos e sociais. Adicionalmente, um aumento na expectativa de vida mudaria as hierarquias sociais, já que as hierarquias graduadas pela idade só têm sentido à medida que a idade se correlaciona à capacidade física, ao conhecimento, à experiência, à realização, entre outros. Entretanto, em determinada idade, essa correlação tende a mudar. Em outras palavras, quando a expectativa de vida era de 40 ou 50 anos, esperava-se que a nova geração ocupasse o lugar daqueles que partiam, mas se as pessoas começarem a viver muito mais e não houver jovens para ocupar as

funções produtivas, a sociedade precisará rever a correlação entre idade e produtividade. Vale mencionar ainda que a aposentadoria compulsória surgiu no século XIX, justamente porque cada vez mais pessoas atingiam a velhice. Com a possibilidade do prolongamento da vida, o que será considerado velhice? Quando uma pessoa deverá se aposentar? Haverá aposentadoria compulsória? Essas são apenas algumas questões com as quais já devemos começar a nos preocupar desde já, pois a realidade pós-humana já está em curso e começou a operar mudanças na nossa sociedade.

Por enquanto, continuamos mortais, mas temos a esperança de alcançar a cura para todas as doenças e viver por tempo indeterminado. A ciência avança a passos largos e nosso genoma já foi mapeado. O homem almeja conquistar o espaço e utilizar o ambiente espacial como laboratórios para experiências diversas. No íntimo, a morte sempre incomodou o ser humano, o qual desde os primórdios, tentou entendê-la e adiá-la. Muitos avanços já possibilitaram o prolongamento da existência humana, mas não podemos afirmar com certeza o que está por vir. Sabemos que há muitos recursos disponíveis e que muitos ainda virão. Porém, uma coisa é certa: a vida é muito curta e devemos pensar bem sobre o que faremos com ela. O conhecimento e as descobertas da ciência certamente contribuíram para uma vida melhor e mais longa, mas será que não estamos caindo no mito fáustico ao almejar a imortalidade? Talvez o que nos torne humanos seja o fato de sermos mortais e é justamente isso que Ishiguro nos convida a refletir: a essência humana e as habilidades que nos caracterizam como humanos. Além disso, segundo Martin Persson (2019),

(...) Não é a ausência ou uma certa porcentagem de órgãos artificialmente criados em nossos corpos que nos define como humanos. Isso fica bem claro pelo fato de que corpos receptores aceitam esses novos órgãos como compatíveis. Para o corpo humano, embora os clones sejam criados em laboratório, não há nada que separe essas partes corpóreas daquelas que elas substituem. Elas são prontamente aceitas como humanas.⁶⁹ (PERSSON, 2019, p.23. Tradução nossa.)

De acordo com Persson, o corpo pós-humano continua humano e não há distinção entre o corpo matriz e o corpo clonado, já que não há rejeição dos órgãos oferecidos pelos clones às suas matrizes. Dessa forma, apesar de desumanizados, os clones em *Não me abandone jamais* são humanos, pois seus órgãos eram aceitos pelos corpos humanos de suas matrizes, o que evidencia sua humanidade. As relações de poder os desumanizaram, isolando-os em

⁶⁹ It is not the absence or a certain percentage of artificially created organs in our bodies that defines us as human. This is further made clear by the fact that the receiving bodies accept these new organs as compatible. To the human body, though the clones are grown in a lab, there is nothing that separates these body parts from those they replace. They are readily accepted as human. (PERSSON, 2019, p.23)

Hailsham e após isso, colocando-os em espaços como antigas fazendas, adaptadas para se tornarem abrigo para os clones. Assim como animais de fazenda, suas vidas seriam ceifadas com o término de suas doações. E, apesar do fato de serem cópias idênticas às suas matrizes, havia um certo receio por parte de todos que conviviam com eles. Em outras palavras, mesmo aqueles que defendiam seus direitos os temiam, como na passagem onde Miss Emily revela que todos temiam os alunos/clones. O trecho do diálogo entre Kathy e Miss Emily esclarece:

“Madame nunca gostou da gente. Ela sempre teve medo de nós. Do mesmo jeito como as pessoas têm medo de aranha e coisas do gênero.”

Esperei para ver se Miss Emily ficaria brava, mas sem me importar mais com sua reação. De fato, ela se virou bruscamente para mim, como se eu tivesse lhe atirado uma bolinha de papel, e seus olhos faiscavam de um jeito que me fez lembrar dos tempos de Hailsham. Mas a voz estava calma e branda quando respondeu:

“A Marie-Claude sacrificou *tudo* por vocês. A vida dela foi só trabalho, trabalho, trabalho. E saiba, minha filha, que ela está do seu lado, sempre estará do seu lado. Se ela tem medo de vocês? *Todos* nós temos medo de vocês. Eu própria muitas vezes precisei reprimir o pavor que tinha de vocês. (...)”⁷⁰ (ISHIGURO, 2005, p.321)

Ishiguro usa esse pavor e repulsa das pessoas em relação aos clones para dar ao leitor uma ideia de comparação entre eles e os animais, já que nenhum deles tem poder de escolha sobre seu destino. Assim, em uma segunda leitura, após já estar ciente do destino de cada clone, o leitor poderá atentar para esses detalhes como as fazendas velhas e o pavor com relação aos clones, um pavor e uma repulsa semelhantes àqueles que sentimos quando nos deparamos com uma aranha ou outro animal repulsivo. Entretanto, sua capacidade de raciocínio e inteligência deixam clara a sua condição humana.

Encerramos este capítulo com uma pergunta: quando clones humanos são utilizados para prolongar a vida de seres humanos, tornando-os pós-humanos, teremos uma utopia ou uma distopia? Segundo SANTAELLA (2003), há os dois extremos, pois se por um lado, a nossa subjetividade se sustentava em uma visão estável sobre os limites do nosso corpo, por outro, as novas tecnologias possibilitaram que tais limites fossem superados, o que nos tirou totalmente essa sensação de estabilidade. Além disso, dois extremos surgiram a partir do pós-humanismo: o primeiro se refere a uma tendência esperançosa, salvacionista e eufórica, na qual a tecnologia

⁷⁰ “Madame never liked us. She’s always been afraid of us. In the way people are afraid of spiders and things.” I waited to see if Miss Emily would get angry, no longer caring much if she did. Sure enough, she turned to me sharply, as if I’d thrown a ball of paper at her, and her eyes flashed in a way that reminded me of her Hailsham days. But her voice was even and soft when she replied:

“Marie-Claude has given *everything* for you. She has worked and worked and worked. Make no mistake about it, my child, Marie-Claude is on your side and will always be on your side. Is he afraid of you? We’re *all* afraid of you. I myself had to fight back my dread of you all amost every day I was at Hailsham.” (ISHIGURO, 2006, p.263-264. Grifo do autor.)

é vista como a esperança para todos os males do corpo, a salvadora de vidas e a feliz possibilidade de superar limites que até então, eram insuperáveis. O segundo extremo se refere a uma tendência apocalíptica e incrédula, a qual aposta na catástrofe. Em *Não me abandone jamais*, podemos perceber as duas tendências, isto é, para a sociedade que permitiu a clonagem humana, havia a esperança de cura e a euforia em adiar a morte; já para os clones, não havia futuro, senão aquele que lhes fora imposto pela sociedade que os criou. Para uns, a possibilidade de superar os limites impostos pelo corpo humano; já para outros, a impossibilidade de uma vida plena e justa. E assim, utilizamos as palavras de Michel Foucault (2013):

O meu corpo é o lugar sem recurso ao qual estou condenado. Penso, afinal, que é contra ele e como que para apagá-lo que fizemos nascer todas as utopias. A que se deve o prestígio da utopia, a beleza, o deslumbramento da utopia? A utopia é um lugar fora de todos os lugares, mas um lugar onde eu teria um corpo *sem corpo*, um corpo que seria belo, límpido, transparente, luminoso, veloz, colossal na sua potência, infinito na sua duração, solto, invisível, protegido, sempre transfigurado; (FOUCAULT, 2013, p.8. Grifo do autor.)

Assim, se por um lado, o corpo pós-humano pode simbolizar uma utopia, na qual a ciência e a tecnologia possibilitam o seu melhoramento, por outro, o corpo dos clones em *Não me abandone jamais*, pode simbolizar uma distopia, já que seres humanos, criados artificialmente, se viam reféns de seus próprios corpos, uma vez que o único propósito de suas vidas era fornecer órgãos e tecidos para que outros corpos fossem melhorados e outras vidas, salvas. Não encerraremos a discussão aqui, pois, no próximo capítulo, discutiremos sobre a ficção científica e a distopia e apontaremos os elementos distópicos na narrativa de Ishiguro. Também abordaremos a importância da arte para o processo de humanização dos clones, explicando o porquê da preferência da narradora Kathy pela canção *Não me abandone jamais* e o seu significado no contexto em que ela é flagrada cantando e agarrando o seu travesseiro enquanto repetia o refrão. Por que Madame chorava ao ver Kathy segurando o travesseiro como se fosse um bebê? Também discutiremos sobre o porquê de Kathy virar a capa da fita para esconder a foto da cantora fumante, demonstrando mais uma restrição aos clones na sua preparação para o cumprimento de uma função única: as doações. Por fim, refletiremos sobre a obra *Vidas desperdiçadas* (2005), de Bauman.

4. A FICÇÃO CIENTÍFICA E A DISTOPIA

Vi – com os olhos fechados, mas a visão mental aguçada – o rosto pálido de um estudante de artes profanas ajoelhar-se ao lado da coisa que havia montado. Eu me deparei com a imagem hedionda de um homem estendido que, graças a algum motor potente, dava sinais de vida, movendo-se de um jeito inquietante e meio vivo. Aquilo deve ter sido medonho, pois era extremamente assustador o efeito de qualquer tentativa humana de brincar com o mecanismo estupendo do Criador do mundo. (SHELLEY, 2019, p.12-13.)

Essa é a descrição do sonho que Mary Shelley (1797-1851) faz na introdução de seu livro de ficção científica intitulado *Frankenstein* ou *O Prometeu Moderno* (1818). Segundo Shelley, esse sonho a inspirou a escrever a história do jovem Victor Frankenstein e sua criação monstruosa. Ao fazer experiências em laboratório o jovem cientista decide dar vida à matéria inanimada, como o corpo de cadáveres. Assim, através de um estímulo elétrico, causado por um raio, Frankenstein consegue dar vida a um corpo que ele criara ao emendar membros de diferentes cadáveres a um mesmo tronco. Um novo ser havia sido criado pelas mãos de um ser humano. E assim, a ambição do homem de poder criar vidas, assim como o Criador, se tornou verdade, através da ficção. Esse tema não é novo na literatura, pois a obra da autora inglesa foi lançada em 1818 e narra a experiência científica de um estudante de ciências naturais. De acordo com De La Rocque e Teixeira (2001), esse romance de terror gótico é considerado a primeira obra de ficção científica da história. Mary Shelley teve acesso aos livros desde muito cedo, pois seu pai era um homem muito culto e interessado pela ciência. Ela tinha grande interesse pelas novas descobertas científicas, principalmente, a eletricidade, e, por isso, o monstro criado pelo jovem Frankenstein foi animado através de um raio.

Há muito, o ser humano luta para se manter saudável, ter um corpo perfeito e até vencer a morte. Em ambas as narrativas, isto é, tanto em *Frankenstein*, quanto em *Não me abandone jamais*, é possível perceber o viés científico envolvendo a criação de seres em laboratório, através das mãos do homem. Se por um lado, Victor Frankenstein se dedica incansavelmente às suas pesquisas científicas, sacrificando sua vida pessoal e seu convívio familiar para a criação de uma vida, por outro, a personagem de Ishiguro narra toda a sua existência de preparação para salvar uma vida humana. Tanto os clones quanto a criatura de Frankenstein foram criadas com propósitos científicos, seja para desvendar o mistério da criação divina, seja para tentar vencer a morte. Por outro lado, há outros temas abordados em *Frankenstein*, como por exemplo, a relação da criatura com seu criador. Além disso, é possível identificar a influência do poema *Paraíso*

*Perdido*⁷¹ (1667), de John Milton (1608-1674), no texto de Shelley, pois esse texto é uma das obras lidas pelo monstro. Vale abrir um parêntese aqui para mencionar que *O Paraíso Perdido* é um poema épico, o qual foi escrito pelo poeta inglês John Milton e publicado pela primeira vez em 1667. Essa obra é considerada uma das obras-primas da literatura inglesa e um dos mais importantes épicos na língua inglesa. O poema consiste em doze livros e segue uma estrutura clássica de epopeia. O enredo de *O Paraíso Perdido* gira em torno do pecado original e da expulsão de Adão e Eva do Jardim do Éden, como narrado no Livro de Gênesis da Bíblia. O poema começa com Lúcifer e seus seguidores rebeldes sendo lançados no inferno após uma guerra celestial. O poema então retrocede no tempo para contar a história da criação do mundo, a queda de Lúcifer e a tentação de Adão e Eva por Satanás. Milton aborda questões teológicas e filosóficas profundas ao longo do poema. Ele explora temas como o livre arbítrio, o mal, a justiça divina, a obediência a Deus e a natureza da tentação. *O Paraíso Perdido* também é uma obra que examina a condição humana, explorando a fragilidade e a falibilidade da humanidade. A caracterização de Lúcifer como um personagem complexo e ambivalente é uma das características mais notáveis do poema, pois Milton o retrata como um ser carismático e corajoso, mas, ao mesmo tempo, rebelde, orgulhoso e malicioso. A figura de Satanás é, de certa forma, um anti-herói, e sua luta contra Deus e a subsequente corrupção de Adão e Eva levantam questões sobre o mal e a liberdade de escolha. A linguagem utilizada por Milton é altamente elaborada e poética, repleta de metáforas, alusões e imagens vívidas. O poema é conhecido por sua prosódia e pela habilidade do autor em criar versos ricos e sonoramente agradáveis. Além de suas qualidades literárias, *O Paraíso Perdido* também é significativo por sua influência na cultura e na teologia. O poema teve um impacto duradouro na literatura inglesa e na forma como a história bíblica da criação e da queda foi interpretada. Em resumo, o poema é uma obra monumental da literatura inglesa e aborda temas profundos e universais, explorando a queda da humanidade e as questões de livre arbítrio, pecado, redenção e justiça divina. É uma leitura desafiadora, mas profundamente recompensadora para quem se aventura a explorar suas páginas. Isso pode explicar a escolha de Mary Shelley em incluir o poema como a leitura feita pela criatura, na sua narrativa, intitulada *Frankenstein* ou *O Prometeu Moderno*.

Vale lembrar que o poema também aborda a criação do homem e sua queda subsequente. Deus criou o homem a sua imagem e semelhança, mas a criatura não se identificava com essa condição, pois nada no monstro era belo. Como poderia ter sido criado a partir da imagem de

⁷¹ *Paraíso Perdido*, cujo título original é *Paradise Lost*, é um poema épico do século XVII, escrito por John Milton, originalmente publicado em 1667 em dez cantos. Uma segunda edição foi publicada em 1674 em doze cantos, com pequenas revisões do autor.

seu criador? A seguir, apresentamos o comentário do monstro, criado por Frankenstein, a respeito da obra de John Milton:

Paraíso perdido, por sua vez, estimulou emoções diferentes e muito mais profundas. Eu o li, tal qual lera os outros exemplares que me caíram às mãos, como uma história verdadeira. A obra me despertou todo o sentimento de admiração e temor que a imagem de um Deus onipotente em guerra com suas criaturas era capaz de excitar. Com frequência, ficava impressionado ao perceber o quanto as situações retratadas eram similares às minhas. Como Adão, aparentemente eu não estava unido por nenhum vínculo com qualquer outro ser existente, mas seu estado era muito diferente do meu em todos os demais aspectos. Ele havia saído das mãos de Deus como uma criatura perfeita, feliz e próspera, guardada com cuidado especial pelo seu Criador. Além disso, era autorizado a conversar e adquirir conhecimento acerca dos indivíduos de natureza superior. Eu, no entanto, era desvalido, vulnerável e sozinho. Muitas vezes considerei Satanás como o emblema mais adequado à minha condição; pois constantemente, como ele, sentia o amargo fel da inveja crescer em meu interior ao me deparar com a felicidade de meus protetores. (...) Deus, em sua piedade, tornou o homem bonito e encantador à sua própria imagem; minha forma, porém, é uma versão imunda da sua, ainda mais horrível pela semelhança em si. Satanás teve companheiros, demônios com ele, para admirá-lo e encorajá-lo; mas eu sou solitário e detestável. (SHELLEY, 2019, p.156. Tradução de Rafaela Caetano.)

A criatura feia, defeituosa e grotesca não se identificava com o seu criador. Como poderia ter sido criada por Deus? Se Deus criou o homem a partir de sua imagem, aquele monstro não poderia ter sido criado por Ele. Assim, a criatura se identificava com o oposto de Deus, isto é, Satanás, mas mesmo assim, ela se sentia menor, pois mesmo a mais temida entidade tinha companheiros e admiradores. A criação do cientista Frankenstein era sozinha e rejeitada por todos, inclusive, pelo seu criador. Entretanto, assim como o anjo decaído, a criatura se sentia deslocada, pois ao não pertencer a esse mundo, para onde deveria ir? O que deveria fazer? Sentia revolta por existir e ódio do seu criador: “Maldito o dia em que recebi a vida!”, exclamava em agonia. “Por que criou um monstro tão hediondo do qual você mesmo se afastou com nojo?” (SHELLEY, 2019, p.156. Tradução de Rafaela Caetano.) Tais pensamentos não lhe saíam da mente e, quanto mais pensava, mais revolta, solidão e dor sentia. Afinal, Satanás lhe parecia mais afortunado, já que mesmo expulso decaído, tinha seguidores.

Outro aspecto relevante na obra de Mary Shelley é a destruição física e moral de Victor Frankenstein, a qual é aludida não só nas citações de *O Paraíso Perdido*, mas no próprio título: *Frankenstein ou o Prometeu moderno*⁷². Prometeu é um personagem da mitologia grega, o qual é punido severamente por Zeus após roubar o segredo do fogo para doá-lo à humanidade. Esse segredo era restrito somente aos deuses e, por isso, podemos traçar mais um paralelo, pois a

⁷² *Frankenstein: or the Modern Prometheus* (título original em inglês).

criação da vida é um segredo atribuído somente a Deus. Dessa forma, a ruína de Victor Frankenstein foi uma punição por sua tentativa de dar vida a uma matéria inanimada, assumindo assim, o papel de criador. Tal ato é de natureza divina e não cabe ao homem tentar reproduzi-la. Assim como na narrativa de Shelley, os clones de Ishiguro revelam o desejo do homem de controlar a criação, mas em ambas as narrativas, as criaturas não são vistas como humanas: em Shelley, o monstro; em Ishiguro, os menos humanos. Adicionalmente, não há futuro para elas, pois todas são privadas de uma existência plena e feliz. Os clones tentam lutar por sua sobrevivência e controle de suas próprias vidas, mas acabam todos cumprindo o destino que a sociedade inglesa da época lhes atribuiu. A criatura de Victor Frankenstein também não obteve sucesso em viver plenamente na sua breve existência, levando consigo o seu próprio criador.

Segundo Furtado (2011), Mary Shelley tratou da ciência, dando a ela dois vieses, pois se por um lado a medicina avançada seria capaz de tratar as doenças e prevenir a morte prematura, do outro a capacidade de reproduzir seres em laboratório poderia ter consequências muito sérias, já que os criadores seriam seres imperfeitos, isto é, o próprio homem. Dessa forma, podemos perceber que Shelley divide a ciência em duas partes distintas: a boa e a má, pois se por um lado, observar a natureza para compreendê-la é totalmente plausível, por outro, manipulá-la para atender aos interesses humanos seria uma transgressão. Nesse sentido, percebemos uma nova proposta: ciência e tecnologia não são o problema, mas sim o uso que a humanidade faz delas, podendo assumir atitudes moralmente questionáveis. Foi Shelley que criou o arquétipo do cientista louco, isto é, um homem frio e capaz de se afastar do bem em nome de sua obsessão científica.

Mas voltemos à ficção científica em si e as características desse tipo de narrativa. Apesar da obra de Shelley ter sido publicada em 1818, foi somente na segunda metade do século XIX que surge a ficção científica de fato. De acordo com Furtado (2011), o autor inglês Herbert George Wells (1866-1946), ou H.G. Wells, e o autor francês Júlio Verne (1828-1905) são considerados os ‘pais’ da ficção científica, pois suas publicações abordam não só eventos possíveis para a ciência da época, mas também extrapolações plausíveis, como por exemplo, *Vinte mil léguas submarinas* (1870), a qual apresenta o funcionamento do submarino do capitão Nemo, o Nautilus, em detalhes. Vale mencionar algumas das obras produzidas por esses autores: *A máquina do tempo* (1895), *A ilha do Dr. Moreau* (1896), *O homem invisível* (1897), *A guerra dos Mundos* (1898), entre outros. Os quatro títulos mencionados foram escritos por H.G. Wells e também tiveram sua versão filmica. Já o autor Júlio Verne escreveu obras como *Viagem ao centro da Terra* (1864), *Vinte mil léguas submarinas* (1870), *A volta ao mundo em 80 dias* (1872), e *A ilha misteriosa* (1875), todos com versões filmicas também. Ambos trataram do tema

da ciência, porém, por vieses diferentes, pois se por um lado as invenções nas histórias de Verne mostravam somente o aspecto bom da tecnologia, por outro, Wells explorava o seu aspecto negativo, através de eventos que ameaçavam a humanidade, como em *A guerra dos Mundos*, por exemplo.

Já na primeira metade do século XX, principalmente, as histórias de ficção científica passaram a evidenciar uma preocupação com o uso inadequado da ciência e da tecnologia. Nesse sentido, essas histórias não necessariamente abordam avanços tecnológicos, mas outros aspectos como as ciências sociais e o experimentalismo literário. Furtado afirma que “o cientista espacial e escritor norte-americano David Brin, (...) concorda que a função da ficção científica é perguntar ‘e se?’. Para ele, o tema central do gênero é a mudança e as melhores histórias são (...) aquelas que são tão bem-sucedidas em pintar um futuro terrível que inspiram as pessoas a impedir que este aconteça.” (FURTADO, 2011, p.26). Isso nos remete à obra *Não me abandone jamais*, já que a ideia de viver em uma sociedade na qual a criação de clones, exclusivamente para extrair seus órgãos vitais, era considerada algo normal, porém, para a nossa sociedade pós-moderna, pode soar como algo funesto e desumano e, para muitos, inimaginável.

Furtado (2011, p.29) afirma ainda que segundo o escritor brasileiro de ficção científica Roberto de Sousa Causo (1965-), autor de *Glória Sombria* (2013) e *Mestre das Marés* (2018), o objetivo da ficção científica é extrapolar, isto é, ir além dos limites da comprovação científica atual, construir uma imagem do futuro. Dessa forma, longe de divulgar as descobertas científicas, as histórias de ficção científica extrapolam as consequências de um determinado conhecimento. Furtado reforça essa ideia ao mencionar que a teórica Lúcia de La Rocque, bióloga e teórica da literatura, “vê a extrapolação como a principal contribuição do gênero – as histórias permitiriam que o público tivesse noção dos possíveis caminhos de determinados avanços e da responsabilidade quanto ao uso das descobertas. (FURTADO, 2011, p.29). Assim, percebemos que a ficção científica aborda a questão da responsabilidade dos cientistas ao lidarem com suas pesquisas em laboratório, no sentido de evitarem consequências nocivas à sociedade. Assim sendo, percebemos que *Não me abandone jamais* nos remete a refletir sobre as possíveis consequências da clonagem humana.

Alguns acreditam que com a evolução tecnológica, a ficção científica já não teria mais sentido de existir. Entretanto, segundo Causo (2003), sempre haverá desdobramentos relacionados à tecnologia e à ciência, os quais precisam ser discutidos. Nesse sentido, podemos perceber que a ficção científica continuará questionando o quanto as invenções tecnológicas e as descobertas científicas influenciarão o nosso mundo e alterará a nossa realidade.

Devemos salientar ainda a dificuldade para definir a ficção científica. Muitos autores tratam desse termo com diferentes nuances a saber: para o inventor, editor e escritor de ficção científica Hugo Gernsback (1884-1967), autor de *Amazing Stories* (1926) e *Wonder Stories* (1930), entre outros, a ficção científica é “uma combinação de romance, ciência e profecia” (SEED, 2011, p.1. Tradução nossa.); já para Robert Heinlein (1907-1988), escritor norte-americano de ficção científica, autor de *O dia depois de amanhã* (1941) e *O monstro do espaço* (1954), entre outros, a ficção científica é “uma especulação sobre eventos futuros” (SEED, 2011, p.1. Tradução nossa.); e, finalmente, para Darko Ronald Suvin (1930-), escritor e crítico iugoslavo, professor na Universidade McGill em Montreal, a ficção científica é “um gênero baseado em uma alternativa imaginada para o ambiente do leitor” (SEED, 2011, p.1. Tradução nossa.). Outros a consideram ainda uma forma de ficção fantástica, mas de acordo com André Granja Carneiro (1922-2014):

Dizer que a ficção científica é uma literatura inspirada ou baseada na ciência é uma definição simplista que não satisfaz, pela imprecisão. Certamente o “fantástico” imaginativo da ficção científica tem características bem próprias. Não é mais o fantástico religioso do século passado, nem o sobrenatural onde as superstições justificam o desenrolar do tema, nem o simbolismo dos românticos alemães. O “maravilhoso” da (boa) ficção científica moderna pode ser uma extrapolação de realidades reveladas pela ciência, uma criação imaginária de um mundo futuro, ou diferente, mas com uma argamassa intelectual que não exime, naturalmente, nem a profundidade, a penetração filosófica ou psicológica, nem o sutil ou o poético. (CARNEIRO, 1968, p.7)

A explicação de André Carneiro deixa clara a ideia de que a literatura fantástica e a ficção científica são distintas, pois enquanto a primeira explora as sensações e o imaginário no presente, a segunda tenta apresentar possibilidades para uma realidade e futuro distantes. Em outras palavras, se a fantasia explora aquilo que nunca poderá ser, a ficção científica explora aquilo que pode vir a ser, partindo de premissas ancoradas em preceitos lógicos, a partir dos quais o autor parte para o literário. Adicionalmente, de acordo com Roberto de Sousa Causo, em seu texto *Ficção Científica, Fantasia e Horror no Brasil: 1875 a 1950* (2003), a fantasia situa-se em um mundo totalmente fora da experiência comum, pois seus personagens diferem das criaturas conhecidas, os quais vivem em um mundo com suas próprias regras e lógica e podem adentrar o nosso mundo sem perder seus poderes. Entretanto, caso um ser humano adentre esse mundo de fantasia, terá de se submeter às leis que lá imperam.

No caso da ficção científica, muitos autores a relacionam com a tecnologia, já que qualquer inovação tecnológica afeta a estrutura da sociedade e seu comportamento. Entretanto, isso não significa que a ficção científica trate exclusivamente do futuro, pois pode também se referir ao presente de seu próprio autor, uma vez que esse vai se basear na sua realidade para

expressar suas percepções e expectativas. Dessa forma, o futuro representado pela ficção científica tem uma dimensão especulativa, na qual aspectos da nossa realidade são suspensos ou até transformados. De acordo com Seed (2011), é mais produtivo pensarmos a ficção científica como uma intersecção de vários gêneros e subgêneros, na qual a ciência está inclusa. Seed acrescenta ainda que a ficção científica “tem sido denominada como uma forma de ficção fantástica e uma literatura histórica.” (SEED, 2011, p.1. Tradução nossa.) Além disso, em seu livro *A Little Earnest Book upon a Great Old Subject: With the Story of the Poet-Lover* (1851), William Wilson menciona pela primeira vez, o termo ‘ficção científica’, atribuindo-lhe a capacidade de cumprir um propósito bom e criar um interesse pela ciência, a qual sozinha, não atrairia tantos leitores. (WILSON, 1851, p.137) Assim, ficção e ciência têm sido uma boa combinação, a qual resulta em histórias envolventes e remete o leitor à reflexão. Nesse sentido, *Never let me go* não só convida o seu leitor a pensar sobre a clonagem humana e suas consequências, mas também sobre o sentido da vida e o futuro da humanidade.

Nessa linha de pensamento, acreditamos ser pertinente traçarmos aqui um breve histórico da trajetória do fantástico na literatura, a fim de entendermos melhor como essa vertente deu origem a outras, inclusive à ficção científica. O termo ‘fantástico’ remete a tudo aquilo que só existe na imaginação e na fantasia, e que é considerado incomum, extraordinário e prodigioso. Mas o que é fantástico na literatura? Vários teóricos da literatura tentaram definir o gênero fantástico, mas apenas alguns deles contribuíram com novos parâmetros de estudo desse gênero.

Charles Nodier (1780-1844) pode ser considerado um precursor na reflexão sobre o fantástico, pois em seu ensaio intitulado “*Du Fantastique em littérature* (1830) traz uma história literária sobre as manifestações fantásticas na literatura, retomando a história da imaginação do homem e destacando três etapas principais, a saber: as primeiras criações literárias, o deslocamento do conhecido ao desconhecido e a “mentira”. Na primeira etapa, o objeto da poesia refere-se às sensações experimentadas pelo homem, concentrando-se por muito tempo na expressão da sensação. Mais tarde, a poesia compara as sensações entre si, desenvolve descrições e apreende os aspectos característicos das coisas. Assim, as primeiras criações literárias objetivavam a descrição e a representação do mundo material por meio das sensações despertadas nos seus leitores. Em um segundo momento, a atenção da criação literária move-se do conhecido para o desconhecido.

Esse mundo espiritual, ao mesmo tempo em que elevou o homem para além dos limites estritamente materiais, fixou-o cada vez mais em si próprio, tornando-o o centro em redor do qual girava a ordem universal. (CAMARANI, 2014, p.14)

Assim, o homem se aprofunda nas leis ocultas da sociedade, estuda os segredos da organização universal e inventa as ciências contemplativas e as religiões. Entretanto, essas descobertas não foram suficientes para lhe explicar a quantidade de sensações e acontecimentos na sua vida cotidiana. Foi aí que, segundo Nodier, a terceira etapa da história da imaginação humana, a qual ele definiu como “mentira”, surgiu. Nodier reconhece que a mentira vem da imaginação, gerando o mundo fantástico. Assim, as três etapas sucessivas compuseram o pensamento humano da seguinte forma: a inteligência que fundou o mundo material, o gênio devidamente inspirado que pressentiu o mundo espiritual e por fim, a imaginação que criou o mundo fantástico.

O fantástico, porém, não é oriundo de mentes perturbadas, visionárias ou alucinadas, mas sim do desenvolvimento racional da mente humana. Desta forma, o ser humano não só avançou em seu conhecimento de mundo, mas também observou fenômenos que fugiam à sua compreensão. Eis aí a essência do fantástico: um mundo regido pela hiperbolização das leis positivas, isto é, um exagero das leis que regem o universo. Adicionalmente, podemos acrescentar que diferentes críticos da literatura fantástica insistem e demonstram que o que caracteriza o fantástico é o desequilíbrio ou a perturbação das leis reconhecidas, e, portanto, o real é imprescindível para a compreensão desse gênero. Vale mencionar ainda que Nodier acreditava que a literatura fantástica tenha surgido da necessidade humana de sensações e sentimentos, após séculos de racionalismo.

Já em 1970, em sua obra intitulada *Introdução à Literatura Fantástica*, Tzvetan Todorov (1939-2017) é certamente o primeiro teórico do fantástico a abordar essa modalidade literária e situá-la no terreno dos gêneros literários.

A expressão “literatura fantástica” se refere a uma variedade da literatura ou, como se diz normalmente, a um gênero literário. O exame de obras literárias do ponto de vista de um gênero é uma empreita muito particular. O que aqui tentamos é descobrir uma regra que funcione através de vários textos e nos permita lhes aplicar o nome de “obras fantásticas” e não o que cada um deles tem de específico. (TODOROV, 1981, p.5)

Assim, após uma reflexão sobre o conceito de gênero, Todorov define três condições para que uma narrativa possa ser considerada fantástica. Em primeiro lugar, o texto deve levar o leitor a acreditar que o mundo das personagens é um mundo de criaturas vivas. Em segundo lugar, o texto deve ainda causar uma hesitação no leitor entre acreditar em uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. Adicionalmente, Todorov considera que a hesitação pode ser vivida pelo leitor através de uma personagem, e, portanto, seria uma representação do sentimento do leitor no texto, tornando-se

assim, um dos temas da obra. Desta forma, a hesitação entre natural e sobrenatural, real e ilusório, seria imprescindível no texto fantástico. Finalmente, a terceira consideração refere-se à atitude do leitor perante o texto, isto é, a impossibilidade de uma interpretação alegórica ou poética. Em outras palavras, o leitor interpreta o texto a partir do discurso da personagem que representa sua hesitação, e a partir da descrição dos fenômenos estranhos. Assim sendo, Todorov define a narrativa fantástica como algo que ocorre na incerteza: **“O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural.”** (CAMARANI, 2014, p.61. Grifo da autora).

Objetivando a sustentação de sua teorização sobre o fantástico, Todorov cita ainda alguns exemplos retirados de textos considerados “canônicos”, os quais ilustram a oscilação entre o natural e o sobrenatural em relação aos eventos narrados. Entre eles, Pierre-Georges Castex (1915-1995), em *Le Conte fantastique en France* (1951), afirma que “O fantástico... se caracteriza ... por uma intrusão brutal do mistério no marco da vida real” (TODOROV, 1981, p.16), Louis Vax (1924-2020), em *L’arte et le Littérature Fantastiques* (1960), diz que “O relato fantástico... nos apresenta em geral a homens que, como nós, habitam o mundo real, mas que de repente, encontram-se ante o inexplicável” (TODOROV, 1981, p.16), e Roger Caillois (1913-1978), em *Au couer du fantastique* (1965), afirma que “Todo o fantástico é uma ruptura da ordem reconhecida, uma irrupção do inadmissível no seio da inalterável legalidade cotidiana” (TODOROV, 1981, p.16). Como podemos verificar, as três definições de fantástico referem-se às palavras mistério, inexplicável, inadmissível, vida real, mundo real e inalterável legalidade cotidiana, demonstrando assim, que os autores já estabeleciam duas ordens de acontecimentos: naturais e sobrenaturais. Além disso, essa contraposição entre o real e o sobrenatural na obra literária sugere a hesitação, palavra-chave na definição de Todorov.

Assim, estabeleceu-se o fantástico: um mundo que conhecemos, mas que nos apresenta um acontecimento impossível de ser explicado pelas leis naturais. Aquele mundo onde há a percepção do acontecimento e a hesitação ao optar por uma das duas soluções possíveis: crer ou não crer, a imaginação ou o desconhecido. Sabemos que o fantástico ocupa o terreno da incerteza, mas a partir do momento que se escolhe uma das duas respostas, deixamos o terreno do fantástico para adentrar um terreno vizinho: o estranho ou o maravilhoso. Desta forma o fantástico é “a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 1981, p.16), isto é, não se trata somente de hesitação, mas de dúvida. Adicionalmente, enquanto Nodier e Castex apontam somente para a hesitação, Vax assinala a palavra “dúvida”, e para ilustrar tal ideia, citamos dois exemplos: o filósofo e místico russo Vladimir Soloviev (1853-

1900): “No verdadeiro campo do fantástico, existe, sempre a possibilidade exterior e formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo, esta explicação carece por completo de probabilidade interna” (TODOROV, 1981, p.16); e o autor inglês especializado em histórias de fantasmas, Montague Rhodes James (1862-1936), “É às vezes necessário ter uma porta de saída para uma explicação natural, mas teria que adicionar que esta porta deve ser o bastante estreita como para que não possa ser utilizada.” (TODOROV, 1981, p.16). Percebemos que há duas soluções possíveis, isto é, há um fenômeno estranho que pode ser explicado tanto por causas naturais, quanto sobrenaturais. Entretanto, é justamente a vacilação entre uma e outra que cria o efeito fantástico.

Mas como citamos anteriormente, o fantástico é vizinho do estranho ou do maravilhoso, e, como o próprio Todorov afirmou: “um gênero se define sempre com relação aos gêneros que lhe são próximos” (p.16), por isso, sentimos a necessidade de discorrer também sobre o maravilhoso na literatura. O estranho se aproxima da realidade porque os fatos podem ser explicados pelos parâmetros naturais e científicos. Já o maravilhoso compreende um mundo imaginário e impossível para a realidade humana naquele determinado momento. Por outro lado, segundo Todorov, o fantástico configura-se como um gênero passageiro porque dura somente o tempo de hesitação, sendo definido sempre em relação aos seus gêneros vizinhos.

O fantástico tem, pois, uma vida cheia de perigos, e pode desvanecer-se em qualquer momento, parecendo situar-se no limite de dois gêneros: o maravilhoso e o estranho, imbricando-se a eles.

Como poderemos perceber, o maravilhoso possibilita imersões do leitor em um mundo irreal e com linguagem própria, pois fatos impossíveis como viagens interplanetárias, visitas ao passado ou futuro e sociedades utópicas tornam-se compreensíveis. Adicionalmente, segundo Todorov, o maravilhoso puro ainda se subdivide em maravilhoso hiperbólico, maravilhoso exótico, maravilhoso instrumental e maravilhoso científico, ou ficção científica. O maravilhoso hiperbólico caracteriza-se por fatos exagerados e incomuns, os quais são geralmente provocados por deuses; já o maravilhoso exótico é semelhante ao maravilhoso hiperbólico, pois “relatam-se ali acontecimentos sobrenaturais sem apresentá-los como tais; supõe-se que o receptor implícito dos contos não conhece as regiões nas quais se desenvolvem os acontecimentos; por consequência, não há motivo para pô-los em dúvida.” (TODOROV, 1981, p.30). O maravilhoso instrumental refere-se aos “adiantamentos técnicos irrealizáveis na época descrita, mas depois de tudo, perfeitamente possíveis.” (TODOROV, 1981, p.31). Desta forma, o maravilhoso instrumental está muito próximo do maravilhoso científico, o qual surgiu no século XIX, passando a ser posteriormente chamado de ficção científica. Nessa modalidade

de maravilhoso, “O sobrenatural está explicado de maneira racional, mas a partir de leis que a ciência contemporânea não reconhece.” (TODOROV, 1981, p.31). A ficção científica trata de relatos que partem de premissas irracionais, tais como, robôs, extraterrestres, batalhas intergalácticas e clonagem. Os fatos se desenrolam de maneira lógica, apresentando também uma estrutura de intriga. Segundo Camarani (p.57), a ficção científica retrata a invenção inédita de um cientista, criando uma nova espécie de maravilhoso. Assim, em concordância com Todorov e Camarani, a obra de Kazuo Ishiguro pode ser classificada como maravilhoso científico, ou ficção científica, pois a criação de clones para salvar vidas humanas acontece de forma natural na sociedade representada na obra. Além disso, Ishiguro nos convida a refletir sobre a banalização e racionalização dos valores humanos e o desrespeito à ética e utilização da ciência em prol dos interesses da classe mais privilegiada da sociedade.

Vale ainda acrescentar que a partir da ficção científica, surgiu um novo termo, a ficção especulativa, cujos episódios têm probabilidade de acontecer. Segundo Bottega e Stankiewicz (2020, p.111), “a ficção especulativa trabalha com questões distópicas em sociedades decadentes, especulando quais rumos o mundo pode tomar e o que pode acontecer com tudo aquilo que lhe pertence, incluindo quem o habita.” Dessa forma, a ficção especulativa vislumbra o futuro das realidades sociais e políticas, através de uma extrapolação ou aceleração das tendências vigentes. Nesse sentido, a autora Margaret Atwood considera seus romances como ficção especulativa, já que exploram a decadência e distopia do mundo, as quais resultam em catástrofe. Segundo Atwood, em seu livro *In other words – SF and Human Imagination* (2011), a ficção científica difere da especulativa porque na primeira, os fatos narrados são impossíveis de acontecer, enquanto na segunda, são totalmente passíveis de se tornarem realidade. Assim, apesar de fugir de rótulos, a autora considera suas narrativas, *O conto da Aia* (1985) e *Oryx e Crake* (2003) por exemplo, como ficções especulativas e não científicas. Nessa linha de pensamento, poderíamos mencionar outras obras literárias e suas versões filmicas como: *Do androids dream of electric sheep?* (1968), por Philip K. Dick (1928-1982), e sua adaptação para o cinema, *Blade Runner* (1982); *The Bicentennial Man* (1976), por Issac Asimov (1920-1992) e sua e sua adaptação, *O homem bicentenário* (2000); e, finalmente, *I, Robot* (1950), por Issac Asimov, e sua adaptação filmica, *Eu, robô* (2004), entre outros. Por outro lado, segundo Bottega e Stankiewicz (2020), a ficção especulativa pode tanto ser considerada como um subgênero da ficção científica, quanto como uma nomenclatura alternativa para a ficção científica. Isso dependerá de qual autor estamos levando em consideração. Entretanto, para os pretextos deste trabalho, discordamos de Atwood, pois entendemos que quando o fator científico está envolvido na narrativa, seja ela uma distopia ou

não, trata-se de uma ficção científica. Assim, dispensaríamos o termo ficção especulativa para nos referirmos ao nosso objeto de estudo, já que a narrativa trata de um vislumbre sobre a clonagem humana, no final dos anos 90 e, portanto, o elemento científico se faz presente.

Como podemos perceber, definir a ficção científica é um desafio mediante suas fronteiras escorregadias. Segundo Adam Roberts (2006), a ficção científica faz uma distinção entre seus mundos e o mundo em que vivemos, já que ao invés de descrever a realidade como a conhecemos, se apodera da imaginação. Entretanto, a tentativa de definir a ficção científica e explicar como ela se distingue das literaturas fantásticas e imaginativas gera controvérsias, como podemos observar na citação a seguir:

Todas as várias definições dadas pelos críticos têm sido contrariadas ou modificadas por outros críticos, mas todos concordam que é sempre possível identificar textos de ficção científica que fogem das definições usuais. Talvez seja por isso que alguns críticos tentam se contentar com definições de modo, as quais são meras retóricas, como se ‘nós’ todos já soubéssemos do que se trata e, portanto, a elaboração de uma definição torna-se supérflua.⁷³ (ROBERTS, 2006, p.10. Tradução nossa.)

Diferentes teóricos apresentaram várias definições para a ficção científica, mas o fato é que o termo, segundo Roberts, é muito amplo, tem várias funções e possibilita uma discussão infinita. Por outro lado, o dicionário online *The Britannica Dictionary* (2022) define a ficção científica como uma ficção imaginativa envolvendo descobertas científicas e mudanças na realidade futura. Assim sendo, a ficção imaginativa difere da realista, pois enquanto o escritor de ficção realista descreve a realidade com precisão, o escritor de ficção científica pode utilizar a sua imaginação para inventar coisas que não existem no nosso mundo. Assim, as descobertas científicas podem incluir viagens no tempo ou aventuras interplanetárias, enquanto as mudanças podem envolver robôs, computadores, realidades alternativas e clones humanos. Roberts chama a atenção para o fato de que nem todas as ficções imaginativas podem ser descritas como ficção científica. Em outras palavras, os contos de fadas e de realismo mágico, por exemplo, não podem ser definidos como ficção científica, uma vez que os mundos por eles descritos não dependem de descobertas científicas e são totalmente distintos do mundo em que os leitores vivem. Um exemplo dessa distinção é a comparação entre os contos *The Jonah Kit* (1975), escrito por Ian Watson (1943-), e *A Metamorfose* (1915), escrito por Franz Kafka (1883-1924). O primeiro conto é considerado ficção científica, pois o autor descreve a descoberta de

⁷³ All of the many definitions offered by critics have been contradicted or modified by other critics, and it is always possible to point to texts consensually called SF that fall outside the usual definitions. It is, perhaps, for this reason that some critics try to content themselves with definitions of the mode that are mere tautologies, as if ‘we’ all know what it is and elaboration is superfluous. (ROBERTS, 2006, p.10)

uma máquina capaz de mapear as ondas cerebrais de um humano e transmiti-las para o cérebro de uma baleia. No final, a consciência humana é transportada para o cérebro da baleia através dessa nova tecnologia. Já o conto de Kafka traz a transformação de um ser humano em um inseto gigante, mas não é considerado ficção científica porque o autor não explica como essa transformação ocorreu, já que seu interesse era mostrar a alienação do homem e o horror da família ao se deparar com aquela monstruosidade. A transformação apenas acontece e é vista como uma premissa ou um facilitador simbólico. Já Watson descreve um ambiente de pesquisa científica, explicando como aquela tecnologia era capaz de executar tal feito. Dessa forma, percebemos que a metamorfose de Watson é científica, enquanto a de Kafka é arbitrária e mágica.

Outro exemplo de ficção científica é o livro *Jurassic Park* (1993), por Michael Crichton (1942-2008), pois até o momento, é impossível criar dinossauros em laboratórios, através da manipulação de DNA fossilizado. Entretanto, a ficção científica torna essa possibilidade aceitável dentro da estrutura de seu texto. Assim, percebemos que a premissa de um romance de ficção científica se pauta na racionalização, ao invés da magia, da arbitrariedade ou acontecimentos sobrenaturais.

Gwyneth JONES (1999) chama a atenção para o fato de que:

“um romance típico de ficção científica oferece pouco espaço para uma caracterização profunda e estudada, não porque o autor não tenha habilidade (embora pode ser que não tenha), mas porque no final da análise, as personagens não são pessoas, são peças de equipamento. (...) O mesmo efeito redutivo é utilizado no enredo, onde cenários brancos, vazios e simples, de conquistas, morte e desejo são mostrados abertamente.”⁷⁴ (JONES, 1999, p.4-5. Tradução nossa.)

Jones sugere que a ficção científica esteja mais interessada no ‘objeto’ do que no ‘sujeito’ em si. Nesse sentido, os textos de ficção científica são limitados e estreitos se julgados pelos mesmos critérios da estética aplicados a outras literaturas. Além disso, sua criação de personagens é geralmente limitada, seu estilo é sem graça e prudente e seus enredos são triviais. No entanto, diferentemente de Jones, outros autores consideram a ficção científica uma ótima combinação entre ciência e ficção, pois ao mesmo tempo que democratiza os debates científicos, prende seus leitores em histórias envolventes e interessantes. Ainda de acordo com Jones, os maiores temas da ficção científica se encaixam facilmente em seis categorias, a saber:

⁷⁴ “A typical science fiction novel has little space for deep and studied characterisation,” argues Jones, “not because writers lack the skill (although they may) but because in the final analysis the characters are not people, they are pieces of equipment. (...) The same reductive effect is at work on the plot, where naked, artless ur-scenarios of quest, death and desire are openly displayed.” (JONES, 1999, p.4-5.)

espaçonaves, viagem interplanetária ou interestelar; alienígenas e o encontro com eles; robôs mecânicos, engenharia genética, robôs biológicos; computadores, tecnologia avançada, realidade virtual; viagem no tempo; história alternativa; utopias e distopias futurísticas. Dessa forma, acreditamos que *Não me abandone jamais* contemple dois temas: a engenharia genética e as distopias. E, por isso, trataremos da distopia mais adiante.

Segundo Adam Roberts (2006, p.16), “a dificuldade de representar o outro sem perder contato com o que é familiar, torna-se exatamente o ponto de alguns dos mais célebres textos de ficção científica.”⁷⁵ (Tradução nossa). No contexto criado por Kazuo Ishiguro, a realidade dos clones se assemelhava à de um colégio interno, no qual as crianças eram disciplinadas e mantidas isoladas para receber a preparação necessária para o cumprimento de seus destinos, em forma de educação. Apesar do enredo estar relacionado com a engenharia genética, o autor somente revela que aquelas crianças eram clones no final de seu texto, dando ao leitor um desfecho surpreendente e revelador:

(...) “Durante algum tempo vocês foram mantidos nas sombras e as pessoas faziam o possível para não pensar no assunto. Quando pensavam, tentavam se convencer de que vocês não eram de fato como nós. Que vocês eram menos que humanos, de modo que não tinha importância. (...) Havia um cientista chamado James Morningdale, bastante talentoso lá do jeito dele, que foi para uma região remota da Escócia. Imagino que achava que iria atrair menos atenção do público trabalhando lá. A intenção dele era oferecer às pessoas a possibilidade de ter filhos com certas características apuradas. Inteligência superior, capacidade atlética superior, esse tipo de coisa. É claro que havia outros com ambições parecidas, mas esse Morningdale pesquisou muito mais a fundo do que qualquer cientista antes dele, e avançou muito além das fronteiras legais. Bom, mas ele acabou sendo descoberto, puseram um ponto final em seu trabalho e a coisa parece que morreu por aí mesmo. Só que, para nós, claro que não foi bem assim. Como eu disse, a questão nunca provocou grandes polêmicas. Mas acabou criando um certo clima, percebem? Fez as pessoas se lembrarem, trouxe à tona um medo que sempre existiu. Uma coisa é criar alunos como vocês, para o programa de doação. Mas uma geração de crianças criadas para tomar o nosso lugar na sociedade? Crianças comprovadamente superiores a todos? Ah, não. Isso assustou as pessoas. Essa possibilidade foi rejeitada. (...) O mundo não queria ser lembrado de como o programa de doações realmente funcionava. Ninguém queria pensar em vocês, os alunos, nem nas condições em que vocês eram criados. Em outras palavras, meus caros, eles queriam vocês de volta às sombras. De volta ao lugar onde vocês estavam antes de aparecerem pessoas como a Marie-Claude e eu.”⁷⁶ (ISHIGURO, 2005, p.314, 315 e 316)

⁷⁵ The difficulty of representing the other without losing touch with the familiar, becomes exactly the point of some of the most celebrated SF texts. (ROBERTS, 2006, p.16)

⁷⁶ (...) For a long time you were kept in the shadows, and people did their best not to think about you. And if they did, they tried to convince themselves you weren't really like us. That you were less than human, so it didn't matter. (...) It concerned a scientist called James Morningdale, quite talented in his way. He carried on his work in a remote part of Scotland, where I suppose he thought he'd attract less attention. What he wanted was to offer people the possibility of having children with enhanced characteristics. Superior intelligence, superior athleticism,

Segundo as palavras das personagens Miss Emily e Marie-Claude, os jovens eram considerados menos humanos por terem sido resultado de uma experiência genética com diversos objetivos ambiciosos, entre eles, a criação de crianças-clones para servir de fontes de órgãos humanos. Apesar da palavra ‘clones’ ter sido substituída por ‘alunos’, Ishiguro dá pistas ao leitor durante toda a sua narrativa, sugerindo que as crianças de Hailsham eram diferentes não só por terem como único destino doar seus órgãos vitais, mas principalmente, pelo fato de terem sido criadas exclusivamente para esse fim. Outro aspecto que parte do familiar para sugerir uma realidade fictícia é o fato de os clones, ao deixarem Hailsham, serem enviados para antigas fazendas, e, assim como animais, serem sucumbidos. Essa comparação entre os clones e os animais, juntamente com o medo que as pessoas tinham deles, são pistas que Ishiguro deixa em seu texto para conduzir seu leitor a uma ficção científica, isto é, a manipulação de genes humanos em laboratório para a criação de clones para o fornecimento de órgãos vitais. Esses clones são uma cópia fiel de suas matrizes, de maneira que não há rejeição desses órgãos após o implante nos corpos daqueles que lhes originaram.

Jean Baudrillard, em seu livro *Simulacros e Simulação* (1991), dedica um capítulo aos clones e faz uma consideração interessante sobre a clonagem e a implantação de próteses no corpo:

De todas as próteses que marcam a história do corpo, o duplo é sem dúvida a mais antiga. Mas o duplo não é justamente uma prótese: é uma figura imaginária que, como a alma, a sombra, a imagem no espelho persegue o sujeito como o seu outro, que faz com que seja ao mesmo tempo ele próprio e nunca se pareça consigo, que o persegue como uma morte sutil e sempre conjurada. Contudo, nem sempre é assim: quando o duplo se materializa, quando se torna visível, significa uma morte iminente. (BAUDRILLARD, 1991, p.123)

Assim sendo, os clones oferecem próteses para os corpos de suas matrizes, mas não se reduzem a isso. Eles são uma cópia daqueles que doaram material genético para a sua criação e, talvez, seja por essa razão que na capa de *Não me abandone jamais* (2005), a jovem Kathy se encontra perto de um espelho. Entretanto, ainda segundo as palavras de Baudrillard, quando o duplo se materializa, há uma morte iminente, a qual, no caso, se refere à morte dos clones após a doação de todos os seus órgãos vitais. Na ficção científica de Ishiguro,

that sort of thing. Of course, there'd been others with similar ambitions, but this Morningdale fellow, he'd taken his research much further than anyone before him, far beyond legal boundaries. Well, he was discovered, they put an end to his work and that seemed to be that. Except, of course, it wasn't, not for us. As I say, it never became an enormous matter. But it did create a certain atmosphere, you see. It reminded people, reminded them of a fear they'd always had. It's one thing to create students, such as yourselves, for the donation programme. But a generation of created children who'd take their place in society? Children demonstrably superior to the rest of us? Oh, no. That frightened people. They recoiled from that.” (ISHIGURO, 2006, p.258 e 259)

cada órgão não é ainda mais que uma prótese parcial e diferenciada. (...) Na visão cibernética e informática é o mais pequeno elemento indiferenciado, e cada célula de um corpo que se torna uma prótese “embrionária” deste corpo. É a fórmula genética inscrita em cada célula que se torna a verdadeira prótese moderna de todos os corpos. Se a prótese é vulgarmente um engenho que supre um órgão deficiente, ou o prolongamento instrumental de um corpo, então a molécula ADN, que encerra toda a informação relativa a um corpo, é a prótese por excelência, a que vai permitir *prolongar indefinidamente este corpo por si próprio* – não sendo ele próprio mais que a série indefinida das suas próteses. Prótese cibernética infinitamente mais sutil e mais artificial ainda que todas as próteses mecânicas. (BAUDRILLARD, 1991, p.127. Grifo do autor.)

Os órgãos advindos dos clones podem ser considerados próteses, as quais substituem as partes enfermas nos corpos das matrizes que originaram esses clones. As próteses deixam de ser mecânicas para se tornarem totalmente orgânicas, porém, criadas artificialmente, através da manipulação genética, na qual um corpo pode gerar várias cópias idênticas para suprir as partes que necessitam ser substituídas. Nessa ficção científica, o clone humano é “o último estágio da história da modelização do corpo”. (BAUDRILLARD, 1991, p.128) Além disso, ainda segundo Baudrillard (1991), a reprodução de corpos idênticos através da clonagem, é, ao mesmo tempo, uma violência e uma engenhosidade, nas quais um ser fica restrito exclusivamente ao seu código genético e a manipulação artificial desse código é capaz de produzir cópias idênticas de sua matriz indefinidamente. Essa é a simulação da imortalidade que exige um alto preço: seres humanos devem morrer para prolongar as vidas de suas matrizes. Se por um lado a imortalidade alcançada parece ser uma utopia, por outro, a morte dos clones nos remete a um mundo distópico. Apesar de não objetivarmos fazer uma análise aprofundada da distopia, vale mencionar alguns aspectos distópicos em *Não me abandone jamais* como, por exemplo, o isolamento dos clones e a privação de uma vida social normal, o fato de serem considerados menos humanos e, portanto, repulsivos, e as consequências tecnológicas na sociedade estabelecida na obra. A divisão na sociedade fica bem evidente, pois há aqueles que têm o direito de ir e vir e poder de tomar decisões, e há aqueles que foram criados para servir. Os clones não tinham consciência de como a sociedade funcionava, uma vez que a única sociedade que conheciam se restringia ao grupo de colegas em Hailsham. A maneira como as pessoas os temiam e os repudiavam revela que eles não eram vistos como humanos, mas como menos humanos, evidenciando, mais uma vez, uma desumanização desses clones. Entretanto, talvez o aspecto distópico central se refira às consequências do avanço tecnológico que levou à manipulação do material genético humano para o benefício de uma parte privilegiada da sociedade. Como já mencionamos anteriormente, Kazuo Ishiguro chama a atenção para o valor da vida humana e o destino que os seres humanos dão a ela. A tecnologia certamente

proporcionou grandes avanços nas áreas da saúde e medicina. Porém, a narrativa de Ishiguro nos alerta sobre o tipo de futuro que estamos construindo para nós mesmos. Como já mencionamos anteriormente, a ficção científica torna acessíveis vários assuntos que só seriam discutidos pelas comunidades científicas, democratizando assim, a sua reflexão. *Não me abandone jamais* é um exemplo disso, pois é através da narrativa de uma personagem clone e, portanto, irreal, que o leitor é imerso em uma sociedade que aceita a clonagem humana para atender as suas necessidades por órgãos vitais. E para finalizar este capítulo, escolhemos um trecho no final da narrativa, no qual Tommy demonstra a sua impressão sobre a sua vida e de seus amigos clones:

“Acho que você tem razão, Kath. Você é uma cuidadora realmente muito boa. E seria a cuidadora perfeita para mim se você não fosse você.” Soltou uma risada curta e me deu um abraço, embora continuássemos sentados lado a lado. E continuou: “Não consigo parar de pensar nesse rio, não sei onde, cujas águas se movem com uma velocidade impressionante. E nas duas pessoas dentro da água, tentando se segurar uma na outra, se agarrando o máximo que podem, mas no fim não dá mais. A corrente é muito forte. Eles precisam se soltar, se separar. É assim que eu acho que acontece com a gente. É uma pena, Kath, porque nós nos amamos a vida toda. Mas, no fim, não deu para ficarmos juntos para sempre.”⁷⁷ (ISHIGURO, 2005, p.337. Grifo do autor.)

Tommy percebe que apesar de seus esforços para ficarem juntos, o sistema social, o qual ele descreve como uma “correnteza” acabou vencendo e separando os clones através da morte. Kathy ficou por último, pois foi cuidadora por muitos anos, acompanhando seus amigos Ruth e Tommy. Entretanto, todos deveriam cumprir seus destinos e completar ao final da última doação. Dessa forma, o leitor é convidado a refletir sobre o futuro da ciência, da manipulação genética e da modelagem do corpo humano e até que ponto a busca pela imortalidade valerá a pena. As palavras de Tommy soam como uma poesia, na qual o seu eu lírico se despede da sua amada, apesar de todo o esforço para se manterem juntos. Eles tentaram lutar contra a correnteza, a qual simboliza o sistema distópico que destruiu a possibilidade de viverem suas vidas plenamente. No final, apesar de considerados menos humanos e da inabilidade de Tommy para produzir obras de arte na escola, foi ele quem se rebelou, tentou ir até o fim na busca de um adiamento de suas doações, procurando Miss Emily para esclarecer a dúvida se haveria mesmo a possibilidade de casais clones terem suas vidas prolongadas. Como já sabemos, essa possibilidade não passou de um boato, de uma ilusão que jamais se realizaria. Mais uma vez,

⁷⁷ ‘I suppose you’re right, Kath. You *are* a really good carer. You’d be the perfect one for me too if you weren’t you.’ He did a laugh and put his arm round me, though we kept sitting side by side. Then he said: ‘I keep thinking about this river somewhere, with the water moving really fast. And these two people in the water, trying to hold onto each other, holding on as hard as they can, but in the end it’s just too much. The current’s too strong. They’ve got to let go, drift apart. That’s how I think it is with us. It’s a shame, Kath, because we’ve loved each other all our lives. But in the end, we can’t stay together forever.’ (ISHIGURO, 2006, p.277. Grifo do autor.)

Ishiguro nos deixa pistas sobre a desumanização dos clones, pois apesar da oportunidade de crescerem em Hailsham, terem acesso à educação e à arte, buscarem suas origens, tentarem vencer o sistema e dar vazão aos seus sentimentos, como o amor e a amizade, esses clones também sucumbiram e tiveram suas existências abreviadas pelas doações.

Embora Miss Emily, Marie-Claude e os guardiões de Hailsham tenham enganado os alunos sobre a galeria e a exposição de seus desenhos, eles ofereceram às crianças clones a oportunidade de se tornarem melhores, através das aulas, atividades em grupo, relacionamento com os colegas, melhoramento de seu conhecimento, desenvolvimento de sua leitura para além da funcional e compartilhamento de sua subjetividade por meio da arte. Tudo isso possibilitou uma melhor qualidade de vida para os clones, os quais foram levados a acreditar que sua vida valeria a pena e, portanto, no final, haveria uma recompensa. Segundo as palavras de Ishiguro em uma entrevista para Cynthia F. Wong, “a qualidade de vida é melhor devido a esse tipo de educação.”⁷⁸ (WONG & CRUMMETT, 2006, p.219) E assim, percebemos a diferença entre as vidas dos clones educados em Hailsham e aqueles que apenas cresceram em lugares adversos e sem nenhuma oportunidade e qualidade de vida. No final, todos sucumbiram, mas as crianças de Hailsham foram capazes de questionar o porquê de suas existências e até como mudar seus destinos. Enfim, a sua condição humana não foi completamente sufocada. Por outro lado, os clones mantidos em cativeiros e em condições totalmente desumanas, não deixaram registros de nada, pois não tinham nome, não tinham acesso a nada, muito menos à educação, à escrita e à arte, o que os impossibilitava de registrar suas memórias. Como a personagem Kathy descreve:

Conversando com um doador meu, outro dia, ele se queixou de que as nossas lembranças, até mesmo as mais queridas, desaparecem espantosamente depressa. Mas eu não concordo muito com isso. As lembranças que eu mais prezo, essas não hão de sumir nunca. Perdi Ruth, depois perdi Tommy, mas não vou perder a lembrança que tenho deles. Imagino que perdi Hailsham também. Até hoje alguns ex-alunos ainda tentam encontrá-la ou, melhor dizendo, encontrar o lugar onde Hailsham ficava. E de vez em quando circulam boatos a respeito do que Hailsham acabou virando – hotel, escola, uma ruína. De minha parte, apesar de rodar o tempo todo por aí, nunca fiz maiores esforços para descobrir onde fica. Não estou lá muito interessada em ver no que se transformou.⁷⁹ (ISHIGURO, 2005, p.341)

⁷⁸ The quality of lives is better, because of these kinds of education. (WONG & CRUMMETT, 2006, p.219)

⁷⁹ I was talking to one of my donors a few days ago who was complaining about how memories, even your most precious ones, fade surprisingly quickly. But I don't go along with that. The memories I value most, I don't see them ever fading. I lost Ruth, then I lost Tommy, but I won't love my memories of them. I suppose I lost Hailsham too. You still hear stories about some ex-Hailsham student trying to find it, or rather the place where it used to be. And the odd rumour will go round sometimes about what Hailsham's become these days – a hotel, a school, a ruin. Myself, for all the driving I do, I've never tried to find it. I'm not really interested in seeing it, whatever way it is now. (ISHIGURO, 2006, p.280)

Se comparada aos clones que não tiveram a oportunidade de viver em Hailsham, Kathy teve a oportunidade de acalantar as suas memórias e registrá-las em sua narrativa. Seus vínculos afetivos e toda a experiência vivida em Hailsham e depois, na fazenda, juntamente com os seus amigos, fizeram toda a diferença para a sua vida e a sua condição humana. Afinal, tudo pôde ficar registrado, não só na sua memória, mas também na sua narrativa, pois sem ela, tudo se perderia, até mesmo as lembranças mais preciosas. Os clones que não tiveram a mesma sorte de Kathy, isto é, não viveram em Hailsham, apenas passaram por uma existência sem vínculos, sem memórias, enfim, sem nada. E, assim como o lixo que se espalhou na praia, Ishiguro sutilmente compara os clones com o descarte da sociedade que os criou. Conforme as palavras da narradora Kathy:

Eu estava diante de uma imensidão de terras preparadas para o plantio. Entre mim e elas havia uma cerca com duas fileiras de arame farpado, e reparei que essa cerca e mais uma três ou quatro árvores eram as únicas coisas capazes de barrar o vento por vários quilômetros. Ao longo da cerca, sobretudo junto ao arame de baixo, formara-se uma franja de lixo de vários tipos. Lembravam os escombros que vão dar à praia; o vento devia ter transportado parte daquilo tudo por quilômetros e quilômetros até finalmente topar com o pequeno arvoredado e aquelas duas fileiras de arame. Até pendurados nos galhos mais altos das árvores eu via pedaços de plástico e velhos sacos de supermercado. Foi a única vez, enquanto estava ali parada, olhando para aquele lixo todo, sentindo o vento atravessar aquelas terras desertas, que alimentei uma pequena fantasia, mas só porque afinal de contas ali era Norfolk e fazia duas semanas, apenas, que ele se fora. De olhos semicerrados, pensei no lixo, no plástico balançando nos galhos, na franja de objetos vários ao pé da cerca, e imaginei que esse era o lugar onde tudo o que eu havia perdido desde os tempos de infância tinha ido parar, e que se eu, ali imóvel, esperasse o suficiente, uma minúscula figura apareceria no horizonte, lá bem ao longe, e iria aumentando aos poucos, até que eu visse que essa figura era Tommy, e ele então me acenaria, talvez até me chamasse.⁸⁰ (ISHIGURO, 2005, p.342-343)

A sutileza em que Ishiguro compara os clones ao descarte espalhado por toda aquela área deserta não impede que o leitor possa ter uma visão do cenário distópico que fecha a sua obra. O plástico descartado e os escombros trazidos pelo vento fazem alusão aos clones

⁸⁰ I found I was standing before acres of ploughed earth. There was a fence keeping me from stepping into the field, with two lines of barbed wire, and I could see how this fence and the cluster of three or four trees above me were the only things breaking the wind for miles. All along the fence, especially along the lower line of wire, all sorts of rubbish had caught and tangled. It was like the debris you get on a seashore: the wind must have carried some of it for miles and miles before finally coming up against these trees and these two lines of wire. Up in the branches of the trees, too, I could see, flapping about, torn plastic sheeting and bits of old carrier bags. That was the only time, as I stood there, looking at the strange rubbish, feeling the wind coming across those empty fields, that I started to imagine just a little fantasy thing, because this was Norfolk after all, and it was only a couple of weeks since I lost him. I was thinking about the rubbish, the flapping plastic in the branches, the shore-line of odd stuff caught along the fencing, and I half-closed my eyes and imagined this was the spot where everything I'd ever lost since my childhood had washed up, and I was now standing here in front of it, and if I waited long enough, a tiny figure would appear on the horizon across the field, and gradually get larger until I'd see it was Tommy, and he'd wave, maybe even call. (ISHIGURO, 2006, p.281-282)

consumidos pela sociedade, a qual não tinha nenhum remorso ou ressentimento em descartar aqueles seres humanos, criados artificialmente para servir aos seus propósitos. Kathy se deparou com um cenário vazio, uma imensidão de terra deserta, assim como Hailsham se encontrava naquele momento, isto é, somente ruínas. Não havia mais o grupo de amigos, pois Ruth e Tommy haviam partido. Tudo era vazio, sem vida, indicando que tudo o que restara eram as lembranças na mente de Kathy, assim como o plástico balançando nos galhos das árvores. Cada um daqueles pedaços de plástico poderia simbolizar a lembrança de um colega que se fora. Porém, Kathy ainda se lembrava de todos eles, principalmente, de seus amigos mais próximos, Ruth e Tommy, o qual havia partido há somente duas semanas. Não há final feliz, pois naquele sistema distópico, somente aqueles que se beneficiaram dos órgãos advindos dos clones poderiam aproveitar uma certa felicidade, porém, não definitiva, pois eles conseguiam adiar a morte por algum tempo, mas não para sempre.

A lembrança de Tommy ainda estava tão viva na memória de Kathy que ela conseguiu imaginá-lo vindo em sua direção. Porém, isso era muito doloroso, pois não só Tommy, mas cada um de seus colegas e doadores que ela acompanhou foi consumido pelo sistema vigente. Eles não puderam falar ou narrar as suas histórias, mas Kathy pôde dar voz a eles ao contar as suas histórias. Todos foram desumanizados por um sistema que negava a condição humana dos clones para justificar a ideia de que não eram merecedores de respeito, empatia ou compaixão, podendo assim cria-los e utilizá-los ao seu bel prazer. Ao considerá-los menos humanos, o sistema distópico assumia o controle sobre as suas vidas uma vez que sua existência só era possível porque ele mesmo os criou. Os clones que tiveram mais sorte foram educados em escolas como Hailsham. Entretanto, poucos tiveram essa oportunidade. Quando Miss Emily fazia um discurso no palco da escola para repreendê-los, ela costumava dizer palavras como: “‘Indignos de privilégios’ e ‘mau uso das oportunidades’”⁸¹ (ISHIGURO, 2005, p.58), isto é, uma maneira sutil de dizer que aquelas crianças tinham sorte por terem a oportunidade de crescer em Hailsham e, por isso, deveriam ser mais comportadas; fora dali havia outros clones que não tiveram a mesma sorte. Dessa forma, percebemos que a desumanização possibilita que os mais fortes subjuguem os mais fracos, anulando os seus direitos humanos. Uma forma de combater a desumanização é através da educação, do diálogo e da promoção da igualdade. Ishiguro aborda essa questão através do trabalho de Miss Emily e Madame, pois enquanto a maioria não tinha direito a nada, os alunos de Hailsham tiveram acesso à educação e à arte, possibilitando que um deles registrasse as suas histórias.

⁸¹ ‘Unworthy of privilege’ and ‘misuse of opportunity’ (ISHIGURO, 2006, p.43)

4.1. A distopia em *Não me abandone jamais*

Segundo Hilário (2013), a distopia é um gênero literário que possibilita a análise crítica da sociedade moderna e cujo “objetivo é analisar os efeitos de barbárie que se manifestam em determinado tecido social.” (HILÁRIO, 2013, p.201) Assim sendo, entendemos que o texto distópico convida o seu leitor a lançar um olhar crítico sobre a contemporaneidade, especificamente, o final do século XX e início do século XXI, os quais compõem a pós-modernidade. A palavra distopia é formada pelo prefixo *dis*, o qual significa doente ou anormal, e a palavra *topos*, a qual significa lugar. No sentido literal, o termo ‘distópico’ se refere a um lugar anormal, no qual acontecimentos inesperados acontecem. Entretanto, ainda segundo Hilário (2013), a narrativa distópica também objetiva chamar a atenção para a necessidade de se combater algo no presente que possa resultar em catástrofe e barbárie futuras. Nesse sentido, entendemos que a distopia promove a reflexão.

Já de acordo com Gregory Claeys, em seu livro *Distopia: Uma História Natural*⁸² (2017), os monstros marcam o início da história da distopia, constituindo um espaço distópico, o qual é marcado pelo medo, pois eles representam a perseguição das minorias. Como já discorreremos na introdução deste trabalho, os monstros representam o horror, o mal e o incomum, sendo assim, alvo de desprezo e perseguição. Isso fica claro em *Frankenstein*, obra que aborda a criação artificial de um ser, através da ciência, e que representa o temor de que uma mecanização possa dominar as sociedades modernas. Dessa forma, não seria exagero afirmar que as relações distópicas perversas, aliadas às transgressões das leis da ciência, podem levar à criação de seres monstruosos, assim como em *Frankenstein*.

Além disso, a distopia também se concentra na criação de sociedades imaginárias ou futuras, as quais representam cenários sombrios e opressivos. Nesse sentido, enquanto as utopias descrevem sociedades ideais e perfeitas, as distopias exploram o oposto, isto é, mundos em colapso, totalitarismos, desigualdades extremas e opressão. Adicionalmente, esse gênero literário muitas vezes serve como um espelho para refletir e criticar aspectos problemáticos da sociedade contemporânea, bem como alertar sobre os perigos de determinados caminhos que a humanidade pode seguir. Esse aspecto está presente em *Não me abandone jamais*, pois além do desrespeito aos padrões éticos da ciência, como já discutimos no capítulo sobre a bioética, o autor convida o seu leitor a refletir sobre sua concepção de vida, futuro e finitude. A seguir, discorreremos brevemente sobre alguns aspectos importantes sobre a distopia e faremos um paralelo com o nosso objeto de estudo.

⁸² Dystopia: A Natural History (2017).

Segundo Hilário (2013), um dos elementos-chave da distopia é o controle totalitário, isto é, a apresentação de governos autoritários que exercem o controle absoluto sobre a vida dos cidadãos. Isso inclui a vigilância constante, a supressão de liberdade de expressão e restrições às atividades individuais. Isso posto, podemos afirmar que esse é um elemento presente em *Não me abandone jamais*, já que apesar de não haver um governo totalitário que controlasse todos os cidadãos, havia sim um controle sobre a vida dos clones, os quais ficavam restritos a espaços limitados e sem direito a uma vida plena. Além disso, como já mencionado, os clones de Hailsham tiveram sorte se comparados à maioria que vivia em condições sub-humanas até completarem. O totalitarismo, nesse caso, advinha da sociedade que financiava a criação dessas cópias humanas, em laboratório, para atender aos seus interesses. Se por um lado a sociedade procurava uma solução imediata para as suas doenças e o adiamento de sua morte, por outro, agia sem remorsos ao criar clones para alcançar os seus objetivos. Em outras palavras, a distopia explora o controle opressivo de uma sociedade corruptível sobre uma maioria subordinada, seja através das relações de poder, do uso da tecnologia ou da imposição do medo. Dessa forma, a narrativa distópica sugere uma sensação negativa, na qual o controle do ser humano pela máquina, tecnológica ou estatal, é constante. Em *Não me abandone jamais*, há um entrelaçamento da tecnologia e do estado, já que o controle é executado tanto através da ciência, quanto do sistema social.

O segundo elemento, ou característica distópica, é a supressão da individualidade, pois nas distopias, a individualidade é geralmente reprimida em favor da conformidade. Em outras palavras, os personagens são frequentemente submetidos à doutrinação e à manipulação mental para se encaixarem em um padrão determinado pelo Estado. Na obra em questão, não há menção ao Estado, mas o autor deixa claros o desejo e a liberdade da sociedade na utilização de cópias humanas para a substituição de seus órgãos doentes por outros saudáveis. Nessa sociedade, isso é legal e totalmente permitido, dando oportunidade para que os mais favorecidos tenham recursos que os menos favorecidos não têm. Além disso, a fala da personagem Ruth sugere que a doação de material genético poderia ser uma forma de qualquer pessoa que interessasse vende-lo obter dinheiro fácil. Essa é uma nova faceta da história, pois se até essa altura da leitura, o leitor acreditava que os clones eram cópias daqueles que pagaram para ter acesso aos seus órgãos, na visão de Ruth, qualquer um poderia doar material genético para produzir clones e receber por isso, sem utilizar esses órgãos posteriormente. Verifiquemos o trecho a seguir:

(...) “Todos nós sabemos. Nós somos modelados da *escória*. Viciados, prostitutas, alcoólatras, vagabundos. Presidiários, quem sabe, desde que não

sejam tarados. É daí que a gente vem. Todos nós sabemos disso, então por que não dizemos com todas as letras? Uma mulher como ela? Imaginem. É, tá bom, Tommy. Só uma diversão, mais nada. Vamos nos divertir um pouco, então, fingindo. Aquela outra mulher lá, a amiga, a velha na galeria. Estudantes de *arte*, foi isso que ela achou que nós éramos. Vocês acham que ela teria falado conosco como falou se soubesse o que somos de fato? O que vocês acham que ela teria dito se porventura tivéssemos perguntado: ‘Com licença, mas a senhora acha que a sua amiga algum dia serviu de modelo para um clone?’. Ela nos teria posto de lá para fora. Nós todos sabemos, portanto seria melhor que disséssemos isso às claras. Se alguém quiser procurar seu possível, e se quiser fazer isso do jeito certo, então o negócio é procurar na sarjeta. Dentro das latas de lixo. Dentro da privada, porque é nesses lugares que estão as pessoas de quem nós viemos.”⁸³ (ISHIGURO, 2005, p.203. Grifo do autor.)

As palavras da personagem Ruth, uma jovem clone e amiga de Kathy, deixam claro que os clones não acreditam serem cópias de pessoas decentes, mas sim dos piores elementos da sociedade. O seu sentimento de exclusão e impotência com relação à sua vida era tão grande, que ela não acreditava ser cópia de uma pessoa íntegra. Vale lembrar que nessa parte do livro, os jovens clones, criados todos juntos em Hailsham, visitam a cidade pela primeira vez e se encantam com a nova realidade. É a primeira vez que veem pessoas que não sejam seus professores ou guardiões e, por isso, começam a cogitar a possibilidade de que alguma daquelas pessoas possa ter sido o seu modelo. Segundo Tommy, isso é só uma forma de diversão; mas no fundo, essa passagem mostra o desejo dos clones por uma identidade, uma sensação de pertencimento e uma esperança de saber como viveriam o restante da sua curta existência. O autor destaca duas palavras: ‘escória’ e ‘arte’ e acreditamos que há uma razão para isso, pois é a arte que nos difere dos animais, já que o ser humano é o único ser capaz de criar e modificar a sua realidade. Entretanto, discutiremos sobre a arte no subcapítulo a seguir. Por ora, continuaremos discorrendo sobre os elementos distópicos, presentes em *Não me abandone jamais*, inclusive sobre a manipulação das mentes dos clones sobre a sua “heroica” função em servir a sociedade, ideia incutida em suas mentes desde sempre. Notamos aí mais um elemento distópico.

⁸³ (...) ‘We all know it. We’re modelled from *trash*. Junkies, prostitutes, winos, tramps. Convicts, maybe, just so long as they aren’t psychos. That’s what we come from. We all know it, so why don’t we say it? A woman like that? Come on. Yeah, right, Tommy. A bit of fun. Let’s have a bit of fun pretending. That other woman in there, her friend, the old one in the gallery. *Art* students, that’s what she thught we were. Do you think she’d have talked to us like that if she’d known what we really were? What do you think she’d have said if we’d asked her? “Excuse me, but do you think your friend was ever a clone model?” She’d have thrown us out. We know it, so we might as well just say it. If you want to look for possibles, if you want to do it properly, they you look in the gutter. You look in rubbish bins. Look down the toilet, that’s where you’ll find where we all come from.’ (ISHIGURO, 2006, p.164)

Ainda sobre a busca pela identidade, devemos mencionar a ingenuidade da narradora Kathy ao começar a sentir os primeiros impulsos sexuais. Para ela, isso não passava de uma herança de sua matriz e, assim sendo, ela começou a folhear revistas pornográficas em busca de rostos que parecessem com o seu, na esperança de encontrar a sua matriz. No trecho a seguir, Kathy narra esse sentimento:

“Certo, Tommy. Então eu conto. Mas pode ser que, mesmo depois de eu ter contado, continue sem sentido para você. É que às vezes, muito ocasionalmente, eu sinto uma coisa muito forte, quando quero transar. Às vezes, sem mais nem menos, me vem um ímpeto e, durante uma ou duas horas, é de assustar. A impressão que eu tenho é que posso acabar transando até com o velho Keffers, de tão forte que é a vontade. Foi por isso... foi só por isso que eu transei com o Hughie. E com o Oliver. No fundo, não significou nada. Eu nem gosto muito deles. Eu não sei o que é, mas depois, quando passa a sensação, me dá até medo. Foi por isso que eu comecei a pensar, bom, de algum lugar isso veio. Tem que haver uma relação com o jeito como eu sou.” Calei-me uns momentos, mas vendo que Tommy não dizia nada, continuei: “Por isso comecei a achar que, encontrando a foto dela numa daquelas revistas, haveria pelo menos uma explicação. Mas nunca me passou pela cabeça ir procura-la nem nada parecido. É só pra, você sabe, meio que explicar por que eu sou do jeito que sou.”⁸⁴ (ISHIGURO, 2005, p.221-222)

Sem saber o porquê dessas sensações e por ter ouvido dos guardiões, desde criança, que era “especial”, agora, na adolescência, Kathy começa a atribuir parte de seu comportamento à sua matriz. No desespero da busca por uma referência, ela procura em revistas eróticas uma possível explicação para o seu desejo, já que a seu ver, esse comportamento se restringia somente a ela, e não aos seus colegas clones. Ao saírem de Hailsham e irem para o Casario, a fim de terem contato com o mundo real, os clones não sabiam nada sobre como as pessoas, ditas “normais”, agiam e se sentiam. Afinal, em Hailsham, os guardiões e professores constituíam o único contato que aquelas crianças e pré-adolescentes puderam ter com o mundo exterior. Assim, após se tornarem jovens adultos, poderem visitar lugares diferentes e finalmente, terem uma vida sexual ativa, cada momento era novo, causava dúvidas e inseguranças, principalmente, com relação a quem realmente eram. Há uma passagem que remete a essa constante doutrinação das crianças, a qual se refere à restrição ao fumo, pois os órgãos internos dos clones deveriam ser mantidos o mais saudável possível. Segue o trecho:

⁸⁴ ‘All right, Tommy. I’ll tell you. It may not make any more sense after you’ve heard it, but you can hear it anyway. It’s just that sometimes, every now and again, I get these really strong feelings when I want to have sex. Sometimes it just comes over me and for an hour or two it’s scary. For all I know, I could end up doing it with old Keffers, it’s that bad. That’s why... that’s the only reason I did it with Hughie. And with Oliver. It didn’t mean anything deep down. I don’t even like them much. I don’t know what it is, and afterwards, when it’s passed over, it’s just scary. That’s why I started thinking, well, it has to come from somewhere. It must be to do with the way I am.’ I stopped, but when Tommy didn’t say anything, I went on: ‘So I thought if I find her picture, in one of those magazines, it’ll at least explain it. I wouldn’t want to go and find her or anything. It would just, you know, kind of explain why I am the way I am.’ (ISHIGURO, 2006, p.179)

Mas eu queria falar sobre minha fita, *Songs After Dark*, com a Judy Bridgewater. Imagino que na origem tenha sido um elepê – o ano da gravação é 1956 –, mas o que eu tinha era a fita cassete, e a caixinha mostrava o que suponho que fosse uma reprodução em tamanho reduzido da capa do disco. Judy Bridgewater está com um vestido roxo de cetim, um daqueles tomara-que-caia muito usados na época, e você só a vê da cintura para cima porque ela está sentada numa banquetta de bar. Acho que a ideia era sugerir algum lugar na América do Sul, porque há palmeiras e garçons morenos de paletó branco atrás dela. Você olha para Judy exatamente da posição de um barman que fosse lhe servir uma bebida, e ela olha para você e um jeito simpático, não muito sensual, nada mais que um flerte ligeiro, porque ela conhece você há muito tempo. Outra coisa sobre essa capa é que Judy está com os cotovelos sobre o balcão e segura um cigarro aceso. E foi por causa desse cigarro que fiz tanto segredo em torno da fita na hora em que a encontrei no Bazar. (...), mas em Hailsham os guardiões eram intransigentes em relação a cigarro. Tenho certeza de que teriam preferido que jamais tivéssemos sabido que cigarros existiam; mas, como isso era impossível, não perdiam uma só oportunidade de nos fazer um sermão sempre que surgia alguma referência a cigarro. Mesmo quando nos mostravam uma foto de algum escritor famoso ou de um líder mundial e acontecia de essas pessoas estarem com um cigarro na mão, a aula inteira emperrava na questão. Havia inclusive boatos de que alguns clássicos – como os romances de Sherlock Holmes – não faziam parte de nossa biblioteca porque os personagens principais fumavam demais; e sempre que você topava com algum livro ilustrado ou uma revista com uma página arrancada, podia contar que era porque ali existia a foto de alguém fumando. E havia aulas inteiras em que nos mostravam imagens horrendas do que o hábito de fumar provocava no organismo das pessoas. Por isso foi tão chocante a pergunta de Marge K. para Miss Lucy, nesse dia. Estávamos sentadas na relva, depois de uma partida de *rounders*, e Miss Lucy fazia sua preleção de hábito sobre os malefícios do fumo quando Marge de repente perguntou se ela, Miss Lucy, alguma vez já fumara.⁸⁵ (ISHIGURO, 2005, p.86-87)

⁸⁵ But I wanted to talk about my tape, *Songs After Dark* by Judy Bridgewater. I suppose it was originally and LP – the recording date’s 1956 – but what I had was the cassette, and the cover picture was what must have been a scaled-down version of the record sleeve. Judy Bridgewater is wearing a purple satin dress, one of those off-the-shoulder ones popular in those days, and you can see her from just above the waist because she’s sitting on a barstool. I think it’s supposed to be South America, because there are palms behind her and swarthy waiters in white tuxedos. You’re looking at Judy from exactly where the barman would be when he’s serving her drinks. She’s looking back in a friendly, not too sexy way, like she might be flirting just a tiny bit, but you’re someone she knows from way back. Now the other thing about this cover is that Judy’s got her elbows up on the bar and there’s a cigarette burning in her hand. And it was because of this cigarette that I got so secretive about the tape, right from the moment I found it at the Sale. (...), but at Hailsham the guardians were really strict about smoking. I’m sure they’d have preferred it if we never found out smoking even existed; but since this wasn’t possible, they made sure to give us some sort of lecture each time any reference to cigarettes came along. Even if we were being shown a picture of a famous writer or world leader, and they happened to have a cigarette in their hand, then the whole lesson would grind to a halt. There was even a rumour that some classic books – like the Sherlock Holmes ones – weren’t in our library because the main characters smoked too much, and when you came across a page torn out of an illustrated book or magazine, this was because there’d been a picture on it of someone smoking. And then there were the actual lessons where they showed us horrible pictures of what smoking did to the insides of your body. That’s why it was such a shock that time Marge K. asked Miss Lucy her question. We were sitting on the grass after a *rounders* match and Miss Lucy had been giving us a typical talk on smoking when Marge suddenly asked if Miss Lucy had herself ever had a cigarette. (ISHIGURO, 2006, p.67-68)

O trecho acima deixa clara a maneira como os clones eram treinados para evitar qualquer substância que pudesse causar dano aos seus órgãos internos, pois os guardiões e professores não perdiam uma oportunidade de incutir a ideia de que o tabaco, por exemplo, era extremamente prejudicial à sua saúde. Havia não só uma repetição de discurso, mas também uma opressão através do medo, já que figuras assustadoras eram exibidas para demonstrar o dano causado pelo fumo aos órgãos, visando o controle das crianças. A censura também era uma forma de controle, pois o acesso às obras literárias que trouxessem personagens fumantes era proibido. Dessa forma, as crianças clones ficavam privadas do seu direito pleno de escolha de leitura, simplesmente, porque as opções eram restritas e muitas obras não estavam disponíveis. Kathy teve medo de escolher a fita da cantora Judy Bridgewater porque tratava-se de uma fumante. Mesmo assim, ela obteve a fita no bazar, mas a guardava com cuidado para que ninguém visse a capa, a qual exibia uma fumante. Kathy até inverteu a capa para esconder a foto da cantora, conforme descreve no trecho a seguir: “Seja como for, essa foi a razão que me levou a ser tão reservada em relação à fita. Cheguei até a inverter a capa, de modo que você só enxergava Judy e seu cigarro se abrisse a caixinha de plástico.”⁸⁶ (ISHIGURO, 2005, p.89)

O medo de que a fita fosse descoberta fez com que Kathy mantivesse o seu segredo bem guardado, pois ao inverter a capa, somente ela poderia ver a foto de Judy. Mesmo assim, mais tarde sua fita desapareceu, curiosamente, logo após o dia em que Madame Marie-Claude a viu ouvindo a canção, dançando agarrada ao seu travesseiro e repetindo o refrão: Não me abandone jamais. Esse sumiço definitivo, pois Kathy jamais conseguiu recuperar a fita que havia obtido no bazar, mesmo depois de todo o esforço de sua amiga Ruth para encontrá-la, é mais um indicativo do controle e da repressão velada em Hailsham. Em outras palavras, tudo o que ameaçasse o bom comportamento das crianças, incitando-as a uma possível revolta, ou representasse um risco para a saúde de seus órgãos deveria ser banido imediatamente. Assim, não haveria como aquelas crianças se conscientizarem do que realmente lhes aconteceria, pois sendo muito jovens, não tinham maturidade para compreender o que, na verdade, estava acontecendo com elas. Havia uma suspeita no ar, principalmente, com relação ao fato de serem consideradas especiais, mas tudo só ficou mais claro quando chegaram à idade adulta. Miss Lucy também teve a sua participação na educação dos clones a respeito da restrição ao fumo. Essa professora, porém, sempre foi sincera e procurava ser honesta com as crianças. Entretanto, ela também as aconselha a serem cautelosos quanto à saúde de seus órgãos internos. O trecho a seguir demonstra essa preocupação:

⁸⁶ Anyway, that’s why I was so secretive about my tape. I even turned the cover inside out so you’d only see Judy and her cigarette if you opened up the plastic case. (ISHIGURO, 2006, p.69)

Estávamos sentadas na relva, depois de uma partida de *rounders*, e Miss Lucy fazia sua preleção de hábito sobre os malefícios do fumo quando Marge de repente perguntou se ela, Miss Lucy, alguma vez já fumara. Miss Lucy ficou calada por alguns instantes. Depois disse:

“Eu gostaria de poder dizer que não. Mas, para ser sincera, fumei sim, por uns tempos. Durante uns dois anos, quando era mais jovem.”

Você pode imaginar o choque que foi ouvir isso. Antes da resposta de Miss Lucy, estávamos todas lançando olhares irados para Marge, realmente bravas por ela ter feito uma pergunta tão grosseira a nossa guardiã – para nós, teria sido igualmente chocante se ela tivesse perguntado se alguma vez Miss Lucy atacara alguém com um machado. (...) Porém naquele momento, na hora em que Miss Lucy disse aquilo, ficamos confusas demais para pensar em Marge. Acho que apenas arregalamos os olhos, horrorizadas, à espera do que Miss Lucy diria a seguir.

Quando ela tornou a falar, parecia estar sopesando cada palavra com todo o cuidado. “Não foi bom eu ter fumado. Não era bom para mim, por isso parei. Mas o que vocês têm que entender é que para vocês, para todos vocês, fumar é muito, muito pior do que para mim.”

Depois calou-se de novo. Mais tarde alguém falou que naquele momento ela entrara numa espécie de devaneio, mas eu tinha certeza absoluta, assim como Ruth, de que estava era pensando no que dizer em seguida. Por fim, falou:

“Já disseram isso a vocês. Vocês são alunos. Vocês são... *especiais*. De modo que manter a saúde em ordem, manter o corpo saudável por dentro, é muito mais importante para cada um de vocês do que é para mim.”

De novo ela se calou, lançando para nós um olhar estranho. Mais tarde, ao discutir o assunto, algumas de nós disseram que na hora ela estava doida para que alguém perguntasse: “Por quê? Por que é assim tão pior para nós?”. Mas ninguém perguntou. Já remoi esse assunto diversas vezes e, à luz do que houve depois, estou certa agora de que bastaria termos perguntado para que Miss Lucy tivesse nos contado uma porção de coisas. Mais uma única pergunta sobre cigarros seria suficiente.

Então por que não dissemos uma só palavra, naquele dia? Desconfio que foi porque mesmo na idade em que estávamos – tínhamos uns nove ou dez anos – já conhecíamos o suficiente sobre o território todo para desconfiar um pouco. É muito difícil, agora, lembrar quanto sabíamos na época. Com certeza sabíamos – ainda que não com grande profundidade – que éramos diferentes dos nossos guardiões, assim como das pessoas normais que viviam fora de Hailsham; talvez até soubéssemos que, muito mais à frente, haveria doações a nossa espera. Mas não sabíamos de fato o que isso significava. Se fazíamos questão de evitar certos assuntos, devia ser muito mais porque nos sentíamos *constrangidos* com eles. Detestávamos o jeito como nossos guardiões, em geral tão seguros de tudo, sempre no controle das coisas, ficavam cheios de dedos quando nos aproximávamos desse terreno. Ficávamos perturbados ao vê-los mudar de atitude de forma tão óbvia. Acho que foi por isso que nunca chegamos a fazer aquela última pergunta, (...).⁸⁷ (ISHIGURO, 2005, p.87-89. Grifo do autor.)

⁸⁷ We were sitting on the grass after a rounders match and Miss Lucy had been giving us a typical talk on smoking when Marge suddenly asked if Miss Lucy had herself ever had a cigarette. Miss Lucy went quiet for a few seconds. Then she said: ‘I’d like to be able to say no. But to be honest, I did smoke for a little while. For about two years, when I was younger.’ You can imagine what a shock this was. Before Miss Lucy’s reply, we’d all been glaring at Marge, really furious she’d asked such a rude question – to us, she might as well have asked if Miss Lucy had ever attacked anyone with an axe. (...) But at the time, the moment Miss Lucy said what she did, we were too confused to think any more about Marge. I think we all just stared at Miss Lucy in horror, waiting for what she’d say next. When she did speak, Miss Lucy seemed to be weighing up each word carefully. ‘It’s not good that I smoked. It wasn’t good for me so I stopped it. But what you must understand is that for you, all of you, it’s much, much worse

Nessa passagem, Kathy deixa claro que mesmo Miss Lucy, a professora que, certa vez, havia revelado às crianças que elas nunca realizariam os seus sonhos porque os seus destinos já estavam traçados, sendo demitida de Hailsham por essa insubordinação, mais uma vez demonstra a sua sinceridade com as crianças, admitindo que já havia sido fumante. Entretanto, apesar de não mentir sobre o fato de já ter fumado, Miss Lucy pensa bem e escolhe cumprir o seu papel de guardiã, chamando a atenção das crianças para o fato de serem especiais e, portanto, terem a obrigação de se manterem saudáveis. Ishiguro destaca a palavra ‘especiais’, talvez, pelo fato de se tratar de um eufemismo para a palavra ‘clone’. Como explicar para crianças de nove e dez anos que são cópias de pessoas que viviam fora de Hailsham? Isso poderia causar dúvidas, curiosidade, questionamentos e até revolta. Não havia espaço para questionamentos naquele sistema, pois Hailsham era um espaço mais confortável para que os clones vivessem até atingirem a maturidade e iniciarem as doações. Mais uma vez, o controle se faz presente, através de manipulação de palavras, ideias e ensinamentos. Além disso, esse controle era tão rígido que Miss Lucy foi demitida por ter comentado com as crianças sobre quem realmente eram, pois nada podia impedir que seus destinos fossem cumpridos. Segundo as palavras de Kathy, no dia do questionamento sobre o cigarro, Miss Lucy estava disposta a responder mais perguntas, mas só não o fez porque as crianças não perguntaram. A professora não mentiria para seus alunos, mas mesmo sem a conversa ter ido adiante, a demissão aconteceu como uma forma de evitar mais revelações. Todavia, apesar da tenra idade, as crianças percebiam que ser especial era ser diferente, mas isso não era necessariamente, bom para elas. No fundo, todas tinham medo de saber o que realmente eram e o que aconteceria com elas. Os guardiões as tratavam como especiais porque doariam seus órgãos, mas o que isso realmente significava? Elas doariam um órgão e continuariam vivendo? Doariam todos os órgãos de uma só vez? O que aconteceria com elas no final de suas vidas? Atingiriam a terceira idade?

to smoke than it ever was for me.’ Then she paused and went quiet. Someone said later she’d gone off into a daydream, but I was pretty sure, as was Ruth, that she was thinking hard about what to say next. Finally she said: ‘You’ve been told about it. You’re students. You’re... *special*. So keeping yourselves well, keeping yourselves very healthy inside, that’s much more important for each of you than it is for me.’ She stopped again and looked at us in a strange way. Afterwards, when we discussed it, some of us were sure she was dying for someone to ask: ‘Why? Why is it so much worse for us?’ But no one did. I’ve often thought about that day, and I’m sure now, in the light of what happened later, that we only needed to ask and Miss Lucy would have told us all kinds of things. All it would have taken was just one more question about smoking. So why had we stayed silent that day? I suppose it was because even at that age – we were nine or ten – we knew just enough to make us wary of that whole territory. It’s hard now to remember just how much we knew by then. We certainly knew – though not in any deep sense – that we were different from our guardians, and also from the normal people outside; we perhaps even knew that a long way down the line there were donations waiting for us. But we didn’t really know what that meant. If we were keen to avoid certain topics, it was probably more because it *embarrassed* us. We hated the way our guardians, usually so on top of everything, became so awkward whenever we came near this territory. It unnerved us to see them change like that. I think that’s why we never asked that one further question, (...). (ISHIGURO, 2006, p.67-69)

Ninguém teve coragem de perguntar nada disso para Miss Lucy, pois a resposta poderia ser muito ruim e bem diferente do que elas gostariam de ouvir. Parece que, de certa forma, as crianças de Hailsham já pressentiam que seu futuro não seria bom. Toda vez que a conversa se direcionava para as doações, os alunos se sentiam constrangidos e imediatamente, mudavam de assunto ou não falavam mais nada a respeito. Isso talvez fosse uma autodefesa porque no fundo, todos já sabiam que suas vidas não seriam iguais às vidas das pessoas fora daqueles muros. Por que os guardiões mudavam de atitude toda vez que as crianças faziam uma pergunta ousada? Porque nenhum deles queria admitir ou revelar o verdadeiro motivo pelo qual os alunos haviam sido criados e estavam em Hailsham. Esse assunto era uma espécie de tabu, já que ameaçava as regras impostas e, conseqüentemente, o sistema social vigente.

Seguimos com a análise e o terceiro elemento-chave em uma distopia se refere à desigualdade e à estratificação social, isto é, as distopias frequentemente exibem sociedades profundamente estratificadas, ou cristalizadas, com uma elite privilegiada no topo e uma massa empobrecida na base. A desigualdade econômica e social é um tema recorrente, inclusive no nosso objeto de estudo, pois Miss Emily e Madame-Claude se esforçam para dar uma vida digna àquelas crianças clones, mas isso não é fácil devido à falta de apoio da sociedade. Notamos aí uma ideia cristalizada de que os clones eram menos humanos e, portanto, não necessitavam de assistência como o restante da sociedade. Assim como a nossa sociedade utiliza animais para enriquecer a sua dieta e não veem nenhum problema nisso, aquela sociedade também não via problemas em explorar os clones para extrair órgãos vitais. Entretanto, nem todos tinham acesso a esse recurso, sendo a elite em vantagem sobre os menos afortunados. O trecho a seguir mostra que uma brincadeira entre as crianças clones ilustrava como as suas doações eram vistas como algo banal:

(...) A ideia era que, quando chegasse a hora, você puxaria o zíper de uma parte qualquer sua e um rim ou algo parecido escorregaria para fora para você entregá-lo. Não achávamos muita graça nisso; era sobretudo uma forma de fazer alguém perder o apetite. Você abria o zíper do fígado, digamos, e largava o órgão no prato de alguém, esse tipo de coisa. Lembro-me de uma vez em que Gary B., que tinha um apetite fenomenal, vinha voltando para a mesa com a terceira porção de sobremesa e praticamente todo mundo começou a “abrir o zíper”, tirar coisas de dentro de si e empilhá-las no prato de Gary, enquanto ele continuava, teimosamente, a se entupir de comida.

Tommy não gostou muito quando essa história de abrir feito zíper voltou à baila, mas, àquela altura a fase em que todo mundo o perseguia já passara e ninguém a associou à brincadeira. Aquilo, para nós, era só diversão, fazíamos a brincadeira para estragar o apetite dos outros – e, imagino, como forma de admitir por algo o que vinha pela frente. E era essa a questão que eu queria abordar. Àquela altura da vida, não recuávamos mais diante do tema das doações como costumávamos fazer um ou dois anos antes; mas tampouco pensávamos nele com muita seriedade ou procurávamos discuti-lo. Toda a

conversa de “abrir o zíper” era característica da maneira como o assunto se infiltrava e se impunha em nosso meio, lá pelos treze anos.

Portanto eu diria que Miss Lucy acertou na mosca quando disse, uns dois anos mais tarde, que haviam “contado e não contado” para nós. E mais: refletindo sobre isso agora, eu ousaria dizer que as coisas que ela falou naquela tarde produziram uma verdadeira mudança de atitude em nós. Depois daquele dia, as piadinhas sobre as doações foram morrendo e começamos a pensar melhor sobre o assunto. Verdade que elas voltaram à condição de tema a ser evitado, mas não da mesma maneira de quando éramos mais novinhos. De chato ou embaraçoso, passou a ser apenas sombrio e sério.⁸⁸ (ISHIGURO, 2005, p.110-111)

Nesse trecho, a narradora, Kathy, deixa claro que quando crianças, a ideia das doações estava presente, mas como elas não tinham maturidade para compreender a sua verdadeira consequência, brincavam com isso como uma forma de defesa inconsciente. Na verdade, era uma fuga, uma maneira de escapar e não encarar a realidade dura que estaria por vir. Assim como objetos de consumo, seus corpos seriam abertos e subtraídos de suas partes principais, as quais “escorregariam” pelos cortes feitos durante as cirurgias. As crianças tinham uma vaga ideia do que isso realmente significaria e ninguém tinha coragem de comentar ou discutir isso a fundo. Entretanto, um dia, Miss Lucy não consegue mais se conter mediante àquela situação de hipocrisia e decide ser sincera com os pré-adolescentes, contando a eles o que realmente significaria as suas doações futuras. Nenhum deles realizaria seu sonho, pois nenhum deles chegaria aos trinta e cinco ou quarenta anos. Todos morreriam precocemente, num ato que todos os professores e guardiões insistiam em fazê-los acreditar que se tratava de um ato heroico. Assim, doar um rim, um fígado, um coração ou os pulmões, não seria tão fácil como abrir um zíper e deixar o órgão cair nas mãos do receptor. Os doadores não conseguiriam ter uma qualidade de vida depois das primeiras doações e, certamente, morreriam na terceira ou quarta. Será que as crianças entendiam isso? Provavelmente, não e, por isso, faziam

⁸⁸ (...) The idea was that when the time came, you'd be able just to unzip a bit of yourself, a kidney or something would slide out, and you'd hand it over. It wasn't something we found so funny in itself; it was more a way of putting each other off our food. You unzipped your liver, say, and dumped it on someone's plate, that sort of thing. I remember once Gary B., who had this unbelievable appetite, coming back with a third helping of pudding, and virtually the whole table 'unzipping' bit of themselves and piling it all over Gary's bowl, while he went on determinedly stuffing himself. Tommy never liked it much when the unzipping stuff came up again, but by then the days of his being teased were past and no one connected the joke with him any more. It was just done to get a laugh, to put someone off their dinner – and, I suppose, as some way of acknowledging what was in front of us. And this was my original point. By that time in our lives, we no longer shrank from the subject of donations as we'd have done a year or two earlier; but neither did we think about it very seriously, or discuss it. All that business about 'unzipping', that was typical of the way the whole subject impinged on us when we were thirteen. So I'd say Miss Lucy had it about right when she said, a couple of years later, that we'd been 'told and not told'. And what's more, now I think about it, I'd say what Miss Lucy said to us that afternoon led to a real shift in our attitudes. It was after that day, jokes about donations faded away, and we started to think properly about things. If anything, the donations went back to being a subject to be avoided, but not in the way it had been when we were younger. This time round it wasn't awkward or embarrassing any more; just sombre and serious. (ISHIGURO, 2006, p.86-87)

brincadeiras com as doações, acreditando que elas não fossem tão graves. Miss Lucy abriu-lhes os olhos, mostrando que todos naquela escola fingiam contar-lhes a verdade, mas no fundo, as crianças estavam sendo iludidas com uma ideia de heroísmo que não existia. A sociedade os via como menos humanos, pois ela os criou para explorar os seus órgãos e, assim sendo, se sentia no direito de possuí-los e utilizá-los ao seu bel prazer. Nesse sentido, há uma desigualdade social clara, imposta pelo poder do mais forte sobre o mais fraco. A seguir, trazemos outro trecho, no qual Kathy fala das aulas de biologia e da impossibilidade de os clones terem filhos:

Depois havia a questão toda de não podermos ter filhos. Miss Emily costumava dar pessoalmente grande parte das aulas sobre sexo, e lembro-me de uma vez em que ela levou um esqueleto em tamanho natural, usado nas aulas de biologia, para demonstrar como era feito. (...) De repente, com o esqueleto largado, formando uma pilha obscena de ossos sobre a mesa, ela se virou para nós e começou a dizer que precisávamos ter cuidado sobre *com quem* fazíamos sexo. Não só pelas doenças, mas também porque, segundo ela, “o sexo afeta as emoções de maneiras que nunca imaginamos”. Precisávamos ter extremo cuidado ao fazer sexo no mundo exterior, sobretudo com pessoas que não eram alunos, porque lá fora o sexo significava tudo quanto é tipo de coisa. Lá fora havia gente até brigando e se matando por causa de quem fazia sexo com quem. E o sexo significava tanto – muito mais, por exemplo, do que a dança ou o pingue-pongue – porque as pessoas lá fora eram diferentes de nós: podiam ter filhos, fazendo sexo. Por essa razão, o sexo era muito importante para eles, assim como a questão de quem o fazia com quem. E, como bem sabíamos, embora não houvesse a menor possibilidade de termos filhos, lá fora teríamos de nos comportar como os demais. Tínhamos de respeitar as regras e tratar o sexo como algo muito especial.⁸⁹ (ISHIGURO, 2005, p.105-106. Grifo do autor.)

Apesar do fato de os clones saberem que não poderiam gerar filhos, não há menção de uma situação na qual lhes foi explicado o porquê. Eles apenas sabiam que não poderiam ter bebês e isso é mais uma pista que o autor deixa no texto para evidenciar o jogo do “contar e não contar”, o qual era praticado o tempo todo, em Hailsham. Após a maturidade, Kathy reflete sobre a época em que ela e seus colegas tiveram as aulas de sexo, nas quais Miss Emily, mesmo de uma forma velada, mostrava que os “alunos” eram diferentes das pessoas lá fora. A primeira

⁸⁹ Then there was the whole business about our not being able to have babies. Miss Emily used to give a lot of the sex lectures herself, and I remember once, she brought in a lifesize skeleton from the biology class, to demonstrate how it was done. (...) Then suddenly, with the skeleton in an obscene heap on the desktop, she turned away and began telling us how we had to be careful *who* we had sex with. Not just because of the diseases, but because, she said, ‘sex affects emotions in ways you’d never expect’. We had to be extremely careful about having sex in the outside world, especially with people who weren’t students, because out there sex mean all sorts of things. Out there people were even fighting and killing each other over who had sex with whom. And the reason it meant so much – so much more than, say, dancing or table-tennis – was because the people out there were different from us students: they could have babies from sex. That was why it was so important to them, this question of who did it with whom. And even though, as we knew, it was completely impossible for any of us to have babies, out there, we had to behave like them. We had to respect the rules and treat sex as something pretty special. (ISHIGURO, 2006, p.82)

forma sutil de expressar isso era utilizar a palavra ‘alunos’, ao invés de ‘clones’. A segunda foi a maneira como ela explicou que fora dos muros de Hailsham, o sexo significava muitas coisas, principalmente, a forma como as pessoas procriavam e formavam famílias. Os clones jamais teriam famílias, pois apesar de poderem fazer sexo entre si, não seriam capazes de procriar. Além disso, não era esperado que eles formassem vínculos afetivos e se casassem como as pessoas lá fora. Outra informação velada se refere ao fato de as pessoas brigarem e até se matarem por causa de quem fazia sexo com quem, isto é, fora de Hailsham, a sociedade não aceitava a traição entre os casais e se isso ocorresse, muitas desavenças como separações, divórcio e até crimes passionais poderiam acontecer, uma vez que ninguém queria ser traído. Para os clones, isso não fazia muito sentido, pois a palavra ‘traição’ não fazia parte de seu vocabulário. Mais uma vez, Miss Emily deixa implícito que os alunos são diferentes das pessoas normais, mas, como futuros doadores, eles deveriam cuidar de sua saúde, não adquirindo doenças e evitando conflitos por disputas amorosas, ao se relacionarem com as pessoas fora de Hailsham.

Esse trecho também ajuda o leitor a entender o porquê de Madame Marie-Claude não ter podido conter as lágrimas e sair soluçando ao flagrar a garota, Kathy, dançando, abraçando o seu travesseiro como se fosse um bebê e repetindo o refrão da canção *Não me abandone jamais*. Madame sabia que os clones jamais teriam uma vida plena com carreira, família, filhos e realizações pessoais. Aquela cena nunca aconteceria de verdade, pois Kathy jamais poderia ser mãe e, assim como tudo mais que os clones imaginavam para o seu futuro, tudo não passava de sonhos. No trecho a seguir, Kathy explica a sua interpretação para a canção *Never let me go*:

Àquela altura já tínhamos passado para os pequenos dormitórios de seis camas nos chalés, e no nosso tínhamos um toca-cassete portátil na prateleira em cima do radiador. Portanto era ali que eu me refugiava sempre que achava improvável haver mais alguém presente, para escutar música quantas vezes me desse vontade.

O que havia de tão especial nela? Bem, o fato é que eu não costumava ouvir a letra direito; ficava só esperando aquele trecho que dizia: “Baby, baby, não me abandone jamais...”. E o que eu imaginava era uma mulher que não podia ter filhos, mas que queria muito ser mãe, que sempre quisera ser mãe, a vida toda. Aí então ocorre um milagre qualquer, ela tem o filho e sai cantando, com ele agarrado no colo: “Baby, não me abandone jamais...”, em parte porque se sente muito feliz, mas também porque receia que algo aconteça, que seu bebê fique doente ou seja levado embora. Mesmo na época eu percebia que isso não devia estar lá muito correto, que essa minha interpretação não se encaixava com o resto da letra. Mas eu não via o menor problema nisso. A música era sobre o que eu achava que era, e gostava de escutá-la repetidas vezes, sozinha, sempre que surgia uma chance.

Mais ou menos nessa época, aconteceu um fato curioso que acho conveniente mencionar aqui. Um fato que me deixou realmente muito perturbada e,

embora eu só fosse descobrir seu verdadeiro significado anos mais tarde, imagino que tivesse pressentido já naquela época algum significado mais profundo.

Era uma tarde de sol e eu fora ao nosso dormitório buscar alguma coisa. Lembro-me que estava tudo muito claro, porque as cortinas do quarto, que não tinham sido abertas de todo, deixavam o sol entrar em grandes feixes, iluminando a poeira no ar. Não era minha intenção ouvir a fita, mas já que estava ali sozinha, um impulso qualquer me fez tirá-la da caixa de coleções e colocar no toca-fitas.

Talvez o volume tivesse sido aumentado pela pessoa que usara o aparelho por último, não sei ao certo. O fato é que a música saiu bem mais alto do que eu costumava tocar, e foi provavelmente por cause disso que demorei a perceber a presença dela. Também pode ser que eu já estivesse me tornando meio autocomplacente. De todo modo, o que eu fazia na hora era me balançar de lá para cá bem devagar, no ritmo da música, segurando um bebê imaginário no colo. Na verdade, para tornar as coisas ainda mais embaraçosas, foi uma daquelas vezes em que peguei um travesseiro para fazer de bebê e fiquei rodopiando num bailado lento, de olhos fechados, acompanhando baixinha a letra toda vez que o refrão dizia: “Oh, baby, *baby*, não me abandone jamais...” A música já estava quase no fim quando alguma coisa me fez perceber que havia mais gente no quarto. Abri os olhos e me vi diante de Madame, enquadrada na soleira da porta.

O choque me deixou paralisada. Em alguns poucos segundos, porém, comecei a sentir um novo tipo de susto, porque entendi que havia algo estranho na situação. A porta estava aberta quase pela metade – era uma espécie de regra que não podíamos fechar a porta dos dormitórios por completo, a menos que fosse hora de dormir –, entretanto Madame não estava precisamente na soleira da porta. Estava no corredor, imóvel, a cabeça inclinada para o lado, para ter uma visão melhor do que eu estava fazendo lá dentro. E o esquisito é que chorava. É possível até que eu tenha despertado dos meus devaneios por causa dos soluços dela se infiltrando na música.

Quando penso nisso agora, fico achando – verdade que Madame não era guardiã, mas era um dos adultos – que ela devia ter dito ou feito alguma coisa, nem que fosse me passar um pito. Então, sim, eu saberia como me comportar. Porém ela simplesmente continuou imóvel ali no corredor, soluçando sem parar, me olhando pela abertura da porta com aquele mesmo olhar de sempre, como se estivesse vendo algo arrepiante. Só que havia um elemento mais, qualquer coisa extra naqueles olhos, que eu não conseguia decifrar.

Eu não sabia como agir, o que dizer e muito menos o que esperar. Talvez ela entrasse no quarto, gritasse comigo, me batesse, eu não fazia a mínima ideia. No entanto ela simplesmente se virou e dali a instantes escutei seus passos saindo do chalé. Percebi que a fita já passara para a faixa seguinte, desliguei o aparelho e me sentei na cama mais próxima. Quando me abaixei, vi pela janela a silhueta de Madame andando apressada na direção do casarão. Ela não olhou para trás, mas deu para ver, pela maneira como suas costas continuavam encurvadas, que ainda chorava.⁹⁰ (ISHIGURO, 2005, p.90-92. Grifo do autor.)

⁹⁰ By then we'd gone into the small six-bed dorms over in the separate huts, and in ours we had a portable cassette player up on the shelf above the radiator. So that's where I used to go, in the day when no one else was likely to be about, to play my song over and over. What was so special about this song? Well, the thing was, I didn't use to listen properly to the words; I just waited for that bit that went: 'Baby, baby, never let me go...' And what I'd imagine was a woman who'd been told she couldn't have babies, who'd really, really wanted them all her life. Then there's a sort of miracle and she has a baby, and she holds this baby very close to her wand walks around singing: 'Baby, never let me go...' partly because she's so happy, but also because she's so afraid something will

Kathy descreve o momento em que Madame Marie-Claude a flagra embalando seu travesseiro como se fosse um bebê, enquanto cantarolava o refrão da canção *Não me abandone jamais*. Como já vimos anteriormente, a letra da canção sugere que uma mulher pede ao seu amado que a abrace, beije e não a abandone jamais. Na verdade, é uma canção de amor, na qual uma mulher declara o seu amor. Entretanto, na fantasia de Kathy, na sua tenra idade, a canção se referia a uma mulher que jamais poderia ter filhos, mas que milagrosamente, conseguira ter aquele que segurava tão firmemente em seus braços, desejando que ele nunca partisse. Madame se emocionou porque apesar de um devaneio de Kathy, a cena era real, pois a garota jamais poderia ter filhos e não formaria uma família. Os clones não podiam procriar, mas naquela idade, nove ou dez anos, eles ainda não compreendiam o que isso realmente significaria para as suas vidas. Na verdade, significaria que eles não teriam descendentes, que seu DNA não seria passado adiante e que eles nunca formariam uma família. De fato, as crianças não sabiam o que uma família era de verdade, já que nunca tiveram uma. Seus sobrenomes eram apenas letras, obedecendo a sequência do alfabeto, mas nada significava. Eles não tiveram pais e não seriam pais e, mais do que isso, de nada adiantaria planejarem seu futuro, pois esse já estava decidido, antes mesmo de serem criados. Madame sabia que aquelas crianças eram propriedade da

happen, that the baby will get ill or be taken away from her. Even at the time, I realized this couldn't be right, that this interpretation didn't fit with the rest of the lyrics. But that wasn't an issue with me. The song was about what I said, and I used to listen to it again and again, on my own, whenever I got the chance. There was one strange incident around this time I should tell you about here. It really unsettled me, and although I wasn't to find out its real meaning until years later, I think I sensed, even then, some deeper significance to it. It was a sunny afternoon and I'd gone to our dorm to get something. I remember how bright it was because the curtains in our room hadn't been pulled back properly, and you could see the sun coming in big shafts and see all the dust in the air. I hadn't meant to play the tape, but since I was there all by myself, an impulse made me get the cassette out of my collection box and put it into the player. Maybe the volume had been turned right up by whoever had been using it last, I don't know. But it was much louder than I usually had it and that was probably why I didn't hear her before I did. Or maybe I'd just got complacent by then. Anyway, what I was doing was swaying about slowly in time to the song, holding an imaginary baby to my breast. In fact, to make it all the more embarrassing, it was one of those times I'd grabbed a pillow to stand in for the baby, and I was doing this slow dance, my eyes closed, singing along softly each time those lines came around again: 'Oh, baby, *baby*, never let me go...' The song was almost over when something made me realise I wasn't alone, and I opened my eyes to find myself staring at Madame framed in the doorway. I froze in shock. Then within a second or two, I began to feel a new kind of alarm, because I could see there was something strange about the situation. The door was almost half open – it was a sort of rule we couldn't close dorm doors completely except for when we were sleeping – but Madame hadn't nearly come up to the threshold. She was out in the corridor, standing very still, her head angled to one side to give her a view of what I was doing inside. And the odd thing was she was crying. It might even have been one of her sobs that had come through the song to jerk me out of my dream. When I think about this now, it seems to me, even if she wasn't a guardian, she was the adult, and she should have said or done something, even if it was just to tell me off. Then I'd have known how to behave. But she just went on standing out there, sobbing and sobbing, staring at me through the doorway with that same look in her eyes she always had when she looked at us, like she was seeing something that gave her the creeps. Except this time there was something else, something extra in that look I couldn't fathom. I didn't know what to do or say, or what to expect next. Perhaps she would come into the room, shout at me, hit me even, I didn't have a clue. As it was, she turned and the next moment I could hear her footsteps leaving the hut. I realized the tape had gone onto the next track, and I turned it off and sat down on the nearest bed. And as I did so, I saw through the window in front of me her figure hurrying off towards the main house. She didn't glance back, but I could tell from the way her back was hunched up she was still sobbing. (ISHIGURO, 2006, p.70-72)

sociedade que os criou e assim, sua única opção era sonhar e imaginar como seria ser uma pessoa dita normal, a qual sempre viveu fora de Hailsham. O conforto que tinham na escola era um paliativo para a sua existência limitada, a qual não lhes dava direito à opção de escolha de absolutamente nada. Talvez, tudo isso tenha vindo à tona na mente de Madame quando ela viu Kathy, inocentemente, sonhando, cantando e dançando. A sua ingenuidade não só revelava que ela nada sabia sobre o seu verdadeiro destino, mas também que todas aquelas crianças eram peças descartáveis de uma engrenagem, um sistema que privilegiava os poderosos em detrimento dos menos favorecidos. Ishiguro, sempre sutil na sua escrita, dá pistas ao leitor de que existem duas maneiras de entender o que realmente se passava em Hailsham, pois se por um lado, as diretoras Miss Emily e Madame Marie-Claude prezavam o bem-estar das crianças clones, oferecendo a oportunidade de uma boa educação e conforto, por outro, preparavam-nas para o seu destino, inculcando aos poucos a ideia de que as doações aconteceriam e de que as crianças eram especiais por ter a oportunidade de servir a sociedade tão heroicamente. Tanto nas escolas como Hailsham quanto nos cativeros, não havia escolha ou saída, pois todos completariam ainda jovens. Em ambos os casos, alguém estava por trás do patrocínio desses lugares e, no caso de Hailsham, as diretoras faziam o possível para atrair patrocinadores, tentando convencê-los de que os clones eram seres humanos capazes de produzir arte e se produziam pinturas que refletiam seus sentimentos, eles tinham subjetividade e até uma alma, assim como qualquer pessoa lá fora. À primeira vista, o leitor pode visualizar as diretoras como almas boas que realmente se preocupavam com as crianças. Porém, após uma reflexão, podemos perceber que elas também trabalhavam em prol do sistema, preparando as crianças clones para seguirem seus destinos passivamente. A narrativa de Ishiguro é dividida em duas partes: a primeira se passa em Hailsham e a segunda, no casario, isto é, o lugar para onde os clones seguiam após saírem da escola. Era um tipo de fazenda, onde os jovens clones se encontravam com os veteranos, isto é, aqueles que já tinham deixado Hailsham há mais tempo e estavam ali aguardando as primeiras doações. Nessa fase, os clones já podiam sair e interagir com as pessoas do mundo exterior à escola. Podiam namorar e viajar e até procurarem os seus prováveis modelos, mesmo afirmando ser por diversão. No fundo, desde crianças, eles pressentiam um futuro sombrio, como se fosse uma intuição. No princípio levaram na brincadeira, mas depois que Miss Lucy tentou abrir os seus olhos para a realidade, eles começaram a evitar o assunto das doações, como se isso fosse um mau presságio. Quando adultos, ainda evitavam refletir sobre isso, mas intimamente, todos sabiam que seu destino estava perto de ser cumprido. Quando crianças, doar órgãos parecia banal, mas com o passar dos anos, perceberam que longe de se tornarem heróis, seriam todos consumidos pelo sistema.

O quarto elemento-chave em uma distopia trata da tecnologia opressiva, a qual é usada para controlar e oprimir a população. Isso pode incluir vigilância em massa, censura na internet, uso de inteligência artificial para fins autoritários e outras formas de tecnologia que minam a liberdade individual. A obra mostra o controle dos clones através de guardiões, professores e manipulação de suas mentes. No entanto, não havia cercas elétricas ou câmeras para vigiá-los. Não fica evidente o uso dessa tecnologia em outros locais, utilizados como criadouros de clones. Assim, não podemos afirmar que o quarto elemento-chave esteja presente na obra. Já o quinto elemento distópico se refere ao ambiente hostil, pois algumas distopias exploram cenários em que o meio ambiente está em colapso devido à exploração desenfreada, à poluição extrema e à degradação. Isso cria um ambiente insalubre para os personagens e contribui para a sensação de desespero. Esse cenário nos remete às ficções apocalípticas, nas quais o planeta é afetado por bombas nucleares, armas químicas ou vírus que escapam de laboratórios e causam a extinção da vida humana. Esse elemento não está presente em *Não me abandone jamais*, pois ao contrário de um ambiente hostil, Hailsham oferecia abrigo confortável, alimentação saudável, assistência à saúde e educação às crianças clones, apesar de eles estarem confinados naquele espaço.

O sexto elemento distópico se refere à resistência e à rebelião, já que muitas distopias apresentam personagens que resistem ao regime opressor e buscam a mudança. A narrativa geralmente gira em torno de suas lutas para desafiar o sistema e buscar a liberdade. No caso da obra analisada, esse elemento é sutilmente explorado, pois apesar do fato de os clones Tommy e Kathy tentarem o adiamento de suas doações em nome da realização de sua união e vida juntos, isso não acontece e eles acabam por se conformar com os seus destinos. Kathy acaba acompanhando Tommy até a sua última doação e o final do livro sugere que ela também cumpre o seu destino de completar. Entretanto, como já mencionado, essa foi uma estratégia do autor para ilustrar a incapacidade do ser humano em mudar o seu destino perante a morte. Assim como os clones se conformam com os seus destinos, o ser humano também não tem como fugir da finitude, apesar dos avanços da ciência e dos seus esforços para se manter jovem. Isso convida o leitor à reflexão sobre como conduzir a sua vida, qual o seu papel nesse mundo e onde deseja chegar com sua conduta.

As distopias continuam sendo um gênero popular na literatura contemporânea, refletindo preocupações e ansiedades relacionadas ao futuro da sociedade e a direção que a humanidade está tomando, maiormente, em *Não me abandone jamais*, com relação à ciência e os experimentos com o genoma humano. Além disso, as distopias constituem lembretes poderosos, os quais convidam o leitor a refletir sobre as consequências de práticas abusivas

como a vigilância excessiva, os regimes autoritários e o desrespeito à ética, por exemplo, e sua ameaça à liberdade e à dignidade humanas. Em seu artigo *O outro monstruoso em Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro, Shirley de Souza Gomes Carreira (2020) afirma que a obra pode ser considerada como uma distopia porque além de problematizar as tendências contemporâneas, produz um efeito de barbárie ao demonstrar a convivência da sociedade com relação ao sacrifício da vida dos clones. Por outro lado, a autora observa que as distopias oferecem um vislumbre do futuro, questionando o destino da sociedade. Ainda segundo Carreira, isso não acontece em *Não me abandone jamais*, pois a obra é construída a partir das memórias da personagem Kathy, dando ao leitor, um vislumbre do passado. Entretanto, discordamos de Carreira nesse sentido, pois se por um lado Ishiguro utiliza as memórias da personagem para construir sua narrativa, por outro, deixa claro o convite ao seu leitor sobre o futuro da ciência e da humanidade, o que caracteriza uma distopia. Além disso, o próprio autor, em entrevista, menciona o seu objetivo ao delinear a obra, isto é, abordar a finitude, a curta duração da vida humana e, portanto, a necessidade de se refletir bem sobre a direção que devemos dar à nossa existência.

Adicionalmente, assim como a ficção científica, a distopia propõe uma reflexão, ao invés de uma previsão. Nesse sentido, a pergunta sugerida seria: o que aconteceria se.... Dessa forma, entendemos que a pergunta proposta pela narrativa de Ishiguro seria: como você viveria se soubesse que teria uma vida curta? Apesar de sabermos que a morte é inevitável, pelo menos, até o presente momento, nem todos param para refletir sobre essa finitude. Assim, objetivando chamar a atenção para essa impotência do ser humano diante da morte, o autor pensou em clones, os quais morreriam cedo devido às doações. A morte precoce causa um impacto no leitor, o que o leva a refletir sobre essa possibilidade. No entanto, o convite não é só para os que partem jovens demais, mas para todos os que partirão, isto é, todos nós. A nosso ver, a sutileza do autor e a maneira como teceu a sua narrativa distópica são de uma beleza quase poética, pois longe de simplesmente chocar, remete a uma reflexão, através do desconforto que a passividade dos clones mediante os seus destinos provoca no leitor. Tal passividade simboliza a incapacidade do ser humano de livrar-se da morte mesmo que a ciência desrespeite os valores éticos que servem de diretrizes para as pesquisas. E, como a distopia também tem o papel de alertar sobre perigos para o futuro, Ishiguro deixa mais um tema para reflexão: o futuro da engenharia genética. Onde chegaremos com tudo isso? Qual será o futuro do ser humano? Seremos seres pós-humanos: metade máquina e metade orgânicos? Todas essas questões são sugeridas pela obra e tratadas pelo autor de forma sutil e descomplicada.

4.2. A arte e a humanização

A arte desempenha um papel fundamental na humanização do ser humano, pois é uma das formas mais profundas de expressão da nossa humanidade. Ela é uma manifestação intrínseca à nossa espécie e está presente em todas as culturas ao longo da história. De acordo com Trojan (1996),

A história que se passa no filme não tem nada a ver com a nossa história, nem com o nosso tempo, nem com as atividades que desenvolvemos, mas pode nos comover até às lágrimas. Por quê? Talvez a resposta seja a de que comove porque é humana. Por que é humana? Porque mostra a vida dos homens que ontem, hoje e amanhã, são homens – que pensam, agem, trabalham, se relacionam, são felizes e sofrem. É isto que permite que uma peça de Shakespeare tenha validade hoje, quando seu tempo não mais existe. Ou que um filme de ficção futurista mostre fatos que se relacionam com o mundo de agora. (TROJAN, 1996, p.89)

Somente o ser humano é capaz de se emocionar com uma obra de arte, seja ela um filme, uma pintura, uma escultura, uma poesia, um romance ou uma canção. Isso se deve à nossa humanidade, pois somente o ser humano é capaz de expressar seus sentimentos e dar vazão à sua criatividade através da arte e emocionar o seu semelhante. Essa emoção ao contemplar o quadro *A Noite Estrelada* (1889), de Vincent van Gogh (1853-1890) ou ouvir a *Polonaise n° 3, Op. 40, n° 1, Militar*, de Frédéric Chopin (1810-1849) ao piano, por exemplo, pode ser descrita como um sentimento de epifania, isto é, o sentimento que acomete o admirador em resposta a uma obra de arte. Esse sentimento constitui uma experiência poderosa e transformadora que muitas pessoas vivenciam ao contemplar uma peça de arte que as toca profundamente. Uma epifania, nesse contexto, se refere a um momento de *insight*, compreensão ou revelação súbita e intensa, o qual pode ocorrer quando alguém se depara com uma obra de arte que ressoa com eles de maneira única e profunda. Assim sendo, a arte tem o poder de evocar uma variedade de emoções e pensamentos nas pessoas, e uma epifania artística pode ser uma experiência singularmente significativa. Adicionalmente, uma obra de arte pode elucidar várias interpretações e algumas vezes, refletir a vida ou a experiência pessoal de seu observador. Soma-se a isso o fato de que a arte pode provocar alterações sobre a visão de mundo ao desafiar as suposições de seu observador, abrindo-lhe novas perspectivas e questionamentos sobre suas crenças preexistentes. Vale mencionar ainda que uma epifania artística é altamente subjetiva e pessoal, pois o que provoca tal experiência em uma pessoa pode não ter o mesmo efeito em outra. Entretanto, é essa subjetividade que torna a arte tão poderosa, pois permite que as pessoas encontrem significado e conexão em formas diversas e profundas. Finalmente, uma epifania artística pode ser uma experiência que enriquece a vida e amplia a compreensão do mundo em si mesmo.

A seguir, discorreremos sobre como a arte pode contribuir para a humanização, pois em *Não me abandone jamais*, as crianças clones eram incentivadas a produzirem quadros para serem expostos na galeria. O propósito da diretora de Hailsham, Miss Emily, e de sua assistente Madame Marie-Claude, era dar oportunidade para que os clones expressassem a sua subjetividade através de seus desenhos e, assim, demonstrassem a sua condição humana. Nessa linha de pensamento, destacamos a expressão emocional, já que a arte permite que as pessoas expressem suas emoções, pensamentos e experiências de maneira única e não verbal. Isso não apenas ajuda a liberar sentimentos reprimidos, mas também permite que os outros compreendam as complexidades da experiência humana. Além disso, quando vemos uma pintura, ouvimos uma música ou assistimos a uma peça teatral, podemos nos conectar emocionalmente com o artista e com outras pessoas que compartilham daquela experiência. Ishiguro dá algumas pistas ao seu leitor com relação a isso, pois não foi por acaso que destacou as palavras ‘escória’ e ‘arte’ no discurso de Ruth sobre as possíveis matrizes dos clones. As palavras sugerem oposição, pois enquanto a escória é bárbara e rude, a arte proporciona civilidade, sensibilidade e educação. Além disso, é na galeria de arte que os clones encontram uma pessoa, a qual julgam ser parecida com Ruth e cogitam a possibilidade de essa pessoa ser a sua matriz. No trecho a seguir, a personagem Kathy descreve essa galeria:

Na verdade, por mais preocupada que eu estivesse com o possível de Ruth, comecei a gostar das telas que estava vendo e da paz absoluta do lugar. Parecia que estávamos a cem quilômetros da rua do Comércio. As paredes e os tetos tinham um tom de hortelã-pimenta e, aqui e ali, via-se um retalho e rede de pesca ou um pedaço podre de barco preso perto da moldura de gesso do teto. Também as telas – na maioria óleos em azuis e verdes fortes – enfocavam temas marinhos. Talvez tenha sido efeito do súbito cansaço que desceu sobre nós – afinal, estávamos viajando desde antes do amanhecer –, mas não fui a única a entrar numa espécie de devaneio, naquela galeria. Havíamos nos dispersado pelas salas, olhando tela por tela, e apenas muito de vez em quando fazíamos algum comentário do tipo: “Vem cá dar uma olhada nisto!”⁹¹ (ISHIGURO, 2005, p.198-199)

Kathy descreve o estado de admiração que tomou conta de todos os clones. A galeria parecia um lugar muito especial e totalmente afastado da correria da cidade. Era um local que propiciava a contemplação e assim, logo todos os clones entraram em um estado

⁹¹ Actually, preoccupied though I was with Ruth’s possible, I did begin to enjoy the paintings and the sheer peacefulness of the place. It felt like we’d come a hundred miles from the High Street. The walls and ceilings were peppermint, and here and there, you’d see a bit of fishing net, or a rotted piece from a boat stuck up high near the cornicing. The paintings too – mostly oils in deep blues and greens – had sea themes. Maybe it was the tiredness suddenly catching up with us – after all, we’d been travelling since before dawn – but I wasn’t the only one who went off into a bit of a dream in there. We’d all wandered into different corners, and were staring at one picture after another, only occasionally making the odd hushed remark like: ‘Come and look at this!’ (ISHIGURO, 2006, p.160)

contemplativo, como se estivessem vivendo um sonho, isto é, como se cada uma daquelas pinturas lhes transportasse para outros lugares e provocasse diferentes emoções. A descrição que Kathy nos dá sobre a experiência dos clones na galeria nos remete ao estado de epifania, pois todos se encontravam em total admiração das obras, esquecendo-se do propósito pelo qual haviam adentrado a galeria e mantendo-se em silêncio e em estado de contemplação. Podemos verificar isso no trecho abaixo:

De repente, a mulher se foi e nós ficamos. Evitamos trocar olhares, porém não ocorreu a ninguém sugerir que continuássemos a segui-la. À medida que os segundos foram passando, ficou óbvio que havíamos concordado, sem dizer uma palavra, em ver a situação sob a mesma ótica.

A certa altura, a senhora de cabelos brancos levantou-se e disse para Tommy, que era quem estava mais perto dela: “Este é um trabalho *especialmente* bonito. É um dos meus favoritos.”

Tommy se virou para ela e soltou uma risada. Enquanto eu me aproximava para ajudá-lo, a senhora perguntou: “Vocês estudam arte?”

“Não exatamente”, disse eu, antes que Tommy tivesse tempo de responder. “Nós só, bom, nós só estamos interessados.”

A senhora de cabelos brancos abriu um belo sorriso e começou a discorrer sobre a carreira do artista cujo trabalho estávamos vendo, e que por sinal era parente dela. Com isso, pelo menos, rompeu-se o estado de transe em que nos encontrávamos e formamos uma rodinha em volta para ouvi-la, do mesmo jeito como teríamos feito em Hailsham, se um guardião se pusesse a falar.⁹² (ISHIGURO, 2005, p.199-200. Grifo do autor.)

A senhora de cabelos brancos pensou que os clones fossem estudantes de arte devido ao seu interesse pelas obras. O grifo do autor chama a atenção para a beleza da obra observada por Tommy e pela senhora e a sua pergunta quebra o momento de silêncio e contemplação no qual os alunos se encontravam. Era um transe, um devaneio, um estado de epifania, pois caso a senhora não tivesse interrompido o silêncio e a contemplação, eles poderiam ter ficado lá por mais tempo, simplesmente admirando os quadros enquanto eram transportados para outros lugares, tomados de outros pensamentos e emoções. Percebemos aí o interesse dos clones pelos quadros e talvez, mais uma estratégia do autor para mostrar ao seu leitor que os alunos, apesar de clones, eram seres humanos, já que tinham sua subjetividade.

⁹² Then suddenly the woman had left, and we all kept standing about, avoiding each other’s eyes. But none of us had thought to follow the woman, and as the seconds kept ticking on, it became like we were agreeing, without speaking, about how we now saw the situation.

Eventually the silver-haired lady came out from behind her desk and said to Tommy, who was the nearest to her: ‘That’s a *particularly* lovely work. That one’s a favourite of mine.’

Tommy turned to her and let out a laugh. Then as I was hurrying over to help him out, the lady asked: ‘Are you art students?’

‘Not exactly,’ I said before Tommy could respond. ‘We’re just, well, keen.’

The silver-haired lady beamed, then started to tell us how the artist whose work we were looking at was related to her, and all about the artist’s career thus far. This had the effect, at least, of breaking the trance-like state we’d been in, and we gathered round her to listen, the way we might have done at Hailsham when a guardian started to speak. (ISHIGURO, 2006, p.161)

Seguimos refletindo sobre o papel da arte na humanização e para isso, discorreremos sobre a empatia e a compreensão, isto é, o fato de que arte frequentemente explora questões sociais, políticas e culturais, apresentando perspectivas diversas e desafiadoras. Ao fazer isso, a arte nos convida a entender e a empatizar com pontos de vista diferentes dos nossos. Isso promove a tolerância, a compreensão e a capacidade de se colocar no lugar do outro, tornando-nos seres humanos mais compassivos e inclusivos. Notamos esse aspecto na obra analisada, pois quando Miss Emily e Madame Marie-Claude incentivam os alunos a fazer os desenhos, através da promessa da sua exposição em uma galeria de arte, elas estavam tentando demonstrar que aquelas crianças clones eram seres humanos e, portanto, merecedoras de um tratamento humanizado. Quem questionasse isso poderia ver as pinturas das crianças e quem sabe, empatizar com elas e compreender que realmente, mereciam ser criadas como seres humanos. Infelizmente, como já sabemos, o projeto das duas professoras não foi adiante por falta de apoio financeiro, pois quando a sociedade se viu ameaçada pela possibilidade de que aquelas crianças se tornassem mais brilhantes e autônomas, todo o projeto caiu por terra. Entretanto, não resta dúvidas de que os clones eram seres humanos capazes de expressar seus sentimentos, aprender, questionar e viver suas vidas plenamente.

Adicionalmente, a arte encoraja a exploração da imaginação e da criatividade. Ela nos permite questionar a realidade e considerar possibilidades ilimitadas. A capacidade de imaginar e criar é uma característica central da humanidade, e a arte nos convida a exercitar e aprimorar essa habilidade. Nas aulas de arte, em Hailsham, Tommy era o aluno que mais tinha dificuldade em desenhar. Seus desenhos eram diferentes e grotescos, conforme Kathy descreve no trecho abaixo:

De todo modo, ele desenhou um elefante exatamente como um menino três anos mais novo faria. Não levou mais do que vinte minutos para executá-lo e provocou risadas, sem dúvida, embora não do tipo que esperava. Ainda assim, o exercício poderia não ter resultado em nada mais grave – e esta é uma ironia e tanto, imagino – se por acaso a professora de arte aquele dia não fosse Miss Geraldine. (...) Talvez alguns alunos o tivessem considerado até um perfeito palhaço. Miss Geraldine, porém, sendo Miss Geraldine, não seguiu essa trilha. Ao contrário, fez o possível para olhar a aquarela com bondade e compreensão. E, provavelmente adivinhando que Tommy corria o risco de ser criticado pelos outros, exagerou para o lado positivo, inclusive descobrindo coisas para elogiar e apontar à classe. Foi assim que teve início o ressentimento.

(...) Parece que ele até se esforçou por uns tempos, mas nem bem começava alguma coisa já pipocavam zombarias e risinhos à volta toda. Na verdade, quanto mais ele se esforçava, mais risível ficava seu empenho. Não demorou muito a produzir trabalhos que pareciam propositalmente infantis, trabalhos

que diziam que ele não estava nem aí com nada. E desse momento em diante essa atitude foi se intensificando.⁹³ (ISHIGURO, 2005, p.29-30)

A brincadeira de Tommy não deu muito certo, pois ele objetivava provocar risos, mas sem ser ridicularizado. No entanto, como a professora exagerou nos elogios, a turma entendeu que ele não era mesmo capaz de produzir nenhuma arte, já que todas as crianças se empenhavam e conseguiam produzir belos desenhos. Tommy desistiu de tentar, mas isso não significava que não tinha nenhuma sensibilidade ou subjetividade. Na verdade, ele foi o único que se prontificou a questionar o porquê daquelas pinturas e, no fundo, aquele elefante desproporcional trazia à tona a sua rebeldia e desconforto com a situação. Certamente, são traços totalmente humanos, mas mais do que isso, constituem mais uma pista que o autor deixa para o seu leitor: Tommy seria o clone que mais adiante, juntamente com Kathy, foi questionar Miss Emily sobre a possibilidade do adiamento das doações para que pudessem realizar a sua união. Ele foi o aluno que questionou o sistema e tentou mudar seus destinos. Entretanto, apesar da impossibilidade do adiamento e apesar de ele ter se revoltado ao saber de toda a verdade, revelada por Miss Emily, se conformou e continuou a sua existência passivamente, até completar, exatamente como aconteceu com as pinturas, isto é, ele se esforçou, mas logo passou a não se importar mais. Nessa linha de pensamento, destacamos a conversa entre Tommy e Miss Lucy sobre a importância da arte na vida das crianças clones:

(...) Sem maiores explicações, sem nada, ela simplesmente começou dizendo alguma coisa do tipo: “Tommy, eu cometi um erro quando disse aquilo a você. Erro que eu deveria ter corrigido há muito tempo.” E aí ela se virou e me disse que era para eu esquecer tudo o que ela havia dito antes. Que me fizera um grande desserviço ao dizer que eu não precisava me preocupar em ser criativo. Que os outros guardiões estavam certos o tempo todo, e que não havia nenhuma desculpa para minha arte ser tão porcaria...”

“Espere um pouco, Tommy. Ela falou assim mesmo, que a sua arte era ‘porcaria’?”

“Se não foi ‘porcaria’ foi algo muito parecido. Insignificante. Quem sabe foi isso. Ou então incompetente. Quer dizer, ela pode perfeitamente ter dito porcaria. Falou que sentia muito, que não deveria ter dito aquilo para mim porque se tivesse ficado quieta eu talvez já tivesse resolvido a questão àquela altura.”

⁹³ Anyway, he did his elephant, which was exactly the sort of picture a kid three years younger might have done. It took him no more than twenty minutes and it got a laugh, sure enough, though not quite the sort he'd expected. Even so, it might not have led to anything – and this is a big irony, I suppose – if Miss Geraldine hadn't been taking the class that day. (...) He might even have had some students think him a right clown. But Miss Geraldine being Miss Geraldine, it didn't go that way. Instead, she did her best to look at the picture with kindness and understanding. And probably guessing Tommy was in danger of getting stick from the others, she went too far the other way, actually finding things to praise, pointing them out to the class. That was how the resentment started. (...) It seems he did make an effort for a while, but he'd no sooner have started on something, there'd be sneers and giggles all around him. In fact, the harder he tried, the more laughable his efforts turned out. So before long Tommy had gone back to his original defence, producing work that seemed deliberately childish, work that said he couldn't care less. From there, the thing had got deeper and deeper. (ISHIGURO, 2006, p.19-20)

“E você disse o quê, esse tempo todo?”

“Eu não sabia *o que* dizer. No fim, ela acabou me perguntando. Falou: “Tommy, no que você está pensando?”. E eu então respondi que não tinha certeza, mas que ela não precisava se preocupar porque eu estava bem. E ela então falou que não, que eu não estava bem. Que minha arte era uma porcaria e que, em parte, a culpa era dela por ter dito o que disse. Eu então perguntei que importância tinha isso tudo se eu estava bem, se ninguém mais ria de mim. Mas ela não parava de sacudir a cabeça e dizer: ‘Importa, e muito. Eu não devia ter dito o que disse.’ De modo que pensei que ela estivesse falando de depois, sabe como é? De quando não estivermos mais aqui. E falei: ‘Mas vai dar tudo certo, Miss. Estou muito bem de saúde, sei me cuidar. Quando chegar a hora das doações, vou poder fazer tudo muito bem mesmo’. Quando eu disse isso, ela começou a sacudir a cabeça, mas com tanta força que fiquei até com medo que ela começasse a sentir tontura. E ela então me disse: ‘Escute, Tommy, sua arte *é* importante. E não apenas por ser uma prova. É por você mesmo também. Você pode tirar muito proveito dela, para si mesmo’.”

“Espere aí. O que ela quis dizer com ‘prova’?”

“Sei lá. Mas tenho certeza de que foi essa a palavra que ela usou. Falou que a nossa arte era importante, e ‘não apenas por ser uma prova’. Sabe Deus o que ela quis dizer. Na verdade, eu perguntei quando ela falou isso. Eu disse que não estava entendendo nada e se por acaso tinha alguma coisa a ver com Madame e a Galeria dela. Aí ela soltou um suspiro daqueles e disse: ‘A Galeria de Madame, é, ela é importante. Muito mais importante do que eu imaginava antes. Agora eu entendo’. Depois acrescentou: ‘Olha só, Tommy, tem um bocado de coisas que você não entende e que eu não posso contar. Coisas a respeito de Hailsham, a respeito do lugar que você vai ocupar no mundo, um monte de coisas. Mas, quem sabe um dia você vai tentar descobrir. Eles não vão facilitar nada para você, mas se você quiser, se quiser de verdade, talvez venha a descobrir’. Ela recomeçou a sacudir a cabeça depois disso, se bem que não com tanta força como antes, e disse: ‘Mas por que você haveria de ser diferente? Os alunos que saem daqui nunc descobrem muita coisa. Por que você haveria de ser diferente?’. Eu não sabia do que ela estava falando, por isso disse apenas: ‘Vai dar tudo certo, Miss’. Ela se calou durante alguns momentos, depois de repente se levantou, meio que se debruçou e me deu um abraço. (...)”⁹⁴ (ISHIGURO, 2005, p.134-136. Grifo do autor.)

⁹⁴ (...) No explanations, nothing, she just starts off saying something like: “Tommy, I made a mistake, when I said what I did to you. And I should have put you right about it long before now.” Then she’s saying I should forget everything she told me before. That she’d done me a big disservice telling me not to worry about being creative. That the other guardians had been right all long, and there was no excuse for my art being so rubbish...’

‘Hold on, Tommy. Did she actually say your art was “rubbish”?’

‘If it wasn’t “rubbish” it was something like it. Negligible. That might have been it. Or incompetent. She might as well have said rubbish. She said she was sorry she’d told me what she had the last time because if she hadn’t, I might have sorted it all by now.’

‘What were you saying through all this?’

‘I didn’t know *what* to say. In the end, she actually asked. She said: “Tommy, what are you thinking?” So I said I wasn’t sure but that she shouldn’t worry either way because I was all right now. And she said, no, I wasn’t all right. My art was rubbish, and that was partly her fault for telling me what she had. And I said to her, but what does it matter? I’m all right now, no one laughs at me about that any more. But she keeps shaking her head saying: “It does matter. I shouldn’t have said what I did.” So it occurs to me she’s talking about later, you know, about after we leave here. So I say: “But I’ll be all right, Miss. I’m really fit, I know how to look after myself. When it’s time for donations, I’ll be able to do it really well.” When I said this, she starts shaking her head, shaking it really hard so I’m worried she’ll get dizzy. Then she says: “Listen, Tommy, your art, it *is* important. And not just because it’s evidence. But for your own sake. You’ll get a lot from it, just for yourself.”’

‘Hold on. What did she mean, “evidence”?’

‘I don’t know. But she definitely said that. She said our art was important, and “not just because it’s evidence”. God knows what she meant. I did actually ask her, when she said that. I said I didn’t understand what she was

Mais uma vez há a relação entre arte e humanidade, pois ela serviu como um instrumento para que as diretoras de Hailsham provassem que aquelas crianças eram seres humanos, pois seus desenhos expressavam sentimentos e demonstravam que elas tinham criatividade e que, portanto, não eram menos humanas. Miss Lucy se sentia culpada por ter criticado a falta de criatividade de Tommy, pois acreditava que isso havia desestimulado a sua vontade de desenhar e pintar, uma vez que ele passou a se sentir incapaz de produzir bons desenhos. Ao deixar de acreditar em si mesmo, Tommy desistiu de investir na sua criatividade, permanecendo assim, na mediocridade. Entretanto, ela se sentia mal não só por ter desestimulado o garoto, mas principalmente, porque entendera que os desenhos significavam muito mais do que simples desenhos, isto é, eram uma forma de as crianças expressarem as suas emoções, os seus pensamentos, anseios, medos, enfim, a sua característica humana. Por isso, Miss Lucy se sentiu na obrigação de abrir os olhos de Tommy para o fato de que se ele investisse na sua criatividade, poderia não só provar o seu lado humano, mas também, começar a entender muitas coisas que não eram e nunca seriam ditas. Talvez, se Tommy entendesse o que realmente se passava, ele poderia ter uma chance de questionar o sistema e tentar modificá-lo. Isso explica o porquê de Miss Lucy ser tão incisiva quanto à importância da arte na vida daquelas crianças. De imediato, Tommy não conseguiu entender o significado da conversa que Miss Lucy quis ter com ele naquele dia. Todavia, com o passar do tempo, as coisas foram ficando mais claras e, juntamente com Kathy, ele conseguiu juntar os pedaços do quebra-cabeças e buscar uma saída: o adiamento das doações. Foi Tommy que incentivou Kathy a ir falar com Miss Emily algum tempo após terem deixado Hailsham, na esperança de entender o que realmente se passava e se o boato de casais poderem adiar as doações seria possível. Tommy acabou entendendo as palavras de Miss Lucy e procurou saber o verdadeiro motivo das pinturas. E, apesar de Miss Lucy ter dito que a maioria dos alunos não descobria o que realmente acontecia em Hailsham e qual era o seu lugar naquele mundo, Tommy e Kathy puderam descobrir e, finalmente, entender que não havia escolha para seres como eles. Talvez, sem a educação e a arte, esses alunos jamais teriam tido a iniciativa de procurar entender o que se passava com eles e buscar uma alternativa para o que lhes tinha sido proposto desde a infância.

telling me, and was it something to do with Madame and her gallery? And she did a big sigh and said: "Madame's gallery, yes, that's important. Much more important than I once thought. I see that now." Then she said: "Look, there are all kinds of things you don't understand, Tommy, and I can't tell you about them. Things about Hailsham, about your place in the wider world, all kinds of things. But perhaps one day, you'll try and find out. They won't make it easy for you, but if you want to, really want to, you might find out." She started shaking her head again after that, though not as bad as before, and she says: "But why should you be any different? The students who leave here, they never find out much. Why should you be any different?" I didn't know what she was talking about, so I just said again: "I'll be all right, Miss." She was quiet for a time, then she suddenly stood up and kind of bent over me and hugged me. (...) (ISHIGURO, 2006, p.105-107)

Assim, notamos que a arte foi um recurso bem explorado por Ishiguro, tanto para ilustrar a questão da humanização, quanto para mostrar a iniciativa de Tommy para questionar o sistema no qual estavam inseridos.

Outro aspecto relevante que devemos mencionar ainda, é o fato de que a arte serve como um instrumento para refletir sobre o mundo ao nosso redor. Nesse sentido, as pinturas poderiam ajudar os clones a expressarem seus medos, dúvidas e ansiedades, o que colaboraria para a compreensão de quem eram e qual lugar ocupavam no mundo. Por fim, a arte é uma parte intrínseca da experiência humana, pois estimula a mente e expande a capacidade cognitiva, possibilitando o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e criativo, as quais são essenciais para a nossa evolução. Sem dúvida, a arte contribuiu para que os clones de Hailsham se conectassem com as suas emoções, com os outros e consigo mesmos. Por fim, gostaríamos de fechar este subcapítulo com as palavras de Antônio Candido (1918-2017) sobre o direito à literatura e, conseqüentemente, à arte:

A Literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. (CANDIDO, 2012, p.7)⁹⁵

Por detrás da ideia de que através da arte, as diretoras de Hailsham conseguiriam provar que os clones eram seres humanos e que, portanto, merecedores de respeito e dignidade na sua formação, Ishiguro estava passando ao seu leitor a mensagem de que o acesso à arte e à educação tornam os seres humanos melhores, a partir do momento que os esclarece e os torna menos bárbaros. Assim, vale a pena destacar que a educação desempenha um papel fundamental na humanização das pessoas de várias maneiras, pois contribui para o seu desenvolvimento pessoal, social e moral, ajudando-as a se tornarem membros responsáveis e conscientes da sociedade. Além disso, é através da educação que as pessoas têm a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico, o que possibilita que analisem informações e tomem decisões conscientes, questionando ideias preconcebidas. Dessa forma, elas podem desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor, tornando-se cidadãos críticos. Outro aspecto relevante que vale a pena ser mencionado com relação ao efeito da educação sobre a vida das pessoas é o fato de elas poderem se tornar mais empáticas e compreensíveis. Em outras palavras, a educação promove o aprendizado sobre diferentes culturas, perspectivas e

⁹⁵ LIMA, Aldo de [et al.] (Organizadores). **O direito à literatura**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, 160 p. ISBN 978-85-415-0113-2. Disponível em: <<https://editora.ufpe.br/books/catalog/download/372/382/1125?inline=1>> Acesso em: 10/10/2023.

experiências, alavancando o desenvolvimento da empatia e da capacidade de compreender e se relacionar com as outras pessoas. É a partir da educação que há a conscientização e o respeito aos direitos humanos, pois o acesso a esse conteúdo promove a importância da igualdade e da justiça na sociedade. Infelizmente, essa conscientização não foi totalmente desenvolvida em Hailsham, pois apesar de Miss Lucy revelar algumas informações gerais sobre o futuro dos clones, os detalhes permaneceram velados, já que o sistema não permitia que ela revelasse tudo. Além disso, se os clones se tornassem totalmente conscientes de que seus direitos estavam sendo violados, eles poderiam se rebelar e isso não correspondia aos interesses da sociedade que os criou. Assim, apesar de sua educação e acesso à arte, nem tudo pôde ser dito, pois Hailsham também estava sujeita às regras do sistema social predominante.

A educação também é um importante instrumento de promoção da tolerância e da diversidade, já que as pessoas aprendem a respeitar as diferenças, o que possibilita a construção de sociedades mais inclusivas. Adicionalmente, é através da educação que o ser humano desenvolve habilidades interpessoais, sociais e emocionais, como por exemplo, uma comunicação eficaz, a resolução de conflitos e a importância do trabalho em equipe. Essas habilidades são essenciais para que os relacionamentos sejam saudáveis e para que haja colaboração entre as pessoas. Dessa forma, a educação não se restringe somente ao conhecimento acadêmico, mas também à formação cidadã.

Apesar de não explorar a questão explicitamente, Ishiguro dá pistas ao seu leitor de que a educação desempenha um papel crucial no processo de humanização das pessoas, possibilitando que elas se tornem cidadãos informados, empáticos e capazes de contribuir de maneira construtiva para as suas comunidades e para a sociedade como um todo. Apesar de não haver a descrição de cativados, o leitor é informado de que escolas como Hailsham eram exceção, pois não havia muitos patrocinadores para manter esse tipo de escola para clones. Há somente a menção de que fora dessas escolas, as condições eram desumanas, provavelmente, semelhantes à de animais mantidos em cativeiro. Kathy, Tommy, Ruth e os seus colegas tiveram a oportunidade de ter acesso à educação, de aprenderem a ler e a escrever, de desenhar e pintar e de praticar esportes. Não só a saúde de seu corpo era priorizada, mas a da sua mente também. Apesar de não terem famílias, eles criaram vínculos entre si, tiveram uma infância com boas lembranças, lidaram com os conflitos da adolescência juntos, cuidaram uns dos outros e apesar do receio de falar sobre doações, refletiram sobre suas identidades e seus destinos. Talvez, se não tivessem sido instruídos, não teriam a capacidade de compreender, mesmo que depois de adultos, o que as doações realmente significavam. Hailsham lhes possibilitou ter boas lembranças, histórias para contar e, mesmo que frustrados, até sonhos para realizar.

4.3. Vidas desperdiçadas: finitude e imortalidade.

Iniciamos este subcapítulo discorrendo sobre Norfolk. No capítulo 6, na primeira parte do livro, isto é, na parte que Kathy relata a sua vida em Hailsham, há a menção sobre Norfolk, um condado inglês. Segundo ela, tudo começou em uma aula ministrada por Miss Emily sobre os condados ingleses. Os clones ainda eram crianças e estavam aprendendo as diferenças entre os vários condados ingleses. Assim, Miss Emily utilizava um grande mapa, pendurado no quadro negro, e um cavalete para mostrar as fotos do condado que estivesse apresentando, apoiado em um cavalete ao lado. Na verdade, as fotos eram parte de calendários, colecionados pela professora. Assim, quando Miss Emily estivesse explicando sobre Oxfordshire, por exemplo, ela não só falaria de suas características, mas mostraria o calendário com a foto do condado. As fotos mostravam pequenas aldeias, monumentos brancos na encosta de morros, velhas igrejas na orla dos prados, praias lotadas de gente e penhascos com gaivotas. Assim, as crianças clones tinham uma noção sobre o mundo exterior e essas imagens resumiam tudo o que conheciam sobre a realidade fora de Hailsham. Essas imagens ficaram tão fixas nas mentes dos clones que Kathy afirma que mesmo depois de adulta, ao percorrer vários quilômetros para executar a sua função de cuidadora, sua ideia dos vários condados continuava condicionada às imagens mostradas por Miss Emily. Assim sendo, quando ela passava por uma aldeia de Derbyshire, sempre buscava determinada pracinha com um pub em estilo pseudo-Tudor e um monumento aos mortos de guerra. Entretanto, essa imagem correspondia à foto de Derbyshire, a qual Miss Emily havia mostrado em suas aulas sobre os condados.

Apesar do fato de a professora possuir uma vasta coleção de calendários contendo fotos dos condados ingleses, havia um que não tinha foto: Norfolk. E, mesmo havendo muitas aulas sobre esse conteúdo, os clones jamais puderam visualizar uma foto desse lugar. A informação que Miss Emily dava sobre Norfolk é que era um lugar bonito. Certa vez, a professora parou de falar sobre o lugar e ficou pensativa, parecendo que não sabia como dar sequência à aula. Depois de algum tempo, como se saísse de um devaneio disse:

“Vejam só, pelo fato de estar entalado ali, bem ao leste, naquela corcova que se projeta para o mar, Norfolk não é caminho para nada. As pessoas que viajam para o norte e para o sul” – e movimentou o ponteiro para cima e para baixo – “não passam por lá. Por esse motivo, é um cantinho muito sossegado e simpático da Inglaterra. Mas é também meio que um recanto perdido do país.”⁹⁶ (ISHIGURO, 2005, p.84)

⁹⁶ ‘You see, because it’s stuck out here on the east, on this hump jutting into the sea, it’s not on the way to anywhere. People going north and south’ – she moved the pointer up and down – ‘they bypass it altogether. For that reason, it’s a peaceful corner of England, rather nice. But it’s also something of a lost corner.’ (ISHIGURO, 2006, p.65)

Ao dizer que se tratava de um recanto perdido, Miss Emily provocou a imaginação das crianças, pois a sua ideia de recanto era a de um lugar onde se guardava os objetos encontrados na escola, por exemplo, no terceiro andar, havia um recanto para os objetos achados e perdidos e, assim, se perdessem ou se encontrassem algo, era para lá que deveriam ir. A partir dessa ideia de recanto perdido, as crianças começaram a se referir a Norfolk como “o recanto dos perdidos’ da Inglaterra, o local onde todos os objetos encontrados no país inteiro iam parar.”⁹⁷ (ISHIGURO, 2005, p.85). A brincadeira pegou e durante muito tempo, Norfolk era o recando dos perdidos da Inglaterra. Entretanto, mesmo depois que as crianças cresceram, a ideia permaneceu:

Não faz muito tempo, num dia em que Tommy e eu estávamos relembando isso tudo, ele me falou que nunca lhe passara pela cabeça que acreditássemos mesmo naquilo, que a coisa toda fora uma brincadeira desde o início. Mas tenho quase certeza de que ele se enganou a esse respeito. Claro que até completarmos doze ou treze anos a história de Norfolk *já tinha* se transformado numa grande piada. Porém a lembrança que tenho dela – e a lembrança de Ruth era igual – é que no começo a gente acreditava que Norfolk fosse de fato uma espécie de depósito de objetos perdidos; que, assim como havia caminhões que chegavam a Hailsham trazendo nossa comida e as coisas para nossos Bazares, havia uma operação parecida, só que em escala muito maior, por toda a Inglaterra, com veículos percorrendo o país inteiro e entregando tudo o que tivesse sido esquecido em trens e campinas nesse lugar chamado Norfolk. O fato de nunca termos visto uma imagem do local só fazia aumentar o enigma.

Tudo isso pode parecer pura tolice, mas é preciso ter em mente que, naquela fase da vida, qualquer lugar além de Hailsham era, para nós, uma terra de fantasia; tínhamos uma noção muito vaga do mundo exterior e do que era ou não possível lá fora. Além disso, nunca nos demos ao trabalho de examinar em detalhe nossa teoria sobre Norfolk. O importante para nós, como bem disse Ruth certa tarde, quando estávamos sentadas naquele quarto azulejado de Dover vendo o sol se pôr, era que “quando perdíamos algo precioso e não conseguíamos encontra-lo, mesmo depois de ter procurado por tudo quanto é canto, não precisávamos ficar completamente arrasados. Porque restava aquele último pingo de consolo de pensar que um dia, quando fôssemos grandes e livres para circular pelo país, poderíamos ir até Norfolk e recuperar o objeto perdido.”

Tenho certeza de que Ruth tinha razão a esse respeito. Norfolk acabou se transformando numa fonte real de alívio para todos nós, muito provavelmente bem maior do que gostaríamos de admitir na época, e foi por essa razão que continuamos falando no assunto – ainda que meio na troça – depois de bem mais velhos. E foi por essa razão que, muitos anos mais tarde, no dia em que Tommy e eu encontramos, numa cidade do litoral de Norfolk, uma cópia daquela minha fita perdida, não só achamos muita graça no fato como, lá no fundo, ambos sentimos uma espécie de repuxão, um velho desejo de acreditar de novo numa coisa que antes nos era tão próxima.⁹⁸ (ISHIGURO, 2005, p.85-86. Grifo do autor.)

⁹⁷ England’s ‘lost corner’, where all the lost property found in the country ended up. (ISHIGURO, 2006, p.65)

⁹⁸ Not long ago, when Tommy and I were reminiscing about all of this, he thought we’d never really believed in the notion, that it was a joke right from the start. But I’m pretty certain he was wrong there. Sure enough, by the

Destacamos esse trecho porque ele mostra como a maneira que as crianças encontraram para lidar com o desconforto da perda, através da crença de que tudo que haviam perdido, um dia, poderia ser encontrado em Norfolk. Assim, essa ideia fantasiosa funcionava como uma defesa para que as crianças superassem as perdas. Nesse sentido, elas se conformavam com a ideia de que nada estava totalmente perdido, somente “guardado” em Norfolk. Em outras palavras, Norfolk passou a significar um lugar de esperança, um motivo para que todas as suas sensações de perda pudessem ser aliviadas a partir do momento que acreditavam que nada estava realmente perdido. Entretanto, apesar de uma brincadeira de criança, esse mecanismo de defesa perdurou, pois assim como tantas pistas deixadas no texto pelo autor, essa seria talvez, uma das mais importantes: no final, não havia recanto dos perdidos da Inglaterra, pois na verdade, nada pôde ser recuperado lá, muito menos, a vida dos clones que completaram antes de Kathy. No final de *Não me abandone jamais*, após a morte de Ruth e Tommy, Kathy vai até Norfolk na esperança de que seus amigos perdidos estivessem lá para serem encontrados. Porém, o que ela encontra é bem diferente, mais uma metáfora utilizada por Ishiguro: um lugar esquecido, onde o lixo e os escombros eram espalhados pelo vento e onde tiras de plástico se acumulavam nas árvores e na cerca de arame farpado. Tudo que a sociedade não queria mais estava abandonado ali, pois aquele era um lugar perfeito para o descarte de tudo o que não seria mais útil para ninguém. Como Miss Emily havia descrito, era um lugar distante de tudo, o qual não servia de passagem para lugar algum. Em outras palavras, era um lugar esquecido e perfeito para que tudo o que fosse indesejável, permanecesse esquecido e desprezado. Assim como os objetos descartados e espalhados pelo vento, os clones também eram consumidos e substituídos por outros e mais outros.

A metáfora dos escombros e do lixo revela o descarte de seres que após serem utilizados, eram descartados como se fossem objetos de consumo que não tinham mais serventia. Seria esse um retrato da pós-modernidade? Para muitos pensadores, como Jean-

time we were twelve or thirteen, the Norfolk thing *had* become a big joke. But my memory of it – and Ruth remembered it the same way – is that at the beginning, we believed in Norfolk in the most literal way; that just as lorries came to Hailsham with our food and stuff for our Sales, there was some similar operation going on, except on a grander scale, with vehicles moving all over England, delivering anything left behind in fields and trains to this place called Norfolk. The fact that we’d never seen a picture of the place only added to its mystique. This might all sound daft, but you have to remember that to us, at that stage in our lives, any place beyond Hailsham was like a fantasy land; we had only the haziest notions of the world outside and about what was and wasn’t possible there. Besides, we never bothered to examine our Norfolk theory in any detail. What was important to us, as Ruth said one evening when we were sitting in that tiled room in Dover, looking out at the sunset, was that ‘when we lost something precious, and we’d looked and looked and still couldn’t find it, then we didn’t have to be completely heartbroken. We still had that last bit of comfort, thinking one day, when we were grown up, and we were free to travel around the country, we could always go and find it again in Norfolk.’ (ISHIGURO, 2006, p.65-66)

François Lyotard (1924-1998) por exemplo, a pós-modernidade é um período em que as grandes visões do mundo entram em crise e se encontram livres para criar algo novo. Já o filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017) prefere utilizar o termo ‘modernidade líquida’, ao invés de pós-modernidade, já que a fluidez é a metáfora mais adequada para tantas mudanças. Ainda segundo Bauman, a sociedade de produção se transformou em uma sociedade de consumo no século XX. Isso está presente em *Não me abandone jamais*, pois a sociedade não mede esforços para suprir as suas necessidades, as quais incluíam o uso de clones para a obtenção de órgãos vitais. Hoje, na nossa realidade, há uma fila para quem precisa de uma doação, mas na sociedade distópica, descrita por Ishiguro, o poder financeiro era capaz de comprar um órgão sem nenhum embaraço legal ou ético. Vale mencionar ainda que segundo Bauman, em seu texto intitulado *Modernidade Líquida* (2001), o individualismo, a fluidez e a efemeridade são características da sociedade pós-moderna, o que torna as relações superficiais e descartáveis. A busca da felicidade passa a ser um projeto estritamente individual, já que criamos em nós a crença de que ela só depende de nós mesmos. Dessa forma, cada vez mais, somos impulsionados pelo desejo, um querer infindável que gera uma busca incessante pela realização, sensações e prazer. Esse é cada vez mais passageiro e, por isso, sua busca se tornou um processo contínuo. Além disso, se o futuro é incerto, há o desejo constante de se viver o momento intensamente e buscar o prazer a qualquer preço, seja através de bens de consumo, de cirurgias estéticas ou de tratamentos que prolonguem a longevidade.

Desde os primórdios, o homem sonha em viver mais e se libertar da morte. O desejo humano de driblar a morte é uma característica profundamente arraigada na psicologia e na cultura humanas, já que a única certeza que temos é que um dia pereceremos. Dessa forma, a morte é um dos aspectos mais universais e inevitáveis da existência humana, e a busca por maneiras de prolongar a vida, vencer doenças e superar a mortalidade tem sido uma constante ao longo da história. A seguir, discorreremos sobre as razões pelas quais os seres humanos desejam evitar a sua própria morte. O medo pode ser uma das razões primeiras, pois a incerteza sobre o que acontece no além-túmulo ainda permanece desconhecido. O instinto de sobrevivência é inato aos seres humanos e a superação da morte seria uma manifestação desse instinto. Além disso, a sobrevivência constitui peça fundamental para a evolução da nossa espécie. Somando-se a isso, poderíamos citar o amor pela vida, pois muitas pessoas desejam aproveitar ao máximo o tempo que lhes resta, o que justificaria um prolongamento da sua vida e busca por melhor qualidade de vida. Adicionalmente, muitos indivíduos desejam continuar contribuindo para a sociedade e para o mundo, e a perspectiva de morte pode parecer um obstáculo para alcançar os seus objetivos e realizações. A cultura e a religião também podem

ter um papel importante para o desejo de uma vida mais longa, pois apesar de muitos acreditarem na vida após a morte ou na reencarnação, o que pode atenuar o medo da morte, a busca por maneiras de prolongar a vida ainda é plausível, pois cada existência terrena é vista como uma oportunidade de aprendizado, crescimento e evolução espiritual. Finalmente, os avanços na medicina e na tecnologia têm promovido melhorias na qualidade de vida das pessoas e possibilitado mais anos de vida. Hoje já existem pessoas que vivem mais de cem anos. Com a pesquisa médica, a terapia genética e a nanomedicina, talvez, a morte possa ser vencida no futuro. Entretanto, é importante observar que, apesar de todos esses avanços, a morte ainda é inevitável e a busca pela imortalidade ou pela completa eliminação da morte permanece em grande parte no campo da ficção científica. Além disso, algumas questões éticas e filosóficas complexas estão associadas à busca da imortalidade, a qual poderia ocasionar uma superpopulação, a desigualdade e a perda do significado da vida sem a limitação da mortalidade. Se a imortalidade pudesse ser alcançada pelo ser humano, isso ocasionaria uma sobrecarga populacional, já que o número de pessoas continuaria a crescer de forma exponencial. Essa superpopulação causaria um esgotamento de recursos naturais e um aumento na competição por alimentos, água, moradia e outros recursos essenciais. Além disso, a degradação ambiental, a perda de biodiversidade e a escassez de recursos naturais poderiam se agravar, causando danos irreversíveis ao planeta. O acesso à imortalidade provavelmente não estaria disponível para todos os seres humanos, o que poderia acentuar a desigualdade. Dessa forma, aqueles que teriam acesso à tecnologia e a tratamentos para se tornarem imortais poderiam formar uma elite privilegiada, enquanto outros permaneceriam vulneráveis ao envelhecimento e à morte. Tal aspecto nos remete às relações de poder, mostradas em *Não me abandone jamais*, pois aqueles que dispunham de recursos e, conseqüentemente, de poder eram os únicos que se beneficiavam do acesso aos órgãos disponibilizados pelos clones.

Outra mudança provável estaria relacionada à mudança na dinâmica social, pois com a possibilidade de viver para sempre, as prioridades e as estruturas sociais poderiam mudar. Assim, poderia haver uma falta de senso de urgência para atingir metas e ambições de vida, já que não haveria um prazo final. Ademais, as relações interpessoais, como o casamento e a amizade, poderiam se tornar mais voláteis ou até obsoletas. Somar-se-ia a isso questões de saúde mental, uma vez que a imortalidade poderia causar tédio, depressão, isolamento e até a falta de propósito existencial. Além do mais, se por um lado alguns privilegiados vivessem indefinidamente, por outro, testemunhariam a morte de entes queridos repetidamente, o que poderia lhes deixar emocionalmente abalados. Entretanto, poderia haver vantagens também, pois com vidas infinitas, a sociedade poderia ver mudanças profundas em termos de avanço

tecnológico e desenvolvimento cultural. A acumulação de conhecimento e experiência ao longo dos séculos ou milênios poderia levar a avanços extraordinários em todas as áreas do conhecimento humano. Adicionalmente, poderia haver avanços significativos na medicina e na biotecnologia, com foco na prevenção do envelhecimento e na reversão desse processo. Isso poderia ter impactos profundos nas condições físicas e biológicas dos seres humanos. Todavia, apesar de ser um desejo do ser humano, a imortalidade ainda é abarcada pela ficção científica e, portanto, as suas consequências são difíceis de prever. É sabido que a busca pela extensão da vida e pela melhoria da qualidade de vida é uma área ativa de pesquisa médica e científica, mas a imortalidade ainda está longe de se tornar uma realidade tangível. Por outro lado, a imortalidade levanta questões éticas complexas, como quem deve ter acesso a ela, quais são as implicações para o conceito de justiça e como as sociedades lidariam com questões de controle populacional. Além disso, filosoficamente, a busca pela imortalidade levanta perguntas sobre o significado da vida e da mortalidade.

Segundo Zygmunt Bauman, em *Vidas desperdiçadas* (2005),

Nós, seres humanos, sabemos que somos mortais – destinados a morrer. É difícil conviver com esse conhecimento. Na verdade, tal convivência seria impossível não fosse pela cultura. Esta, a grande invenção humana (talvez a maior de todas – uma metainvenção, uma invenção que coloca em ação a inventividade e torna possíveis todas as outras invenções), é um mecanismo destinado a tornar o tipo de existência humana, aquele que acarreta necessariamente o conhecimento da mortalidade, suportável – em desafio à lógica e à razão. (BAUMAN, 2005, p.60)

Segundo o sociólogo e filósofo polonês, apesar de o homem saber de sua finitude, isso não significa que ele a aceita e, diferentemente dos animais, os quais fogem de seus predadores por instinto e não por raciocínio, é capaz de inventar ferramentas e dispositivos para melhorar a sua vida. Entre essas invenções está a cultura, característica da raça humana, já que o homem é capaz de se utilizar da arte para criar formas de expressar os seus sentimentos, compreender as suas angústias e lidar com os seus medos, entre eles, o medo da morte. Dessa forma, ainda segundo Bauman, a cultura talvez seja a invenção das invenções, pois constitui um conceito complexo e multifacetado que abrange um conjunto de elementos que definem a identidade, os valores, as crenças, os comportamentos e as práticas de um determinado grupo social, comunidade ou sociedade. Em outras palavras, a cultura desempenha um papel fundamental na forma como as pessoas se relacionam umas com as outras e com o mundo ao seu redor, como por exemplo, os valores e as crenças de um grupo social influenciam o seu comportamento e é parte integrante de sua cultura. Assim sendo, as normas culturais definem o comportamento aceitável em uma sociedade, pois elas regulam a interação social, a etiqueta,

as práticas religiosas, as tradições e as leis, entre outros. Devemos salientar ainda que a língua é um componente central da cultura, pois é através dela que a comunicação e a transmissão do conhecimento acontecem. Além disso, a linguagem desempenha um papel fundamental na vida humana e é uma das características mais distintivas que nos separam de outras espécies. Ela é uma ferramenta complexa e versátil que os seres humanos utilizam para se comunicar, expressar pensamentos e emoções, transmitir conhecimento e criar conexões sociais. A relação entre a linguagem e o ser humano é profunda e multifacetada, abrangendo não só a comunicação, mas também a formação de identidade e pertencimento, pois é através da linguagem que o ser humano se identifica com determinado grupo social, e a criatividade e a arte, constituindo uma ferramenta fundamental para a expressão artística e criativa. E isso nos remete à formação das crianças clones em Hailsham, as quais aprenderam uma língua, se comunicavam entre si e com os seus guardiões e se sentiam pertencentes ao ambiente escolar. A arte também teve um papel relevante na sua formação, pois através da pintura, os alunos tinham a oportunidade de expressar seus sentimentos, utilizando a sua criatividade para dar significado à sua subjetividade.

Vale acrescentar que, assim como a língua, a cultura não é estática e está em constante evolução, sendo moldada por fatores como a migração, a globalização, a tecnologia e o intercâmbio cultural. Ela desempenha um papel crucial na identidade das pessoas e na forma como elas se relacionam com outras culturas. Portanto, compreender a cultura é essencial para uma compreensão mais profunda da diversidade e da complexidade da sociedade humana. Complementarmente, a cultura desempenha um papel significativo na forma como o ser humano lida com a morte, pois como parte inevitável da experiência humana, diferentes culturas têm desenvolvido maneiras distintas de compreender, enfrentar e dar significado a esse evento. A seguir, faremos uma breve reflexão sobre como a cultura tem ajudado o homem a lidar com a sua finitude. Primeiramente, vale lembrar que a maioria das culturas possui rituais e cerimônias que ajudam a lidar com a morte. Isso pode incluir funerais, memoriais, cerimônias religiosas ou culturais, as quais proporcionam um espaço para expressar emoções, honrar a memória do falecido e buscar consolo. Em segundo lugar, muitas culturas têm crenças religiosas que fornecem um quadro de significado para a morte. Essas crenças frequentemente envolvem ideias sobre a vida após a morte, a reencarnação, o julgamento divino, oferecendo assim, um conforto espiritual aos enlutados. Soma-se a isso o fato de que além das religiões organizadas, as culturas também podem incorporar filosofias e sistemas de crenças que abordam a mortalidade de maneira mais ampla. Em outras palavras, isso pode incluir ideias sobre o ciclo da vida, a importância da memória, a busca da sabedoria e a aceitação da finitude.

Já com relação à comunidade e ao apoio social, a cultura muitas vezes promove a ideia de que a comunidade desempenha um papel fundamental no apoio aos enlutados e assim sendo, a família, os amigos e os vizinhos se reúnem para prestar apoio emocional, oferecendo ajuda prática e compartilhando a carga da perda.

A arte e a expressão cultural como a literatura, a música e outras formas de expressão cultural frequentemente abordam temas relacionados à morte, proporcionando uma saída para o luto e permitindo que as pessoas processem suas emoções. As histórias e os mitos tradicionais também podem oferecer exemplos de como outros povos lidaram com a morte e o luto, fornecendo conforto e orientação. As diferentes culturas têm tradições de luto que podem durar por períodos específicos de tempo e incluir rituais ou cerimônias especiais. Isso ajuda a pessoa enlutada a se ajustar gradualmente à perda. Em algumas culturas, a morte é vista como parte natural do ciclo de vida, e a aceitação da mortalidade pode ser um aspecto central da cultura. Isso pode ajudar as pessoas a enfrentar a morte de maneira mais equilibrada. Por fim, é importante notar que as diferentes culturas têm abordagens variadas para a morte e o luto, e as experiências individuais também podem variar amplamente. A cultura desempenha um papel crucial na maneira como as pessoas entendem, aceitam e enfrentam a morte, e pode oferecer suporte emocional e significado durante os momentos de perda.

Gostaríamos de concluir este subcapítulo com a fala da personagem Kathy sobre o destino dos alunos em Hailsham:

(...) De fato, parece que eu *sempre* soube das doações, ainda que de maneira muito vaga, mesmo com apenas seis ou sete anos de idade. E é curioso que, quando ficamos mais velhos e os guardiões vieram fazer aquelas preleções todas, nada constituísse surpresa total para nós. *Era* como se já tivéssemos escutado tudo antes, em algum lugar.⁹⁹ (ISHIGURO, 2005, p.105. Grifo do autor.)

De fato, as crianças foram criadas para as doações e toda a sua educação girava em torno da preparação para o cumprimento de suas funções. Apesar de os guardiões contarem e, ao mesmo tempo, não contarem, as crianças pressentiam que havia mais por detrás do ato de doar um órgão, algo que ainda não compreendiam, mas que temiam, de alguma forma. O assunto era meio como um tabu, e quando surgia nas conversas, logo era deixado de lado. A professora Lucy tentou alertá-los, mas parece que as crianças não compreenderam o real sentido da fala de Miss Lucy, pois quando alguém tocava no assunto, os alunos diziam: “Bom, e aí? A

⁹⁹ It's a bit too Much like a conspiracy theory for me – I don't think our guardians were that crafty – but there's probably something in it. Certainly, it feels like I *always* knew about donations in some vague way, even as early as six or seven. And it's curious, when we were older and the guardians were giving us those talks, nothing came as a complete surprise. It *was* like we'd heard everything somewhere before. (ISHIGURO, 2006, p.81)

gente já sabia”.¹⁰⁰ (ISHIGURO, 2005, p.104) Entretanto, será que sabiam mesmo? Ou somente suspeitavam? Talvez, as crianças sabiam que iriam morrer, mas isso não as assustava porque todos sabemos que morreremos um dia. Porém, o que elas desconheciam era o fato de que morreriam jovens para que outras pessoas continuassem vivendo. Dessa forma, as suas vidas eras totalmente descartáveis. Isso nos remete à pós-modernidade, pois, de acordo com Bauman:

Se a vida pré-moderna era uma recitação diária da duração infinita de todas as coisas, com exceção da existência mortal, a vida líquido-moderna é uma recitação diária da transitoriedade universal. Nada no mundo se destina a permanecer, muito menos para sempre. Os objetos úteis e indispensáveis de hoje são, com pouquíssimas exceções, o refugio do amanhã. Nada é necessário de fato, nada é insubstituível. Tudo nasce com a marca da morte iminente, tudo deixa a linha de produção com um “prazo de validade” afixado. As construções não têm início sem que as permissões de demolição (se exigidas) tenham sido emitidas, e os contratos não são assinados e a menos que se fixe a sua duração ou que se permita serem anulados, dependendo de sua sorte no futuro. Nenhum passo e nenhuma escolha são de uma vez para sempre, irrevogável. Nenhum compromisso dura o bastante para alcançar o ponto sem retorno. Todas as coisas, nascidas ou feitas, humanas ou não, são até segunda ordem e dispensáveis. Um espectro paira sobre os habitantes do mundo líquido-moderno e todos os seus esforços e criações: o espectro da redundância.

A modernidade líquida é uma civilização do excesso, da superfluidade, do refugio e de sua remoção. (BAUMAN, 2005, p.60)

A ideia de modernidade líquida e a noção de efemeridade são conceitos chave na análise sociológica do filósofo polonês, Zygmunt Bauman. Ao associar o adjetivo “líquida” à palavra modernidade, ele a contrapôs ao termo modernidade sólida. Em outras palavras, se na modernidade, as mudanças significavam rupturas com o passado, já que as estruturas sociais eram rígidas e duradouras, na modernidade líquida, ou realidade pós-moderna, as mudanças são rápidas e as relações são voláteis, caracterizando incertezas e uma sensação de instabilidade. Nesse sentido, a efemeridade está intrinsicamente ligada à essa condição. Assim sendo, a rapidez das mudanças sociais e tecnológicas, a globalização, o individualismo e a busca por novas experiências contribuem para a percepção de que nada é permanente. Isso pode gerar ansiedade e incerteza, já que as pessoas lutam para se adaptar e a um mundo em constante mutação. Bauman argumenta ainda que, na sociedade líquida, as pessoas muitas vezes buscam segurança em conexões efêmeras, como relacionamentos de curto prazo, mídias sociais e consumo excessivo. No entanto, essa busca por estabilidade em coisas transitórias pode resultar em uma sensação de vazio e solidão, já que as conexões superficiais raramente substituem o apoio e a segurança que as relações mais sólidas e duradouras podem oferecer. Em síntese, a

¹⁰⁰ ‘Well so what? We already knew all that.’ (ISHIGURO, 2006, p.81)

modernidade líquida e a efemeridade são conceitos que descrevem a natureza mutável e fugaz da sociedade contemporânea, onde a falta de estruturas sólidas e duradouras gera incerteza e uma busca por estabilidade em um mundo fluido. Esses conceitos são valiosos para entender as dinâmicas sociais, culturais e individuais no século XXI.

Se por um lado o ser humano tem consciência de sua finitude, por outro, tenta de todas as formas prolongar sua vida, pois com a rapidez do mundo em que vivemos, temos a impressão de que o tempo nunca será suficiente e de que precisamos viver mais para conseguirmos executar todas as nossas tarefas. Em outras palavras, apesar de já estarmos no século XXI, a ideia da morte ainda nos assombra e os avanços científicos e tecnológicos têm direcionado as pesquisas para a área do prolongamento da longevidade. A sociedade descrita em *Não me abandone jamais* não foge à regra da sociedade pós-moderna, pois apesar de o autor não ter dito explicitamente, a preocupação pela extensão da duração da vida humana está presente, assim como uma tentativa de adiamento da morte. Por outro lado, o consumismo extremo e a efemeridade também estão presentes, tanto na obtenção de órgãos através de recursos financeiros quanto nos curtos períodos de vida dos clones. Na sociedade inglesa no final dos anos 90, a qual serve de fundo para a narrativa de Ishiguro, o poder financeiro continua sendo decisivo para a obtenção de recursos materiais. Assim, a elite podia ter à sua disposição órgãos humanos, advindos de seres vivos, ao invés de cadáveres. Isso evidencia a fragilidade da vida humana, isto é, a vida dos clones, a qual passa a ser vendida e substituída como um bem de consumo. Dessa forma, assim como tudo mais na sociedade líquida, os clones eram totalmente descartáveis, podendo ser até representados pelos papéis voando ao vento, em Norfolk, pois da mesma maneira que Kathy visualizou o refugio descartado pela sociedade, naquele finalzinho de mundo, o qual não era passagem para nenhum lugar, ela imaginou Tommy saindo em meio a triste paisagem de escombros e papéis descartados e vindo até ela. Foi aí que ela percebeu que assim como acontecera com os seus amigos, ela também deveria ir ao encontro de seu destino, pois não restava mais nada para fazer. Suas últimas esperanças haviam sido destruídas pelas duras palavras de Miss Emily ao revelar que o adiamento das doações não passava de um boato. Além do mais, manter a esperança dos clones era parte do plano, pois assim, eles permaneceriam animados e colaborativos até as datas das doações.

Fechamos este subcapítulo com a reflexão de que em última análise, o desejo humano de driblar a morte é uma parte intrínseca da condição humana, e ele influencia não apenas a busca pela longevidade, mas também a forma como vivemos nossas vidas, valorizamos o tempo e buscamos significado. Eis a mensagem que o autor deixa para o seu leitor: o tempo é curto, então, viva com sabedoria e aproveite a sua vida.

CONCLUSÃO

Não me abandone jamais (2005) é uma história de ficção científica distópica que explora temas complexos como a natureza da identidade, a ética da ciência e a fragilidade da condição humana. O livro recebeu aclamação da crítica e foi nomeado para o Prêmio Booker, um dos mais prestigiados prêmios literários do mundo. A história se passa em uma realidade alternativa na Inglaterra, onde crianças são criadas em uma instituição chamada Hailsham. O leitor acompanha a vida de Kathy, Ruth e Tommy, três amigos que crescem juntos em Hailsham e, mais tarde, embarcam em uma jornada para entender o seu lugar no mundo e o destino que os aguarda. Uma das características mais marcantes do livro é a maneira como Ishiguro gradualmente revela os detalhes do mundo que criou na sua narrativa distópica. A princípio, o leitor tem apenas vislumbres de informações sobre Hailsham e o propósito das crianças que lá vivem. Além disso, a palavra ‘alunos’ é utilizada no lugar de ‘clones’, a qual somente aparece pela primeira vez, na página 203 e, depois, na página 312. Entretanto, conforme a história avança, os personagens e o leitor descobrem a verdade perturbadora, envolvendo o destino das crianças de Hailsham: elas haviam sido criadas em laboratório para abastecer a ciência médica e fornecer órgãos vitais para transplantes. O romance é profundamente emotivo e explora questões existenciais, como o desejo de pertencimento, o medo da morte, a busca pela verdade e pelo significado da vida. Os personagens principais enfrentam o dilema de aceitar ou desafiar o sistema social vigente, questionando o seu destino a partir da possibilidade de adiamanto das doações em nome de uma relação amorosa estável, e essa tensão cria uma atmosfera melancólica que permeia toda a narrativa. Um dos temas centrais de *Não me abandone jamais* é a ética na ciência e na medicina. A obra levanta questões sobre a moralidade em manipular a vida humana em nome da ciência e do progresso. Além disso, a narrativa também contempla a busca pela cura para doenças graves e os custos humanos e éticos associados a ela. O estilo de escrita de Kazuo Ishiguro é caracterizado por sua simplicidade e clareza, o que contrasta com a profundidade dos temas abordados. Essa simplicidade permite que o leitor se conecte profundamente com os personagens e suas experiências, tornando a história ainda mais comovente. *Não me abandone jamais* é uma obra que faz o leitor refletir sobre o que significa ser humano e como lidamos com questões éticas complexas. Ishiguro cria um mundo distópico que, apesar de ficcional, levanta questões relevantes e atemporais sobre a nossa própria humanidade e o preço que podemos pagar em busca do progresso científico. Além disso, a leitura é impactante e inesquecível, gerando discussões e reflexões profundas entre os seus leitores.

Este estudo objetivou entender não só como as relações de poder desumanizam os clones, mas como a ficção científica se constrói na obra de Ishiguro. Adicionalmente, procuramos entender o porquê de o autor ter utilizado clones em *Não me abandone jamais*. Além de discutir como as relações de poder perpassam a obra e caracterizam o processo de desumanização dos clones, também discorremos sobre a bioética e como os seus aspectos foram desrespeitados na obra ficção científica analisada. A análise do texto também contemplou a forma como a arte e a educação contribuem para o processo de humanização dos alunos clones.

Iniciamos as conclusões, discorrendo sobre a nossa análise sobre as relações de poder na obra, as quais são complexas e multifacetadas e têm um papel decisivo no processo de desumanização dos clones, pois a sociedade detém um poder absoluto sobre esses indivíduos, já que são criados por ela com a finalidade exclusiva de doar seus órgãos. Dessa forma, esses clones são educados e tratados como objetos descartáveis, sendo treinados desde crianças para zelar por sua saúde e se preparar para as doações. As autoridades que supervisionam o sistema de clonagem e doação detêm um poder absoluto sobre os clones. Assim, nesse sistema, as autoridades têm o controle total sobre a vida dos jovens clones, determinando quando e quais órgãos serão doados. Esse poder é exercido de forma impessoal e muitas vezes, cruel, ignorando completamente os desejos e necessidades dos clones. Além disso, os doadores têm muito pouco controle sobre os seus próprios corpos, já que foram criados com um único propósito e não têm voz nas decisões sobre a sua própria saúde e bem-estar. No caso do internato de Hailsham, tudo é decidido e monitorado pelos guardiões. Isso os coloca em uma posição de extrema vulnerabilidade e impotência. Além disso, como a sociedade aceita a clonagem e a sua doação de órgãos como práticas normais, os clones são tratados como seres humanos de segunda classe, ou menos humanos, e as normas sociais reforçam essa hierarquia. Isso cria uma dinâmica de poder em que os clones são marginalizados e discriminados. Parte do controle sobre os clones é mantido através da falta de informação. Os alunos são mantidos na ignorância sobre o seu verdadeiro destino até a idade adulta. Isso impede que eles questionem o sistema ou busquem alternativas, pois não têm consciência de sua falta de opções. A desumanização dos clones e a sua falta de escolha demonstram o poder que a sociedade exerce sobre esses indivíduos. Ademais, Hailsham e outras instituições similares desempenham um papel fundamental na perpetuação do sistema. As crianças são moldadas desde cedo para aceitar o seu destino como doadores, sem questionar ou desafiar o sistema. As instituições exercem poder através da educação e da manipulação psicológica, pois os alunos são ensinados a acreditar que suas doações são um ato nobre e que estão cumprindo um propósito maior. Esse condicionamento psicológico é uma forma sutil de controle, pois impede que os clones

questionem o seu papel na sociedade. A elite, por sua vez, representada por aqueles que recebem os órgãos vitais dos doadores, exerce poder sobre a vida e a morte dos clones, já que os criou para um único fim. Assim, os favorecidos têm o privilégio de viver mais tempo à custa dos doadores, sem se preocuparem com as consequências para os clones. A obra também mostra a tentativa dos clones para adiar as doações, recuperando assim, algum controle sobre as suas vidas e destinos. Kathy e Tommy vão até a casa de Miss Emily para questionar sobre a possibilidade de adiar as suas doações, já que estavam apaixonados, e encontrar alternativas e, em última instância, reivindicar a sua humanidade. Essa forma de resistência ao poder opressor da sociedade é frustrada pela dura revelação que Miss Emily faz aos clones, isto é, a de que suas vidas não lhes pertenciam e a possibilidade de adiamento das doações não passava de um boato, o qual as diretoras não contiveram por acreditar que uma esperança não faria mal. Além disso, as diretoras não acreditavam que os clones poderiam ir tão longe quanto Kathy e Tommy foram para questionar sobre a possibilidade do adiamento. Ela sentiu em decepcioná-los, mas revelou a verdade, sem rodeios.

Por outro lado, embora os clones sejam vítimas de um sistema opressivo, eles também desenvolvem uma forma de poder através de suas relações e da solidariedade entre si, pois compartilham as suas experiências, amizade e uma compreensão única de sua situação, o que lhes dá força emocional e resistência diante das adversidades. No entanto, a narrativa mostra como a própria natureza humana e a sociedade muitas vezes permitem a existência e a perpetuação de sistemas de poder opressivos. Os personagens Kathy e Tommy até chegam a buscar uma alternativa para a sua condição, mas o sistema não falha em frustrar os seus planos, impondo a vontade do mais forte sobre o mais vulnerável, e assim, como todos os outros clones, eles também sucumbem. Finalmente, a obra lança luz sobre as relações de poder desiguais e desumanas em uma sociedade distópica, enfocando a falta de autonomia e a vulnerabilidade dos clones, bem como a apatia das autoridades e da sociedade em relação à sua exploração. Assim, Ishiguro faz mais um convite ao seu leitor: refletir sobre como o poder e a opressão podem moldar as vidas das pessoas em contextos fictícios e, por vezes, em nossa própria realidade. Em resumo, *Não me abandone jamais* explora as relações de poder de forma profunda e perturbadora, já que mostra a maneira brutal como os detentores do poder podem subjugar os mais fracos, os quais ficam paralisados e impotentes ao serem transformados em simples peças de uma engrenagem, comandada pelos poderosos. Além do mais, ao considerar os clones como menos humanos, seres sem alma ou animais, a sociedade se via no direito de explorar as suas vidas ao seu bel prazer, usando-os e descartando-os conforme as suas

necessidades. A metáfora de Norfolk mostra esse processo de descarte de seres humanos como se fossem meros objetos de consumo.

Com relação às questões bioéticas, podemos dizer que a obra as contempla em seu enredo, especialmente quando relacionadas à clonagem e à manipulação genética. A bioética, a qual constitui um campo que examina as implicações éticas das práticas médicas e científicas, também é um aspecto central para a trama de *Não me abandone jamais*. A narrativa levanta questões sobre até que ponto a clonagem pode ser moralmente aceitável, já que os clones são criados artificialmente e são destinados a doar seus órgãos, sem direito à escolha nessa decisão. Isso levanta questões éticas sobre a capacidade de um indivíduo de consentir procedimentos médicos, especialmente, quando essa capacidade é negada desde o início. Vale lembrar que as crianças clones não tinham maturidade suficiente para compreender o que as doações realmente significavam, isto é, uma morte precoce. Adicionalmente, a sociedade retratada na obra coloca grande ênfase na busca pela saúde e pela vida longa, mas isso ocorre à custa da vida dos clones, que são tratados como ‘modelos de reposição’ e, portanto, totalmente descartáveis e substituíveis. A história questiona se é justo sacrificar um grupo de pessoas em benefício de outras, pois dessa forma, nesse modelo de sociedade, há uma escolha entre os que podem viver e os que devem morrer. Devemos mencionar ainda que a narrativa nos remete a uma reflexão sobre o papel dos cientistas e pesquisadores envolvidos na criação dos clones e na realização de procedimentos que, na obra, podiam prolongar a vida de pessoas não- clones. Assim, ao questionar os limites éticos da pesquisa médica, Ishiguro leva o seu leitor a refletir não só sobre até que ponto a ciência pode ser usada de maneira moralmente justificável, mas também sobre como a pressão social pode influenciar a tomada de decisões. Assim sendo, *Não me abandone jamais* é uma obra que levanta questões profundas e provocativas sobre a ética da ciência e da medicina, a moralidade da sociedade e as implicações éticas de tecnologias que podem vir a ser desenvolvidas no futuro.

Conforme os dados levantados ao longo desta pesquisa, a bioética desempenha um papel fundamental na orientação das decisões e práticas em áreas como a pesquisa clínica, a assistência médica, a genética, a reprodução assistida, a saúde pública, entre outras. Lembramos que os princípios bioéticos são a autonomia, a beneficência, a não maleficência, e a justiça e, assim, podemos concluir que, com relação aos clones na obra de Kazuo Ishiguro, nenhum dos princípios bioéticos foi respeitado, o que caracteriza, mais uma vez, a desumanização dos indivíduos envolvidos no processo das doações. Em primeiro lugar, a autonomia respeita o direito do paciente de tomar suas próprias decisões de saúde. Isso envolve a obtenção de consentimento informado, garantindo que as pessoas tenham informações adequadas para

tomar decisões conscientes sobre o seu tratamento. No caso da sociedade criada por Ishiguro na obra analisada, somente a sociedade, compostas por pessoas não-clones, tinham o direito de decidir sobre o tratamento ou o procedimento, no caso, o recebimento de órgãos humanos, para a preservação de sua saúde e prolongamento de suas vidas. Os doadores, por sua vez, não tinham poder de decisão, já que eram propriedade da sociedade que os criou para aquele determinado fim, isto é, fornecer órgãos vitais. Nesse sentido, não tinham nenhuma autonomia sobre as suas decisões e suas próprias vidas. Em segundo lugar, vem a beneficência, a qual prevê que a ciência e a medicina ajam no melhor interesse do paciente e promovam o bem-estar. Dessa forma, os profissionais devem tomar medidas para maximizar os benefícios e minimizar os danos aos pacientes. A análise do texto demonstrou que esse princípio não foi respeitado com relação aos clones, os quais eram subtraídos de seus órgãos vitais até que sucumbissem. O terceiro princípio contempla a não maleficência, a qual exige que os profissionais de saúde evitem causar dano intencional aos pacientes. Isso também se estende à pesquisa, já que os pesquisadores devem minimizar os riscos para os participantes. Observamos que esse princípio também não foi respeitado, pois a saúde dos clones só era importante até que a primeira doação ocorresse. Depois disso, não havia a preocupação com a sua qualidade de vida, uma vez que no final, todos sucumbiriam. Já o quarto princípio se refere à justiça na bioética, a qual envolve a distribuição equitativa dos recursos de saúde e o tratamento justo e igualitário de todos os pacientes, sem discriminação. Esse talvez seja o princípio que mais evidencie a desumanização dos clones, pois eles eram considerados menos humanos e, portanto, uma parcela inferior da sociedade; não tinham identidade, pois desconheciam a sua verdadeira origem; não sabiam qual era o seu lugar no mundo e qual era o propósito de suas vidas, pois ninguém em Hailsham deixou isso muito claro e quando Miss Lucy tentou dizer algo, foi excluída do quadro de professores. Como a própria narradora Kathy descreveu, havia muito mistério e todos compactuavam como o ato de ‘contar e não contar’. Soma-se a isso o fato de a sociedade ignorar a existência dos clones, fingindo que não sabia de onde os órgãos vinham, além da crença de que eles não tinham alma e, portanto, não poderiam ser considerados humanos. Uma vez visto como animais, seres inferiores ou menos humanos, os clones não tinham direitos e nenhuma opção de escolha. Assim, a justiça não existia para eles, pois naquela sociedade, a prática da clonagem humana para a obtenção de órgãos vitais era considerada totalmente normal e aceitável. Ninguém se preocupava com o seu bem-estar e mesmo nas escolas como Hailsham, o sistema de doações era imperativo, obrigando as instituições a incutir na mente dos alunos que as doações eram normais e que eles estariam prestando um grande serviço à sociedade, o que os tornava especiais. Na verdade, as crianças não tinham noção de que suas vidas seriam muito curtas e

que o único propósito de sua existência era atender aos interesses da sociedade que os criou. Por fim, podemos incluir a esses quatro princípios, a dignidade, a qual se refere ao respeito a cada ser humano. Isso implica tratar os pacientes com respeito, consideração e compaixão. Nesse sentido, Hailsham e outras instituições similares tentavam proporcionar uma certa dignidade para os seus alunos, oferecendo abrigo confortável, alimentação de boa qualidade, assistência médica, escola, prática de esportes e socialização. Assim, apesar de isolados do mundo, esses alunos tiveram sorte se comparados com outros clones criados condições adversas. Hailsham era um cativado sofisticado, o qual oferecia uma preparação confortável para os clones até a sua primeira doação. No entanto, os guardiões sempre mantinham distância, já que tinham em mente que aquelas crianças eram menos humanas. Mesmo tendo uma infância melhor no internato, não havia exceções ou compaixão, pois todos teriam o mesmo fim. Mesmo o casal Kathy e Tommy não receberam compaixão por parte do sistema e sua tentativa de adiamento não foi bem sucedida. Outro aspecto que a pesquisa trouxe à tona foi a constatação de que a bioética aborda questões emergentes e complexas decorrentes dos avanços tecnológicos, como a engenharia genética, a medicina regenerativa, a inteligência artificial na medicina e a pesquisa com células-tronco, entre outros. Essas questões podem envolver dilemas éticos relacionados à manipulação genética, à privacidade dos dados de saúde e à igualdade no acesso aos tratamentos de ponta. Por fim, a bioética é uma área em constante evolução, que requer o envolvimento de profissionais de diversas disciplinas, como médicos, cientistas, filósofos, advogados e líderes comunitários, para abordar questões éticas complexas que surgem no campo da saúde e da biomedicina. Ela desempenha um papel fundamental na orientação de políticas de saúde, na tomada de decisões clínicas e na proteção dos direitos e interesses dos pacientes e participantes de pesquisa. No entanto, conforme pudemos constatar, nada disso foi levado em consideração na Inglaterra distópica em *Não me abandone jamais*, o que também caracteriza um processo de desumanização dos clones e nos remete a uma reflexão sobre as possíveis implicações no progresso científico e tecnológico para a saúde no futuro.

Ainda com relação ao processo de desumanização dos clones, apesar do fato de eles serem considerados menos humanos e não terem direito à escolha de seus destinos, em escolas como Hailsham, eles tinham acesso ao conforto, aos cuidados médicos, mas principalmente, à educação e à arte, o que amenizava o impacto da verdadeiro objetivo de sua criação sobre suas existências. Em Hailsham, as crianças clones utilizavam a arte como uma forma de expressão pessoal. Assim, elas criavam poesias, pinturas e outras formas de arte para expressar seus sentimentos, questionar a sua existência e enfrentar as realidades dolorosas ou os ‘medos’ que a sua condição impunha. Dessa forma, a arte era uma maneira de elas lidarem com as suas

emoções e darem sentido às suas vidas. Com relação à educação, devemos mencionar ainda que essa desempenha um papel fundamental na vida dos personagens e há duas vertentes principais a serem consideradas. Em primeiro lugar, os clones são educados em Hailsham, um internato isolado, onde são preparados para a sua eventual doação de órgãos. Assim, a educação é usada como uma ferramenta para manter os jovens clones passivos e conformes, uma vez que são levados a acreditar que são especiais por prestarem um serviço à sociedade. Por outro lado, a educação também os ajuda a desenvolver os seus pensamentos críticos, a compreenderem a sua condição humana e o real significado das doações. A arte e a educação desempenham papéis importantes na busca de um propósito e significado para as vidas de Kathy, Ruth e Tommy. Dessa forma, eles tentam criar arte e buscam entender o seu passado e o destino por meio da educação, pois as explicações de Miss Lucy sempre os ajudaram a refletir sobre o que realmente se passava em Hailsham. O acesso ao conhecimento e ao raciocínio lhes permitiu ter esperança de encontrar um propósito maior para as suas existências limitadas. Soma-se a isso o fato de que através da exploração da arte e da educação, *Não me abandone jamais* levanta questões profundas sobre a ética e a moralidade da clonagem e da exploração de seres humanos, pois foi através dos desenhos e da suposta galeria de arte que Miss Emily e Madame Marie-Claude almejavam provar que aquelas crianças possuíam alma como outra pessoa qualquer, sendo, portanto, seres humanos. Além disso, os personagens começam a questionar as práticas sociais que os cercam e os tratam como objetos descartáveis, levando os leitores a considerar as implicações morais das ações daquela sociedade. Adicionalmente, a arte e a educação também desempenham um papel na preservação da memória e na criação de uma sensação de nostalgia, pois os personagens criam arte para lembrar de momentos significativos de suas vidas em Hailsham, e a educação os ajuda a compreender melhor o seu passado. A nostalgia e as memórias desempenham um papel vital na ligação emocional que os leitores têm com os personagens, uma vez que é através dos registros de Kathy que a história dos clones pode ser contada. Se Kathy não tivesse acesso à escrita, não poderia ter registrado as suas memórias. Em síntese, a obra analisada utiliza a arte e a educação como ferramentas para explorar a natureza da humanidade, a ética da clonagem e a busca de significado em um mundo distópico. Esses elementos desempenham um papel crucial na narrativa ao oferecer aos personagens uma maneira de expressar as suas emoções, entender a sua existência e questionar as normas sociais. Ao mesmo tempo, esse processo de questionamento provoca reflexões profundas nos leitores sobre questões éticas e morais. Através dessa obra, Kazuo Ishiguro desafia o leitor a refletir sobre a ética e a moralidade de uma sociedade que sacrifica um grupo de indivíduos para prolongar a vida de outros, questionando a natureza da empatia, da identidade e da humanidade

em um contexto onde o poder está fortemente desequilibrado em favor da sociedade e da elite. Além disso, a narrativa proporciona a oportunidade de os leitores não só refletirem sobre a finitude, o verdadeiro sentido da vida e seu futuro, mas também sobre a importância da educação e da arte no combate à barbárie.

Já com relação ao estudo da ficção científica, concluímos que é uma expressão artística que se destaca por explorar especulações sobre avanços científicos e tecnológicos, bem como as consequências sociais, culturais e éticas desses avanços. *Não me abandone jamais* é um romance de ficção científica, pois essa se desenha de maneira sutil para abordar a clonagem humana, através de uma história ambientada em uma Inglaterra alternativa, criando um mundo distópico, que é explorado através do ponto de vista de seus personagens principais. A ficção científica na obra está centrada em uma questão ética e científica fundamental, isto é, a clonagem de seres humanos para a doação de órgãos. A narrativa explora as implicações morais e emocionais desse processo de clonagem, colocando a humanidade em um contexto em que vidas humanas são sacrificadas para prolongar a vida de outras pessoas. Assim, o autor propõe uma reflexão sobre o significado da condição humana, a natureza da identidade e a ética envolvida na manipulação genética. A seguir, discutiremos sobre alguns elementos-chave que caracterizam especulações sobre os avanços da ciência. Primeiramente, a sociedade retratada na obra aceita a prática da clonagem como uma prática normal, e os clones são tratados como objetos descartáveis, já que o seu único propósito é fornecer órgãos. Em segundo lugar, o romance levanta questões profundas sobre a ética na clonagem humana e na manipulação genética. Os personagens são confrontados com a inevitabilidade de suas doações e a falta de escolha em suas vidas, o que suscita reflexões sobre a liberdade, a dignidade e o valor intrínseco de cada ser humano. Outro aspecto que é abordado é a natureza da identidade, pois a história mostra como ela é moldada pela cultura, pelo ambiente e pelas relações pessoais. Os clones anseiam por uma sensação de individualidade e buscam entender o propósito de suas vidas. A sociedade, por sua vez, é distorcida, pois trata-se de uma versão diferente da Inglaterra, isto é, há elementos familiares como as paisagens e os condados, por exemplo, mas há também outros profundamente perturbadores, como o cientista James Morningdale, os escombros em Norfolk, mas principalmente, a impossibilidade de os clones mudarem os seus destinos. O controle governamental sobre a clonagem e as doações de órgãos cria um ambiente opressivo e gerador de tensão e angústia. Em suma, Ishiguro utiliza a ficção científica como um veículo para explorar questões profundas e perturbadoras sobre as relações humanas, a moralidade e a finitude. Ele cria um mundo fictício que, apesar de sua natureza especulativa, revela verdades universais sobre o que significa ser humano e os desafios morais que enfrentamos diante do

avanço da tecnologia. *Não me abandone jamais* é um exemplo de como a ficção científica pode ser usada para mergulhar em questões éticas e filosóficas profundas.

Quando Miss Emily e Madame Marie-Claude se empenham em incentivar as crianças a produzirem desenhos e pinturas, elas estavam tentando provar que os clones tinham alma e que, portanto, eram seres humanos como as pessoas da sociedade lá fora. O romance explora a complexidade da condição humana, destacando a relação entre arte e alma de uma maneira sutil e comovente. A conexão entre a arte e a alma se manifesta através do papel fundamental da criação artística na vida dos personagens. Em Hailsham, a arte é usada como uma forma de expressão, uma maneira pela qual as crianças exploram suas emoções, compreendem o mundo ao seu redor e refletem sobre suas próprias identidades. Os alunos são encorajados a criar e a expressar suas visões de mundo por meio de pinturas, desenhos e outras formas de arte. Essa expressão artística está intrinsecamente ligada à sua humanidade e é essencial para eles, tanto no processo de descoberta pessoal, quanto na compreensão de sua própria existência. A alma dos personagens é, de certa forma, transmitida e preservada em suas criações artísticas. As pinturas e outras formas de expressão não são apenas obras de arte, mas também representações tangíveis de suas emoções, memórias e identidades. Elas refletem a essência de quem são e do que sentem, preservando uma parte de sua humanidade e individualidade. A arte, portanto, desempenha um papel crucial na busca pela compreensão da existência e na preservação da alma dos personagens. Ela serve como um meio de explorar o que significa ser humano, mesmo diante de um destino predestinado que desafia sua humanidade. Ishiguro aborda magistralmente a interseção entre a arte e a alma, destacando como a expressão artística pode ser uma forma de resistência contra a perda da humanidade, mesmo em circunstâncias desafiadoras e em um mundo onde a individualidade é questionada. Por meio da interação entre a arte e a alma dos personagens, *Não me abandone jamais* convida os leitores a refletir sobre a essência da humanidade, a natureza da individualidade e a importância da expressão artística na preservação da alma em face de desafios existenciais. A alma, nesse sentido, é explorada como algo que vai além do corpo físico, sendo representada pela capacidade dos personagens de amar, sonhar e criar laços emocionais, independentemente de sua condição pré-determinada. Assim, o romance desafia o leitor a refletir sobre o que realmente define a alma e a humanidade, mesmo em circunstâncias que parecem desprovidas de liberdade ou escolha com relação ao destino. Por outro lado, se a alma é a essência do ser, sua individualidade e suas emoções, os clones devem ser considerados seres humanos, já que todos eles têm essas características e não se resumem a corpos vazios e inanimados. Todos têm

sentimentos, sonhos e uma individualidade, o que os caracteriza como corpos animados por uma alma e não somente uma réplica de um humano, mas um ser humano de fato.

Não me abandone jamais é um romance distópico, que aborda questões éticas e morais sobre a natureza da humanidade e a ética da ciência. A obra tem uma ligação complexa com aspectos do pós-modernismo, principalmente em como desafia as noções tradicionais de identidade, tempo, narrativa e moralidade. O pós-modernismo, como movimento artístico e intelectual, questiona as narrativas tradicionais, a objetividade, a noção de verdade absoluta e a estabilidade das identidades. Na obra analisada, Ishiguro manipula o tempo e a narrativa para questionar a ideia de identidade e a natureza humana. A manipulação do tempo na narrativa é um aspecto fundamental do pós-modernismo, e o autor utiliza *flashbacks* para compor uma narrativa não linear e construir a história, desafiando a noção tradicional de um enredo cronológico. Essa abordagem fragmentada da narrativa questiona a linearidade do tempo e da experiência, convidando os leitores a refletirem sobre como a percepção do tempo afeta a compreensão da identidade e da existência. A moralidade é outro aspecto crucial explorado tanto no romance quanto no pós-modernismo. A ética por trás da criação e tratamento dos clones, bem como a reação da sociedade em relação a eles, levanta questões éticas e morais sobre a discriminação dos indivíduos considerados diferentes ou menos humanos.

Em última análise, *Não me abandone jamais* desafia as noções convencionais de identidade ao oferecer uma visão de mundo através dos olhos de clones humanos, o questionamento sobre o seu lugar nesse mundo e o propósito de suas vidas. O tempo, como uma dobradura, vai e volta, o que propõe uma reflexão sobre o passado e como isso poderia afetar o futuro. Os clones não tiveram futuro, pois sucumbiram muito jovens. Assim, esse futuro se refere ao nosso futuro como seres humanos, autores de nossas narrativas e destinos. A obra nos convida a refletir sobre a nossa natureza e as consequências de nossas ações éticas e morais não só para o nosso presente, mas principalmente, para o nosso futuro. Foi por isso que Kazuo Ishiguro escolheu utilizar clones na sua narrativa, isto é, através de uma metáfora de cópias humanas predestinadas a uma vida curta, nós, leitores, fomos levados a refletir sobre o que faríamos de nossas vidas se soubéssemos que teríamos pouco tempo de vida. Além disso, percebemos que a breve existência dos clones representa a finitude da vida humana, pois, diferentemente dos animais, todos os seres humanos têm a consciência de que um dia, a sua vida terminará. O romance aborda questões pós-modernas como os problemas do homem na sociedade atual. Além disso, o romance mergulha profundamente nas complexidades da existência humana, explorando questões essenciais sobre o propósito da vida, a natureza da mortalidade e as interações entre memória, identidade e destino. Apesar dos personagens serem

conscientes desde a infância sobre as doações e o seu destino inevitável, são ensinados a encontrar significado em suas existências limitadas. Da mesma forma que são confrontados com a cruel realidade de que suas vidas são curtas e pré-determinadas pelo propósito de servir aos outros, o leitor é confrontado com questões éticas, morais e existenciais profundas que levantam dúvidas sobre o que realmente confere significado à vida. Assim, por meio das personagens, Ishiguro propõe a reflexão sobre a natureza da liberdade, da empatia e do significado da vida em um contexto em que o destino é pré-determinado. Além disso, há um destaque das relações humanas, das aspirações individuais e da inevitabilidade da finitude. A mensagem central parece residir na ideia de que, apesar das circunstâncias adversas e da inevitabilidade da morte, a busca por conexões significativas como o amor, a amizade e a compreensão podem conferir sentido à existência, mesmo em meio a um destino aparentemente desprovido de escolha. Dessa forma, a obra oferece uma reflexão profunda sobre o propósito da vida, e nos convida a questionar sobre o que realmente importa em meio a condições desafiadoras e a explorar o poder das relações humanas na construção do significado da nossa própria história.

Acreditamos que o propósito desta pesquisa tenha sido alcançado, pois a hipótese aqui levantada foi descrever como os clones foram desumanizados e a constatação foi que a desumanização dos personagens clones ocorreu em diferentes âmbitos, isto é, tanto nas relações de poder estabelecidas na obra, quanto nas questões éticas envolvidas na ciência que os criou para a exploração de seus órgãos vitais. A pesquisa contemplou ainda o pós-humanismo, a ficção científica e a distopia, traçando um paralelo com o nosso objeto de estudo e mantendo o foco no processo de desumanização. Este estudo mostrou dados relevantes sobre a clonagem e suas diferentes implicações, principalmente, sobre as divergências relativas à clonagem humana. Cabe ainda mencionar que longe de pretendermos encerrar a discussão, esperamos que esta pesquisa venha a contribuir para os estudos sobre a ficção científica, a distopia, a bioética na ciência, mas principalmente, para a reflexão dos valores éticos, da igualdade de direitos na sociedade contemporânea e do sentido da existência humana.

Estamos caminhando para o fechamento deste trabalho e, para isso, escolhemos uma citação de Mary Shelley em *Frankenstein: ou o Prometeu Moderno*: “A vida, embora seja apenas um acúmulo de angústias, é querida para mim, e irei defendê-la.” (SHELLEY, 2019, p.119) Essas foram as palavras da criatura para o seu criador, mostrando que mesmo mediante as adversidades de uma existência infeliz, a vida vale a pena e, portanto, deve ser valorizada. Da mesma forma, mesmo sabendo que seus destinos já estavam traçados, os clones procuraram

fazer o melhor de sua breve existência, valorizando a amizade, o amor e o apoio mútuo, o que talvez, seja uma mensagem de esperança para um futuro melhor para todos nós.

Mas, não podemos finalizar esta pesquisa sem uma reflexão sobre a importância do trabalho do professor de literatura na formação de seus alunos, uma vez que foi mais uma das tantas mensagens que pudemos extrair da obra *Não me abandone jamais*. O trabalho do professor de artes e literatura é crucial, pois envolve não só a transmissão de conhecimentos literários, o desenvolvimento de habilidades críticas, mas também, a promoção do gosto pela leitura. Adicionalmente, o professor de literatura é responsável por apresentar aos alunos obras clássicas e contemporâneas da literatura, abrangendo diferentes gêneros, estilos e movimentos literários. Essa transmissão de conhecimento literário não se restringe somente ao fornecimento de informações, mas também à incitação da curiosidade e do interesse pelos diferentes aspectos da literatura. Além disso, os alunos se tornam capazes de analisar criticamente os textos, já que o professor de literatura promove as suas habilidades interpretativas, a identificação de temas, a compreensão do contexto histórico e cultural das obras e a exploração das técnicas literárias utilizadas pelos autores. Da mesma forma, o professor deve encorajar os alunos a expressar suas próprias ideias e sentimentos por meio da escrita, seja por meio de ensaios analíticos, resenhas críticas ou da criação de textos literários, como a poesia escrita pelos alunos de Hailsham. Vale lembrar ainda que a literatura oferece uma janela para diferentes perspectivas e experiências de vida. Assim, ao explorar obras que abordam temas universais como o amor, a perda, os conflitos sociais, entre outros, o professor contribui para o desenvolvimento da empatia nos alunos. Isso amplia a compreensão do mundo e das diversas realidades que existem. Lembramos que as crianças clones, de Hailsham, tinham grande empatia umas com as outras, pois tinham a oportunidade de discutir e expressar seus sentimentos e incertezas nas aulas de arte e literatura e mesmo depois, fora da sala de aula. Devemos mencionar ainda que as obras literárias muitas vezes refletem e moldam a cultura e a história de uma sociedade e, por isso, o professor de literatura desempenha um papel essencial na contextualização das obras no panorama histórico e cultural, auxiliando os alunos na compreensão das influências que moldaram a produção literária. Nesse sentido, a literatura é uma ferramenta poderosa para estimular o pensamento crítico e é o professor que vai encorajar os alunos a questionarem as mensagens subjacentes nas obras, a desafiarem concepções preestabelecidas e a desenvolverem uma visão crítica do mundo ao seu redor. Por fim, cabe ao professor de literatura desempenhar um papel fundamental em cultivar o prazer pela leitura e pelas artes em geral. Ao escolher obras envolventes e relacionáveis, o professor pode despertar o interesse dos alunos, incentivando-os ao hábito da leitura, o qual deve ir além do ambiente escolar. Dito isso, enfatizamos o trabalho

da personagem Miss Lucy, em *Não me abandone jamais*, pois ela foi a única professora que mesmo sabendo que seu emprego poderia estar em risco, decidiu alertar as crianças sobre o seu verdadeiro destino. Através da instigação ao questionamento, ela tentou mostrar que aquelas crianças não eram especiais porque eram tidas como heróis e heroínas, mas porque suas vidas eram restritas e criadas para um determinado fim, o qual não poderia ser mudado. Não sabemos se a sua intenção era incentivar os clones à uma fuga de Hailsham. Provavelmente, não fora esse o objetivo do esclarecimento, mas somente conscientizar as crianças de que as doações significavam que suas vidas seriam bem curtas. Mas como Miss Emily explicou para Kathy e Tommy, Miss Lucy tinha ideias muito diferentes daquelas consideradas adequadas para a instituição e, por isso, teve de ir embora. O que aconteceria se as crianças fugissem? Ou se rebelassem? Isso, certamente, seria um prejuízo para a sociedade e, provavelmente, as diretoras sofreriam represálias por essa perda de “alunos”.

Concluimos assim que a dispensa de Miss Lucy é mais uma evidência do processo de desumanização das crianças clones, pois qualquer sinal de ameaça ao sistema era banido, comprovando assim, a força do sistema social sobre os clones. Se por um lado, a arte poderia provar que elas tinham alma, por outro, essa mesma arte poderia significar uma ameaça para o sistema que criou os clones, uma vez que se eles se rebelassem, tudo estaria perdido. Isso não ocorreu na obra, pois Miss Lucy foi logo demitida de seu cargo e substituída pela própria diretora Miss Emily. Por outro lado, o autor objetivou essa passividade dos clones mediante os seus destinos, já que isso foi utilizado como uma metáfora da impotência do ser humano em driblar a morte. Dessa forma, as cópias humanas não foram utilizadas por Ishiguro para discutir somente a clonagem, mas para ilustrar uma situação na qual as pessoas iriam morrer jovens e nada podiam fazer a respeito. Essa foi a metáfora que o autor utilizou para representar a vida humana e a nossa impotência com relação à mortalidade. O que nos resta nesta passagem breve pela Terra, a qual denominamos vida? Amar, cultivar bons amigos e dar valor para aquilo que realmente importa, isto é, nossos sentimentos, nossas boas ações, a empatia, o conhecimento, a evolução espiritual. É claro que cada um traçará uma lista diferente, de acordo com as suas convicções e crenças. Entretanto, o importante é compreendermos que como seres humanos, o nosso maior legado não é evoluir tecnológica e cientificamente sem restrições, mas evoluir a nossa essência humana, a nossa conduta e a nossa capacidade de amar e valorizar as coisas simples que a vida nos oferece. Cremos que essa tenha sido a maior mensagem que pudemos extrair dessa linda narrativa, intitulada *Não me abandone jamais*. Afinal, a vida é um presente divino.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA Sueca. Secretária permanente. “The Nobel Prize in Literature 2017 – Press Release”. *The Nobel Prize*: 5 out. 2017. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/uploads/2018/06/press-42.pdf>. Acesso em: 06/07/2022.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARAÚJO, Alberto Filipe; ALMEIDA, Rogério de; BECCARI, Marcos (orgs). *O mito de Frankenstein – Imaginário e Educação*. Coleção Mitos da Pós-Modernidade. São Paulo/SP: FEUSP, 2018. Disponível em: <<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/213>> Acesso em: 27/02/2023. <https://doi.org/10.11606/9788560944866>
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M. & COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. In: *Psicologia & Sociedade*. Porto, 24-34, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000100004>
- BAROSSO, Luana. “Seu corpo não lhe pertence”: ciência ficção, corpo e medicina. In: *Revista Via Atlântica*, São Paulo, nº29, 461-478, junho/2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/112586>> Acesso em: 15/06/2021. <https://doi.org/10.11606/va.v0i29.112586>
- BATES, Karen Grigsby. “Interview with Kazuo Ishiguro”. In: SHAFFER, Brian W. & WONG, Cynthia F. *Conversations with Kazuo Ishiguro*. Jackson: University Press of Mississippi, 2008, p.194.
- BAUDRILLARD, Jean. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Tradução de Luciano Trigo. Organizado por Julia Witwer.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Lisboa: Relógio d’água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Volume 1. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 10ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1996, 252 p.
- BLACK, Shameen. “Ishiguro’s Inhuman Aesthetics”. In: *MFS – Modern Fiction Studies*. Volume 55, number 4. December, 2009, p.785-807. DOI: 10.1353/mfs.0.1637. Copyright © for the Purdue Research Foundation by the Johns Hopkins University Press. All rights to reproduction in any form reserved. Available at: Research Gate: <<https://www.researchgate.net/publication/236757803>>. Acesso em: 08/07/2022. <https://doi.org/10.1353/mfs.0.1637>
- BOTTEGA, Michelly & STANKIEWICZ, Mariese Ribas. “Ficção científica e ficção especulativa em Oryx e Crake, de Margaret Atwood”. In: *Revista Versalete*, Vol. 8, nº 14. Curitiba: jan-jun. 2020. ISSN: 2318-1028. Disponível em: < <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol8-14/6-BOTTEGA.-STANKIEWICZ.-ficcao-cientifica-e-especulativa.-03.07-PRONTO.pdf>> Acesso em: 09/03/2022.
- BRODERICK, Damien. *Reading by Starlight: Postmodern Science Fiction*. London and New York: Routledge, 1995.
- BYK, Christian. *Tratado da bioética – Em prol de uma nova utopia civilizadora?* São Paulo: Paulus, 2015. ISBN 978-85-349-4078-8

CAMARANI, Ana Luiza Silva. *A Literatura Fantástica: caminhos teóricos*. Araraquara: Editora Cultura Acadêmica, Coleção Letras nº 9. Disponível em: <http://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-letras-n9.pdf> Acesso em: 30/07/2019.

CARDOSO, André & SASSE, Pedro (Orgs.). *Distopia e Monstruosidade*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, 1ª edição (digital). ISBN: 978-65-5683-002-5.

CARNEIRO, André Granja. *Introdução ao Estudo da 'Science Fiction'*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado – Serviços de Artes Gráficas, 1968.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. O outro monstruoso em *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro. In: CARDOSO, André & SASSE, Pedro (Orgs.). *Distopia e Monstruosidade*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020, 1ª edição (digital). ISBN: 978-65-5683-002-5. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/Distopia_e_monstruosidades.pdf> Acesso em: 25-09-2023.

CAUSO, Roberto de Sousa. *Ficção científica, fantasia e horror no Brasil: 1875 a 1950*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, 337 p.

CLAEYS, Gregory. *Dystopia: A Natural History*. United Kingdom: Oxford University Press, 2017. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/5nvx1s0>> Acesso em: 20/09/2023.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA. *Presidência da República – Casa Civil – Subchefia para Assuntos Jurídicos*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 21/08/2022.

DIAS, ÂNGELA [et al]. *O inumano e o monstro*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.

DINIZ, Debora & GUILHEM, Dirce. *O que é bioética*. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2012. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 15/06/2021.

FELINTO, Erick. A comunicação dos autômatos: sobre o imaginário do pós-humanismo na internet. In: *Galáxia*, nº 11. junho, 2006. pp. 107-124. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil.

FERNANDES, Leandro Mateus. *O homem-máquina de La Mettrie*. Revista Alamedas: Vol. 2, n.1, 2014. e-ISSN 1981-0253. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/alamedas/article/view/10463/8170>> Acesso em 30/07/2019. <https://doi.org/10.48075/ra.v2i1.10463>

FERREIRINHA, Isabella Maria Nunes & RAITZ, Tânia Regina. *As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas*. Rio de Janeiro: Revista de Administração Pública RAP, 44(2):367-83, Março/Abril, 2010. <https://doi.org/10.1590/S0034-76122010000200008>

FIGUEIREDO, Antônio Macena. Ética: origens e distinção da moral. In: *Saúde, Ética & Justiça*. 2008;13(1):1-9. <https://doi.org/10.11606/issn.2317-2770.v13i1p1-9>

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. *O corpo utópico, as heterotopias*. Posfácio de Daniel Defert. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987, 288p. Disponível em: <<https://ayrtonbecalle.files.wordpress.com/2015/07/foucault-m-vigiar-e-punir.pdf>> Acesso em: 15/06/2021.

FRATUCCI, Amanda da Silveira Assenza. A maquinaria gótica na construção do fantástico do século XIX: Théophile Gautier e Villiers de L'isle-Adam. In: ROSSI, Aparecido Donizeti et al. *Estudos do Gótico*. Rio de Janeiro: Série E-books ABRALIC, 2018. ISBN: 978-85-86678-15-8.

FREEMAN, John. "Never Let Me Go: A Profile of Kazuo Ishiguro". In: SHAFFER, Brian W. & WONG, Cynthia F. *Conversations with Kazuo Ishiguro*. Jackson: University Press of Mississippi, 2008, p.194.

FRUMKES, Lewis Burke. "Kazuo Ishiguro". In: SHAFFER, Brian W. & WONG, Cynthia F. *Conversations with Kazuo Ishiguro*. Jackson: University Press of Mississippi, 2008, p.194.

FUKUYAMA, Francis. *Nosso futuro pós-humano: Consequências da revolução da biotecnologia*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 24/05/2021.

FURTADO, Fred. "A ciência como inspiração". In: *Ciência Hoje*. Número: 279. Rio de Janeiro: março, 2011, p.22-29.

GROES, Sebastian & LEWIS, Barry. *Kazuo Ishiguro: New critical visions of the novels*. London: Red Globe Press & Macmillan International Higher Education, 2011. ISBN: 978-0-230-23238-9.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. ISBN 10: 8543807824. ISBN 13: 9788543807829. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 20/06/2022.

HEIDDEGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcanti Schuback. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2005. 15ª edição. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 17/08/2022.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: A distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. In: *Anuário de Literatura*. Florianópolis, v.18. n.2, p.201-215, 2013. ISSN 2175-7917. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>> Acesso em: 30/01/2021.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

ISHIGURO, Kazuo. *Não me abandone jamais*. Tradução de Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ISHIGURO, Kazuo. *Never Let Me Go*. London: Faber and Faber Limited, 2006.

JEHA, Julio. *Monstros e Monstruosidades na Literatura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

JEHA, Julio & NASCIMENTO, Lyslei. *Da fabricação de monstros*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

JONES, Gwyneth. *Deconstructing the Starships: Science, Fiction and Reality*. Liverpool: Liverpool University Press, 1998. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=S1MnDAAAQBAJ&pg=PP5&hl=pt->

BR&source=gbs_selected_pages&cad=1#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 24/03/2023.
<https://doi.org/10.5949/liverpool/9780853237839.001.0001>

LA METTRIE. *O homem máquina*. Lisboa: Editora Estampa, 1982. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702001000200001>

LA ROCQUE, Lúcia de & TEIXEIRA, Luiz Antonio. *Frankenstein, de Mary Shelly, e Drácula, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. VIII(1), 10-34, mar.-jun. 2001.

LEI 8.974. Portal da Câmara dos Deputados. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1995/lei-8974-5-janeiro-1995-348748-publicacaooriginal-1-pl.html>> Acesso em: 21/08/2022.

LEVINE, Aaron D. *Cloning – A beginner’s Guide*. Oxford: Oneworld Publications, 2007. ISBN-13:978-1-85168-522-6. Disponível em: <https://z-lib.org/> Acesso em: 14/02/2021.

LEWIS, Barry. “The concertina effect: unfolding Kazuo Ishiguro’s Never let me go”. In: GROES, Sebastian & LEWIS, Barry. *Kazuo Ishiguro: New critical visions of the novels*. London: Red Globe Press & Macmillan International Higher Education, 2011, p.199-210. ISBN: 978-0-230-23238-9.

LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Paris: Minuit, 1979.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. <https://doi.org/10.1590/S0034-75901987000200011>

LYOTARD, Jean-François. Resposta à pergunta: o que é o pós-moderno? In: LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno explicado às crianças*. Lisboa: D. Quixote, 1987, p.11-27.

LOCHNER, Liani. “‘This is what we’re supposed to be doing, isn’t it?’: scientific discourse in Kazuo Ishiguro’s Never Let Me Go”. In: GROES, Sebastian & LEWIS, Barry. *Kazuo Ishiguro: New critical visions of the novels*. London: Red Globe Press & Macmillan International Higher Education, 2011, p.225-235. ISBN: 978-0-230-23238-9.

MACINTOSH, Kerry Lynn. *Illegal Beings: human clones and the law*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511511479>

MAIA, João Jerónimo Machadinha. *Transumanismo e pós-humanismo – descodificação política de uma problemática contemporânea*. Coimbra, Portugal: Universidade de Coimbra: outubro de 2017.

MALESKA, Kalina. *Clones are humans: the dystopian elements in Kazuo Ishiguro’s Never Let Me Go*. Journal of Contemporary Philology. Skopje: Ss. Cyril and Methodius University, 2019, p.123-138. Disponível em: <<https://journals.ukim.mk/index.php/jcp/article/view/186>> Acesso em: 08/08/2020. <https://doi.org/10.37834/JCP1910123m>

MARKENDORF, Marcio. *O clone e a teoria da monstruosidade*. XIII Congresso Internacional da ABRALIC. Campina Verde: 08 a 12 de julho de 2013.

MENAND, Louis. “Something About Kathy. Review of ‘Never Let Me Go’, by Kazuo Ishiguro”. In: *New Yorker*, 28 Mar. 2005. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2005/03/28/something-about-kathy>> Acesso em: 17/08/2022.

MONDAL, Biman & ARAVIND, Aju. *Human cloning in Kazuo Ishiguro's novel 'Never let me go'*. Journal of Xi'an University of Architecture & Technology. Issn N°: 1006-7930. Volume XI, Issue XII, 2019, p.426-431.

MORE, Max. "The Philosophy of Transhumanism". In: MORE, Max; VITA-MORE, Natasha (Eds.). *The transhumanist reader*. United Kingdom: Willey-Blackwell, 2013. <https://doi.org/10.1002/9781118555927>

MOTTA, Luís Claudio de; VIDAL, Selma Vaz; SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo. Bioética: afinal, o que é isto? In: *Rev Bras Clin Med*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Clínica Médica, 2012 set-out; 10(5):431-9.

NOVAES, Adauto. *O Homem Máquina – a ciência manipula o corpo*. Companhia das Letras: 2003.

OLIVEIRA, Débora Almeida. William Godwin. In: *Ensaístas do Século XVIII. Cadernos de Tradução*. Porto Alegre, n°36, jan-jun, 2015, p.1-116.

OLIVEIRA JÚNIOR, Eudes Quintino de. Aspectos éticos e legais da clonagem. In: *Bioethikos – Centro Universitário São Camilo*. São Paulo, 2011; 5(4):401-410.

PERSSON, Martin. "Shadowy Objects": Empathizing with the Posthuman in Kazuo Ishiguro's *Never Let Me Go*. Universidade de Oslo, 2019.

PUNTER, David. *The Literature of Terror: A history of Gothic Fictions from 1765 to the Present Day*. Volume 2 – The Modern Gothic. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2013. ISBN 13: 978-0-582-29055-6 (pbk). Disponível em: <<https://pt.br1lib.org/book/5499264/f65b85>> Acesso em: 07/06/2022.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história e o esquecimento*. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROAS, Davi. *A ameaça do fantástico*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROBERTS, Adam. *Science Fiction*. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group e-library, 2006. ISBN: 10 0-415-36667-4; ISBN: 10 0-415-36668-2; ISBN: 13 9-780-415-36667-4; ISBN: 13 9-780-415-37778-2. Disponível em: <https://z-lib.org/> Acesso em: 14/02/2021.

SANTAELLA, Lucia. *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. *Pós-humano – por quê?* São Paulo: Revista USP, n.74, p.126-137, junho/agosto 2007. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i74p126-137>

SANTOS, Luiza Prates dos. "A ficção especulativa como vislumbre do pós-humanismo em Oryx e Crake: paralelos que se cruzam nas obras de Margaret Atwood e Nikolai Lutohin". In: *Caderno de Letras*. Número 40. Pelotas: maio-agosto, 2021. ISSN: 0102-9576 (impressa) | ISSN: 2358-1409 (online). Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21682>> Acesso em: 22/02/2022.

SANTOS, Matheus Anthony Machado & SANTOS, Fábio Neves. "Bioética: íntimo de cada ser humano". In: *Cadernos de Graduação: Ciências Biológicas e da Saúde*. Aracaju: Editora Universitária Tiradentes (Edunit): v.3, n.3, outubro de 2016, p.35-56. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/article/view/2578/1986>> Acesso em: 06/04/2022.

- SCHRAMM, Fermin Roland. A clonagem humana: uma perspectiva promissora? In: GARRAFA, Volnei & PESSINI, Leo. *Bioética: Poder e Injustiça*. São Paulo: Editora Loyola, 2003, p.187-195.
- SEED, David. *Science Fiction: a very short introduction*. New York: Oxford University Press Inc., 2011. ISBN: 978-0-19-955745-5. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 26/01/2021.
- SEMELÁK, Martin. *The suffering of existence in Kazuo Ishiguro's Never Let Me Go*. Poland: Sciendo, 2018. DOI: 10.1515/aa-2018-0008. <https://doi.org/10.1515/aa-2018-0008>
- SHAFFER, Brian W. & WONG, Cynthia F. *Conversations with Kazuo Ishiguro*. Jackson: University Press of Mississippi, 2008.
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft. *Frankenstein: ou o Prometeu moderno*. Tradução de Rafaela Caetano. São Paulo: Excelsior, 2019. <https://doi.org/10.1093/owc/9780198840824.001.0001>
- SHELLEY, Mary Wollstonecraft. Introdução de Mary Shelley à terceira edição (1831) de Frankenstein. In: FRANÇA, Júlio; ARAÚJO, Paula (orgs.). *As Artes do Mal: textos seminais*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Bonecker, 2018. 128 p.: 16 x 23 cm.
- SIBILIA, Paula. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Dumará, 2002.
- SILVA, Alexandre Brasil da. *Bioética, Governança e Neocolonialismo*. Brasília: FUNAG, 2015. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 15/06/2021.
- SILVA, Angela Maria [et al]. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses*. 5ª ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- SILVA, Francisco Magno Soares da. “Um corpo estranho: a figuração utópica do corpo transumano em homem-máquina”. In: DIAS, ÂNGELA [et al]. *O inumano e o monstro*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2020.
- SILVA, Tatiana Jazedje da Costa. “Clonagem: o que aprendemos com Dolly?”. *Cienc. Cult.* São Paulo, v.56, n.3, p.27-30, Sept. 2004. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000967252004000300015&lng=e&nrm=iso>. Acesso em: 18/02/2021.
- SILVA, Tomaz Tadeu da [Org.] et al. “Monstros, ciborgues e clones: os fantasmas da Pedagogia Crítica.” In: *Pedagogia dos monstros: Os prazeres e os perigos da confusão de fronteira*. Organização e tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SOUSA, Tatiane da Costa Pereira. *A metaficção e a ficcionalidade da realidade social desumanizadora em Never let me go, de Kazuo Ishiguro*. Campina Grande, 2018.
- SYLVESTRE, Fernanda Aquino. “Desumanização, doutrinação e aceitação: o discurso científico na obra Não me abandone jamais, de Kazuo Ishiguro”. In: *Itinerários*. Araraquara, nº 37, p.83-95, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/6894/4957> Acesso em 15/06/2021.
- TADEU, Tomaz [Org.] et al. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Organização e tradução: Tomaz Tadeu. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- TEO, Yugin. *Kazuo Ishiguro and Memory*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 18/05/2021.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981. Versão brasileira digitalizada a partir do espanhol: Digital Source. Disponível em: <http://static.recantodasletras.com.br/arquivos/2260559.pdf> Acesso em: 15/07/19.

TROJAN, Rose Meri. *A arte e a humanização do homem: afinal de contas, para que serve a arte?* Curitiba: Educar (Editora da UFPR), 1996, n.12, p.87-96. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/yPNx4p4rWhFFGzXqCff3T5j/>> Acesso em: 26-08-2023. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.159>

WILSON, William. *A Little Earnest Book upon a Great Old Subject: With the Story of the Poet-Lover* (1851). Internet Archive. Disponível em: <<https://archive.org/details/alittleearnestb00wilsgoog/page/n8/mode/2up>> Acesso em: 14/09/2023.

WONG, Cynthia F. *Kazuo Ishiguro*. United Kingdom: Northcote House Publishers Ltd, 2005. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 05/07/2021. <https://doi.org/10.2307/j.ctv5rf20k>

XAVIER, Francisco Cândido. *Espíritos Diversos. Paz & Renovação*. Araras/SP: IDE, 2007. 13ª edição.

YEUNG, Virginia. "Mortality and Memory in Kazuo Ishiguro's Never Let Me go". In: *Transnational Literature*. Vol. 9, nº 2. Maio, 2017. Disponível em: <https://dspace.flinders.edu.au/xmlui/bitstream/handle/2328/37233/Mortality_and_Memory.pdf?sequence=1> Acesso em: 08/08/2020.

ILUSTRAÇÕES:

Figura 1 – Ilustração da página de agradecimento aos pais.

Fonte: IMSI Master Clips 101,000 Volume I, BORDERS / CORNERS, CRNRN200. Browser Media Paq. Inc., 1996.



Figura 2 – Ilustração da página de agradecimento aos pais.

Fonte: IMSI Master Clips 101,000 Volume I, BORDERS / CORNERS, CRNRN202. Browser Media Paq. Inc., 1996.



Figura 3 – Ilustração da página de agradecimentos em geral.

Fonte: IMSI Master Clips 101,000 Volume I, OBJECTS / PLANTS, LEAFC009. Browser Media Paq. Inc., 1996.



Figura 4 – Ilustração da página sobre a pesquisa da obra *Não me abandone jamais*, de Kazuo Ishiguro.

Fonte: IMSI Master Clips 101,000 Volume I, OBJECTS / PLANTS, LEAFC008. Browser Media Paq. Inc., 1996.

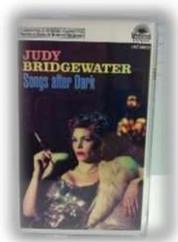


Figura 5: álbum fictício – **Songs After Dark**. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=never+let+me+go+judy+bridgewater+tape&sca_esv=570895307&tbm=isch&source=lnms&sa=X&ved=2ahUKEwie1pmhi96BAxUrALkGHTtJARMQ_AUoAnoECAEQBA&biw=1488&bih=742&dpr=1.25#imgcr=YT4WCWiMBGYa3M> Acesso em: 05/10/2023.

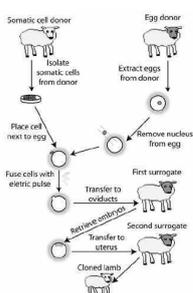


Figura 6 – O processo da clonagem. Fonte: LEVINE, Aaron D. **Cloning – A beginner’s Guide**. Oxford: Oneworld Publications, 2007. ISBN-13:978–1–85168–522–6, p.61. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 14/02/2021.



Figura 7: Dolly e sua mãe substituta. (Cortesia do Instituto Roslin). Fonte: LEVINE, Aaron D. **Cloning – A beginner’s Guide**. Oxford: Oneworld Publications, 2007. ISBN-13:978–1–85168–522–6, p.64. Disponível em: <<https://z-lib.org/>> Acesso em: 14/02/2021.